MEMORIAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DE LISBOA.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS LETTRAS.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

NOVA SERIE — TOMO I. PARTE II.

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA.

1855.

MEMORIAS

DE

SOCIOS.

O SEXTO CANTO DA ILIADA

E

OS DOUS PRIMEIROS CANTOS DO INFERNO DE DANTE

TRADUZIDOS DAS LINGUAS ORIGINAES.

LIDOS NA SESSÃO DE 9 DE FEVEREIRO DE 1854

POR

ANTONIO JOSÉ VIALE.

Entre as duas epopeas de Homero e a *Divina Comedia* de Dante, parece, á primeira vista, difficil achar ponto de comparação. Effectivamente, em quanto ao sujeito, á fabula, e ao plano geral, nada ha menos semelhante entre si do que os poemas em que se canta a cholera de Achilles e os errores de Ulysses, e a trilogia do illustre Florentino. A unidade de acção que se observa na Iliada e na Odyssêa, a belleza e nexo de seus episodios (sem fallar da maravilhosa execução do mais bem delineado plano) fizeram que o grande mestre, não menos de litteratura que de philosophia, Aristoteles, apresentasse aquellas duas epopeas como typo perfeito e unico do mais difficil e sublime de todos os generos de poesia. Desde então até aos nossos dias, no longo decurso de vinte seculos, de quantos vates aspiraram ás supremas honras

do Parnaso, poucos deixaram de propor-se imitar na traça de seus poemas heroicos o grande modelo preconisado, e quasi divinisado, pelo Estagyrita. Todavia alguns houve que, despresada a trilha commum, se atreveram a perlustrar regiões ainda não devassadas pelos seus predecessores; e pela originalidade de suas concepções se emanciparam da estricta sujeição a regras, que talvez considerassem como arbitrarias, por isso que em si mesmos sentiam os impulsos de um estro que os arrebatava para álem da esphera ordinaria. No pequeno numero destes genios independentes e altivolos, mais feliz que todos no exito da empreza, exito applaudido concordemente pelos litteratos de todos os paizes, avulta, como gigante o proscripto Gibellino, Dante Alighieri. «Entre «a creação do primeiro homem (diz um critico moderno) e as trevas «do derradeiro juizo, ha a humanidade: entre o Genesis e o Apoca-«lypse, um livro estava ainda por fazer: este livro é a *Divina Comedia*. «O poema de Dante é um e trino, á imitação de Deus. Divide-se em «tres partes: O Inferno, o Purgatorio, o Paraizo — o castigo, a ex-«piação, a recompensa. — A estas tres partes correspondem tres per-«sonagens — Dante, Virgilio, Beatriz — o homem, a razão, a revelação.»

Neste preambulo ao specimen que tenho a honra de apresentar á Academia, e ao publico, de minhas traducções dos dous vates, Grego, e Toscano, não é meu proposito repetir pela milionesima vez os encomios, com que um e outro tem sido engrandecidos e exaltados por tantos e tantos escriptores, alguns dos quaes levaram o fervor do seu culto até aos excessos do phanatismo, e da idolatria (1). O que tenho

---

(1) E' geralmente sabido que na antiguidade pagã alguns altares se consagraram a Homero, e que delle cantou um poeta latino:

«Meruit Deus esse videri;
«Et fuit in tanto non parvum pectore numen.»

Mesmo entre Christãos não faltou quem attribuisse ao principe dos epicos não sómente o conhecimento de todas as artes e sciencias, senão tambem o dom da prophecia. Pertendeu-se que os acontecimentos de maior importancia, politicos, e religiosos, de todos os povos, e de todas as idades, se achavam mysteriosamente predictos nos seus dous poemas. Se assim fosse, pena seria, que tendo nós uma *Clavis Homerica* para a intelligencia do sentido litteral de seus versos, não possuissemos uma chave para a sublime exegese do sentido tropologico e prophetico dos mesmos versos! Pelo que respeita a Dante, é não menos notorio que os seus Cantos foram lidos e interpretados, a expensas publicas, por uma serie de expositores (começando por Bocacio) em varias cidades, e ás vezes no sagrado recinto dos templos. Por este modo a obra do proscripto de Florença, que até não houve difficuldade em se qualificar de *divina*, quasi quasi foi igualada em veneração, á categoria dos livros inspirados! Os curiosos de historia litteraria tambem não ignoram, que Cecco d'Ascoli, (segundo affirmam alguns autores) foi queimado vivo em Florença, por ter abocanhado a reputação de Dante, já então fallecido.

em mira é tamsómente declarar o motivo que me levou a occupar-me na tentativa (cuja difficuldade não desconheço) de verter, successiva e alternadamente, alguns cantos dos poemas acima indicados, que ao primeiro aspecto parecem não ter entre si a minima analogia. O motivo foi o seguinte. Não obstante essa nenhuma semelhança, ou mesmo absoluta differença, entrevi (e julgo que os conhecedores das duas linguas concordarão comigo) uma notavel conformidade entre a singeleza, e naturalidade dos dous estylos, homerico, e dantesco. O pertencerem ambos os dous grandes poetas a épocas de civilisação ainda não adulta; sendo o primeiro delles, anterior ao seu completo desenvolvimento na Grecia; e o segundo, apenas precursor do renascimento das lettras na Italia, explica sem duvida, ao menos em parte, a razão dessa singeleza de estylo, igualmente amena e deleitosa no cantor de Achilles e de Ulysses, e no amante de Beatriz. A alguem parecerá talvez um paradoxo caracterisar de singelo o estylo de Homero, que é geralmente havido como inexcedivel exemplar de magniloquencia. Eu me explicarei. Quando qualifico de singelo o estylo de Homero, não entendo fallar restrictamente do genero de elocução *simples*, que os rhetoricos contrapôem ao *temperado* e ao *sublime;* e que sendo proprio dos dialogos e discussões sobre assumptos de pouca monta, deve dominar nas cartas familiares, em grande parte das composições didacticas, nos apologos, nas comedias &c. Se bem que Cicero falla sempre desta especie de estylo com certa complacencia e predilecção; e sem embargo de que todos os litteratos de um gosto apurado, se deliciam na leitura dos escriptos em que reina a concisão, e a pureza e propriedade de dicção, tres qualidades caracteristicas deste genero de elocução; todavia, forçoso é confessar, que um poema epico, heroico, ou dramatico, em que dominasse exclusivamente um tal estylo, não poderia ser contado entre as obras primas de litteratura de nenhum seculo. A *singeleza* portanto no sentido em que a tomo aqui, attribuindo-a ás grandes epopêas homericas, e á sempre admirada e admiravel trilogia de Dante, consiste principalmente na naturalidade sempre constante da elocução, e na carencia de ornatos demasiadamente brincados. Com effeito na Iliada, e na Odyssêa, raros exemplos se encontram das muitas e variadas especies de figuras, de pensamentos e de palavras, de que os rhetoricos, e especialmente Quinctiliano, e Vossio, nos dão um quasi interminavel

---

Como contraste a este excesso de supersticiosa admiração, acaba de publicar-se em Paris um livro (escripto por M. Aroux) em que se pertende provar que Dante fôra herege, revolucionario e socialista!!! «*O' cieca, umana, mente, Come i giudizj tuoi son vani e torti!!!*»

catalogo. As semelhanças, comparações, e imagens, as sentenças, e alguns tropos, taes como as metaphoras, synecdoches, e metonymias, formam, conjunctamente com os epithetos, e com a harmonia imitativa de alguns lugares, o principal adorno do estylo homerico. O mesmo com pouca differença se póde affirmar ácerca da elocução do *altissimo* poeta Toscano. No banquete que aquelles dous principes da poesia offerecem aos seus leitores (seja-me permittido exprimir-me assim) elles menos generosos que outros em iguarias adubadas, em conservas, e em golosinas, folgam em ministrar a todos um alimento substancial, e saudavel, não menos que appetitoso.

Debaixo deste aspecto, isto é, sómente em quanto á parcimonia dos adornos, é que eu aqui considero os dous poetas, assemelhando-os neste unico ponto, sem por maneira alguma tentar extender a mais longe a confrontação.

Só a leitura de seus divinos poemas, feita nas linguas originaes, com os necessarios subsidios philologicos, póde estabelecer a este respeito uma plena convicção. As traducções, sendo sufficientes (quando fieis) para darem a conhecer os originaes em quanto á traça geral, ao maravilhoso da fabula, ao nexo dos episodios com a acção, á propriedade e coherencia dos caracteres, á expressão dos affectos, as traducções, digo, (mesmo as melhores) são quasi sempre insufficientes, quando se tracta de avaliar exactamente o estylo dos autores trasladados para outro idioma. Sirva de exemplo a magnifica versão da Iliada e da Odissêa por Pope; versão para a qual subscreveu tudo quanto havia de illustrado na Gran-Bretanha, e que grangeou merecidamente ao traductor um dos primeiros lugares no Parnaso Inglez. A decantada, e com razão decantada, versão de Pope, em quanto ao estylo não representa cabalmente o seu original, porque em centenares de passos, substitue (para assim me explicar) aos trajos simples, e algumas vezes desalinhados, dos antigos guerreiros Gregos, as galas, e louçainhas, usadas em época de requintada civilisação, e na côrte brilhante de Carlos II. O celebre poeta Italiano, quasi nosso contemporaneo, Vicente Monti, na sua bellissima traducção da Iliada (que escureceu completamente a de Salvini, e quasi de todo a de *Cesarotti*) afastou-se muito menos que Pope da nobre singeleza de Homero; porém assim mesmo, em muitos lugares, esmaltou com côres suas os quadros do grande pintor da natureza; quadros, cujas cópias copiou, por estar fóra do seu alcance o original. Isto pondero eu (nem seria mister declaral-o) sem a minima intenção de desluzir, com quasi sacrilega ousadia, a fama de Pope e de Monti, que mesmo como traductores « *longe sequor et vestigia semper adoro.* » Pertendo unicamente dizer, que naquellas tão

primorosas copías, os sabedores da lingua grega nem sempre reconhecem o colorido muitas vezes brilhante, mas algumas vezes sombrio, e nunca deslumbrante, do grande mestre, que em mais de uma occasião não se dedignou de debuxar e colorir de *morte côr* algumas imagens.

Feliz culpa sem duvida, a de quem sabe tornar mais bello o que já de si mesmo era bello! Entretanto talvez possa dizer-se, que aos traductores cabe neste ponto menos liberdade que aos artistas. Apelles, Lysippo, e Pyrgoteles, foram applaudidos pelos contemporaneos, e pela posteridade, por haverem engenhosamente encuberto, ou disfarçado, os defeitos do rosto e do pescoço de Alexandre. O nosso caso porêm é differente. Não me refiro a haverem aquelles dous traductores encuberto imperfeições; mas sim a terem querido dar maior realce a perfeições existentes. Ora, álem da obrigação que o traductor tem de ser fiel, quanto fôr possivel; sempre que elle ousa ataviar com ornatos proprios as imagens alheias, arrisca-se a fazer-lhes perder parte do seu effeito artistico. A este perigo não me expuz eu por certo. De muito diversa, e até contraria, natureza, é a censura que poderá ser feita a quem per si mesmo se reconhece «*De texto opimo interprete engoiado.*»

Entretanto talvez algum serviço haja prestado ás lettras patrias, se a publicação destas minhas traducções contribuir para se excitar em alguns dos nossos jovens litteratos de altissimo engenho, e de já reconhecido merecimento, um vivo ardor pelo estudo dos monumentos da litteratura classica. Sei que alguns desses mancebos, ricos de talento, e até aliás de não vulgar instrucção; por isso que ainda não iniciados nos mysterios da bella antiguidade, consideram como supersticioso todo o culto consagrado ás reliquias do antigo mundo grego, romano, e da idade media. São *prophanos é desorentes*, só talvez por um vago receio de haverem de luctar com graves difficuldades, antes de poderem saborear-se nas bellezas das antigas litteraturas. As difficuldades que se lhes antolham, são-lhes exaggeradas pela imaginação juvenil. Para travarem amizade com o cisne de Meonia, lendo seus poemas no idioma das Musas, não carecem preparar-se descendo ao antro de Trophonio; nem para se familiarisarem com a Divina Comedia, lendo-a na lingua em que foi escripta, hão mister de baixar primeiramente ao Purgatorio de S. Patricio. De todos os poetas gregos, Homero é o mais facil de entender: nesta facilidade até faz vantagem á maior parte dos prosadores. E' verdade que outro tanto não póde dizer-se, a respeito da dicção de Dante, comparando-a com a dos outros poetas italianos dos seculos posteriores. Com um bom diccionario porém, e com o auxilio de algum commentador, a *Divina Comedia*, poema composto em uma lingua tão semelhante á nossa, não é para um leitor instruido e

perspicaz um bosque tão emmaranhado, e escuro, como a mysteriosa selva, em que o vate se achou embrenhado = *Em meio curso da terrestre vida.*

Voltaire, aliás sufficientemente versado na lingua italiana, não duvidára affirmar, que a trilogia do Dante nunca seria popular entre os litteratos da sua nação. Com o chiste que lhe era natural, disse escrevendo ao Abbade Bertinelli, que mais de uma vez lhe haviam furtado algum volume de Ariosto; ao mesmo tempo que o seu Dante descançava seguro, inviolado, n'uma das mais accessiveis estantes da sua livraria. Com tudo Voltaire enganou-se. Hoje a *Divina Comedia* é lida, relida, commentada, estudada, em França, não só pelos candidatos aos gráos superiores na faculdade de lettras, como habilitação necessaria para os conseguir; mas tambem por todos, ou quasi todos, os que se prezam de cultores das artes bellas. Muitas são as traducções que das obras de Dante se tem feito naquelle paiz, aliás tão opulento em producções proprias, pertencentes a todos os generos de litteratura. Lembra-me citar as versões de Grangier, Conde de Estonville, Clairfous e Rivarol, Artaud, Fiorentino, e Brizeux. Recentemente até houve quem se abalançasse a traduzir o *Inferno* em tercetos rimados empreza, que attenta a indole pouco poetica do idioma francez, se teria julgado por temeraria, se o autor a não tivesse levado a cabo com quasi constante felicidade, na opinião de juizes competentes. Apezar da muita maior conformidade da nossa lingua com a do vate de Florença, grande foi o arrojo do meu commettimento. Dar-me-hei por satisfeito se o publico illustrado m'o não levar a mal, e se esta amostra de versões, uma em verso solto, outra em tercetos, fôr por elle acolhida com indulgencia.

E' de desejar, para credito da nossa patria, que ao desenvolvimento que nella vai tendo, desde alguns annos, o estudo das sciencias, corresponda um igual progresso na cultura das amenas disciplinas. Ninguem ignora, que as sciencias e as lettras são igualmente indispensaveis para o incremento da civilisação. Mal cabido seria neste caso qualquer contestação sobre preferencias. Nada poderia concorrer tanto na nossa terra para cimentar uma firme, igual, e proficua, alliança, entre tão nobres Potencias, como a creação de uma faculdade de lettras; projecto já felizmente apresentado no Parlamento por um dos nossos mais benemeritos Consocios. O estudo dos classicos gregos e latinos, debaixo de um ponto de vista elevado, e para assim o dizer esthetico, influiria, prompta e poderosamente, no gosto litterario dos nossos esperançosos mancebos.

A' singeleza encantadora, ao estylo *simplex munditiis*, isto é ao

adorno viril e desafectado, que se admira nos primeiros monumentos litterarios, dos gregos, latinos, e italianos, succedeu, com o andar dos tempos, entre os mesmos povos, aquella elevação excessiva, aquelle quasi continuo emprego de imagens brincadas, de subtilezas, antitheses, emphases, e allusões violentas, que Quinctiliano, qualificava de *doces vicios*, quando se referia ao estylo de Seneca; e de que com razão tambem se queixam bons criticos Italianos quando quilatam o merecimento dos seus escriptores seiscentistas. No nosso Portugal, depois da época brilhante em que um consideravel numero de escriptores em prosa e em verso (entre os quaes occupa o primeiro lugar o immortal auctor dos Lusiadas) se distinguiu pela pureza da linguagem, e por um estylo fluente e desambicioso, seguiu-se uma longa época de decadencia, e de degeneração do bom gosto; época que coincidiu quasi exactamente com a invasão do Marinismo na Italia, e do Gongorismo na Hespanha (para não fallar agora na França que tambem não escapou ao quasi geral contagio). A restauração dos estudos entre nós, no reinado do Sr. Rei D. José, veiu desterrar quasi totalmente da nossa litteratura os arguciosos conceitos, e os afeminados adornos, que a desprimoravam. Contra a renovação de taes abusos do engenho, que aliás não deixaram de ter certo attractivo seductor, servirá de preservativo a leitura attenta e reflectida das obras primas da antiguidade. Mediante essa leitura, os engenhos menos amadurecidos adquirirão per si mesmos a convicção de que (como acertadamente diz um escriptor Francez de grande auctoridade no assumpto [1]) muito se ganha quando se abre mão de todos os ornamentos superfluos; pois, para agradar áquelles a quem importa agradar, são bastantes as bellezas simples, faceis, claras, e até, para assim dizer, apresentadas com um certo desalinho. Na eloquencia e na poesia, bem como na architectura, todas as partes, ou peças, devem constituir um ornato natural: todo o ornato porém, que é simplesmente ornato, e nada mais, é de sobra: não contribue para o effeito, empéce-lhe.

Escusado é dizer, que o estylo singelo que predomina nos poemas de Homero e de Dante (o mesmo se póde affirmar do estylo de muitos dos livros sagrados dos dous Testamentos) nao exclue por fórma alguma, o sublime do *sentimento*, o sublime das *imagens*, e mesmo o sublime da *expressão*, que muitas vezes nelles se encontram, e nos enlevam e arrebatam; e que são como outras tantas pedras preciosas do mais subido valor, engastadas em ouro finissimo. Póde asseverar-se

(1) Fénélon.

sem receio de errar, que os grandes mestres, cujas obras convêm tractar com mão diurna e nocturna, executaram constantemente o que de si prometteu o mais grandiloco de todos os poetas:

« Σμικρὸς ἐν σμικρõις, μέγας ἐν μεγάλοις ἐσσομαι. » (1)

isto é, nunca perderam de vista o preceito dictado pelo bom gosto, e elegantemente inculcado por um dos nossos mais excellentes vates modernos:

« Co'a materia convem casar o estylo:
« Levante-se a expressão se é grande a idêa;
« Se a idêa é negra, a locução negreje,
« E tenue sendo, se attenúe a phrase. » (2)

(1) Pind. Pyth. III. v. 91.
(2) Bocage — Satyra a Elmano.

O SEXTO CANTO DA ILIADA

TRADUZIDO DO ORIGINAL

Ζῆτα δ' ἄρ' Ἀνδρομάχης καὶ Ἕκτορος ἐς' ὀαριςύς.

Assim ás hostes Gregas, e ás Troianas,
No mais vivo calor da horrenda lide,
Falta a presença dos celestes Numes.
O bellico furor, já neste ponto
Já naquelle, arde acceso; e entre os dous campos
Se cruzam de continuo os éneos dardos,
Do Simois e do Xanto entre as correntes.
O Telamonio Ajaz é quem primeiro
Rompe, feroz, a Dardana phalange,
E dá vigor aos seus, tirando a vida
Ao mais valente dos guerreiros Thraces,
D'Eussoro filho, intrepido Acamante:
Do elmo adornado de nutantes crinas
Sobre a viseira vibra horrendo golpe,
Tal que a ponta da lança lhe penetra
Dentro do osso da fronte, e alli se crava:
Em densa treva os olhos se lhe involvem.
O bravo Dïomedes deu a morte
Ao Teuthranide Axylo, que habitava
Em Arisba alterosa, e que opulento,
De bemfazer amigo, a todos dava
Nos ricos lares seus, da estrada ao longo,

Com brandas mostras, gasalhoso hospicio;
Mas dos hospedes seus nenhum lhe acode,
Nem no lance fatal póde salval-o!
Do filho de Tydeo ás mãos perece,
E com elle Calesio, o seu auriga,
Que ambos descem a um ponto ao reino escuro.
Euryalo feroz a Dreso, a Opheltes,
Prostra, Pédaso assalta, assalta Esepo;
Ambos filhos da Naiade Abarbárea,
E de Bucolïon, que illustre prole
(Em annos o maior) de Laomedonte,
A' luz viera em clandestino parto:
Bucolïon, adulto, entre as ovelhas
Que guardava pastor, co'a bella Nympha
Se uniu, cedendo a amor: destes amores
Os dous gemeos são fructo, a quem agora
O Mycisteïde (1) arranca a doce vida,
E as armas despe. Ao bravo Polypétes
Astyalo dá morte; o sabio Ulysses
A Pydite Percosio; ao nobre Etãon (2)
O denodado Teucro; ao claro Abdéro
O Nestoride Antilocho; e o supremo
Rei das hostes, Atride, ao forte Elato,
Morador d'alta Pédaso, nas ribas
Do Satniois ameno. Embalde foge
O desditoso Phylaco: succumbe
Do heroe Leïto ás mãos, que o segue, e doma;
Derriba, e mata Eurypylo a Melanthio.
O bravo Menelao captiva Adrasto,
A quem fugido tinham espantados;
Quebrada a lança ao carro, os seus ginetes.
De tamargueira um ramo os enleara
No rapido correr: dos fugitivos,

Da cidade em demanda, a trilha seguem.
Adrasto cae do carro; junto á roda,
Com a fronte no pó: vendo diante
O Atride Menelao, que a lança empunha,
Os joelhos lhe abraça, e humilde exclama:
« Salva-me a vida, valeroso Atride:
« Receberás esplendido resgate:
« Ricos thesouros guarda o lar paterno,
« Bronze, ouro, ferro com primor obrados;
« Meu genitor de tudo, em grande cópia,
« Te dará, galardão d'infindo preço,
« Se vivo me souber na Grega frota. »
O vencedor condoe-se ouvindo o rogo,
E para as gregas náos, a um servo entregue,
Vai remetter, incolume, o captivo;
Quando eis correndo chega, em ponto infausto,
Agamémnon, bradando enfurecido:
« Menelao, qual te move em prol dos Teucros
« Compaixão mal cabida? Em teus penates
« Bem se houveram por certo! Um só d'entre elles
« Não fuja ás nossas mãos; não fuja á morte
« Nem mesmo o infante no materno seio. . .
« Todos, todos, os d'Ilio, despareçam
« D'entre os viventes, e insepultos jazam. »
Do piedoso intento estas palavras
Demovem Menelao. De si repelle,
Tomando o sabio alvitre, o triste Adrasto
Resupino este cae, ferido o lado
Pelo Atride maior, que o pé lhe finca
No peito, e da ferida arranca a lança.
Nestor brada, exhortando a gente Argiva:
« Eia, amigos, heroes, de Danao prole,
« Bravos ministros do cruento Marte,

« Nenhum de vós agora se detenha
« Em despojos buscar, com que regresse
« Para os baixeis onusto: aos inimigos
« Dêmos morte primeiro, e finda a pugna,
» Despojando os cadaveres no campo,
« Com vagar colhereis a rica preza. »
Assim fallando, no animo de todos
Tal vigor infundiu, que as hostes Teucras,
Cortadas de terror, então houveram
Nos muros d'Ilión buscado abrigo,
Se de Priamo o filho, o mais prestante
Dos agoureiros, Héleno, não désse
Tal a Eneas, e a Heitor, prudente aviso:
« Heitor, e Eneas, sobre cujos hombros
« O mór pezo recae desta defensa,
« (Que em conselho, e valor venceis a todos,)
« Discorrei pelo campo, e pondo um termo
« A' derrota fatal, detende os nossos
« Lá das portas em frente, antes que fujam
« Té nos braços cahirem das esposas,
« Feitos ludibrio do inimigo ovante;
« Mas depois que esforçado ambos houverdes
« Nossos soldados, firmes neste ponto
« Pelejaremos nós (urgente é o lançe)
« Com alento e vigor, contra os Achivos. »
« Tu, Heitor, á cidade os passos volve,
« E á tua, e minha mãe, isto aconselha:
« O que mais estimar, mais elegante,
« Maior, mais rico manto, que guardado
« Qual thesouro ella houver, escolha e tome,
« E rëunindo quantas venerandas
« Matronas Ilio encerra em seu recinto,
« A' cidadella suba, e descerradas

« Do templo de Minerva as altas portas,
« Humilde ponha aos pés da irada Diva
« O manto precioso; e de immolar-lhe
« Doze novilhas vote, annejas, inda
« Nunca ao jugo sujeitas, se de Troia,
« Das esposas dos Teucros, e dos tenros
« Filhinhos seus, em fim tiver piedade;
« E se longe arrojar de nossos muros
« O filho de Tydeo, feroz guerreiro,
« Terror das hostes no tremendo encalço;
« Que dos Gregos reputo o mais valente,
« Pois nem de Achilles tanto medo houvemos,
« Bem que prole de Deosa o diga a fama:
« Hoje sanha mais fera este respira,
« Nem resistir se póde a tanto arrojo. »

Assim fallou. Do irmão adopta prestes
Heitor o sabio alvitre, e da carroça
Em terra, com as armas, baqueou-se;
Duas lanças vibrando, discorria
Pelas Teucras fileiras, accendendo
O nobre marcio ardor por toda a parte.
Renovou-se o combate; os fugitivos
Dos Gregos ao furor fizeram rosto;
Cessou do horrendo estrago a gente Argiva,
Julgando ao ver tão subita mudança,
Dos Teucros em auxilio haver baixado
Do estellifero polo algum dos Numes.

Heitor aos seus bradando, em altas vozes,
Exhortava á peleja: « O' bravos Teucros,
« E vós, que vindos sois de longes terras
« A defender comnosco os muros d'Ilio,
« Varões vos amostrai: o valor vosso
« Todo, amigos, se empregue, em quanto a Troia

« Me vou, e aos anciãos de mór conselho
« Proponho, e ás nossas miseras esposas,
« Que dos Numes orando, o auxilio implorem,
« E promettam solemnes hecatombas. »
Isto dito, veloz, Heitor se parte,
Sobre os hombros lançando o ingente escudo,
Cuja borda que entorno o cerca todo,
Ao caminhar, lhe açouta os pés, e o collo.
Neste momento os filhos valerosos
De Hypolocho e Tydeo, Glauco, e Diomedes,
Em o meio das hostes inimigas,
Com bellicoso ardor buscam peleja.
Já vai (proximos são) travar-se a lucta,
Quando o Tydide falla assim primeiro:
« Quem és tu, ó dos homens o mais bravo,
« Pois até aqui nos, inclytos combates
« Não te hei visto jámais, e dás agora
« Prova cabal de indomito hardimento,
« Affrontando o furor da minha lança?
« Ignoras tu, que ao meu valor só filhos
« De desditosos paes ousam oppor-se?
« Mas se acaso és um Deus do ceo descido,
« Do ceo co'os Deoses pelejar não quero.
« De Dryas, filho, o intrepido Lycurgo,
« Com os celestes Numes arrojou-se
« A decertar insano: porêm caro
« Tal arrojo pagou: na florea idade
« Veio a morte assaltal-o. Acomettera
« A Baccho e as Nymphas suas, que no sacro
« Nysseio monte as orgias celebravam:
« Sacrilego as feriu com a aguilhada.
« Ellas todas, fugindo, incontinente
« Os thyrsos depozeram. Fugitivo

« Buscou no mar asylo o mesmo Baccho,
« Onde, assustado e tremulo, acolhido
« Foi de Tethys no candido regaço;
« Tanto os féros temeu do irado Dryas!
« Por causa tal contra este conceberam
« Atroz rancor os Deuses, que desfructam
« Ventura perennal. Da luz dos olhos
« Jove o privou. Do misero, odioso
« Aos Numes immortaes, foi curta a vida.
« Com tal exemplo pois, contra os celestes
« Combater não me apraz. Porém se acaso
« Um és tu dos mortaes que se alimentam
« Com os fructos da terra, te avizinha,
« Que cedo chegarás da vida ao termo. »
D'Hypolocho responde o claro filho:
« Porque perguntas pela estirpe minha,
« Magnanimo Tydide? Semelhante
« E' das folhas á sorte a sorte humana (3)
« Umas folhas o vento em terra esparge,
« Outras o bosque, germinando, cria,
« E as vês crescer na doce primavera.
« As gerações dos homens se succedem,
« Esta nascendo vem, fenece aquella.
« Mas se a minha linhagem assim mesmo
« Te agrada conhecer (bem conhecida
« Ella é por certo) praz-me contentar-te.
« Em um recesso d'Argos, abundosa
« Em rapidos corseis, está assentada
« A cidade de Ephyra. Alli reinava
« Sisypho, filho d'Éolo, o mais astuto
« De todos os mortaes. O nobre Glauco
« Foi de Sisypho prole, e pai ditoso
« Do assignalado heroe Bellerophonte.

« A este os Numes, prodigos, doaram
« Formosura, valor, e um genio affavel.
« Mas Préto, a cujo mando o summo Jove,
« Como a rei, sujeitára o povo Argivo,
« Anhelando do moço a perda, a morte,
« Da patria o desterrou, por trama infanda.
« Quiz a esposa de Préto, a nobre Antéa,
« C'o mancebo lograr, de affecto insana,
« Inconcesso prazer de amor furtivo;
« Mas seduzir não pôde o casto joven.
« A perfida, mentindo, então profere,
« Ao consorte fallando, estas palavras:
« A morrer te prepara, ou, justo, inflige
« A um scelerado réo supplicio extremo.
« Bellerophonte é o réo: de um torpe crime
« A mim ousou fazer proposta infame.
« Taes ditos escutando, acceso em ira
« O principe ficou; mas dar-lhe a morte
« Em seu lar não ousou, temendo os Numes.
« Para a injuria vingar, manda-o á Lycia,
« De noxias cifras portador infausto.
« Em duplice tabella ao sogro envia,
« Do moço em damno, exiciaes mandados.
« Dos Numes protegido, elle partiu-se.
« Quando á Lycia chegou, do Xanto ás margens,
« Da vasta Lycia o rei, acolhimento
« Lhe fez amigo, e lédo: em seu alcaçar
« Dias nove hospedou-o, e nove touros
« Em sua honra immolou; mas assomando
« A decima manhã no croceo polo,
« Em fim o interrogou, pedindo as cifras
« Que de seu genro Préto lhe trouxera.
« Como as houve entendido, em desempenho

« Dos dolosos, lethiferos, mandados,
« Ao mancebo ordenou tirasse a vida
« A' chimera feroz — horrendo monstro
« De raça divinal, que não de humana —
« Cabeça de leão, de drago a cauda —
« De cabra o ventre — da medonha bocca
« De fogo ardentes chammas exhalava.
« Elle, fiado em prosperos agouros,
« Morte lhe deu. Co'os inclytos Solymos
« Pugnou logo depois, e das pelejas
« Sustentadas por elle em campo aberto,
« Por mais terrivel esta memorava.
« — Terceira lide emfim — prostrou vencidas
« As varonis guerreiras Amazonas.
« Voltava vencedor: novo perigo
« Elle houve de arrostar. Bravos mancebos —
« De toda a Lycia escol no marcio esforço —
« O rei dispoz, attentos, em cilada:
« Nem um só volver pôde a seus penates:
« Bellerophonte a todos deu a morte.
« De um Deus por prole então foi conhecido,
« Em seus paços ao rei prouve detel-o,
« E sua filha dar-lhe, e conferir-lhe
« Quinhão ao proprio igual no regio mando.
« Os mesmos Lycios, premio aos altos feitos,
« Um campo lhe doaram, separado,
« De todos o melhor, ameno, e fertil
« Em lourejante mésse, em dons de Baccho.
« Triplice prole, entanto, da princeza
« Houve, Hypolocho, Isandro, e Laodamia.
« Do Olympio Jove ao thalamo chamada
« Foi depois Laodamia, e Sarpedonte
« Deu á luz, em valor igual a um Nume:

« Mas, após, enojoso aos Deuses todos,
« Bellerophonte, em negro desalento,
« Pela campina Aleia vagueava,
« Dos homens as pizadas evitando,
« Immerso todo em lugubre tristeza.
« A Isandro, filho seu, que pelejava
« Contra os Solymos, Marte, insaciavel
« De sangue e de furor, privou da vida;
« E Diana, que rege o argenteo carro,
« Morte deu subitanea a Laodamia:
« Hypolocho restavà; este gerou-me;
« Delle filho me digo. Aos Teucros muros
« O genitor mandou-me, e encarecidos
« Preceitos deu-me então: que em toda a lide
« Combatesse com animo esforçado,
« Nem jámais desluzisse a nobre estirpe
« De meus claros avós, os mais valentes
« De quantos produziu a illustre Ephyra,
« E a Lycia toda, intrepidos guerreiros.
« A linhagem tal é de que me ufano. »

Assim Glauco fallara. Attento, e ledo,
Diomedes o ouviu, cravou na terra
A lança, e ao Lycio Principe em resposta
Blandiloquo dirige estas palavras:

« Reconhecer em ti quanto me é grato
« Paterno hospede antigo! Enéo outrora
« Hospedando o herõe Bellorophonte,
« Dias vinte o deteve em seu alvergue,
« E de affecto hospital bellos penhores
« Trocaram entre si. Talim purpureo
« Foi o brinde de Enéo: um aureo copo,
« De duas azas, deu-lhe o heroe de Ephyra;
« Rica prenda que guardo em meu alcaçar.

« Mas de Tydeo, meu pai, não hei lembrança,
« Que infante me deixou, tomando parte
« De Thebas na facção, fatal aos Gregos:
« Não se encontrem por tanto as lanças nossas,
« Nem mesmo na refrega. Sobram Teucros,
« E auxiliares seus, a quem dê morte,
« Quantos aos tiros meus um Nume off'reça,
« Ou no encalço eu alcance. Achivos sobram
« Para ti de igual sorte, a quem arranques,
« Se assim prouver ao fado, a doce vida.
« Agora as armas entre nós se troquem,
« Para que noto seja ao campo inteiro,
« Que a santa lei do hospicio respeitamos,
« Que entre si nossos paes ligara outrora. »

Isto dito, do carro ambos descendem,
E de eterna amizade, unindo as dextras,
Fazem jura solemne. Em tal instante
Offuscou Jove a mente ao nobre Glauco,
Que ao filho de Tydeo, com perda enorme,
Entregando o valor de uma hecatomba,
E o de só nove bois havendo em cambio,
Armas de ouro trocou por éneas armas!

A' torre neste tempo, e ás portas Sceas,
Chegava o nobre Heitor, e entorno delle
Dos Teucros campeões se apinhoavam
As esposas, as filhas, perguntando
Novas dos filhos, dos irmãos e amigos,
E dos consortes caros. Em resposta
Sómente lhes tornou, que sem tardança
Aos Numes preces fervidas fizessem;
Atroz desdita a muitas impedia!
Eis de Priamo chega ao nobre alvergue,
De sumptuosos porticos ornado.

Nelle cincoenta camaras se viam,
De bem brunido marmore, dispostas
Todas no mesmo plaino; onde logravam
Do rei os filhos, cada qual ao lado
Da legitima esposa, o brando somno.
Em frente destas, no atrio magestoso,
Tambem marmoreas, outras doze estancias
Tinha o paço real; pousavam nellas
Do rei os genros, e as esposas delles.
 Alli, por um acaso, Hecuba fôra
De Laodice em procura, a mais formosa
De quantas filhas déra ao rei longevo.
 O filho encontra, corre, a mão lhe toma,
E nestas expressões prorompe meiga:
 «Que motivo a aqui vir te impelle, ó filho,
«E a peleja a deixar que ferve accesa?
«Acaso as Gregas execrandas hostes,
«Vencendo em fim a Teucra resistencia,
«Perto chegadas são de nossos muros;
«E á cidadella, em trance derradeiro,
«Vens erguer supplicante as mãos a Jove?
«Um pouco te detem: nectareo vinho
«Vou-me a buscar: a Jove e aos outros Numes
«Fazendo as libações, cumprido o rito,
«Restaurarás depois as lassas forças.
«Os fatigados membros refocilla
«Um licor generoso, e ora careces
«De vigor recobrar, que a força esgotas
«Em prol dos teus, sem folga, pelejando.»
 «Amada genitriz, Heitor lhe volve,
«O licor de Lyeo não me offereças,
«Que em mim a força e esforço enervaria;
«Nem eu libar a Jupiter me atrevo,

« Inda impuras as mãos; que ninguem póde
« Immundo de suor, de pó, de sangue,
« Tributar grato culto ao rei dos Numes.
« Tu, ó mãi, de Minerva ao sacro templo,
« Juntando as nobres Dardanas matronas,
« Com süaves perfumes te endereça;
« E o mais rico, maior, mais refulgente,
« Manto que houveres, e te for mais caro,
« Da pulchrí-coma Diva aos pés depondo,
« No sanctuario seu doze novilhas
« Immolar-lhe promette, annejas, inda
« Não sujeitas ao jugo, se de Troia,
« Das esposas Troianas, e dos tenros
« Filhinhos seus em fim tiver piedade,
« E se d'Ilio sagrada afastar longe
« O filho de Tydeo, feroz guerreiro,
« Terror das hostes no tremendo encalço. »
« Vai de Pallas portanto ao sacro templo;
« De Paris á mansão em me dirijo,
« A ver se, docil, minha voz escuta,
« E deixa a inercia vil. Prouvera aos Deuses
« Que a terra, abrindo o seio, o devorasse!
« Grande desdita foi, que o Olympio Jove
« O fizesse crescer, funesto damno
« Ao rei, á regia estirpe, a toda Troia:
« Se eu o visse baixar ao negro averno,
« Teria em tanta dôr algum conforto! »
Assim Heitor fallou. Foi-se a rainha
Aos aposentos seus, e os seus mandados
Ás servas intimou: juntaram prestes
De toda Troia as inclytas matronas.
Hecuba entanto á'splendida, olorosa,
Recamera desceu, onde guardadas

Em cópia tinha preciosas vestes,
De mui vario lavor, primores d'obra
Das filhas de Sidon, que outrora Paris
Sulcando o vasto mar, trouxe comsigo
Do Sidonio paiz, quando roubara
De Jupiter a filha, a bella Helena.

O manto tomou pois maior, mais bello,
Com mimo recamado a varias côres,
Que qual astro brilhava, e derradeiro
De todos encontrou, mais resguardado.

Em caminho se poz, e numerosas
A acompanhavam Dardanas matronas.
Como chegadas foram ao fastigio
Da cidadella, abriu-lhe as altas portas
Do templo de Minerva, a bella Theano,
De Cisseo filha, de Antenor esposa,
A quem os Teucros conferido haviam
Da sabia Deusa o summo sacerdocio.
Ellas todas á Diva as mãos ergueram,
Em altos brados: a formosa Theano,
Tomando o rico manto, de Minerva
Ante os pés o depoz, de Jove á filha
Taes dirigindo, humilde, instantes preces:

« Augusta Pallas, inclyta Patrona
« Desta cidade, e a mais prestante Diva,
« De Dïomedes quebra a rija lança,
« E em frente á porta Scea o precipita:
« Nós prestes em teu fano immolaremos,
« Gratas ao teu favor, doze novilhas,
« Annejas, inda ao jugo não sujeitas,
« Se houveres dó de Troia, e das Troyanas
« Tristes esposas, e seus tenros filhos. »

Taes votos fez, orando, e as demais todas

Iguaes preces á Deusa endereçaram:
Irosa, a Diva não ouviu seus rogos!
De Paris, entretanto, Heitor demanda
O sumptuoso alvergue. O proprio Paris
Edificado o tinha, aos mais peritos
Artifices de Troia, commettendo
A nobre construcção das aureas salas,
Da nupcial estancia, e do alteroso
Vestibulo, visinho ao regio alcaçar
De Priamo, e de Heitor, na cidadella.
Alli entrava Heitor, a Jove aceito,
Na mão levando a lança temerosa,
Onze covados longa, e cuja ponta
De ferro acicalado, refulgia,
Com aureo annel no lenho bem firmada.
Paris logo encontrou, que as finas armas,
O broquel, a loriga, os curvos arcos,
Em brunir se occupava, e a Argiva Helena,
Que entre as damas sentada, repartia
Pelas servas lavor, a qual mais bello.
Ao vel-o então, Heitor se não conteve,
E com taes o increpou pungentes ditos:
« Infeliz! Para ti grave desdouro
« E' mostrar tal enojo em lance extremo!
« Entorno da cidade, e junto aos muros,
« Nossos soldados, combatendo, expiram:
« Tanto horror, tanto estrago, a ti se deve;
« E tu quedo aqui estás! tu que serias
« O primeiro a culpar qualquer guerreiro
« Que das mavorcias lides se esquivasse!
« Ora sus, corre ao campo antes que vejas
« Devorados do fogo os proprios lares. »
« São bem justos, Heitor, os teus reproches

« (Paris tornou-lhe) nem negar o quero.
« Mas ouve attento, e brando a escusa minha.
« Não por enfado contra o Teucro povo
« Me detinha ocioso em meu alvergue;
« Mas sim por magoa que meu peito affige.
« Porêm agora mesmo a minha esposa,
« Com carinhosos ditos, me exhortava
« A pelejar de novo, e eu proprio julgo
« Este alvitre o melhor, pois que a victoria
« Soe alternar, na guerra, os seus favores.
« Detem-te pois, em quanto as armas visto,
« Ou me antecede: seguirei teus passos.
« Não longa tem de ser minha demora.»

O valeroso Heitor a taes palavras
Resposta não volveu. A bella Helena
A Heitor se dirigiu, com branda falla:

« Prezado irmão, que nome injurioso
« Não mereço me dêm! Abominanda
« Funesta causa eu sou de tantos males!
« Oxalá que um tufão de rijo vento,
« No meu infausto natalicio dia,
« Arrojado me houvesse a um monte inculto,
« Ou do alto mar ás fragorosas ondas;
« E eu nellas, submergida, perecesse!
« Tanto infortunio a tantos se poupara!
« Mas já que approuve aos Deuses opprimir-nos
« Com desventuras taes, tivesse ao menos
« Por consorte um varão mais valoroso,
« E que ardesse, os motejos ressentindo,
« De pundonor, e de ira, em nobre fogo:
« E' frouxo: o animo seu não tem firmeza,
« Nem a terá jámais: e assim prevejo
« Que o fructo ha de colher de tanta insania!

« Tu porém entra, ó Principe, e te assenta
« Neste escano: has mister algum repouso,
« Que a fadiga te opprime o corpo, e a mente;
« E tudo (ó pejo! oh dor!) por culpa minha,
« E pelo crime do aleivoso Paris!
« Fomos assim por Jupiter fadados,
« Passarão nossos nomes, e aventuras,
« Ludibriosa fabula, aos vindouros! »
Responde o bravo Heitor: « Gentil princeza,
« Aceitar não me é dado o teu convite,
« Mau grado ao meu querer: porque no peito
« Sinto ferver desejo irresistivel
« De acudir, sem demora, aos meus Troianos,
« A quem peza, a quem damna, a ausencia minha:
« Por despertar em Paris tu forceja
« O marcio pundonor: elle se apresse
« E a mim se venha unir dentro dos muros:
« A' estancia minha entanto me dirijo,
« A ver do meu affecto as prendas caras,
« A estremecida esposa, o tenro infante;
« Pois não sei se outra vez me será dado
« A meus lares volver, tornar a vel-as;
« Ou se aos Numes apraz, que neste dia
« A vida perca emfim ás mãos dos Gregos. »
Isto dito partiu-se em direitura
O valeroso Heitor ao proprio alvergue,
Onde prestes chegado, a cara esposa
Não achou. Com seu filho, acompanhada
De uma serva gentil, momentos antes,
Andromacha saíra, e em celsa torre
Suspirava chorosa, á dôr entregue.
Heitor não encontrando a esposa amada,
No limiar da porta se deteve,

E ás servas disse: « Respondei sinceras:
« Onde foi a Princeza? Alguma acaso
« Das irmãs minhas visitar-lhe aprouve?
« De algum de meus irmãos talvez a esposa?
« Ou de Minerva ao templo dirigiu-se,
« Onde ora as outras Dardanas matronas
« Applacam o furor da irosa Diva?
« Pois que a verdade, só, saber te agrada,
« Nem de tuas irmãs foi a princeza
« Aos nobres aposentos, nem alguma
« Foi visitar das inclytas esposas
« De teus regios irmãos: tão pouco ao templo
« Da irosa Pallas dirigiu seus passos.
« A' excelsa torre d'Ilio encaminhou-se,
« Pois dos Teucros ouvira a grande affronta,
« E os estragos fataes da furia Achiva.
« Co'a ama, e o tenro infante, pressurosa,
« Ella partiu portanto, e quasi insana. »
A fiel dispenseira assim responde.
Heitor sae apressado, e a mesma trilha
Que na vinda seguira, agora segue
Ao volver, atravez das nobres praças,
Té que toda corrida a gran cidade,
A'Scea porta chega, onde se abria
A passagem ao campo. Eis ao encontro
Andromacha lhe vem, a cara esposa —
Ricamente dotada — inclyta filha
Do intrepido Etión, que dos Cilicios
Monarcha fôra, na Hypoplacia Thebas:
A filha deste heroe, então correndo
Vai o esposo encontrar, que armado parte;
E uma serva lhe leva no regaço
De Heitor o unico filho, o tenro infante,

Bello qual astro fulgido — Scamandro —
Heitor o appellidava: os demais Teucros —
Astyanax — de Troia o rei futuro —
Que era d'Ilion Heitor a só defensa.
Sem palavra soltar, ao ver seu filho,
Heitor surriu-se. Andromacha, chorando,
A mão lhe aperta, e diz: «O' destemido,
«Ser-te-ha morte, sem falta, o teu denodo!
«Nem de teu filho infante has piedade,
«Nem de mim infeliz, que cedo deixas
«Em triste viuvez; pois antevejo,
«Que unida toda, e rabida, voltando
«Contra ti seu furor a gente Achiva,
«Ha de cedo opprimir-te. Ah! menos duro
«Me seria eu morrer do que perder-te!
«Se te perco, ahi de mim! que outro conforto
«Resta á minha orphandade, á minha magoa!
«Deu morte ao genitor o féro Achilles,
«Derribou dos Cilicios a cidade,
«A d'altas portas populosa Thebas;
«Mas ao forte Etión roubando a vida,
«Não ousou despojal-o, e o corpo, e as armas,
«D'arte primor, queimou na mesma pyra,
«E de terra lhe ergueu um monumento,
«Em de redor do qual, de Jove as filhas,
«Oréades gentis, olmos plantaram.
«Sete irmãos tive: todos sete foram
«Arrojados n'um dia ao reino escuro,
«Morrendo ás mãos do despiedoso Achilles,
«Que salteal-os foi, onde guardavam
«Os tardos bois, as candidas ovelhas.
«Restava minha mãi, antes Rainha
«De Hypoplaco sylvosa — após, escrava

« No grego campo: fulgido thesouro
« Em premio recebendo, a liberdade
« Lhe dera o vencedor; mas cedo a triste,
« Alvo ás settas da Deusa caçadora,
« Perdeu a vida nos paternos lares.
« Hoje tu para mim, Heitor, és tudo,
« Pai, mãi, irmãos, o meu florente esposo.
« De mim pois te condoe, e nesta torre
« Comigo fica, se não queres orpham
« Deixar o filho teu, viuva a esposa.
« Junto á figueira brava, ordena as hostes,
« Que por aqui mais facil á cidade
« A subida se mostra, e a menos custo
« Pode escalar os muros o inimigo.
« Já por aqui tres vezes o tentaram
« Os de esforço maior, os dous Atrides,
« O illustre Idomeneo, os dous Aiaces,
« E o filho de Tydeu; ou fosse sabio
« Conselho de agoureiro, ou fosse alvitre
» Que o proprio aviso seu lhes inspirasse. »
O invicto defensor dos Teucros muros
Volve em resposta: « A meu cuidado fica
« Quanto dito me tens, consorte amada;
« Mas arreceio do meu Teucro povo
« A justa exprobração: temo os motejos
« Das Troianas gentis, se qual cobarde,
« Evitar, retirado, as marcias lides.
« Taes não são de meu animo os impulsos:
« Sempre á frente dos meus, com nobre esforço,
« Constante pelejei, levando a mira
« No paterno fulgor, na minha gloria.
« Bem eu sei (inda mal) que virá dia
« Em que o sacro Ilión, e o seu monarcha,

« Que vibra a rija lança, e o povo Teucro,
« Perecerão: mas tanto me não pena
« A dôr futura dos Troianos todos;
« A de Hecuba, a do rei, e a desventura
« De meus irmãos, que, tantos e tão bravos,
« No pó tem de exhalar o alento extremo,
« Quanto peno por ti, quando imagino,
« Que nos braços brutaes de algum dos Gregos
« Serás arrebatada, em vão chorosa,
« Perdido o doce bem da liberdade!
« Em Argos te verão, tecendo ás ordens
« De uma altiva estrangeira, ou, serva humilde,
« Ir á fonte Messeide, ou á Hypereia,
« Hydrias encher, com reluctancia summa:
« Porém será mister ceder ao fado!
« E alguem talvez dirá vendo o teu pranto:
« Eis a esposa de Heitor, que entre as phalanges
« Dos Teucros d'Ilio outrora defensores,
« A todos no valor levava a palma!
« Isto ouvindo, infeliz, dôr mais profunda
« Teu peito ha de ferir; que a saudade
« Em ti se avivará do amado esposo,
« Que podera findar teu captiveiro.
« Mas antes cubra a terra o meu cadaver,
« Do que preza eu te saiba em mãos dos Gregos;
« Do que firam teus ais os meus ouvidos! »
Tendo fallado assim, as mãos estende
Heitor ao filho seu para afagal-o.
O infante volta o rosto, e se conchega
Ao seio da ama, e grita espavorido,
Do pai temendo o marcial aspecto,
As éneas armas, e as equinas cristas,
Que do alto do elmo horridamente nutam.

Dos paes nos labios, repentino, assoma,
Em lance tão cruel, um doce riso.
Heitor subito tira o elmo luzente,
Sobre a terra o depõe; o seu querido
Filho beija, nos braços com carinho
Brandamente o meneia, e estas ferventes
Preces dirige a Jove, e aos outros Numes:
« Jove, e vós Deuses todos, concedei-me
« Que este meu filho seja entre os Troianos
« Tão illustre, como eu, tão valeroso,
« E em Ilio com vigor empunhe o sceptro!
« E inda alguem diga um dia: » Este é mais forte
« Que o proprio Heitor seu pai; » quando coberto
« De despojos o vir d'alta victoria,
« Domado e morto em campo o seu contrario;
« E a mãi de gosto exulte. » Assim dizendo,
Nos braços collocou da esposa amada
O menino gentil. Ella risonha
O filhinho choroso no fragrante
Regaço toma. Heitor apiedou-se,
Os olhos pondo nella, e enternecido
Consolando-a, lhe diz com meigo afago.
« Amor meu, não te afflijas sem medida:
« Ninguem me dará morte prematura
« Do fado contra as leis: das leis do fado
« Nenhum dos homens que nascido tenha,
« Valente ou sem valor, póde esquivar-se.
« Volta portanto ao solito aposento,
« Na roca, no tear, nos teus lavores,
« Entende, e as servas ao trabalho obriga;
« Pertencem aos varões, filhos de Troia,
« E a mim mórmente, os bellicos cuidados. »
Isto assim dito, levantou da terra

Heitor o elmo de crinas emplumado:
Andromacha partindo encaminhou-se
A' conjugal mansão, atraz volvendo
Mais de uma vez os olhos lacrymosos.
    Chegada foi depressa á nobre estancia
Do magnanimo heroe, e nella muitas
Escravas encontrou: sentiram todas,
Ao vel-a, renovar no peito a magoa,
E o inda vivo Heitor, no seu alvergue,
Choravam já, presagas que do campo
Não tinha de volver, nem lhe era dado
Ao furor escapar das hostes Gregas.
    Nos aposentos seus, Paris entanto
Sem tardança interpor, reveste as armas,
Ricas, de varia côr, varios lavores;
Pela cidade corre, e não receia
De Heitor não alcançar no fixo prazo.
Qual fogoso corcel, por longo tempo
No presepe bem farto, aos saltos corre,
Quebradas as prizões, pela campina:
Piza a terra com 'strepito, e a banhar-se
Affeito nos cristaes do rio ameno,
A cabeça ergue altivo, ondeiam densas
Das espadoas em torno as bellas crinas;
Conhece ufano a propria formosura,
E agil, lédo, veloz, o equino armento
Vai procurar nos solitos pascigos:
Tal de Priamo o filho, o gentil Paris,
Da cidadella vinha descendendo,
Todo alegre e loução, das finas armas
Despedindo qual sol vivos fulgores.
    Apressado caminha, e em tempo breve
Encontra o nobre Heitor, que então deixára

O sitio onde fallara á cara esposa.
« Prezado irmão (a Heitor diz logo Paris)
« Talvez por culpa minha has reprimido
« O marcial teu impeto? Tão prestes
« Não vim, como ordenaste, a ti juntar-me? »
O valeroso Heitor, placido volve:
« Caro, ninguem que saiba os marcios feitos
« Exacto avaliar, no teu esforço
« Labéo poderá pôr: és denodado;
« Mas afrouxas de industria, a guerra evitas;
« E me pena escutar dicterios, queixas,
« Contra ti dos Troianos, que padecem
« Por tua causa acerbas desventuras.
« Mas eia ao campo, ao campo, á lucta agora......
« Congraçar-nos depois nos será grato
« Quando a Jove prouver, que em nossos lares
« Da liberdade a taça, agradecidos
« Aos sempiternos Deuses, empinemos,
« No venturoso dia em que expulsarmos
« Os Gregos esquadrões do Teucro solo!

TRADUCÇÃO

DOS

DOUS PRIMEIROS CANTOS DO "INFERNO" DE DANTE.

CANTO I.

Em meio curso da terrena vida
Embrenhado me achei n'uma espessura,
Fóra da estrada recta, e conhecida.

Seria negra e lugubre a pintura
Desta selva tão densa e emmaranhada,
Que renova, ao lembrar, temor, tristura.

Pode á morte no horror ser comparada;
Mas como nella achei algum conforto,
Altas cousas, que vi, dizer me agrada.

Como entrei no caminho errado e torto,
Eu não posso contar, que em tal instante
O somno me vencera: errava absorto.

Cheguei a uma collina não distante,
Do valle no limite derradeiro,
Que me enchera de medo penetrante.

Os olhos êrgo, e do visinho outeiro
Eis que a espalda dourava o grão planeta,
Que mostra a recta senda ao caminheiro.

Então em mim um tanto se aquieta
A tormenta que o susto alevantara,
Na triste noute, em solidão completa.

E como quem, sem fôlego, da amara
Agoa das ondas salvo, a praia alcança,
Os olhos volve ao mar, de que escapara;

Tal meu animo afflicto a vista lança
Para o bosque tão negro e temeroso,
Que tolhe ao coração toda a esperança.

Dado ao languido corpo algum repouso,
Pela encosta deserta, ingreme, e fera,
Subindo vou, com passo vagaroso.

Já quasi ao cimo assim chegado houvera,
Eis, subito, ante mim, veloz, ligeira,
De mosqueada pelle, uma panthera:

Sem arredar-se, põe-se-me fronteira,
Embarga o passo; eu quasi determino,
Voltar, descendo a rispida ladeira.

Vinha rompendo o raio matutino;
Subia o sol, e as fulgidas estrellas,
Que com elle creara o Amor Divino,

Quando moveu primeiro obras tão bellas:
Eu ao ver da panthera as lédas côres,
Principio de esperança encontrei nellas,

Na estação linda, e matinaes albores:
Mas eis féro leão me apparecia,
Que em mim veio infundir novos terrores.

Delle ser preza, misero temia;
Que o bruto, erguida a fronte, famulento,
Pôr medo aos mesmos ares parecia.

Uma loba, tambem, voraz intento,
Famelica, mostrando, magra, e brava,
(Causa a muitos de lucto e de tormento)

Tanto susto em meu animo causava,
Com o terror que em torno diffundia,
Que eu ao cimo chegar desesperava.

E como quem grangeia noite e dia,
E depois tudo perde, não socega,
Todo involto em mortal melancholia:

Tal meu peito se afflige, e á dôr se entrega,
Que a féra para o bosque, pouco e pouco
Impellindo me vai; subir me nega.

Quando pois vou descendo, e mais me apouco,
Eis subito um varão diviso perto,
Que, tardando a fallar, eu julguei, rouco.

Quando o vi neste horrifico deserto,
Alto clamei: De mim tem piedade,
Homem, ou sombra, que o não sei ao certo.

Respondeu: Homem não; mas n'outra idade
Homem fui, e meus paes, em Lombardia,
Mantua tiveram por natal cidade.

Vi, tarde, sob Julio, a luz do dia:
Vivi, quando imperava o bom Augusto
No mundo entregue á cega idolatria.

Poeta, descantei o pio, o justo,
De Anchises filho, que a Dardania terra
Deixou, vendo Iliön raso e combusto.

Mas quem para tal selva te desterra?
Porque não sobes ao ameno monte,
Que em si de todo o bem principio encerra?

Virgilio és pois, d'alta sciencia fonte,
De doce eloquio limpida torrente?
Eu lhe tornei com vergonhosa fronte.

O' dos vates brazão mais excellente,
Valha-me o longo estudo, o vivo zelo,
Que a teus carmes votei; cultor ardente.

Meu mestre és tu, Virgilio, e meu modelo:
A ti sómente, ó vate, eu hei devido,
O, que lustre me ha dado, estilo bello.

Olha a féra que fujo, espavorido;
Do seu furor me salva: ella me véda
O proseguir, e eu tremo esmorecido.

A ti convem seguir outra vereda,
Respondeu, quando viu correr meu pranto;
Para a morte evitar daqui te arreda;

Que esta féra que vês com justo espanto,
Não permitte a ninguem seguir a estrada,
E tira a vida a quem se atreve a tanto.

Indole tem tão barbara e malvada,
Que sempre em devorar põe o sentido,
Quanto mais devorou mais esfaimada.

Com varios animaes se tem unido,
E com mais se ha de unir: por derradeiro
Um galgo (1) a matará — fim merecido —

Este mais que poder, mais que dinheiro, (2)
Ha de amar com ardor virtude e siso;
Será Lombardo o nobre Cavalleiro.

De Italia um salvador nelle diviso,
D'Italia em cujo prol morreu Camilla,
Euryalo infeliz, e Turno, e Niso.

A féra ha de atacar, e perseguil-a
Té de novo a fechar no reino impuro,
Donde Inveja a soltara — e assim punil-a.

Eu guia te serei — teu bem procuro —
Tu seguindo me vem, com peito forte;
Lugar te mostrarei medonho, escuro,

Onde grita ouvirás de toda a sorte,
E os esp'ritos verás, que atormentados,
Invocam, sem cessar segunda morte.

Outros verás nas chammas, confortados,
Porque esperam gozar da eterna vida,
Após penar tão duro, afortunados.

Se aspiras a tão nobre, alta subida,
Alma virá do que eu mais digna, e pura,
Que seguirás na minha despedida.

Que o summo Rei que tudo manda e cura,
Porque eu á sua lei não fui sujeito,
A mim de entrar no Ceu nega a ventura.

Exerce em toda a parte igual direito;
Mas alli tem a côrte, e augusta séde.
Feliz a lá morar quem foi eleito!

Torno-lhe: O' vate a graça me concede
(Pelo Deus de que ideia não tiveste,
E que este risco e os mais de mim arrede)

De levar-me onde agora me disseste,
A porta de S. Pedro a ver comtigo;
E os réos que pune a colera celeste...
Elle caminha então: seus passos sigo.

CANTO II.

A treva que succede á luz do dia,
Pondo tregoa ao lidar, doce descanço
Aos lassos membros, placida, trazia.

Eu sómente a afrontar então me avanço
A lucta do caminho, e dó profundo,
Que a pintar, com verdade, me abalanço.

Musas, e engenho altivolo, e facundo,
Me ajudai! O que eu vi guardaste, ó mente,
Quanto vales, aqui se amostre ao mundo.

Vate, guia a meus passos complacente,
Disse eu então, vigor terei bastante,
Para que empreza tal, ousado, tente?

Tu dizes que ao de Sylvio avô prestante,
Inda em corpo mortal, descer foi dado
Das almas justas á mansão brilhante.

Mas de favor tão raro, e assignalado,
Causa posso entrever no grão destino,
Que o Ceo em prol dos seus tinha guardado.

Elle d'alta mercê não foi indino,
Pois que a Roma lançasse o fundamento
Era decreto do poder divino.

E Roma havia, por superno intento;
Metropole de ser, onde tivesse
O successor de Pedro o augusto assento.

Pór ti com jus tal ida se engrandece,
Que em parte causa foi da grão victoria,
Pela qual reinou Roma, e inda florece.

Do Vaso d'Eleição nos é notoria
A ida com que a fé nos corrobora,
Principio á senda da celeste gloria.

A mim quem graça tal concede agora?
Paulo acaso sou eu? Acaso Eneas?
Vejo o nada que sou: ninguem o ignora.

Vencendo o susto que me agita as veias,
Talvez o arrojo meu seja punido —
Melhor meus embaraços desenleias — ».

E como quem, perplexo, e combatido,
Já desquer o que quiz; de novo pensa,
Nem commette o que tinha resolvido,

Da espessura assim eu na sombra densa,
Pensando, desisti da altiva empreza,
Que antes tentara com vontade intensa.

Se teus ditos entendo com certeza,
Disse do vate eximio a sombra augusta,
De cobarde temor tua alma é preza.

O temor aos mortaes bem caro custa,
Quando de nobre empreza os dissuade,
Como vã sombra que o ginete assusta.

Porque futil temor te não degrade,
Dir-te-hei porque venho, e o que hei ouvido,
Mal que do estado teu tive piedade.

Fui chamado no limbo, onde resido,
Por Senhora celeste, e mui formosa,
A cujo mando me mostrei rendido.

Era a luz de seus olhos radiosa
Qual de estrella o fulgor: tal voz dimana,
Angelical, da boca graciosa:

O' alma nobre, e meiga, Mantuana,
Cuja fama immortal no mundo dura;
Durará quanto dure a raça humana,

O amigo meu fiel, não da ventura,
Na agreste solidão se acha impedido,
E atraz, por vão terror, volver procura.

Hei medo, em risco tal, de o ver perdido
Se tarde chego já para salval-o,
Segundo o que no ceo foi referido.

Tu lhe vigora o peito em seu abalo,
Com teu suave eloquio, ornado e bello:
Será conforto meu poder salval-o.

Sou Beatriz: seu bem procuro, e zelo,
A valer-lhe em seu mal amor me excita;
De sitio vim, onde voltar anhelo.

Lá na eterna mansão, de Deus bemdita,
Perante Elle por mim serás louvado.»
Volvo-lhe, alegre por tamanha dita:

Senhora, em quem reluz raio sagrado
De virtude, que os bens do mundo inteiro
Sobreréleva, em gráo avantajado;

Obedecer-te, apraz-me, e tão ligeiro,
Que já qualquer tardança me dá pena:
O que desejas sei, nem mais requeiro.

Mas dize: Da mansão vasta, e serena,
A que anhelas voltar, não receaste
Descer ao centro da mansão terrena?

Tornou-me: A tal pergunta, (e tanto baste,)
Em resposta direi, singela e breve,
Porque nada me enoja este contraste:

Aquillo, e nada mais, temer-se deve
Que de damnar tem força; o que não damna,
Só dá susto a quem é cobarde, ou leve.

Agora a mim, por graça soberana,
Não causa mal o incendio mais activo,
Nem sorte alguma de miseria humana.

Gentil dama ha no ceo, que o dó mais vivo
Tem do trance em que se acha esse infelice,
E quer á sua dôr dar lenitivo.

A Lucía, em seu prol, cuidosa, disse:
Com prompto auxilio acode ao teu amante:
Talvez em risco igual se nunca visse.

Lucía, a quem fereza é repugnante,
Ergueu-se, e ao sitio veio, onde eu sentada
Estava, de Rachel pouco distante,

Beatriz, exclamou, de Deus amada,
Perecer deixarás quem te amou tanto,
Que por ti deixar quiz do vulgo a estrada?

Não tens piedade do seu triste pranto?
Não vês que o sorve rapida torrente,
Que mais que o mar iroso incute espanto?

Ninguem jámais correu tão velozmente,
Em seu prol, ou fugindo atroz perigo,
Como eu, tendo isto ouvido, em continente,

Deixando o escano meu, vim ter comtigo,
Fiada em teu eloquio honesto e brando,
Que te honra, e a quem o escuta attente e amigo.

A mim volveu, taes ditos terminando,
Os seus olhos que o pranto humedecia,
E deu assim mór força ao doce mando.

Seu desejo cumpri com alegria,
E fiz que se arredasse aquella féra,
Que de subir o outeiro te impedia.

Que terror da tua alma se apodera?
Porque aninhas no peito um tal receio?
Porque o vigor não tens que á mente impéra?

Tres matronas no ceo (seguro esteio)
Em teu favor se mostram desveladas,
E eu te livro do susto inerte e feio.

Quaes as florinhas em botão, curvadas
Pelo gelo da noite, erguem-se logo
Que o sol as vem dourar, desabrochadas;

Tal eu, cobro vigor, o medo afogo,
Após o frio susto e desalento,
E fallo assim, com pleno desafogo:

Ella que teve dó do meu tormento,
E tu que assim cumpriste o seu mandado,
Bem hajaes, que vos devo alto portento:

Tu em mim tens de novo suscitado,
Com tua voz facunda, o gran desenho,
Que havia em minha mente antes formado.

Vai. — E' d'ambos agora igual o empenho:
Tu meu guia serás, senhor, e mestre.
Disse. O passo tomou — não me detenho,
E o caminho commetto, asp'ro e silvestre.

NOTAS Á TRADUCÇÃO DE HOMERO.

(1) O *Mycesteide* é Euryalo, filho de Mycisto.

(2) As edições vulgares trazem Ἀρετάονα, Aretáon: eu sigo uma variante indicada por Barnes e por Ernesti.

(3) A mesma semelhança se encontra na Sagrada Escriptura: *Omnis caro... sicut folium fructificans in arbore viridi. Alia generantur et alia dejiciuntur; sic generatio carnis et sanguinis, alia finitur et alia nascitur.* Ecclesiast. cap. XIV v. 18 et 19.

(4) Não consta ao certo qual seja a significação da palavra σῆματα neste lugar; a que eu lhe dou na minha versão parece-me a mais conforme à boa hermeneutica. Consultem-se os Commentadores, principalmente Eustathio.

NOTAS Á TRADUCÇÃO DE DANTE.

(1) Por este galgo entendem os expositores *Can della Scala,* personagem celebre no tempo do poeta, e de quem elle esperava grandes cousas em favor da sua querida Italia.

(2) O auctor diz:

«Questi non ciberá terra, né peltro,
«Ma Sapienza e amore e virtute,
«E sua nazion sará tra Feltro e Feltro»

A' letra: «Este se não se alimentará de terra nem de peltre (moeda «de uma liga de estanho com azougue) mas sim de sabedoria, amor, e vir- «tude, e a sua nação será entre Feltro e Feltro.» A' primeira vista a traducção em verso afasta-se demasiadamente do original. Assim é em quanto ás palavras; porém o sentido do poeta é nella fielmente exprimido. Leam-se os commentadores.

ERRATAS.

Pag.			
Pag.	10 Mycisteide...............	Lêa-se	Mycisteide
«	11 Adrasto..................	«	Adrasto:
«	16 «noxias cifras............	«	«noxias cifras (1)
«	19 impedia!................	«	impendia!
«	22 Troyanas................	«	Troianas
«	31 do rio..................	«	de rio

MEMORIA

SOBRE OS

ULTIMOS TEMPOS DA DOMINAÇÃO ROMANA EM HESPANHA,

E

N'UMA PARTE DO TERRITORIO QUE HOJE E' PORTUGAL.

LIDA NA SESSÃO DE 12 DE JANEIRO DE 1854

POR

JOÃO DA CUNHA NEVES E CARVALHO PORTUGAL.

Quando a nossa Academia, conforme á proposta d'um de seos Socios, se occupa com boa ganancia em descobrir e recolher, para publicar, os documentos genuinos da Historia patria nos primeiros quatro seculos da Monarchia, e nos proximamente anteriores a ella, não parecerá alheio de tão bom proposito, avançar ainda mais longe, e ir consignando em Memorias separadas os acontecimentos memoraveis, os factos mais importantes e por ventura que menos conhecidos, pertencentes a esta nossa Terra Lusitana, em mais remotas eras succedidos.

Um destes acontecimentos que tem passado quasi geralmente desapercebido, ou quando muito ligeiramente memorado na Historia geral da Peninsula Hispanica, é o da occupação e dominação em uma consideravel porção do seo territorio, exercida pelos Imperadores do Oriente no 6.° e 7.° Seculo, apesar das diligencias e esforços da brava e bellicosa nação Visigoda. Admirou-se João Vaseu na sua Historia de Hespanha, chegando ao reinado do Rei Sisebuto, o qual subjugára os Cantabros e Asturianos, de se terem estes Povos conservado tão fieis ao imperio Romano desde Augusto Cesar, que nem Suevos, Vandalos, nem Godos até áquella data podérão com suas armas desvial-os de sua devoção aos Romanos (1). Boa occasião era esta para que o

(1) Qui mortalium ultimi in Romanorum potentiam venerunt, et novissimi ab eis defecerunt. [Vaseu Hist. Hisp. ad annum 714].

mesmo Escriptor se recordasse d'outros Povos da Peninsula, que nesse mesmo tempo e reinado de Sisebuto, e ainda muitos annos depois, se conservárão tão afincadamente sujeitos ao mesmo Imperio, que ás vezes privados de todo o soccorro e apoio, abandonados do degenerado Governo de Bisancio, e confinados n'um canto da Lusitania, já mais se affastárão de sua fidelidade Romana, recebendo o jugo Visigodo sómente depois de vencidos pela superioridade numerica de seus conquistadores, e pela astucia e corrupção, de mistura empregadas com a guerra. De maneira, que tão bem e ainda melhor em os nossos Lusitanos do Alemtejo e Algarve (Celtas e Turdetanos) cabem os louvores e admirações de João Vaseu, do que nos Cantabros e Asturianos, debellados mais cedo que aquelles. Mas estes Lusitanos erão os visinhos daquelles, que pelo testemunho de Strabão havião tomado tanto dos costumes e policia Romana, que até na linguagem se confundião com os do Lacio (1).

Quaes forão as circumstancias e os meios, que produzírão esse phenomeno da renovada Potencia Romana na Peninsula atravez da poderosa dominação Visigoda? Quaes erão as terras, que desde o começo forão comprehendidas na dita dominação, e quaes as que successivamente se perdêrão até ficarem todas soh o dominio dos Godos?

Nestes dois pontos consistirá a presente Memoria, que terá consequentemente tambem duas partes. Com ella, se merecer a approvação da Academia, me propuz satisfazer á Lei do nosso Estatuto. Antes, porém, de entrar na exposição da sua materia, será conveniente lançar rapidamente as vistas pelo confuso e deploravel quadro que apresentava a Peninsula Hispanica, desde a primeira quarta parte do Seculo 5.°, até quasi igual época do seguinte. Os grandes acontecimentos na vida das nações nunca chegão isolados, todos teem suas causas mais ou menos remotas, de que procedem; e destas causas e de seus effeitos resulta com o andar dos tempos o exaltamento e prosperidade dos Estados, ou sua decadencia e extincção, como succede nas familias de que elles se compõem.

Em quanto, na dita quarta parte do 5.° seculo, a desgraçada Hes-

---

(1) Nam Turdetani, præsertim qui circa Bætim loca tenent, in Romanos penitus ritus transformati sunt, nec propriæ memoriam Linguæ servant amplius, plurimique Latini facti se adcolas adcepere Romanos. Itaque parum abest quin universi Romani sunt. Atqui Anas sese in Austrum convertit interamnam regionem illam disterminans quam Celtæ majori ex parte possident et Lusitanorum nonnulli ex ulteriori Tagi regione in coloniam traducti a Romanis. [Strabo cit. por Rezende *pro colonia Pacensi* Epist. ad Johan. Vaseum].

panha se debatia no meio dos flagellos todos reunidos, pela invasão dos Povos do Norte, que disputavão encarniçadamente a preza do Paiz já por elles arruinado e despedaçado n'uma luta feroz de muitos annos, se achavão ainda extranhos a ella os Visigodos estabelecidos no meio dia da França por acordo dos Imperadores do Occidente; e quando pela primeira vez entrárão nas Hespanhas o fizerão como alliados dos Romanos, marchando juntamente com o Conde Constancio, que commandava o exercito do Imperador Honorio. Com elles o famoso Walia bateo e extinguio os Alanos, arrojou os Vandalos para a Africa, confinou os Suevos n'um canto da Gallisa, e reconquistou para o Imperio do Occidente a Hespanha quasi inteira. O vencedor contentou-se com a cessão da Gallia Narbonense, a que outros chamárão Gallia Gothica, e sua Côrte em Narbona. Era collocar ás portas dos Pyreneos os mais temiveis dos inimigos depois de ensinar-lhes os caminhos da Hespanha. Os successos não tardárão em demonstrar o erro acompanhado do seo fatal resultado. Theodoredo, e Thurismundo, que reinárão depois de Walia conservárão mais ou menos fielmente a paz com o Imperio do Occidente; e á cooperação do primeiro se deveo a expulsão dos Unos do commando do famoso Atila, que já do centro das Gallias ameaçava a Europa d'uma ainda mais barbara e feroz invasão. Por morte de Valentiniano 3.º e ultimo Imperador da dynastia Hespanhola de Theodosio o Grande, acontecida no anno de 455, o imperio se achava despedaçado por não menos de nove tyrannos, que em varias partes se arvorárão com o supremo poder. Um delles, mais atrevido ou melhor favorecido da fortuna, Petronio Maximo, que se levantára com as Legiões nas Ilhas Britanicas, passou com ellas ao continente, e se apoderou igualmente das Gallias, e da Hespanha Romana. Desta época forão testemunhas e Escriptores em seus annaes, S. Gregorio Turonense, e o nosso Ithacio Bispo Lusitano. Até este tempo a Hespanha era Romana com a pequena excepção do Reino Suevo.

Theodorico, successor de Thurismundo, aproveitou a conjunctura, e negociou com o tyranno Maximo defender-lhe as possessões Romanas da Hespanha, que os Suevos lhe andavão devastando, com a condição de tomar para si as possessões destes. Theodorico effectivamente venceo e quasi destruio o reino dos Suevos; contentou a Maximo com uma parte de sua conquista, guardou para si o resto em que entrava a rica e formosa Betica, allegando que os seus habitadores voluntariamente o reconhecêrão por seu Rei.

Ficou então, como resultado desta conquista, em poder dos Visigodos a parte da Lusitania, que até ali occupavão os Suevos, tornados

estes ao canto da Gallisa, propriamente assim dita naquelle tempo: mas com a ausencia de Theodorico, que voltára á sua Côrte de Narbona, levantárão-se successivamente contendores entre os Suevos, Maldra e Franta, Frumario e Remismundo, que disputárão com as armas na mão o supremo poder nos annos que decorrem desde 457 a 464, e assolárão com suas depredações todo o Paiz quer Suevo, quer Romano. O feroz Remismundo prevaleceo: passou o Douro e o Mondego, arrasou Conimbrica, apoderou-se por traição de Lisboa (1); e por alguns annos ficou o Reino dos Suevos com mais largos limites. Foi n'uma destas correrias daquella guerra civil que o nosso Idacio Bispo de *Aguas Flavias* foi captivo, e depois expulso da sua Diocese (2).

No anno de 467, Eurico, tendo succedido a seu Irmão Theodorico no Reino dos Visigodos, quebrou a alliança que este tinha feito com o Imperador do Occidente Majoriano, e formou o projecto de dominar na Peninsula inteira, suplantando de mistura Romanos e Suevos. A Hespanha achava-se neste tempo dividida da fórma seguinte: — a Catalunha, uma parte da Lusitania e a Betica pertencião aos Visigodos — os Romanos possuião a Carpetania, a Carthaginense e a maior parte da Peninsula — os Suevos dominavão a Gallisa e o territorio que hoje compõe a metade de Portugal ao Norte com muito maior largura, pois occupava o Reino de Leão e a Castella-Velha.

Para colorar d'alguma sorte a legitimidade da sua Conquista, Eurico concertou-se primeiro com o Imperador do Oriente Leon (na vacancia do Imperio do Occidente), e tal era a opportunidade da época que, marchando desde os Pyreneos quasi sem contradição, atravessou até á Lusitania, deu volta pela Hespanha Citerior, apoderou-se de Pamplona e Çaragoça, arrasou Tarragona que ousou resistir-lhe, subio pela Carthaginense e Carpetania, e com o arrojo de sua marcha e terror de suas armas assombrou de tal sorte os seus habitadores, que todos se lhe sujeitárão, sendo despojados os Romanos de todo o Senhorio que tiverão na Hespanha por espaço de 700 annos. Perma-

---

(1) Remismundus pace inita cum Gallæcis obtinuit principatum. Suevi enim eum in Regulum præfecerunt. Qui ad Lusitaniam transiens Conimbricam pace deceptam diripuit et exhausit. Ulisiponam etiam occupavit, Lusidio cive et incola, qui illic præerat, eam tradente. Roder. Tolet. de reb. Hisp. L. 9.° Cap. 20. E muitos seculos antes o havia escripto Idac. Chron. L. 2.°

(2) Não se póde explicar a creação deste Bispado, do qual e de sua Diocese não ha noticia nos Concilios do tempo dos Reis Suevos. Nestes Concilios sempre Chaves [que na denominação Latina era *Aquas Flavias*] pertencia á Diocese de Braga. Devemos concluir que era Idacio Bispo de creação Romana, e ahi se conservava ainda em terra que até então estava na dominação do Imperio do Occidente. Idacio escreveo uma chronica muito succinta.

neceo com tudo ainda, pela vantagem de sua posição montanhosa e occidental, o do Reino Suevo, limitado á Gallisa, com o seu territorio até ao Mondego.

O Imperio do Occidente pouco tempo sobreviveo á morte da dominação Romana na Peninsula. Odoacro, Rei dos Erulos, que havião entrado na Italia, despedio de Roma com despreso o menino Romulo, sombra d'Imperador, a quem por irrisão chamavão Augustulo, o qual tivera por antecessores, em vinte e um annos, dez Imperadores. O imperio acabou sem estrepito, quasi sem se sentir, porque sua queda estava preparada desde longo tempo; foi a morte de um velho decrepito, inanido de forças esgotadas pela caducidade. Foi então que começou em Odoacro o Reino dos Ostrogodos na Italia, anno de 476; circunstancia feliz para os novos dominadores da Hespanha, que todos erão povos da mesma estirpe.

Forão pois Eurico, e seu filho e successor, Alarico, ambos dotados de grande capacidade, e maior illustração, os primeiros Legisladores do seu Povo, que completárão o senhorio do Reino Visigothico na Peninsula, onde por espaço de quasi 60 annos não se ouvio fallar mais de Roma, e de sua dominação, até ao anno de 554, e reinados de Agila e Athanagildo.

Neste intervallo apresenta a historia de Hespanha um d'aquelles phenomenos extraordinarios, e de tão difficil explicação, que ainda até hoje ninguem attingio sua causa verdadeira. Por espaço de 90 annos se apagárão todas as noticias do Reino Suevo, desde Remismundo até Ariamiro, a que outros chamão Theodomiro, o qual na sua Côrte e Capital de Braga, abjurando o Arianismo com todos os seos subditos, professou a Orthodoxia Catholica, convertido pela missão e prodigios de S. Martinho Dumiense. Os Concilios primeiro e segundo Bracarense, celebrados no anno 563 e 572, com suas Actas, vierão ligar de novo a serie dos annaes desta brava nação Sueva, que dominou a maior parte do nosso territorio, até que no anno de 568 foi vencida, e subjugada por Leovegildo, e incorporada definitivamente no Reino Visigodo.

Retrocedamos agora um pouco, e, voltando ao nosso assumpto, vejamos as circumstancias e os meios com que por meado do seculo 6.° foi restabelecida a potencia Romana n'uma grande parte das Hespanhas, não a do Imperio do Occidente com seo assento na Italia e Roma, que desde então nunca mais se levantára, mas sim a do Imperio do Oriente sob o Imperador Justiniano. É este o primeiro ponto da presente memoria.

PARTE PRIMEIRA.

Uma fórma de governo tão defeituosa como era a dos Visigodos, na Peninsula (1), juntando-se ao eleitoral da Soberania as parcialidades e bandos dos concorrentes, a barbaridade dos costumes, e a bravura e ferocidade pratica dos Povos Germanicos, que muito tarde reconhecêrão a immunidade da pessoa de seus Reis, não podia deixar de produzir sedições e revoltas quasi indefectiveis em cada successão de reinado (2). Na Betica principalmente, onde mais se arraigárão a policiação e os usos Romanos, frequentemente apparecião estes simptomas de descontentamento. Cordova levantou-se no anno 549, negando obediencia ao Rei Agila: Athanagildo, um dos primeiros Generaes da sua milicia, formou um partido e levantou-se n'uma das provincias do Reino; e para fortalecer-se pedio auxilio ao imperador do Oriente Justiniano, que já então se avisinhava da Hespanha, havendo occupado novamente a Africa restaurada pelo Illustre Belisario, depois d'arrancada em quatro mezes do poderio dos Vandalos destruidos (3). Fizerão tractado, de cuja integra e particularidades não temos noticia, mas que se reduzia a virem tropas Romanas ajudar Athanagildo, cedendo este ao imperio uma não pequena parte da Hespanha. Agila

---

(1) Os costumes Germanos não toleravão Reis ou Soberanos propriamente ditos. O que chamamos Reis, guiados pelas Historias destes Povos, erão os primeiros chefes d'entre os demais chefes, que presidião a seus destinos. Foi mais tarde, e a exemplo dos Imperadores Romanos, que entrárão a arrogar os attributos, e insignias da Realeza. O que primeiro as tomou na Peninsula foi Leovigildo: seus successores o imitárão; mas nem por isso ficárão mais seguros no Throno, como nos attesta a Historia de seus reinados.

(2) Sumpserant enim Gothi hanc detestabilem consuetudinem ut siquis eis de Regibus minime placuissent, gladio eum adpeterent: et qui libuisset animo, hunc statuerent regem. Greg. Turon. Hist. Franc. L.° 5.° Cap. 30.

(3) Iste [Athanagildus] cum jamdudum sumpta tyranide, Agilam regno privare quæreret, militum sibi auxilia ab Imperatore Justiniano poposcerat, quos postea submovere à finibus regni molitus non potuit. S. Isid. Chron. Goth.

Athanagildus ab ejus imperio rebelavit. Is ut factionis vires firmaret, missa legatione, ab Imperatore Justiniano auxilia mitti postulavit, operæ mercedem Hispaniæ partem non exiguam pactus sub Romani Imperii ditionem hoste profligato redituram. Rodrig. Tolet. Hist. Hisp. L. 2.° Cap. 3.°

moveo primeiro suas armas contra os levantados de Cordova, onde foi desbaratado e perdeo o exercito, e um filho morto n'uma batalha; e fugio refugiando-se em Merida. O auxilio Romano entrava na Hespanha, commandado por Liberio Patricio, que marchára das Gallias, e ia occupando porções do paiz com a capa d'auxiliar: então os proceres dos Visigodos formárão seo conselho, e, receando que luta mais prolongada desse occasião a uma nova dominação Romana nas Hespanhas, assentárão tornar desnecessario o auxilio destes; e, assassinando a Agila, proclamárão Rei a Athanagildo (1). Este, tendo obtido assim, e com tão pouco custo, o objecto da sua ambição, quiz arrepender-se do Tractado e despedir os novos hospedes; porém era tarde: as tropas Romanas havião tomado posse das paragens cedidas, e quando Athanagildo os quiz expulsar á força, movendo-lhe guerra porfiada, nunca o pôde conseguir, sendo alternativamente ora vencido, ora vencedor, em diversos recontros (2). Os Romanos se sustentárão ainda nas Hespanhas por mais de 70 annos, lutando em quasi todos os Reinados com os furibundos e despeitados Visigodos: e o mundo veria com assombro surgir deste fraco cimento o edificio d'uma restauração inteira da Peninsula, se os successores de Justiniano e de Belisario herdassem as altas capacidades destes dois homens. Por meio delles uma grande parte das Gallias, boa porção da Italia, a Africa e a Sicilia, restauradas obedecião outra vez ao imperio Romano; e a Hespanha, achando-se então como encravada dentro dos marcos de possessões inimigas, sem armadas nem auxiliares de sua estirpe Germanica, cahiria de novo sob a dominação Romana, se o sceptro Bisantino fosse digno de commandar Povos menos corrompidos e degenerados que os do baixo imperio.

Somos agora chegados a uma época da historia da meia idade, que nos offerece objecto muito digno de observação, o qual, dizendo respeito ao meu assumpto, se liga tão essencialmente com os successos da historia geral da Peninsula, que assentamos memoral-o, até como tributo de gratidão aos serviços e portentoso genio do Soberano de boa memoria, o inclito Mestre d'Aviz, El-Rei D. João I. Fallamos da importantissima chave do estreito, a famosa Ceuta (3). O Historiador

---

(1) Hinc Gothi videntes excidio proprio se everti, et magis metuentes ne in Hispaniam Romani milites hac invaderent occasione, Agilam Emeritæ peremerunt et Athanagildi se regimini tradiderunt. Roder. Tolet. De reb. Hisp. L.° 2.° cap. 3.°

(2) Sed quæ, ad deturbandum regno Agilanem poposcerat a Justiniano Romanorum et Græcorum auxilia, submovere Hispaniam non potuit, adversus quos variis postea casibus sæpe conflixit. St. Isid. Chron. Goth.

(3) Paulo Diacono [na Hist. Aug.] Hist. Miscel. L.° 16, cap. 5.° fez particular

Procopio, que como Secretario acompanhou Belisario na conquista de Africa Occidental, referc = que aquelle General, depois de aniquilar em quatro mezes o reino dos Vandalos, dividio o paiz conquistado em cinco Ducados, que compunhão outras tantas provincias, a saber; a Tripolisa, a Bisancena, Numidia, Mauritania e Sardenha; deo a *Ceuta* um Governador particular; mandou refazer e afortalezar seos muros que cahião em ruinas; repovoou-a de familias, e consagrou a Praça á Virgem Mãe de Deos, dedicando-lhe uma Igreja Cathedral; estabeleceo ahi Arsenal de marinha, e uma pequena Armada de Navios ligeiros, que andassem continuamente cruzando no *Estreito* para dar o álerta, e prevenir alguma descida e surpresa de inimigos, principalmente da Hespanha fronteira, onde os Godos dominavão. = A previsão do General Romano foi bem depressa justificada pelo facto, porque no anno de 547, Theudis Rei dos Visigodos, desembarcado com seu exercito na ponta do estreito Africano, poz sitio a Ceuta que encontrou apercebida, e onde foi desbaratado e aniquilado pelos Romanos n'uma feliz sortida que fizerão.

Este successo foi omittido pelos historiadores do baixo imperio; mas é referido em sua Chronica por Santo Isidoro de Sevilha, escriptor neste caso sem suspeita, quasi contemporaneo (1); e depois delle por outros historiadores da Peninsula: mas, 60 annos depois, decahida já a Potencia Romana em Africa e Hespanha, foi Ceuta tomada pelos Visigodos do Rei Sezibuto com seu territorio adjacente, accrescentada ao reino dos Godos a Provincia Tingitana (2). Todos sabem que por alli mesmo veio a ruina e morte do ultimo Rei dos Godos D. Rodrigo, e com elle a total extincção d'aquelle reino, quando na primeira quarta parte do seculo oitavo, o Governador de Ceuta, Conde

---

menção desta parte da conquista de Belisario escrevendo = *In Cæsariam verò quæ est in Mauritania Johanem ducem destinavit, quae triginta dierum itinere a Carthagine distans penes Gadira et solis occasum jacet, aliumque Johanem ex protectoribus unum in fretum quod est in Gadiris, et in Castelum quod Septam vocant direxit.*

(1) Anno imperii Justiniani sexto post Amalaricum Theudis in Hispania creatur in regnum annis 17. Trans fretum Gothi inconsulte se gesserunt. Dum enim adversus milites qui Septam Oppidum, pulsis Gothis, invaserant, Occeani freta transissent, idemque Castrum magna vi certaminis expugnarent, adveniente die dominico deposuerunt arma ne diem sacrum prælio funestarent. Hac igitur occasione reperta, milites [Romani] repentino incurso aggressi, exercitum mari undique terraque conclusum, ignavum atque inermem adeo prostaverunt, ut ne unus quidem superesset qui tantæ cladio excidium præteriret. [St. Isid. Hist. Goth. Apend. 12 ad an. 531].

(2) Præterea non minus feliciter in Africanos, quam in Romanos dmicavit. Joan. Magn. Gothor. Hat. L.° 16 cap. 14. — Deinde in Africa trans fretum navigans plurimas gentes sibi et dominio Gothorum subjecit. Rod. Tolet. Hist. Hisp. P. 2.ª cap. 24.

Requila, conspirando com o Conde Julião, proposto á defesa de Calpe e de Tarifa, abrírão as portas de Hespanha aos Sarracenos de Tarek e Muza, entregando-lhes a dominação da Peninsula. E quem não vê, senhores, em todas estas previsões e desmanchos, acontecidos nos seculos antecedentes, a apologia do grande genio d'ElRei D. João I, quando em 1417 foi em pessoa apoderar-se d'aquelle porto e Praça, que havia sido o baluarte e defesa de uns, e o ponto fatal da ruina dos outros? Tornando ao assumpto. Temos visto o modo facil com que os Romanos do Imperio do Oriente se estabelecêrão de novo na Peninsula. O facto da occupação é conhecido geralmente na historia; mas cada um dos historiadores lhe assigna limites e causa diversa. Os Autores do Dicc. Universal da Edição de París em 1810, na vida do Imperador Justiniano, forão pouco escrupulosos escrevendo que, alem da Africa, fôra conquistada no seu tempo a Hespanha e a Sardenha; sendo que da Sardenha sómente ganhárão o que os Vandalos ahi senhoreavão; da Hespanha occupárão unicamente o que lhe foi cedido por tractado. Gibbon na sua historia da decadencia e queda do Imperio Romano diz o seguinte: «ainda depois que Recaredo diminuio «com sua conversão ao catholicismo a antipathia dos catholicos, ti«nhão occupadas as costas do Mediterraneo e Oceano os Imperadores «de Constantinopla, os quaes excitavão secretamente o Povo descon«tente para que sacudisse o jugo dos Barbaros, recuperando o nome e «a dignidade de Cidadãos Romanos.» Isto é pouco exacto: os imperadores de Constantinopla não occupavão, como logo veremos, todas as Costas de Hespanha, mas sómente uma parte assim da Meridional, como da Occidental, e esta mesma occupação lhe foi por muitas vezes disputada. Nem tão pouco é demonstrado, que ahi se estabelecessem e conservassem pela antipathia da povoação orthodoxa á profissão religiosa dos Visigodos, Ariana até Leovigildo, e Catholica sómente desde Recaredo: bem pelo contrario todos sabem que nunca houve potencia alguma no mundo, onde os Bispos e o Clero gosassem de tão alta consideração e preponderancia como no Reino dos Godos. Ahi a Politica, as Leis e os Regulamentos Civis se propunhão, debatião, e confeccionavão nos Concilios Nacionaes. Costumes, civilisação e policia á parte (cousas em que sem duvida a população Romana pouca sympathia devia ter para com seus grosseiros e severos dominadores os Visigodos), é sem duvida que, afora a opportunidade da occasião, foi um Tractado solemne, forão as armas, as conquistas, e o grande nome de Justiniano quem alcançou e manteve aquella dominação (1).

(1) Cum Athanagildus, æmulo sublato, Gothorum absque controversia Rex pel-

PARTE SEGUNDA.

QUAES ERÃO AS TERRAS OCCUPADAS PELOS ROMANOS NESTA E'POCA EM HESPANHA.

Debalde se procura achar nos Historiadores, tanto d'aquelles seculos 6.º e 7.º, como dos seguintes, noticia certa e individual a tal respeito. Não havendo nos escriptos do baixo imperio nem a integra ou extracto, nem menção alguma de similhante tractado entre Justiniano e Athanagildo, restão-nos apenas os resumidos chronicons dos escriptores da Peninsula, e as fugitivas noticias das expedições e combates, que sucessivamente se derão entre os Visigodos para reassumir o territorio cedido, e os Romanos para o defenderem e sustentarem. Como aquelles erão quasi sempre os agressores, sómente pela topographia das marchas e das conquistas, consequencia dellas, é que podemos concluir com alguma verosimilhança quaes fossem as terras cedidas no começo, quaes as perdidas, e as que se conservárão até ao fim, quando acabou de todo a potencia Romana nas Hespanhas. Com effeito o unico ponto em que são concordes os escriptores é em asseverar, que os Romanos occupárão uma parte da Hespanha no litoral de um e outro mar interior e exterior, em volta do estreito que então se chamava de Cadiz, e depois se chamou de Gibraltar; ao que acrescendo a noticia, que dissemos, das terras que se hião resgatando pelos Visigodos, as Inscripções achadas em diversas épocas, e as legendas mesmo das moedas dos diversos Reis Godos nessas mesmas possessões, tudo induz a concluir com verosimilhança, que o terri-

---

lendis continuo Romanis, qui partem icti nuper foederis beneficio, partim virtute et armis, non exiguam Hispaniæ partem occuparant; et utriusque maris litora ditionem terminabant, magnum negotium suscipere necesse habuit; et gravissimo per totam vitam bello implicatus est, flantem et reflantem fortunam moderari assuetus [Saavedra Coron. Goth. ad an. 554 pag. 212, citando Rod. Tolet., Vaseu e Marianna].

Romani Hispaniæ possessione decedere sunt compulsi, in qua septuaginta amplius annos Lusitaniæ, et Bætice partem utriusque maris oram alternantibus sæpe ditionis finibus obtinuerant [o mesmo A. citando a Rodr. Tolet. e muitos outros ad ann. 623 pag. 348].

torio cedido começava na ponta do Cabo de Palos, que abriga Carthagena, seguia até ao Cabo de Gata, junto do qual está Almeria, d'ahi a Malaga, Marbella, Ronda, Montecalpe, Tarifa e Trafalgar, isto pela parte oriental, continuando desde ahi pelo lado occidental a Cadiz e Medina-Sidonia; ahi era interrompida a occupação na Foz do Guadalquibir e sua navegação para Sevilha, que os Godos conservárão sempre (e talvez mesmo que a enseada adjacente até á Foz do Guadiana), progredia ainda a possessão Romana por todo o litoral do Algarve, e baixo Alemtejo até Sines, e talvez mesmo que até á Foz do Sado. Adiante se apontão as razões plausiveis de nossa conjectura.

Qual fosse a largura desta grande tira lançada em fórma de semicirculo, banhada por um e outro mar sobre a costa de Hespanha, é o que não é possivel liquidar bem, em todos os pontos da sua extensão.

Começando por Carthagena, dizem os illustradores de João de Marianna da Edição de Valencia, paginas 140 na Nota, que fôra aquella Cidade uma das cedidas por Athanagildo a Justiniano, a qual depois de restaurada e restabelecida da destruição, que nella fizerão os Vandalos quando largárão a Hespanha, ficára pertencendo ao imperio do Oriente, o que elles illustradores pretendem provar por uma inscripção achada dentro de seus muros, seculos depois, a qual foi copiada por Flores no tomo 5.º pag. 70 da Hespanha Sagrada. Neste mesmo reinado de Athanagildo de crer é que as possessões Romanas ficárão no estado em que as deixou o Tractado sobredito, sem alteração ou diminuição alguma; visto que Santo Isidoro na Historia dos Godos, tendo escripto, que aquelle Soberano procurou á força arrancar os Romanos da Hespanha, nunca o pôde conseguir apesar de muito os guerrear, sendo alternadamente vencido e vencedor. E na verdade que a reputação das armas imperiaes n'aquelle tempo, e a proximidade d'Africa, por onde a cada passo e facilmente podião ser reforçadas, não persuadem outra cousa.

Liuva successor d'Athanagildo não veio jámais á Hespanha; governou-a pouco tempo desde Narbona, e entregou-a á administração de Leovigildo, que depois delle reinou. Este, um dos mais bravos e bellicosos Chefes Visigothicos, entre outras expedições, que executou com bom resultado, guerreou os soldados do Imperador Justino II, e tomou-lhes algumas praças, que forão forçados a largar-lhe (1): não diz

(1) Leovigildus adeptus Hispaniæ et Galliæ principatum, ampliavit regnum bello et augére opes statuit. Victoriarum multa præclare surtitus est. Cantabros namque iste obtinuit, Aregiam iste cepit, Sabaria ab eo omnis devicta est, cesserunt etiam

quaes fossem a citada Historia de Santo Isidoro; mas o Biclarense, ao qual seguirão depois João Vaseu, e o Padre João de Marianna, acrescenta, = que Romanos e Visigodos se encontrárão nos Povos *Bastetanos*, territorio em que hoje está situada a Cidade de *Baeza*; — que os Romanos perdêrão a batalha, e com ella toda aquella região; — que alem disto passára adiante o vencedor Leovigildo, entrou na Comarca de *Malaga*, a qual foi por sua resistencia posta a fogo e sangue; ultimamente que atacára *Medina-Sidonia* junto do estreito, a qual foi tomada de noute por entrega, que d'aquella Cidade lhe fez um individuo della chamado *Framidaneo* =. Aqui temos já especificadas tres grandes Cidades, que, havendo sido dos Romanos pela cessão d'Athanagildo, forão perdidas quinze a vinte annos depois para o Imperio Oriental: concluindo-se igualmente das passagens citadas, que as Cidades entregues pelo referido tractado, supposto fossem situadas no litoral, ou proximas a elle, comprehendião certo territorio adjacente, a que o Padre João de Marianna chama Comarcas. O Padre Risco (1), seguindo a Henriques Flores (2), pertende, que a Cidade de Leon, capital do reino deste nome, permanecêra Romana até ao reinado de Leovigildo, que a conquistou e reduzio á sua obediencia, quando se apoderou do reino inteiro dos Suevos, e o extinguio n'um anno: e com effeito assim parece deduzir-se d'uma passagem do *Tudense*, produzida pelo mesmo Flores; = *Postremum Suevis bellum intulit: totam Gallæciam subjugavit: Romanos milites apud Legionem bello extinxit, et ipsam eorum urbem cepit.* = Nós temos alguma difficuldade em acreditar esta opinião, porque no tempo dos Suevos era Leon paroquia d'Astorga, e os Bispos desta Diocese concorrião aos Concilios, que em Braga e Lugo se celebrárão no reinado d'Ariamiro e Theodomiro. E com quanto não haja implicancia em ter sido Leon uma das Cidades cedidas aos Romanos por Athanagildo, inverosimil parece, que os Suevos, que não entrárão no tractado com Justiniano, consentissem dentro de seus dominios uma Cidade de Potencia estranha.

Mas apesar desta perda, ainda os Romanos erão assás poderosos no fim do reinado de Leovigildo; por quanto na guerra civil, que seu

---

armis illius plurimæ rebelles Hispaniæ urbes. Fudît quoque diverso prælio Justinî milites, quos Athanagildus ad auxilium evocaverat et quædam eastra ab eis occupata demicando recepit. Hermenegildum deinde filium imperiis suis tyranizantem obsessum exuperavit. Postremum bellum Suevis intulit, regnumque eorum in jura gentis suæ mira celeritate transmisit. St. Isid. Chron. Goth. ad an. 568.

(1) Hist. de Leon cap. 2.°

(2) Espan. Sagr. Tom. 34 Tract. 70 cap. 12.

filho Hermenegildo sustentou contra elle, quando o quiz obrigar a tornar-se Ariano, procurou este a alliança e auxilio dos Romanos Catholicos, que lhe prestárão no começo algum soccorro. Ora estes Romanos parece não podião ser outros, que os da parte mais occidental da Bethica, e os da Lusitania, por ahi confinantes entre Tejo e Guadiana; até porque as duas grandes Cidades de Merida e de Sevilha se havião declarado pelo dito Principe Catholico, levantado contra o fanatismo e perseguição Ariana de seu Pai (1). A Leovigildo succedeu seu filho Recaredo, que, não obstante haver abjurado com toda a nação Visigoda o Arianismo no terceiro Concilio nacional de Toledo, no anno 589, não deixou por isso de guerrear os Romanos da Hespanha, com os quaes teve varios encontros e batalhas, sem que comtudo conste o local, onde esses conflictos tiverão lugar, nem quaes fossem seus resultados. De crer é que por este tempo se perdessem *Evora* e *Coimbra;* por quanto entre as muitas moedas, com o cunho deste Rei, que se conservão nos monetarios da Peninsula, e das quaes o nosso André de Resende e Severim de Faria apontão algumas, se achão as que trazem expresso o lugar da sua fundição n'aquellas duas Cidades.

Liuva, filho e successor de Recaredo, não teve tempo de continuar a guerra, porque no segundo anno de seu governo foi destronado por Vitrico, seu General, homem acreditado por suas facções militares e bravura, qualidade que era a primeira e mais em voga entre os duros e feros Visigodos.

Este moveu logo algumas expedições contra os Imperiaes, das quaes comtudo sahio sempre inglorio, sendo por aquelles muito vezes vencido, e afugentado.

Apontão os autores unicamente uma só expedição, em que

(1) Tudo quanto o Biclarense no seu resumido chronicon menciona sobre as expedições de Leovigildo se cifra nas orações seguintes: = Leovigildus rex loca Bastaniæ et Malacitanæ urbis vastat, et victor solio redit [ad an. 570].

Leovigildus rex Asidonam fortissimam civitatem, proditione cujusdam Fremidanei nocte occupat, et militibus interfectis memoratam urbem ad Gothorum revocat jura [ad an. 571].

Leovigildus rex Cordubam civitatem diu Gothis rebellem nocte occupat et proprium facit: multasque urbes et Castella interfectis rusticorum multitudine in Gothorum dominium revocat [ad an. 572].

Leovigildus rex Sabariam ingressus Sapos vastat, et provinciam ipsam in suam redigit ditionem [ad an. 573].

His diebus Leovigildus rex Cantabriam ingressus Provinciæ pervasores interficit, Amaiam occupat, opes eorum pervásit, et Provinciam in suam revocat ditionem [ad an. 574].

Leovigildus rex partem Vasconiæ occupat, et civitatem quæ victoriacum nuncupatur condidit [ad an. 581].

forão bem succedidas suas armas, porque a dirigírão seus Capitães, os quaes em Sigoenza surprehendêrão alguns soldados Romanos (1).

Gundemaro, successor de Vitrico, foi mais feliz nas suas emprezas, porque venceo primeiramente os Vascões, e n'outra expedição venceu os Romanos, que defendião as raias de seus proprios dominios (2).

No anno de 612 subio ao Throno dos Visigodos o Rei Sizebuto, um dos mais abalisados Monarchas daquella potencia, ao qual enchem d'encomios e louvores todos os escriptores dos annaes contemporaneos, entre os quaes se distinguio Santo Isidoro, que em poucas mas energicas palavras resumia suas brilhantes qualidades (3). Foi este Soberano o que fez mais crua guerra aos Romanos, e lhe causou mais transcendentes desastres, apesar de ser um dos Reis mais distinctos por sua humanidade e catholicismo; parecendo que era uma das primeiras condições do supremo poder n'um Chefe daquella Nação bellicosa e insoffrida, expulsar os Romanos, ou pelo menos estreitar-lhes o territorio cedido: sendo todavia coisa digna d'admiração, que um punhado (que ficou sendo desde Leovigildo) de soldados Romanos, cuja suprema direcção residia em Constantinopla, enfraquecida já pelas defecções contínuas das provincias d'aquelle imperio, outrora colossal, se defendesse ainda tantos annos dos bravos e poderosos Visigodos, quasi sempre levados aos combates pelos Reis em pessoa. O mesmo escriptor supracitado, depois de tecer o elogio de Sizebuto, accrescenta = este Rei combateo e triumphou em pessoa, duas vezes, dos soldados Romanos, e lhes subjugou algumas de suas Cidades; e todas as demais, que possuião dentro do estreito, as reduzio a tal fraqueza, que depois facil foi traze-las e reduzi-las á sujeição dos Visigodos (4).

João Vaseu, supposto que da mesma fórma occultasse os nomes e localidades destas conquistas, foi ainda mais explicito, como se verá do texto, que vai na nota (5).

---

(1) Namque adversus Romanum militem bella sæpe molitus, nihil satis gloriae gessit, praeter quod milites quosdam Sagontiae per duces obtinuit = St. Isidor. chron. Goth.

(2) Duces et copias quibus Romani limitis custodia in Hispania credita erat prospero belli eventu exagitavit salutis anno sexcentesimo duodecimo. St. Isid. chron. Goth.

(3) Fuit autem Lingua nitidus litterarum studiis ex parte imbutus. In bellicis quoque causis favorem habuit praeliorum. Chron. Goth.

(4) De Romanis quoque personaliter bis feliciter triumphavit, et quasdam eorum urbes pugnando subegit, residuas intra fretum omnes exinanivit quas gens Gothorum post in suam redegit facile ditionem [Rod. Tolet. de reb. Hisp. L.° 2.° cap. 17].

(5) Milites Romani Imperii qui Hispano limiti tutando praesidebant, ejecit,

O Padre João de Marianna, discorrendo sobre aquellas passagens da Chronica de Santo Isidoro com o arbitrio e arrojada liberdade que todos lhe conhecem, adiantou suas conclusões, dizendo « o Rei Sise-« buto com novas levas de gente, que fez por todos seus Estados, en-« grossou o exercito que commandava Suinthila, seu General, com in-« tento de marchar em pessoa contra os Romanos, que todavia con-« servavão na Hespanha alguma parte, segundo se entende, para cá do « Estreito de Cadiz, e nas ribeiras do mar Oceano, *parte da Anda-« luzia, e do que hoje chamamos Portugal.* Entrou pois por aquellas « terras, venceo e desbaratou não poucas cidades, e as reduzio á sua « obediencia: de maneira que apenas restou aos Romanos palmo de « terra na Hespanha.» Nisto ha exageração manifesta: que os Romanos tivessem já perdido todas as possessões banhadas pelo mar mediterraneo desde Carthagena até *Calpe*, e desde ahi até *Medina Sidonia* e suas ribeiras no mar Occidental, parece certo pelo que acabamos de ver das conquistas de Leovigildo (1); mas que no reinado de Sizebuto apenas ficasse aos Romanos palmo de terra, é proposição contraria á evidencia da Historia, e desmentida pelos factos subsequentes. Já deixamos apontado que a rebellião do Principe Santo Hermenegildo, proposto ao governo da Betica e Lusitania por seu Pai, o Rei Leovigildo, envolveo naturalmente estas duas Provincias na guerra que se seguio; e terminada ella com o captiveiro do Principe, se seguírão os desastres ordinarios aos vencidos. No numero destes entrárão os Romanos da Betica e Lusitania, que ajudárão o Principe. Quaes estes fossem não o dizem as Historias, mas sem duvida devião ser os que avisinhavão ao litoral das ditas Provincias, que ainda restavão aos Romanos. Destes diz Manoel Severim de Faria, que forão os Eborenses, os quaes reconhecendo-se vencidos pedírão misericordia a Leovigildo, e se lhe sujeitárão. O mesmo Autor tractando da mesma Cidade nos tempos de Recaredo e Sizebuto, aventou muito discretamente, que as guerras feitas aos Romanos por estes Reis Godos, o forão sempre pelo lado da Lusitania, deduzindo isso das moedas que vio, e algumas possuia cunhadas em *Emineo* e *Evora*, prova de já estarem no poder dos Godos. Entretanto alguma cousa restava ainda da Lusitania entre os dois rios Tejo e Guadiana, que occupassem Romanos até á sua ultima ex-

---

quasquae in extremis finibus Urbes, Oppida, Castella, Arces, Vicos, fines, juga montium tenebant, regno suo adjunxit [Vas. Hisp. Chron. an. 616].

(1) Leovigildus rex Asidonam fortissimam civitatem proditione cujusdam Fremidanei, nocte occupat, et militibus interfectis memoratam Urbem ad Gothorum revocat jura [Biclarense, Chronic. ad an. 5.° Just. Imper., 3.° Leovig. reg.].

pulsão por Suinthila, maiormente vendo-se as precauções tomadas na defesa d'uma das grandes praças da sua fronteira.

O nosso André de Rezende nas suas antiguidades d'Evora parece acreditar haver sido Sizebuto o reparador dos muros da dita Cidade; visto que deste Soberano erão, segundo a tradição constante, duas torres fortissimas levantadas nas suas muralhas, verosimilmente (diz o mesmo Autor) construidas com o intento de defender suas terras dos Romanos, que por aquelle lado avisinhavão. Que as ditas Torres fossem obra deste Rei possivel é, nem iremos nós contra a tradição geral na localidade; não foi porém delle a conquista, pois já deixamos apontada uma moeda do Rei Recaredo, cunhada em Evora, a qual provavelmente era a moeda de que faz menção Ambrosio de Morales, citado pelo dito Severim de Faria nas = Noticias de Portugal, = com a legenda = Recaredus Rex, = Elbora justus: = prova evidente de estar já incorporada no dominio Visigodo a mesma Cidade, embora afortalezada pelo successor.

Recaredo II apenas reinou poucos mezes, succedendo-lhe Suinthila, o bravo Capitão das armas de Sizebuto, que subio ao Throno no anno de 621. Este tão grande guerreiro, como prudente e astucioso politico, acabou com a Potencia Romana nas Hespanhas, parte pela força das armas, e outra parte pela corrupção. Eis o que escreveo Santo Isidoro, dando fim á sua historia dos Godos, que levou até ao meado deste reinado. = No anno de Christo 621, e 10.° do Imperio de Heraclio, tomou o sceptro do Reino Visigodo o gloriosissimo Suinthila, o qual havia já, como General do Rei Sizebuto, sujeitado os arraiaes Romanos; este, vencidos primeiro os levantados *Ruccones* ou *Ruchones* (Povos da Castella Velha ou da Rioja, ou menos provavelmente do Aragão), apenas assumio o supremo poder como Rei, voltou suas armas contra os Romanos e os despojou das derradeiras Cidades, que possuião nas Hespanhas, vencendo-os em batalha campal, e accrescentando a gloria deste triumpho com ser elle o unico Monarcha dos Visigodos, que alcançou a grandiosa fortuna d'unir ao seu Reino tudo quanto decorre até ás praias do mar Oceano: e sublimou nesta guerra sua grande capacidade, o ter vencido ambos os dous Patricios Romanos, que presidião a estes Povos, ganhando um com sua industria e prudencia, e sugeitando o outro á força de armas. = Concorda em substancia Rodrigo Toletano (1).

---

(1) Iste, sub rege Sesibuto nactus officium, Romana Castra perdomavit, Rucсones superavit. Postquam vero regni apicem est adeptus Urbes residuas, quas in Hispaniis manus occupaverat Romanorum, conserto praelio obtinuit et subjecit, auctamque

Ora, territorio que ainda requeria dous Governadores, homens tirados da mais elevada hierarchia que havia no imperio de Oriente. «O Patriciado» dos quaes um se aventurou a apresentar batalha ou acceita-la, e outro ao qual foi preciso ganhar com dinheiro ou promessas, sem duvida não estava na pequenez e nos apuros, que pintou o Padre João de Marianna fallando das Conquistas de Sizebuto.

Mas ainda ha outro successo mais caracteristico da importancia, que ainda depois d'aquella Conquista tinha, e conservou a dominação Romana; e é o mesmo Padre João de Marianna seguido por Morales, e Padilha (1), que o menciona nos termos seguintes bebendo a noticia verosimilmente na tradição constante, conservada talvez nos Annaes Ecclesiasticos ou nos escriptores mais antigos de que não temos as obras: «*Cesario* Patricio, posto por este tempo no Governo da Hes«panha, pertencente ao imperio do Oriente, movido da benignidade «do Rei Sizebuto, e perdida a esperança de poder resistir a suas «forças por estar tão longe do imperador Heraclio, que então rei«nava, atreveo-se a mover tractos de paz com os Godos; para este «fim offereceo-se-lhe uma boa e feliz occasião; e foi esta: que Cecilio «Bispo Mentesano com desejos de vida mais socegada, desamparada «sua igreja, se retirou a certo Mosteiro, que devia estar no districto «dos Romanos. Mandou cital-o El-Rei, que viesse dar razão de si, e «se apresentasse em Juizo. Cesario, sem embargo que os seos o con«tradizião, e afeavão este proposito, deo ordem que fosse levado a «Sizebuto por *Ansemundo* seo Embaixador; e por elle escreveo ao «Rei a proposito da paz, procurando inclinal-o a algum concerto com «os Romanos, e acompanhando suas saudações com o donativo de um «arco, que lhe enviava em signal do seo amor e concordia. Foi esta «embaixada agradavel a Sizebuto, que tambem cançado da guerra se «ia inclinando á paz; o qual, com esta mira despachou outro em«baixador seo, chamado *Theodorico*, com cartas para *Cesario*: o qual «junto a outros Emissarios seos enviou ao Imperador Heraclio para «que confirmasse as condições da paz, que entre os dous estavão «capituladas, o que effectivamente se concluio.» Nós ousamos crer, e verosimil parece, que se não moverião tractados de paz, precedendo tantas formalidades e cumprimentos, entre dous tão grandes Sobe-

---

triumphi gloriam prae caeteris regibus felicitatem mirabiliter reportavit. Tutius Hispaniae monarchiam intra fretum Occeani, quod nulli retro Principum est collatum exclusis Romanis primus obtinuit inter Gothos. [de reb. Hisp. L.° 2 cap. 18. St. Isid. Hist. Goth. ad an. 621].

(1) Marian. de reb. Hisp. L.° 6.° cap. 3.° — Moral. L.° 2.° cap. 13 — Padill. Hist. Eclos. Cent. 7.ª cap. 10.

ranos, o Rei Sizebuto já depois de vencedor, e o Imperador do Oriente, se tudo isso se dirigisse a defender, e a conservar *um palmo de terra*. Nestes tractos figurou é verdade sómente um Patricio, mas nas guerras e vantagens de Suinthila, alguns annos depois, apparecem os sobreditos dous Patricios o que suppõem dous Governadores, e pelo menos duas Provincias ou Districtos capazes de sustentar, e requerer a administração de dous Governos.

De balde se procura achar nos Escriptores contemporaneos da Hespanha individuação alguma ácerca das localidades das possessões Romanas nestes ultimos parocismos de sua dominação. Rodrigo Toletano, e Lucas Tudense Escriptores do decimo terceiro seculo forão os primeiros (de que temos noticia), que se aventurárão a fixar-lhes os limites, sem duvida argumentando, e deduzindo suas conclusões pelos factos das conquistas nominalmente consignadas pelos Auctores contemporaneos, como fica apontado (1). Depois daquelles os Escriptores dos Annaes da Igreja, Baronio, e Pagi, seu anotador, e Muratori, citados pelo Academico *Le Beau* na continuação da Historia do Baixo Imperio L.° 47, animárão este sisudo Escriptor a lançar na dita Historia ao reinado do Imperador Heraclio anno 623 de Christo o Art.° seguinte. « Por este tempo Suinthila Rei dos Visigodos, suc-« cessor de Recaredo, cujo reinado não durou mais de tres mezes de-« pois da morte de seo pai Sizebuto, acabou de expulsar da Hespanha « tudo o que restava de Romanos na Provincia do Algarve. Este *pe-« queno angulo de terra* estava entretanto dividido sob o governo de « dous Patricios. O Rei ganhou um delles por insinuação, venceo o ou-« tro por força d'armas, e os obrigou ambos a sahir do Paiz, e reti-« rar-se para as *Ilhas Baleares*. Os soccorros, que os Romanos lhes tra-« zião de sua visinha Africa, erão até então os que os mantinhão na-« quella parte da Hespanha; mas tendo perdido Tanger, da qual se « havia apoderado Sizebuto, tirou-se-lhes toda a communicação com a

(1) Do silencio absoluto, que guardárão todos os Escriptores assim coevos, como os dos seculos proximamente posteriores a estes, — o da Chronica Abeldense do Sec. 9.° — Sebastião de Salamanca do Sec. 10.° — O Monje de Silos e a Chronica Ovetense do 12.° Sec. etc. etc. parece deprehender-se, que aquella vaidade, e pundonor nacional de occultarem os desares de seus successos desfavoraveis, os fez passar por alto na individuação das terras cedidas aos Romanos do Baixo Imperio, e por elles briosamente defendidas. Nos Escriptores Gregos outra devia ser a razão do mesmo silencio; talvez que o muito que havia a dizer do governo, e conquistas de Justiniano, e as perturbações e sustos dos governos de seos successores os desviassem de escrever successos tão longiquos, e de menos importancia para seos interesses. Se de futuro acharmos outras noticias mais individuaes as offerecermos á Academia, como addicionamento á presente Memoria [o Auctor].

« Africa, e foi forçoso abandonar esta famosa conquista dos Scipiões.
« Com effeito foi a Hespanha a primeira Provincia do Continente em
« que antigamente havião os Romanos posto o pé, e foi igualmente a
« ultima, que perdêrão ao Occidente de Italia (1). »

Deixando de parte a circumstancia da retirada dos Romanos para as Baleares, occupemo-nos agora sómente do *pequeno angulo de terra*, ultima possessão dos Romanos, na Hespanha. Os Commentadores da Historia do Padre João de Marianna nas observações ao Tom. 2.° § 1.° depois de tecerem os maiores encomios ás Cidades, e communicações da Betica, comprehendida a Turdetania, deplorando o quanto a achavão trocada das vantagens, e riqueza do seo solo retalhado de rios e esteiros navegaveis, segundo o testemunho de Estrabão, de Plinio e Pomponio Mela, acrescentão pag. 447 o seguinte periodo « A
« Betica foi o theatro das sanguinolentas guerras, que tiverão entre si
« os Vandalos, Suevos, Alanos, Godos e Romanos: um tracto de seo
« territorio desde o Promontorio Sacro tornou a reconhecer o dominio
« Romano pela cessão, que Athanagildo Rei Godo fez ao Imperador
« Justiniano: e desde esse tempo soffreo varias hostilidades por parte
« dos Godos, que desejavão recobra-la; então, e ainda depois não ê
« crivel, que esta nação privada d'industria, e commercio, se houvesse
« applicado a restabelecer seos canaes, e a navegação dos rios e es-
« teiros. » Pela opinião pois dos sobreditos Commentadores, as possessões Romanas terminavão na ponta do Cabo de Sagres; e d'aqui parece deveria concluir-se que, os governos dos dous Patricios, que Suinthila ganhou e expulsou, ainda comprehendião o nosso Algarve, não sendo verosimil, que se estendesse álem da barreira natural do Guadiana e sua foz a dominação Romana tão odiosa, e combatida pelos Visigodos, como fica ponderado.

Isto pelo que pertence á extensão do dominio Romano quando este acabou: quanto porém á sua largura é mais difficil omittir parecer seguro. Os textos e combinações que apontamos, dão-nos margem a pensar, que os limites do dito dominio pelo lado de terra se estendião alem da serra chamada de Monchique, e comprehendia as nossas duas antigas Comarcas da Provincia do Alemtejo, a de Beja, e de Campo d'Ourique, tirando uma linha pouco obliqua e quasi recta,

---

(1) Ainda faltou outra qualificação, que Mr. Le Beau acharia em Tit. Liv. L.° 28 cap. 12, da qual não se esqueceo o nosso Academico Pr.ª de Figd.° Dissert. 8.ª § 2.° do Tom. 9.° das Mem. da Academia: = Prima Romanis inita Provinciarum, quæ quidem continentis sunt, *postrema omnium perdomita fuit.* = De modo que, foi a Hespanha a primeira conquista dos Romanos no Continente, — foi a que levou mais tempo a subjugar, — e foi a ultima que perdêrão.

desde aquella Cidade ás cabeceiras do rio Sado até terminar na foz deste rio, que por aquelle lado serviria de barreira á dominação Romana. Em apoio deste parecer vem os argumentos seguintes: 1.° a opinião d'André de Resende, e as famosas torres d'Evora levantadas como padrasto á fronteira de Romanos pelo Rei Sizebuto, que foi o que mais debelou os Romanos tomando-lhes muitas terras, e deixando-lhe o resto tão defecado, que quasi ficou privado inteiramente de forças (*exinanivit* diz o texto de Santo Isidoro); 2.° o não apparecerem moedas Visigothicas em nenhuma das Cidades comprehendidas na dita demarcação havendo tantas outras das Cidades da Betica, e Lusitania; 3.° a conveniencia, e circumstancias de localidade; sendo aquelle pedaço de terra mais afastado da potencia dos Visigodos, cercado por dous lados pelo mar, elemento a que sempre repugnárão aquelles Povos; e defendido pelo lado de terra por montes e rios em quási toda a sua extensão; 4.° porque todo este tracto de terra era aquelle que em todo o tempo da conquista Romana segundo o testemunho dos Escriptores Latinos foi um dos mais prezados do Imperio pelo grande commercio, que ahi entretinhão, e pela estimação, que fazião dos productos do solo, e da industria de seos habitadores, pois alem do azeite, do vinho, das fructas, da salga do peixe, da celebre grãa da tinturaria, e dos tecidos em que erão excellentes os *Salicienses*, e *Turdetanos*, d'ali levavão muitos metaes preciosos, e outros de seo uso e particular estimação.

Por todas estas razões, e porque, como já advertimos, aquelles antigos Povos erão dos mais civilisados da Hespanha no tempo da conquista dos Romanos, e abraçárão tão depressa a policia, os costumes, e a linguagem dos conquistadores, que quasi se confundião com elles, de crer é, que ahi se conservassem apesar das vicissitudes do tempo, as afeições Romanas, e mais tenazmente se defendessem da sugeição aos mais duros no tracto, e mais grosseiros Visigodos.

Contra todas estas verosimilhanças não omittiremos um argumento, que posto seja negativo, não deixa de causar desconsolação: é o de não se achar, que nos conste, monumento, inscripção lapidar, ou monetaria, que attestasse a dominação effectiva, e local dos Imperadores do baixo imperio no sobredito territorio Lusitano nos 70 annos de sua occupação desde Athanagildo a Suinthila, e desde Justiniano a Heraclio. Para nos desprendermos desta repugnancia não temos mais do que recorrer á voracidade dos seculos, que tudo consome ou apaga, e áquella systematica e fanatica aversão dos Arabes, e Mauritanos, que desde a primeira quarta parte do 8.° Seculo succedêrão aos Godos, e se estabelecêrão fortemente no Algarve, os quaes se pro-

punhão apagar os vestigios todos dos dominadores, que os precedêrão, mudando até os nomes aos rios e povoações: pagando nesta parte aos Romanos a divida, que estes contrahírão com não menos fanatismo, e barbaridade, enterrando juntamente com as ruinas de Carthago todos os monumentos de sua Historia.

Em todo o caso, pelo que se deduz do pouco que disserão os Historiadores coévos, e concorde sentir dos posteriores a estes, parece fica sendo quasi indubitavel, que uma parte consideravel do nosso territorio esteve sugeito ao Imperio Romano do Oriente por espaço de 70 annos desde o anno 553 ou 554, até ao anno 624: e em tal caso seria certo, que nos ultimos tempos desta sugeição na hypothese de estarem seos limites circumscriptos ao Algarve erão suas Cidades capitaes e maritimas *Balsa*, e *Ossonoba* (Tavira e Estombar) alem de outras de menor consideração, que necessariamente devia ter no seo seio um terreno, e clima tão favorecido da sorte. Mas se, como eu penso, á vista da circumstancia referida dos dous Patricios, propostos ao governo do Paiz quando foi definitivamente occupado pelo Rei Suinthila, na sua demarcação se incluia aquella parte do territorio adjacente ao Algarve desde Beja até ao Sado, então as possessões Romanas no derradeiro tempo comprehendião tambem as Cidades de Beja, Mertola, Alcacer, e Setobriga: isto é todo o Paiz dos antigos Turdetanos áquem do Betis segundo Ptolomeo; segundo Strabão e Plinio dos Turdetanos, Celtas, e Lusitanos, como entende e explica o nosso André de Resende, que nesta materia é o Mestre (1).

D'uma ou d'outra fórma parece não ser menos certo, que a Potencia Romana terminou na Peninsula quando perdeo aquella parte do territorio do nosso Portugal ao Sul do Reino; ou esta parte se limitasse ao Algarve, ou se estendesse fóra delle na Provincia do Alemtejo até uma linha tirada do Guadiana ao Sado, desde Mertola a Setobriga (hoje Troia) defronte de Setubal. Pena é, que a historia particular desta dominação ou se não escrevesse já mais, ou perecessem

---

(1) Ab Ana igitur ad sacrum Promontorium circumque Turdetanos alios à Bæticis Ptolomeus habitare ait, maritimasque illorum urbes *Balsam*, *Ossonobam* ante promontorium; deinde, post fluvii *Callipodis* eruptiones, *Salaciam*, atque *Cætobrigam*. Intus autem *Pacem Juliam*, ac *Juliam Myrtilim* enumerat. Strabo regionem eam *Celticis* et *Lusitanorum* plerisque tribuit. Plinius ommissis Turdetanis, ab Ana ad Sacrum Lusitanos ponit, nimirum ad genus respiciens, non ad speciem, cujus Ptolomeus rationem habuit. Sed horum Turdetanorum terminos nimis extendit. Tribuit enim non modo *Algarbii* regnum, sed etiam aliquanto amplius ex Celticis, et Lusitanis Strabonis, videlicet *Pacem Juliam*, *Salaciam*, atque *Cætobrigam*, olim in sinu Salaciensi positam, dirutam modo [Resend. Antiquit. Lusit. Lib. 1.° § de Turdetanis]. Concorda Jac. Mendes de Vasconcellos nos Esch. L. 1.° prope finem.

seos annaes na noite dos Seculos decorridos; parecendo improvavel, que tantos Bispos de Beja e Ossonoba, cujas assignaturas nos Concilios de Toledo (desde o terceiro em tempo de Recaredo), nos mostrão sua existencia, e concurso naquellas tão famosas reuniões, a que alguns Escriptores chegárão a chamar Côrtes do Reino Visigodo, não deixassem escriptos, nem monumentos outros de sua gerencia e importancia, tanto Ecclesiastica como Civil.

DISSE.

MEMORIA BIOGRAFICA E LITTERARIA

ÁCERCA DE

MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

DO CARACTER DAS SUAS OBRAS, E DA INFLUENCIA QUE EXERCEU NO GOSTO, E NOS PROGRESSOS DA POESIA PORTUGUEZA.

ESCRIPTA E OFFERECIDA

Á

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

POR

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

I.

A ARCADIA fundada no anno de 1756 para restituir aos differentes generos de poesia a perfeição imitativa dos seculos de ouro das lettras gregas e romanas, dissolvêo-se por si mesma em 1776, decorridos apenas vinte annos, desamparada do Governo, e quasi desconhecida do povo, com o qual nunca entrou em convivencia, attrahindo-o por meio de ensaios mais adequados á sua indole, do que as severas composições, que forão o alvo exclusivo das tentativas dos grandes poetas, que tomaram sobre si todo o peso da reforma.

A degeneração tinha envilecido tanto a lingua, e por tal modo tinha estancado a fonte dos bons estudos, que só os conselhos e exemplos de uma Associação, como aquella, dotada de forte vontade, e de esclarecido talento, poderiam luctar com algum exito contra a tor-

rente, que inundava tudo. Pareceo, por tanto, necessario aos fundadores da illustrada corporação, restabelecer as despresadas leis do gosto, propondo de novo, mas intendidos e ampliados, os modelos da arte antiga e da primeira renascença de D. Manoel e D. João III; e fòi esse o empenho e o lavor dos arcades.

Mas o seu defeito principal na execução, consistiu em se preoccuparem de mais com a fidalguia das lettras, tratando sobranceiramente quanto se não aferia pelos typos dos seculos de Augusto e de Luiz XIV. No theatro, na poesia lyrica, e em todas as manifestações da arte, os traslados, que buscaram, foram puramente classicos, desviando-se com escrupulo mais do que austero de qualquer reflexo das novidades, que na Inglaterra, na Allemanha, e em França, começavam a despontar. Os amores da esposa de Sicheu, e as lagrimas das heroinas de Racine, e de Voltaire, eram mais accommodados aos leitores no gabinete, do que aos spectadores nas platéas. Esta foi a verdadeira causa da solidão em que vegetou uma Sociedade, que reunia escriptores dotados de vasta intelligencia, e sem favor, os primeiros engenhos do seu tempo. O Garção, o Diniz, o Quita, Candido Lusitano, e tantos outros, se ousassem emprehender uma interpretação mais larga e mais profunda do sentimento humano, e no sentido da regrada liberdade poetica se houvessem dado alguns passos adiante, é natural que assegurassem a sorte da renovação, que tanto desejaram estimular.

Não o fizeram, porém; não poderam levantar o espirito acima das regras criticas, e da observancia estricta dos dogmas ensinados nas aulas de Aristoteles, e de Boileau; e por isso a reforma existio unicamente em quanto durou a vida dos que a tentaram. Ao lado da austera escola, e a despeito das suas exhortações, o motim dos versificadores não se calou; e os abusos, contidos, ou assustados, por alguns annos, volveram, uns atraz dos outros, assim que a morte e a ausencia, enfraquecendo as fileiras dos arcades, lhes arrebataram o Garção, perdido em um carcere; o Diniz, distante em outro hemispherio, e Quita, fallecido nas angustias da pobreza!

Mas na hora, em que a empresa dos fundadores da douta sociedade parecia proxima a decahir no esquecimento, frustrado o impulso que tanto cuidou em adiantar, a Providencia soccorreu com successor distincto a viuvez do Parnaso, e o silencio do Menalo, como diriam os sacerdotes d'aquelle rito. Ainda o auctor da «Cantata de Dido» não tinha fechado os olhos, cortado de maguas, e victima das injustiças, e já abria os seus á luz, na formosa e antiga villa, que se recreia nas aguas do Sado, o continuador da sua obra, menos castigado e pri-

moroso na correcção, porém mais inspirado e mais audaz tambem no pensamento, enriquecendo-o sobre tudo com os dotes proprios para vulgarisar a poesia, o que não conseguio a Arcadia, e lhe limitou por fim os vôos.

Manoel Maria Barbosa du Bocage, nasceo em Setubal aos 17 de Setembro de 1766, seis annos antes da morte de Pedro Antonio Correia Garção, e dez annos antes da completa extincção da Sociedade, que o poeta horaciano tinha animado com os seus exemplos, e vivificado com os seus estimulos.

Bocage procedia de paes, a quem as musas eram familiares, e muitas vezes foram propicias. José Luiz Soares de Barbosa, concluindo os estudos da Universidade de Coimbra, tomou o grau de bacharel em Canones. Nascido em 1728 (29 de Setembro) pertencia pela educação e pelas tendencias á pleiada jovial dos Jurisconsultos metrificadores, á qual pode servir de typo, no reinado de D. João V, Caetano da Silva Souto-Maior, denominado o Camões do Rocio.

Fr. Lucas de Santa Catharina, vate parodista, e Thomaz Pinto Brandão, ou o Pinto Renascido, como elle se appellidava, completavam a physionomia critica, desenvolta, e risonha d'esses espirituosos guerrilheiros das musas, que alegraram o governo do Salomão Portuguez, antes de se carregar de tristeza nos ultimos annos com as dores das enfermidades, e talvez pelo desengano das illusões do mundo.

Servindo os logares de lettras, segundo o estylo, José Luiz Soares de Barbosa foi Juiz de fóra na Castanheira, e em Povos, e depois Ouvidor na cidade de Beja. A tradição attribue a esses tempos da sua mocidade mais de um rasgo de estro poetico, quando se offerecia occasião favoravel de fustigar os vicios, e de castigar com a irrisão os desconcertos do seculo.

Desgostoso da vida publica, pouco adequada á liberdade do seu espirito, Soares de Barbosa, retirou-se do serviço da magistratura, e recolhendo-se á patria Setubal, ahi abriu banca de letrado, occupando os momentos vagos com o estudo das lettras, e ás vezes com a composição de poesias fugitivas, nas quaes os curiosos do tempo querem que se notasse já um pouco do sal picante, em que abundaram depois os sonetos epigrammaticos de seu filho.

Governava o marquez de Pombal havia oito annos, quando em 6 de Junho de 1758, José Luiz Soares captivou o coração de D. Marianna Joaquina Lestof du Bocage (1), senhora distincta pelo berço e

(1) O tronco dos Bocages em Portugal é oriundo de um proprietario abastado de Cherburgo, em Normandia, que viveu nos fins do seculo 17.º, chamado Antonio

pelas prendas litterarias, quasi hereditarias nas damas da sua familia, e conseguiu merecer-lhe honrosa preferencia, e a mão de esposo. D'este enlace vieram ao mundo Gil Francisco Barbosa du Bocage, nascido em 1762, agradavel poeta e distincto jurisconsulto; Manoel Maria Barbosa du Bocage, conhecido entre os vates pelo nome pastoril de Elmano Sadino; e mais quatro filhas, uma das quaes, D. Maria Francisca de Barbosa du Bocage (tambem poetisa) foi a irmã predilecta do cantor de Leandro e Hero, a companheira por longos annos da estreiteza e das attribulações da sua vida, e, de todos os parentes, a unica que se conservou até ao ultimo suspiro junto do leito da sua dôr, cerrando-lhe piedosamente os olhos.

O dom da harmonia, e facilidade de poetar, transmittião-se como herança naquella familia; e entre os mais favorecidos distinguio-se Manoel Maria. Desde a infancia, vate como Ovidio, ainda balbuciava, e já as suas palavras acertavam com a melodia poetica. No tracto domestico, e nos serões familiares, achava alimento proprio para o ardor da phantasia, e estimulo opportuno para os ensaios pueris da vocação. Memoria prodigiosa, imaginação, cujo calor e impeto a proximidade da morte não esfriou de todo, foram as faculdades predominantes por que se caracterisou, desde a tenra idade. Aos oito annos, vindo a Lisboa para ver à procissão de cinza, volvia a casa, repetindo a sua mãe uma quadra, aonde já transluz harmonia e graça:

Fui ver a procissão a S. Francisco,
Que o vulgo chama da cidade,
E supposto o apertão, foi raridade
Que indo eu em carne, não viesse em cisco!

Por isso, em varios logares das suas composições, ou a saudade

Le Doux, ou [como escrevem alguns] l'Hédois du Bocage, marido da dama Catharina Cosma Gil Le Doux du Bocage. Seguindo a vida maritima, entrou na marinha portugueza em 1704 no posto de capitão de mar e guerra. Em 1717 foi promovido ao de coronel de mar e guerra [vice almirante], em virtude do seu merito e serviço nos combates do Mediterraneo contra os barberescos, e do Brasil contra os francezes.

A celebre poetisa Marianna Lepage, mulher de Fiquet du Bocage, que falleceu tres annos sómente antes de Elmano, era por affinidade segunda tia materna de Manoel Maria. Esta senhora alcançando a provecta edade de 92 annos, mereceu de Voltaire a corôa de louros, que lhe offereceu em Ferney, depois do seu poema «A Columbiada» [cujo primeiro canto Elmano verteu em verso]. Foi auctora de outro poema laureado «As sciencias e as lettras» e traductora da «Morte de Abel» de Gessner. Imitou o «Paraiso Perdido» de Milton; e tanto pelas graças da figura, como pelos dotes do espirito justificou o epitheto de franceza Sapho, caindo este melhor n'ella, do que em Mademoiselle de Scudéry. *Forma Venus, arte Minerva* foi a divisa escripta sob o seu retrato pelos admiradores.

o leve aos primeiros tempos, ou a satyra dos emulos o excite a exaltar-se, não se esquece de affirmar que:

> Das faixas infantis despido apenas
> Sentia o sacro fogo arder na mente:

nem de exclamar com orgulho, como no prologo das Plantas:

> Versos balbuciei com a voz da infancia;
> Vate nasci, fui vate ainda na quadra
> Em que o rosto viril, macio e tenro
> Semelha o mimo de virginea face!

Se ha occasião, em que seja licito ao poeta e ao homem nobre de sentimentos fallar de si, é de certo quando os vituperios e as injustiças se atrevem a ultrajar na sua pessoa os dons do engenho, exacerbando os rigores da adversidade! Eis o que de algum modo auctorisa o estylo vehemente e o elogio proprio, em que ás vezes se excedeu Bocage.

Sua mãe consagrava á cultura de tão esperançoso espirito os instantes, de que podia dispor, supprindo com os extremos, com os cuidados, e com o gosto delicado, a falta de subsidios, que Setubal offerecia para uma esmerada instrucção. O latim foi-lhe ensinado por um ecclesiastico hespanhol, D. João de Medina, ao qual deveu o conhecimento profundo da lingua, e a rapidez da interpretação. Comparando-se as versões de Ovidio e do Canto de Tripoli com os originaes, vê-se a rara familiaridade, com que Elmano conversava os poetas romanos, introduzindo-se no segredo das bellezas intimas dos principaes.

Na lingua franceza iniciou-o seu pae; e o modo por que o discipulo a possuiu, collige-se das admiraveis paginas, fructo das suas luctas como os auctores didacticos. O italiano parece que o estudou mais tarde, e que o soube menos. Entretanto as traducções do Tasso e de Metastasio, que deixou, diriam o contrario se não fosse conhecida a lima do morgado de Assentis, Francisco de Paula Cardoso de Almeida, um dos homens versados no tracto dos modelos d'aquella copiosa litteratura.

Em 1780 tinha Bocage concluido os estudos, hoje chamados secundarios, e então denominados classicos, contando quatorze annos completos. Em parte do tempo, que se applicou, sua mãe sempre incançavel estimulava-lhe a vocação, e consolava-o do enfado dos rudimentos com a certeza do renome, promettido aos trabalhos da intelli-

gencia e aos primores do engenho. Conhecendo-se o genio inquieto e voluvel do poeta, se esta voz de esperança não estivesse nos seus ouvidos a todos os momentos, é de suppor, que o aproveitamento fosse menor, ou talvez nenhum, e póde crer-se affoutamente, que muitos dos seus padrões de gloria nunca existiriam.

Depois de a perder, sendo creança ainda (dez annos) Bocage, gravou na memoria a ineffavel ternura, que lhe affagou amorosamente os timidos ensaios, e derramando lagrimas de saudade e gratidão, até á ultima hora, guardou pura e ardente a religião do materno affecto.

Seu pae acreditava menos nos dons das musas como meio de crear uma carreira. É a razão, porque, longe de applaudir, procurou sopear as tendencias irresistiveis d'aquella alma feita para se exaltar com a harmonia e o enthusiasmo. Experiente e desenganado sabia os dissabores, que o talento grangeia, e os infortunios, que de ordinario o acompanham. Estimava o estro como distracção, mas não ignorava, que Lisboa estava longe de ser París, e que o governo devoto de D. Maria I não podia comparar-se ao periodo mais brilhante do pomposo reinado de Luiz XIV.

Em 1780, por eleição propria, ou para acceder á vontade da sua familia, Bocage assentou praça de cadete no regimento de Setubal (depois o regimento n.º 7); e passados dois annos, naturalmente em memoria do avô, e da distincção com que servira, mudou de arma, e alistou-se na armada real, na qualidade de guarda marinha, transferindo a residencia para a capital, talvez com o intuito de cursar os estudos da profissão nas aulas da Academia de Marinha, fundação recente da rainha.

Em 1785, na idade de 19 para 20 annos, encontrâmol-o outra vez no exercito com o posto de tenente de infanteria, e em vesperas de partir para os Estados da India. Qual foi o motivo da repentina expatriação, e do desgosto pela vida maritima? Pelejam os biographos, e apontam diversas versões; não omittindo para as auctorisarem o auxilio de alguns trechos, pelo menos obscuros, das poesias de Elmano n'esse tempo.

No ardor da juventude, e com a anciedade de ganhar fama, em que se abrasava, o desejo de visitar o berço da aurora, theatro das façanhas da conquista, era de mais para o resolver a affrontar os perigos e as fadigas. Queixas e dissabores, aggravados pela sensibilidade do caracter, propenso ao furor, não influiriam além d'isso a par da sua inclinação ás novidades, e do seu amor aos applausos, para o fazerem seguir o caminho, já trilhado por outro poeta pouco ditoso tambem, Luiz de Camões?

A nosso ver estes motivos, dado o genio inquieto e versatil de Elmano, parecem-nos sufficientes, e se existiram outros, ignoram-se.

Na memoria do Sr. Castilho sobre a vida e influencia de Bocage, publicada nos ultimos volumes da «Livraria Classica Portugueza» (estudo que offerece copiosos subsidios) apparece uma opinião differente, que seduz á primeira leitura, e seria aproveitavel, se a averiguação dos factos a não contrariasse.

A historia tragica do assassinio do mestre de campo José Leonardo Teixeira Homem, imputada aos zelos do conde de S. Vicente, e os sonetos escandalosos attribuidos a Bocage sobre o homicidio da travessa da Espera, supposta causa de se desenfrearem contra elle as iras omnipotentes dos poderosos, offendem mais de uma verdade apurada, e perdem, por isso, o valor conjectural, que podiam adquirir. Em presença de um trabalho do Sr. Innocencio Francisco da Silva, diligente investigador de curiosas noticias ácerca do poeta, e perante uma nota, appensa ás poesias satyricas de Antonio Lobo de Carvalho, achamos pouco solida a razão allegada pelo Sr. Castilho, manifestando-se com toda a clareza, que nem Bocage foi o auctor dos versos indecentes contra o conde, nem era possivel assacar-lh'os; por tanto a engenhosa explicação da viagem, figurada como necessaria exigencia de metter no esquecimento os versos e a pessoa, caduca pela base, e é confutada pelo argumento dos factos.

O conde de S. Vicente, Manoel Carlos da Cunha, nas suas apaixonadas relações com a actriz Francisca (denominada a *Esteireira*), não foi victima das satyras de Bocage, mas dos versos mordazes do poeta Lobo. As datas victoriosamente o demonstram. Quando assassinos desconhecidos atravessaram com um florete o mestre de campo José Leonardo Teixeira Homem, rival do conde, e rival feliz, era ainda ministro o marquez de Pombal, e a fuga do namorado fidalgo para Hespanha, diante das accusações e da indignação do povo, succedeu ainda no governo do valido de el-rei D. José.

Só depois da morte do soberano, e da queda do marquez, em Fevereiro de 1778, é que se atreveu o conde a voltar ao reino, pedindo ser julgado, como effectivamente foi, por sentença do Juizo dos cavalleiros proferida a 30 de Março de 1778, e confirmada na mesa da Consciencia e Ordens aos 11 de Abril do mesmo anno, as quaes ambas correm impressas. Bocage não veiu para Lisboa senão em 1782, e não podia ser o auctor de maledicencias metricas. em que o estylo denuncia, além do mais, a penna ás vezes immunda de Antonio Lobo de Carvalho.

Accresce, que o lugar não tomou o nome do successo infeliz do

mestre de campo Leonardo, porque na Corographia (tomo 3.°) impressa em 1712, já Carvalho o designa com a denominação da «Espera» prova de ser mais antigo o nome, do que o homicidio, e a sua romantica e triste origem.

Apenas assentou os pés no convez do navio, o poeta com a alma affogada em lagrimas, e debruçando-se da borda para as margens, que fugiam, envia á patria um longo adeus:

Amiga patria minha e lar paterno!
Penates a quem rendo um culto interno!
   Lacrimosos parentes,
Qu'inda na ausencia me estareis presentes!
Adeus! Um vivo ardor de nome e fama!
A nova região me attrahe, me chama!

No seu coração ternura e ambição luctavam com a dôr da ausencia, e não podendo com ellas senão a custo o peito desafoga-se na affectuosa despedida, dedicada ao amor, cuja imagem o acompanha pelas solidões do mar:

Deixar amado bem, teu rosto lindo,
Teus affagos deixar, tua candura,
Tanto me opprime, que da morte escura
Sobre mim negras sombras vem caindo.

Eu parto, e vou teu nome repetindo
Porque dê desaffogo á magua dura;
Meus tristes ais, suspiros de amargura
A'quem dos mares ficarás ouvindo.

Mas se me cercam, no cruel transporte,
Quantas furias o Baratro vomita,
Se meu mal é peior que a mesma morte,

O fado em me aterrar em vão cogita!
Com todo o seu poder, não póde a morte
Tua imagem riscar d'esta alma afflicta.

Á medida, que a prôa cortava as aguas, e que as costas desappareciam, a melancolia estendia um véo sobre a sua alma. A tempestade veiu depois provar-lhe o animo. Naturalmente religioso, o

espirito de Elmano levantou-se a Deus nas azas da esperança. São bellas paginas de ardor e de crença os dois sonetos, escriptos ao clarão dos relampagos, e ao rebramir das vagas, imminentes as amarguras do naufragio. A commoção do perigo, o gemido da fraqueza humana quasi submergida nos terrores do abysmo, e a saudação ao Creador e á magestade dos elementos, retratam-se fielmente n'elles:

Ó Deus, ó rei do Ceo, do mar, da terra,
Pois só me restam lagrimas, clamores,
Suspende os teus horrisonos furores
O corisco, o trovão que tudo aterra!
. . . .

Para nós, compassivo, os olhos lança!
Perdôa ao fraco lenho! Attende ao pranto
Dos tristes, que em ti põem sua esperança!

Ás densas trevas despedaça o manto!
Faze, em signal de proxima mudança,
Brilhar no ethereo tope o lume sancto!

Depois, a invocação sublime, porque principia o segundo soneto:

Filho, espirito e pae, tres e um sómente,
Que extrahiste do calor, do pó, do nada,
O sol dourado, a lua prateada,
O racional o irracional vivente:

Eterno, justo, immenso, omnipotente,
Que occupas essa abobada estrellada,
Grão rei de cuja força illimitada
A machina do mundo está pendente;

Tu que, se queres, furacão violento
Sumatra feia, tempestade escura
Desatas e subjugas n'um momento;
. . . .

No fim dos trabalhos de uma penosa navegação, Bocage chegou a Goa, e beijou a terra desejada da sua imaginação. Era lá que a realidade o esperava; e com ella o desengano pungente para curar de

tantas illusões nascidas da verdura dos annos, e da pouca experiencia das cousas.

Dos Albuquerques, dos Castros, e dos Gamas não encontrou nem sequer a sombra! Apagava-se tudo no crepusculo de uma decadencia progressiva. Aquelles mares, theatro das proesas de Duarte Pacheco, e dos briosos capitães, denominados leões das aguas pelos vencidos, estavam quasi solitarios. A guerra dos heroes tinha-se convertido nos enredos, e pequenas rixas dos governantes com os governados. As cousas e os homens na Asia, assim como em Portugal, tinham perdido as proporções epicas. A vaidade das fidalguias, as conjurações das raças naturaes, e a barbaridade litteraria de um verdadeiro bazar de mercadores e de pilotos, substituiam as virtudes, e os arrojos das grandes épocas da conquista.

A degeneração da antiga estirpe ainda correu mais rapida, do que previa Diogo do Couto. Dos homens notaveis, que foram a sua gloria, a India apenas guardava os retratos! Não havia já hombros que podessem com o peso da herança legada por elles. A empresa mais leve de outro tempo sepultaria agora os descendentes dos conquistadores. Uma ou outra acção illustre; alguma batalha ganha sobre os regulos mais insofridos; e a honra das quinas sustentada pelas baterias das charruas contra os piratas malaios, era quanto se pedia, e o mais que se podia conseguir. As armas calavam-se; mas nem por isso fallava a civilisação; o esforço do marquez de Pombal parou no primeiro impeto, e decahido o ministro, as melhoras passaram com elle. O silencio, que Elmano encontrou desde os presidios até á capital vinha do turpor de um povo, cuja memoria dormia com o passado. De 1785 a 1786 a espada quasi sempre na bainha figurava nas paradas e nas reuniões. A fortuna procurava-se de rastos. Ha muito que as aguias tinham cessado de voar!

Eis o espectaculo, em que os seus olhos esmoreceram, eis a sociedade que existia, em logar da raça escolhida, visão pura da phantasia! Mercadores, em vez de guerreiros; em logar da gloria, odios e miserias, cubiças e orgulhos! Nada grande, nada que repetisse, em echo ao menos debil, as empresas da India de Camões! Tudo prosa rasa, e grosseira como a que deixava.

O effeito de semelhante spectaculo sobre Bocage foi terrivel. Em quanto durou o desterro nunca o seu espirito convalesceu de tamanha queda. Ás margens do Ganges, por elle povoadas desde a infancia de tradições sublimes, debalde a chorosa Musa quiz soltar o canto. Estava entre Getas, mais duros que o marmore á seducção dos versos! A ignorancia loquaz, e a sordidez mercantil riam-se das artes, e trata-

vam-as com desprezo. Mirrada pela avareza, a mão dos Nababos entumecidos por inventadas genealogias, nunca enchugou os prantos do expatriado, nunca se abriu para minorar as injustiças da fortuna.

De toda a parte o cortavam saudades acerbas do seu berço e dos amigos, que deixava longe. Na quadra, em que reverdecem as illusões, e na qual os sentidos se exaltam facilmente, os pesares da ausencia, e as inquietações do ciume, aggravando-se de lembranças amorosas, convertiam os desgostos, e o influxo do clima em verdadeira nostalgia. Ao mesmo passo a sensibilidade irritavel, e o resentimento, azedando-se e avivando o engenho satyrico, desafogavam em versos implacaveis pelo escarneo, e pela mordacidade. Os inimigos cresceram com as provocações, e cegos de raiva nada pouparam para tornarem perigosa, e insupportavel a posição de Elmano.

De feito pouco agradaveis haviam de soar á vaidade dos fidalgos-piões de Goa os sonetos, em que Bocage os flagellou; e não admira nada que lhe tomassem aversão, e por todos os meios tentassem desafrontar-se. Era mais do que imprudencia no poeta o furor a que cedia. Alguns dos sonetos, com que os obsequiava, excediam até a justa liberdade concedida ao genero:

> Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,
> Bem como Ovidio misero entre os Getas,
> Terra sem lei, madrasta de poetas,
> ...... mãe de gentes baças!
>
> Teus filhos, antes cães de muitas raças,
> Que não mordem com dentes, mas com tretas,
> E que impingir-nos vem, como a patetas,
> Gatos por lebres, ostras por vidraças!
> ....

E n'outra parte:

> Das terras a peior tu és ó Goa,
> Tu pareces mais ermo que cidade;
> Mas alojas em ti maior vaidade
> Que Londres, que París, ou que Lisboa.

São pinturas perfeitas como satyras, e a ira de Elmano presava-se de saber varial-as. Imagine-se porém, o despeito das victimas; além do mais excitadas, em pontos delicados, pelo comportamento le-

viano do poeta com algumas senhoras distinctas, ás quaes o melindre e graças do sexo, não salvaram das setas da sua maledicencia.

As cousas chegaram a ponto, que os offendidos, muitos e poderosos, resolveram não descansar em quanto não tirassem completa vingança, As esperas e ciladas multiplicaram-se; e a vida de Bocage, mais de uma vez correu eminente perigo. Parecida em tudo á do auctor dos Lusiadas, a sua sorte inspirou-lhe o soneto, que principia:

Camões, grande Camões, quão similhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!

Ás inclemencias, filhas da adversidade, ou procedidas de erro proprio, accresceu a conspiração tramada para assassinar os portuguezes, descoberta felizmente antes de romper. Bocage acabava de penar uma infermidade aguda, que chegou a ameaçar-lhe os dias. Dando então baixa do serviço militar, por motivos pouco averiguados, saiu de Goa, e emprehendeu uma viagem, em que alguns dos biographos vêem sómente o desejo de visitar os sitios mais famosos da conquista, ao passo que outros querem, que fosse em consequencia de ordens severas do governo, em virtude de forçada deportação.

A ultima conjectura figura-se mais provavel, attentas as circunstancias em que se tinha collocado. Não contente com o rancor dos habitantes, suppliciados nos seus versos, a indole irascivel, e as propensões satyricas de Elmano levaram-o a pôr o alvo dos seus tiros na pessoa do capitão-general D. Frederico Guilherme de Sousa, ferindo-o na parte mais sensivel pelas allusões do poema obsceno, *A Mantegui*. Esta injuria contra a amante do governador, conhecido o genio vingativo d'elle, não parece que podesse ficar impune; e por isso não vemos temeridade em que deva attribuir-se a saida do poeta a uma causa d'esta natureza.

A época da viagem a Macau póde fixar-se nos fins de 1788, e principios de 1789, visto ser ali composta a Elegia á morte do principe D. José, fallecido em 11 de Setembro de 1788. Ignoramos, porém, se foi á ida, ou á volta, que naufragou, como Camões salvando-se a nado, e disputando ás ondas algumas poesias, estampadas depois no primeiro tomo das suas Rythmas.

Ardendo em saudades e desejos de volver á patria, deveu ao governador interino de Macau, o desembargador Lazaro da Silva Ferreira, os soccorros necessarios. Em memoria d'este beneficio dedicou-lhe a Saphica:

Ao som confuso da celeuma os nautas;

em que o immenso jubilo de acabar o desterro transluz n'estas apaixonadas vozes:

Eu torno, eu torno, por amor guiado,
Exposto á furia dos tufões, dos mares
Eu torno; eu torno para vós; ouviu-me
  Jupiter alto!

Em Agosto de 1790 saudava outra vez a terra do seu berço, na edade de 24 annos, demittido do posto, e sem bens de que vivesse. «Incapaz de existir n'um só terreno» como elle proprio dizia, vira pelos seus olhos os climas, que percorreu Camões, e bebera pela mesma taça o fel do infortunio, preparado em grande parte por suas mãos.

Inquieto na infancia e na adolescencia; tendo juntado á custa de maguas e de trabalhos, precioso cabedal de experiencia, na idade tenra, parece, comtudo, que dobrando o Cabo das Tormentas passou o Lethes, e se esqueceu do passado, inteiramente. Velo-hemos na virilidade o mesmo homem, cheio de paixões, ralado de cuidados vãos, inimigo do repouso, e escravo dos applausos. Estava no seu destino, ou antes era proprio do seu caracter.

II.

Um viajante, que viveu entre nós pelos fins do seculo passado, Beckford, senhor da abbadia de Fonthill, no meio de muitos retratos espirituosos da côrte e da sociedade portugueza, deixou-nos ao correr do lapis, um esboço desenhado da physionomia de Bocage na época, em que o poeta acabava de voltar á patria.

Aquelle extraordinario mancebo, que o inglez vio pela primeira vez com Verdeil, na companhia de D. Frederico Galbariz, e do Conde Lucateli, recolhendo-se de visitar a Sé de Lisboa, deu-lhe logo na vista, e como observador não o esqueceo mais. Era (diz elle nas suas cartas spirituosas) um mancebo pallido, excentrico, e fraco de compleição, a mais extravagante e a mais original das creaturas poeticas, que Deus formou. E continúa retratando o repentista em um dos seus momentos de veia enthusiasta e jocosa. Bocage captivou-o, percebe-se, e não admira. É o condão dos engenhos privilegiados. Mesmo antes de levantarem a cabeça acima de todos, mostrão o que quer que seja

de notavel, que obriga os outros a deterem-se, e lembrarem-se de que os encontraram (1)!

Segundo Beckford o descreve, Elmano era pouco expansivo e dado á melancolia; mas como succede com os genios assim formados, tinha dias de alegria e de excentricidade, quando menos se esperava; e rompendo como o sol no inverno, estes faziam da sua conversação uma tela variada e brilhante, bordada de graciosos ditos, de rasgos de jovialidade delirante, de repentes e allusões satyricas. Em taes dias não havia enfado junto d'elle, e o riso acompanhava-o sem violencia.

No meio de um tiroteio de chistes e de narrações picantes facilmente se entregava á familiaridade, e custava pouco então a insinuar-se, e a obter d'elle a confidencia de qualquer das suas producções. Referindo uma destas scenas, acrescenta o inglez, que o ouvira repetir diversas poesias, em que os toques mais patheticos se uniam á profundidade das idéas; e que não fôra senhor de si, sentindo-se estremecido e arrebatado. Em verdade (exclama), póde affirmar-se que é um ente singular, e que possue o segredo de encantar. Se lhe apraz, sem o menor esforço, exalta, subjuga, ou petrifica o auditorio!

Eis accusados de longe os defeitos e as qualidades caracteristicas de Bocage. É elle todo; e assim o veremos desde os primeiros desregramentos da mocidade: sempre dominado pela emulação e pelo orgulho; sempre devorado da sêde dos applausos; sempre inquieto e inimigo da vida tranquilla. Até á morte nunca se desmentirá.

Chegado a Lisboa, a inclinação ás novidades, e as tendencias voluveis, impelliam-o a atar ligações e a quebral-as, sem motivo sufficiente. Correndo, como cego, atraz do louvor; receioso de que o talento não bastasse para o attrahir; desconfiado de o prezarem menos do que valia; e armando á aura publica, mesmo a preço de aberrações, que a religião das lettras não perdoa, Elmano mais de uma vez abaixou a penna á obscena imitação do Aretino, envergonhando o estro com impiedades, tanto menos desculpaveis, quanto forçava o animo para agradar aos dissolutos instigadores, que o arrastavam.

Nesta vida de desgostos e vicissitudes, gastou a virtude do espirito, deixou de amadurecer os preciosos dotes do engenho, e arruinada a debil constituição, abreviou os dias que, seriam de perenne triumpho para elle, e de summa gloria para a litteratura nacional, se fossem mais bem aproveitados.

As primeiras discordias do Parnaso começaram apenas entrou

---

(1) Wiliam Beckford — Portugal letter xxx. November 1787.

na capital, ou pouco depois; e procederam da sua mudavel e sobranceira condição. Na boca d'elle o elogio andava tão proximo da satyra; e a intenção de dominar, de sobresair, e de escurecer os outros declarava-se tão altiva, que as dissensões e rivalidades, nasciam umas das outras, distrahindo-lhe a intelligencia em pugilatos inglorios, e prejudicando-lhe o credito pelas represalias, em que se excedeu.

Desde o padre José Agostinho, desde Curvo Semmedo e o abbade de Almoster, até ao inoffensivo gazeteiro das trovas, José Daniel, a sua veia mordaz a todos alcança, deixando-os assignalados de eternos vergões. O numero das victimas foi consideravel; e o que mais deve censurar-se, amigos e bemfeitores não escaparam, figurando apar de zoilos despreziveis, de invejosos e de reptis, indignos da risada de Nemesis, que os flagellou!

Para se avaliar um conflicto, que fez tanto estrepito, e que se enlaça, como episodio integrante, na carreira de Elmano, é necessario expôr as cousas desde a origem. A historia da nova Arcadia não póde separar-se da vida do poeta, sem ella ficar confusa e incompleta.

Quando se erigiu a primeira Arcadia, como notámos, entrava-se em uma época de decadencia: e baldados os maiores esforços, passaram depressa as melhoras enganosas; e viu-se a corporação durar menos do que os fundadores. Entre a sua queda e a geração, de que Bocage e Macedo foram os representantes, raros engenhos se distinguiram; e todos os dias se apagavam mais as tradições do gosto. Em presença d'isto, e desejosos de opporem fortes barreiras á torrente, que tornava a submergir as lettras, alguns poetas resolveram unir-se, para combaterem em commum a degeneração, por meio da critica, e dos bons modelos. É inutil acrescentar, que o seu horisonte ainda abrangia menos, que o dos antigos Arcades. Os successores do Garção tinham fracos hombros, e curta respiração de certo para tamanha empresa; sobre tudo em uma época de transição, em que a anarchia não escuta senão as vozes applaudidas, e não obedece a quem a não póde subjugar pela gloria, ou pela popularidade de um nome festejado.

O bando dos glosadores zumbia com enxames de trovas, e, entre as palmas irrisorias dos outeiros, ria-se das lições da «Academia das Bellas Lettras» ou «Nova Arcadia.» Este Senado de vates, para dictar as suas leis, carecia de auctoridade. A Joaquim Severino Ferraz de Campos, Belchior Curvo Semmedo, Domingos Barbosa Caldas, e outros socios, faltava a estatura necessaria para serem vistos de mui longe, e a robustez precisa para assentarem as bases de uma escola. O segundo legou-nos versos estimaveis; o primeiro foi bem quisto pe-

las suas qualidades, e o ultimo, mais cantarino do que poeta, tendo o corpo de delicto na sua «Viola de Lereno» longe de merecer uma cadeira na assemblea, devia ser indicado como um dos exemplos vivos da corrupção da arte. José Agostinho, e Elmano, os dois homens de futuro na Academia, podiam querendo, tomar a direcção, e firmar as columnas do novo templo; mas com as propensões naturaes, e o orgulho indomavel que os caracterisavam, não tinham nascido para cooperarem juntos, e muito menos para submetterem a liberdade do talento á censura de individuos, reputados seus inferiores. Assim os elementos de ruina introduziam-se desde o principio na existencia da sociedade, e ameaçavam desmembral-a. Os pontos, em que parecia mais solida a sua organisação, eram justamente os mais expostos.

Existindo desde 1790 até ao começo, ou até ao meado de 1793 a «Nova Arcadia» foi a causa, ou mais exacto, foi o pretexto da guerra dos vates. Tinha sido eleito protector perpetuo o conde de Pombeiro, depois marquez de Bellas; e em attenção a elle fôra nomeado presidente o padre Caldas, seu hospede e commensal. Em uma das salas do palacio é que as conferencias eram celebradas todas as quartas feiras; as obras poeticas, publicadas em parte nos quatro pequenos tomos do «Almanak das Musas» ali é que se discutiram e approvaram. N'estas reuniões, Bocage não poupou os collegas, mostrando tel-os em menos conta do que mereciam. Deslumbrado com os applausos obtidos pelo volume das suas «Rythmas» impresso em Novembro de 1791 na officina de Simão Thaddeu Ferreira (1), arrogou-se um tom despotico e insoffrivel, e cançando a paciencia de muitos, offendeu por fim o melindre de todos. Foi-se envenenando a animosidade, até que não cabendo no recinto da academia, saiu á praça publica; e as hostilidades romperam com tal ardor, que logo patentearam a viveza dos odios.

Não se sabe ao certo quem levantou o estandarte; mas parece ter sido Bocage no soneto:

> Preside o neto da rainha Ginga
> Á corja vil, aduladora, insana,

---

(1) Este volume comprehendia a serie das poesias da primeira mocidade do auctor; as que fizera na India; e algumas já compostas depois da volta. Deu-se á estampa com a designação «Rimas de M. M. de B. du Bocage — Tom. I» Continha 108 sonetos, 7 odes, 4 canções, 2 epistolas, e 5 idilios. Vendeu-se por 48$000, e depressa ficou esgotado. Na segunda edição o poeta omittiu muitos dos versos incluidos no exemplar hoje raro da primeira, e ajuntou outros novos, tornando-a assim mais correcta e opulenta.

em que são crivados de motejos todos os Arcades, não exceptuando nem o conde de Pombeiro. Ha opiniões, porém, que sustentam a innocencia de Elmano, attribuindo a satyra a Belchior Semmedo, disfarçado, para provocar o conflicto. Esta versão, por infundada, torna-se logo suspeita; e tanto o testemunho dos intimos do poeta, como a phrase e os toques da poesia, accusam a penna de Elmano. Pouco escrupuloso, e muito prompto em ceder á ira, o desforço tomado assim, lisonjeava-o; e é mais do que provavel, que as horas lhe parecessem longas, em quanto não mimoseasse com as pateadas do ridiculo a todos os seus emulos. Seja o que fôr, a contenda começou em 1792; e da parte dos Arcades, no meio dos aggressores de Manoel Maria, encontramos o abbade de Almoster, Belchior Curvo Semmedo, e o Doutor França.

José Agostinho tambem não dormia; mas cheio de ciumes, e cego de amor proprio, a vaidade fazia-o tão pesado como Bocage. Frustradas as diligencias do sr. Bingre, e de Severino Ferraz de Campos para congraçarem os adversarios, os pastores do Ménalo, reunindo-se, proferiram com solemnidade a exclusão de Elmano, julgando-se vingados depois della!

A esse tempo o traductor de Ovidio já tinha cumprido voluntariamente a pena, deixando de assistir ás conferencias; mas resentido com o ultraje, redobrou os golpes, e amiudou as satyras.

« A Nova Arcadia » expirou, desamparada, no meio da peleja.

A valentia metrica de Bocage, superior a tantos antagonistas, cresceu em reputação, e recrutou novos admiradores; a confiança em si augmentou com elles; e o arrojo natural, fortificado pelo exito, d'ahi em diante não duvidou atrever-se a tudo!

Este foi o peior dos effeitos do combate; e a origem dos maiores erros e revezes. D'estas primeiras dissensões nunca se apagou na sua alma, nem na dos contrarios, a nodoa indelevel; e por isso os veremos separados e inimigos, gastando o engenho em lutas obscuras, e offerecendo-o em espectaculo lastimoso.

Naturalmente devoto, e até supersticioso, a sêde dos applausos, e o cortejo dos auditorios levou-o a competir em impiedade com os mais irreligiosos. O mesmo homem, que no leito da morte veremos estendendo os braços ás consolações da igreja, e nutrindo a alma e o canto com as promessas da remissão christã, nos dias de loucura e ebriedade, desvairado e calando á força os seus remorsos, molhou a penna em fel, e negou a consciencia, para colher o venenoso elogio de amigos falsos!

No meio das continuadas distracções, em que o dom de repen-

tista se exaltava; entre os cuidados e as negligencias de uma vida, na qual o dia de hoje não conhecia o dia de hontem, e ignorava o dia de amanhã; passando da hospitalidade de um rico protector para o tugurio humilde de outro pobre como elle: incapaz de subjeição, e inimigo do menor freio, supportava mais alegre a indigencia, do que o constrangimento, fazendo da incuria a sua divindade tutelar!

Rejeitando muitas vezes empregos, que o livrariam dos apuros quotidianos, temendo arrastar o grilhão das obrigações, batia moeda com os versos, e para vestir a miseria, despia-se com a mesma facilidade, com que aceitava o beneficio. Em Lisboa, em Santarem, nas festas e nos serões, esta existencia *folgada e milagrosa*, (como elle dizia) nunca se desmentiu, nem lhe pareceu penosa. Tiradas poucas horas para a leitura, alcançado momentos antes o pão de cada dia, sentia o estro livre, e o espirito desassombrado. O futuro era como o presente: — um caso de confiança em Deus, em si, e na generosidade dos protectores!

Em tão incerto e desassocegado viver, os ruins impulsos dos maus momentos desgraçadamente tinham entrada no seu animo, e a cegueira da vaidade abria ouvidos faceis aos pessimos conselhos dos aduladores. Sem ser mau, timbrou em o parecer; sem ser impio não se acobardou de o fingir; o amor da novidade, e o desejo de se ver o idolo das turbas precipitaram-o em aberrações indesculpaveis. As idéas, sustentadas pela escola encyclopedista de França, por todos os meios de persuasão, que os seus propagadores sabiam empregar, principiaram a romper o cordão sanitario da censura; e os livros, cujo perigo agradavel encobria mais uma cilada contra as crenças, desejados com a curiosidade que excita a prohibição, e entrando a furto, eram devorados em segredo, e formavam proselytos nas classes nobres e nos claustros. As primeiras raizes começaram a pegar, e se não profundaram mais, foi porque a terra as não favoreceu depois.

A revolução franceza, os seus principios, o estrepito dos acontecimentos, e a gloria militar das suas armas, davam ás theses dos philosophos (d'onde em grande parte surgira o facto triumphante) valor e alcance, hoje muito difficeis de comprehender. Tudo se ligava para augmentar o vulto á illusão e á verdade. O povo reinando em logar do rei; uma nação moderna imitando as instituições, e repetindo os feitos das antigas republicas; por toda a parte os seus exercitos vencedores; em todos os logares o nome da liberdade explicando os seus prodigios, eram rasgos extraordinarios, adequados a acenderem a imaginação dos homens, que não sequestravam o espirito da acção intellectual do mundo. Admirador de quanto se lhe representava

grande, Bocage, seduzido pelas apparencias, sonhou alguma vez de certo com a gloria de ser entre nós o introductor das theorias, plantadas no seculo XVIII; para elle, e para os mais adiantados portuguezes, todas especulativas, e ainda cheias de illusões. A belleza tentava-os; e se os horrores, que foram o preço da conquista social, os desgotaram depressa, mesmo vistos de longe, o doce nome da liberdade desculpou ainda algum tempo o sangue e as lagrimas, que a luta derramára, desde que o successor de Luiz XV subiu ao cadafalso, em expiação dos erros de seus paes.

Entretanto Elmano foi dos primeiros a desenganar-se. A Elegia á morte de Maria Antonieta é a prova do horror, que lhe causaram os successos de França, e talvez a isso deva attribuir-se o silencio guardado por quasi todos os nossos poetas sobre a instructiva scena da revolução franceza.

O receio, e o risco, de que era acompanhada a leitura, e muito mais a profissão das idéas irreligiosas e liberaes, augmentavam o sabor á infracção da lei, e quasi revestiam de poetico aspecto o delicto litterario, que sem os ferros e as censuras, e perdida a importancia, cairia pelo despreso, pena fulminada pelo maior dos legisladores humanos — a consciencia publica, que só por breves dias se deprava! Eis em resumo as influencias, que imperaram provavelmente no animo de Bocage, excitando-o a entregar-se á composição de versos impios, contra a tendencia devota e supersticiosa da sua alma. Excessivo ardor de imaginação; pessimas suggestões dos aulicos do Parnaso; e desvairado desejo de applausos, foram os maus conselheiros, que escutou, e a que succumbiu. Vejamos os resultados.

A causa, invocada pelas auctoridades civis e ecclesiasticas para procederem nasceu do conhecimento da epistola:

« Pavorosa illusão da eternidade »

espalhando-se milhares de copias d'ella, assim como de outras producções reprehensiveis e anti-religiosas, inspiradas pelas musas obscenas de Parny e de Piron. Além da aberração deploravel contra a fé e os costumes, Bocage era tambem accusado de ter composto versos liberaes, que rompendo os vinculos da censura, podiam capitular-se de audaciosas liberdades, em uma época, e em um regimen, como o de então. Diante dos excessos da revolução, perenne receio dos governantes, e perante a publica educação, calculadamente claustral, dirigindo-se tudo a sumir as luzes, causa da inquietação da Europa, estas poesias aos olhos do poder eram um attentado contra a veneração da

monarchia, e um delicto monstruoso contra o principio catholico, mais ou menos, abalado em toda a parte. Não admira, pois, que as arguições engrossassem todos os dias, e que os adversarios de um poeta, como elle proprio se apregôa:

«Inimigo de hypocritas e frades»

aproveitassem a occasião de lhe prepararem a ruina.

Entre os versos, que lhe são attribuidos, postos de parte os impios e licenciosos, havia bastantes capazes de provocarem o rancor dos que viviam do throno e do altar. Quem, celebrando a victoria de Bonaparte sobre os Estados Pontificios, não duvidava encerrar um soneto, mais do que audaz, com o seguinte terceto:

O rapido francez vae-lhe ás canellas;
Dá, fere, mata; .... ficam-lhe em despojo
Tiaras, mitras, bullas, bagatellas:

não podia queixar-se da Inquisição por segurar o poeta nos seus carceres. Meio seculo antes, o desgraçado Antonio José expirava nas chammas, sentenciado por muito menores culpas!

A denuncia d'estas composições imprudentes, chegou ás mãos do Intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique; e este julgou-se obrigado a passar ordem de prisão contra o indigitado auctor das impiedades. Elmano morava então em casa de André da Ponte do Quental e Camara, cadete do regimento denominado da Armada; e ignora-se quem o avisou da diligencia; é certo porém que o soube, e tratou de se evadir, fugindo para bordo da corveta *Aviso*, a qual ia sair em poucos dias para a Bahia. Os beleguins, que o buscavam, não achando senão a André da Ponte, prenderam-o, apoderando-se logo dos livros e papeis, que Manoel Maria não teve tempo de salvar, assim como tambem lhe faltou para advertir o companheiro. A 10 de Agosto de 1797, sendo descoberto na embarcação, aonde se refugiára, a justiça foi lá, e trouxe-o para a cadêa do Limoeiro, aonde entrou, ficando de rigoroso segredo.

Na mesma data officiava o intendente Manique ao juiz do crime do bairro de Andaluz, mandando abrir devassa sobre o procedimento de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, suspeito de ser o auctor de alguns *papeis impios, sediciosos, e criticos*, espalhados nos ultimos tempos pela côrte e reino. O magistrado acrescentava, que as informações lhe representavam o poeta como desordenado de costumes, des-

conhecedor das obrigações religiosas, e remisso na pratica dos Sacramentos. Já se vê, que as culpas imputadas não eram nada leves, e que a opinião da auctoridade pouco tinha de favoravel.

Manique mostra-se tão inclinado ao rigor no seu officio, que não só ordena ao magistrado, que proceda á devassa para averiguação dos factos, mas que apprehenda todos os papeis, manuscriptos ou impressos de Bocage, mesmo em poder de terceiros, seus sequazes, devendo ser estes presos igualmente, e a sua vida examinada, para se conhecer se imitavam na dissolução de costumes ao mesmo Manoel Maria.

Instaurou-se-lhe logo processo, e por diversas vezes foi perguntado pelo desembargador Ignacio José de Moraes Brito, incumbido da instrucção. Contando já perto de mez e meio de rigorosa prisão, compoz com o titulo de «Trabalhos da vida humana» uma narração desleixada e bastante vulgar do seu infortunio, não cessando de se lamentar quasi todos os dias em versos mais nobres, do que a primeira producção. Parece que o ciume, exacerbando os outros padecimentos, lhos aggravava de suspeitas e saudades, como indicam alguns sonetos inspirados por esta paixão, e expressivos na pintura d'ella. Ao mesmo tempo de nada se esquecia para excitar o zelo e piedade dos amigos, e dos poderosos intercessores, que o seu talento grangeára.

Os marquezes de Ponte de Lima, de Abrantes, e de Pombal, aos quaes dirigiu as bellas epistolas, que se lêem na collecção das suas obras, não o desampararam; compadecidos, e unindo os esforços, conseguiram quebrar-lhe os ferros, e restituil-o á liberdade, dando-se ao processo opportuna direcção. Julga-se que José de Seabra da Silva, Ministro de Estado, e admirador de Elmano, tomou n'este acôrdo honrosa parte, devendo o poeta ao seu valimento com as auctoridades civis, e com os proprios inquisidores, a suavidade com que o castigaram. Mas não anticipemos.

Decorridos quasi tres mezes, o intendente da policia officiou ao inquisidor geral D. José Maria de Mello, em 7 de Novembro, remettendo-lhe o preso, que foi transferido para os carceres da inquisição, d'onde passou para o mosteiro de S. Bento da Saude. Ainda que a phrase do officio seja severa, vê-se que as iras tinham abrandado; e o que succedeu depois assás o prova.

Desarmada do antigo rigor, humana e clemente, por convencimento ou por necessidade, a Inquisição mostrou-se iudulgente para com o accusado, aceitando de boa vontade os protestos do seu arrependimento. Nem lhe dilatou a reclusão, nem o subjeitou a nenhuma das expiações infamantes, usadas nos antigos tempos. Contentou-se

com uma aspera admoestação; aceitou-lhe a declaração de não tornar a dedicar a penna a assumptos irreligiosos; e impoz-lhe algumas semanas de custodia na companhia de varões doutos e tementes a Deus.

Em 22 de Março de 1798 o intendente Manique dirigia-se de novo ao corregedor do crime do bairro dos Romulares, encarregando-o de passar ao mosteiro de S. Bento da Saude, e de receber a Manoel Maria de Barbosa du Bocage afim de o conduzir ao Hospicio das Necessidades, devendo este ficar ahi recluso, sem venia de sair, até segunda ordem; não podendo ter communicação com pessoas de fóra; mas sendo-lhe licito andar em liberdade pelo Hospicio, descer á cêrca nas horas de recreação, e tratar com os religiosos conventuaes. O officio termina por uma exhortação, quasi paternal, do magistrado em nome do Soberano, dizendo-se n'ella, que o Principe Regente esperava: «que por meio das correcções, que tinha experimentado, Manoel Maria de Barbosa du Bocage, tornando a si e ao seus deveres, e aproveitando os seus distinctos talentos no serviço de Deus, d'El-Rei, e do Estado seria util a si, e daria consolação aos seus verdadeiros amigos e parentes, despresados os vicios e a prostituição, em que vivera escandalosamente.»

Esta pesada lição, se não aproveitou como os protectores esperavam, não foi esteril inteiramente. Ouvido em confissão geral pelo padre Joaquim de Foyos, e conservado em custodia entre os Congregados, teve tempo de acalmar o espirito, e de socegar o coração. É d'este periodo da sua vida, que data uma das mais admiraveis tentativas, que se ousaram na lingua portugueza, como nota o sr. Castilho, que se mediu com as mesmas difficuldades. Foi então, que Elmano, a sós com o seu engenho, e concentrando no estudo e reflexão o cabedal das suas faculdades, travou corpo a corpo com a musa de Ovidio o certamen victorioso, de que são trophéus as versões que nos legou.

N'este monumento incompleto, que a brevidade da existencia e as distracções não deixaram concluir, embora interrompido, está o testemunho do poder do seu talento. A poucos foi dado chegar tão longe de um só passo.

Os ferros e a tristeza do captiveiro, duro de mais para a impaciencia do caracter, não lhe offuscaram o estro. Entre prantos a sua voz não cessou de se ouvir; e na epistola ao marquez de Ponte de Lima (uma das numerosas composições d'esse periodo) achamos descriptas em tercetos dignos do infortunio as feições moraes, que os zoilos denegriam para vingarem os revezes do amor proprio, fingindo vingar a Religião e o Estado!

Bocage teve erros e defeitos; mas a raiz dos seus desvarios não estava no coração, residia no desgraçado applauso das turbas, que o cegavão de lisonjas, e o attrahião com prazeres. As sombras, que lhe caiam de fóra, desvaneciam-se em algumas horas de conversação com a sua alma, envergonhada então, do que a seduzira antes! O homem foi sempre bom, compassivo, e crente; o poeta é que foi agreste, ciumento, propenso á ira; capaz de esquecer a gratidão em um gracejo elogiado; e eternamente escravo de dois vicios, fataes ao genio e á felicidade: — a extrema sensibilidade do orgulho; e o horror á quietação e á existencia commum.

Escutemos-lhe as queixas, quando, em pleito com os seus accusadores, considera sem disfarce o espirito inclinado diante da dôr, e cheio de sinceridade não duvida descobrir-se, arrancando o véu com a suprema persuasão, que nasce da verdade:

O rumor, que me ultraja é fraudulento;
Senhor, meu coração não jaz corrupto,
Corrupto não está meu pensamento.

Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto;
Do triste, do infeliz não olho ao damno,
Com ferreo desamor, com rosto enxuto.

Vejo a copia de um Deus no Soberano;
Curvo-me ás aras; em silencio adoro
D'alta religião o eterno arcano.

Sim erros commetti, mas erros choro,
Não com pranto sagaz, que a vista illude:
Da abjecta hypocrisia ardís ignoro.

Estes foram os sentimentos verdadeiros da sua alma!

Mais do que devoto, supersticioso mesmo, em um momento de allucinação, rompeu comsigo para romper com a fé, e teve a indesculpavel fraqueza de traçar a «Pavorosa illusão da eternidade!»

Adorando a patria, cuja saudade chorou em magoados canticos, o ardor da novidade, e a impaciencia de um genio arrojado, levaram-o a tomar por pouco tempo a licença sanguinaria da revolução franceza, no periodo que a deshonra, pelo esforço heroico da liber dade, que assistia apenas com os exercitos da fronteira repellindo a invasão! Nascido trinta annos mais cedo, do que a época, a que era

apropriado, vemos n'elle a aspiração precedendo sempre o exame; a reflexão atraz do impeto!

Seria o primeiro dos poetas da escola chamada romantica se vivesse com a geração actual; e adiante da sua, como esteve, foi pelas tendencias o mais moderno dos poetas classicos. Em um governo de instituições liberrimas o espectaculo da anarchia, e o ostracismo reciproco dos tribunos, hoje no throno, e á manhã no cadafalso, provocaria no seu animo o grito da justiça, e a censura da crueldade: o sangue innocente abrazal-o-hia em paixão; e como André Chénier, o jambico vingador sustentaria os foros da verdadeira liberdade em presença dos tyrannos mascarados com as suas vestes!

Mas o seculo ainda vinha longe para nós! As idéas, que preparam os grandes acontecimentos, hão de amadurecer primeiro na intelligencia, para depois se traduzirem em factos; e as de fóra só a medo passavam o mar e as fronteiras. Começava a reacção; porém confusa, balbuciante, e não discernindo entre meios e fins. Os abusos feriam mais na vista, do que a caducidade das formulas; e era mais contra os abusos, do que em hostilidade ao systema, que os censores erguiam a voz em segredo, concebendo virtuosas esperanças de remedio.

O sceptro absoluto de D. João VI, Principe Regente, parecia tão suave, e era tão leve, graças á bondade natural de seu caracter, que de tudo poderiam accusar o throno, menos de oppressão, e por tudo se fariam votos, menos pela queda do imperante!

As classes medias, saindo protegidas e estimadas do jugo imposto pelo ministerio do Marquez de Pombal em nome da unidade monarchica, todos os dias venciam terreno sem conflicto. A nobreza castigada na cabeça dos Tavoras, e advertida pelos exemplos atrozes da praça de Belem, contentava-se com os redditos, ainda valiosos, dos bens, privilegios, e isempções, concedidos pela corôa; e punha o alvo em desfructar, e não em combater. O reinado tolerante, politicamente, mas devoto, e estacionario na administração, com que a filha de D. José I alluiu a refórma violenta do primeiro ministro de seu pae, tinha adormecido o espirito, e a auctoridade, tanto na côrte, como no reino. Não havia, portanto, causas fortes que excitassem a discussão, nem themas opportunos para fomentar facções. A paz era profunda; e esta foi a razão por que os echos da revolução franceza chegaram sempre amortecidos ao Tejo! É por isso que as innovações decretadas em Paris no meio da lucta, passavam entre nós quasi desapercebidas das classes, cujos interesses iravam a tribuna da Convenção, ensanguentando os campos da batalha!

Portugal estava ainda muito na infancia para entrar em commu-

nhão de idéas com o resto da Europa. O famoso tractado de Sieyès «O que é o terceiro braço da nação?» apenas faria meditar (se o lesse) um ou outro discursador. A maxima parte dos subditos, plebeus, fidalgos, e padres, ficaria no meio sorriso, que se costuma dar ao livro engenhoso, cujas theorias entreteem pelo ideal, mas que não assustam, nem cathechisam o senso pratico. Cousa notavel! Agitando-se na Europa os maiores problemas da civilisação e da economia publica, pela serena e negligente posição dos nossos governos parecia, que os reis e os povos, viam representar no theatro a utopia de Salento! Foi necessaria a invasão e a conquista; a guerra da independencia; e os gritos liberaes de Italia e de Hespanha para a commoção de 1820 acender aquella chamma então ainda bem fraca, que um passeio de cavalheiros e militares sopitou em poucas horas, a meia jornada de Lisboa. Por isto se póde concluir o que seriam os pensamentos mais temerarios dos liberaes portuguezes em 1797!

Este esboço era indispensavel para não fazermos de Bocage falsa idéa, tomando-o por um d'esses patriotas, formados nos comicios republicanos. Acreditamos, que elle sonhava frequentemente com os Pelopidas e os Aristides, amigos da sua puericia; e que pelos retratos de Plutarcho e de Nepote, compunha o typo do perfeito cidadão antigo; mas d'ahi a entender e preparar a reforma politica; d'ahi á imagem e similhança da constituição britanica, ou da renovação franceza, vae infinita distancia! Os sonetos liberaes, e as poesias irreligiosas de Elmano foram momentaneas explosões, acesas pela gloria das armas de Bonaparte, e pelo odio dos frades e tartufos: se procurassem mais adiante e mais do que isto, encontrariam sempre a musa, mas não a reflexiva e severa sciencia dos estados!

Amigo de José de Seabra, e de alguns sabios jurisconsultos da escola do Marquez de Pombal, o auctor da cantata de «Leandro e Hero» colhera no seu tracto as doutrinas do seculo mais robusto do regimen monarchico, depois de D. João II e D. Manoel. Sebastião José de Carvalho e Mello, affectava nas opiniões certa independencia religiosa, devida á sua residencia entre os estrangeiros, e sobre tudo á missão de Londres. Os Jesuitas e os advogados da Curia trataram de hereticos, ou pelo menos de temerarios muitos dos actos do Marquez. As ordens monasticas em geral, e as praticas supersticiosas encontraram sempre no conde de Oeiras mais desamor, do que podiam esperar do primeiro ministro de um principe absoluto. Nas relações com a Santa Sé, e na extincção dos padres da Companhia, é sabida a inteireza com que sustentou as prerogativas da corôa. Sem professar as theorias dos

encyclopedistas a todos os respeitos, collige-se, que não lhe foi indifferente a leitura das suas obras.

Os admiradores do ministro, e neste ponto até os seus emulos mais illustrados, cahindo o valido, conservaram illesas as suas tradições. Riam-se da ignorancia e das pias fraudes, armadas á credulidade vulgar; declamavam contra os frades com argumentos tirados da politica e da relaxação da sua disciplina; como diversos fizerão antes; liam sem remorsos os tractados philosophicos da seita Voltairiana; e nem por isso aboliam a Inquisição e a censura, ou admittiam a tolerancia das idéas novas, se por acaso alguem as ensinava. Bocage deve collocar-se no gremio escolhido e mais alluminado d'estes homens, talvez muito ousados para o seu tempo; mas que perante os actos mais simplices da época actual, dariam o throno e o altar por irremissivelmente perdidos com inteira boa fé, e sincero e profundo desalento.

Alexandre de Gusmão (o espirituoso brasileiro amigo de lord Tirowley) e D. Luiz da Cunha, um dos mais instruidos diplomatas, que tivemos, já no reinado de D. João V, apontavam os abusos, e indicavam algumas reformas com notavel liberdade de pensamento; se porém as vissem realisadas assustar-se-hiam; e a execução das suas proprias idéas por ministros sobrios de palavras e decididos em acções, seria para elles motivo de terror inexplicavel!

Eis a explicação da lenidade no processo civil e ecclesiastico de Elmano, e a razão por que não se demorou a soltura da reclusão das Necessidades, consentindo-se que voltasse aos braços dos amigos. Como observámos, a indole do poeta, excellente quando entregue a si, era facil em recair nos erros, esquecendo até os avisos da adversidade, apenas o cercavam os admiradores, ou o pungiam os tiros de inimigos atrabiliarios. D'esta vez, comtudo, a lição aproveitou-lhe. Não só quebrou a penna, com que escrevêra contra a religião e a moral, como roubou ás distracções e ao desregramento algumas horas consagradas ao estudo e ao trabalho. Passado pouco tempo estabeleceu-se em casa propria, e chamou para a sua companhia, a irmã, D. Maria Francisca, cuja amizade carinhosa foi a consolação das attribulações dos ultimos mezes da sua vida. A verdade pede que se acrescente, que escravo dos deveres contrahidos na qualidade de chefe de familia, não havia prazer nem diversão, que o seduzisse, em quanto não deixava farta e segura subsistencia áquella irmã, que não tinha outro abrigo senão os extremos da piedade fraternal. A isso allude na satyra a Macedo, que estava muito longe de poder comparar-se a Manoel Maria em virtudes domesticas, e em sentimentos generosos.

O mesmo homem, que resolutamente regeitou de José de Sea-

bra a nomeação para um logar de official na Bibliotheca Publica, achando insupportavel a subjeição do emprego, melhor aconselhado pela necessidade, não teve duvida em aceitar de Fr. José Marianno Velloso, religioso Arrabido, e director da Officina Chalcographica, erigida pelo ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, o partido que lhe propoz de se occupar em rever acuradamente as provas de obras que podessem concorrer para a diffusão dos conhecimentos, applicando o resto do tempo ás versões de bons auctores, e a composssões originaes.

O ajuste foi dos mais modestos. Vinte e quatro mil reis mensaes, ficando a primeira edição para a casa, eis o que obteve o grande poeta, e ao que se submetteu para grangear soccorros, que a indigencia tornava preciosos. Sem este contracto, em que o padre Velloso se nos figura mais favorecido do que bemfeitor, a litteratura portugueza contaria de menos algumas traducções primorosas. Homem de vasto saber, por indole afeiçoado aos engenhos desvalidos, devemos suppor que o religioso Arrabido offereceu quanto lhe permittiam as posses do Estabelecimento; e a gratidão de Elmano, conservada até á morte, assás o attesta. Pode inferir-se até, pela dedicatoria do drama «A Virtude Laureada» que a mão do protector, discreta e liberal, soube escolher as occasiões, acudindo com espontaneas dadivas aos maiores apuros de Manoel Maria.

Da transacção com Velloso sairam as versões admiraveis dos «Jardins de Delille» das «Plantas de Castel» do «Consorcio das Flores de Lacroix» e do «Canto de Tripoli de Cardoso.» Em ferros, ou atado ao poste da indigencia, o espirito gentil de Elmano tinha forças para levantar assim o canto. Seria mais duravel e mais completa a obra, se o estimulo das precisões o não forçasse a interromper os ocios? Se a sociedade fosse menos indifferente, e o governo mais valedor; se um ministro, como Colbert ou Richelieu, medisse pelo merito as honras e as pensões, ousaria alguem prever o vôo desta aguia, que mesmo depois de captiva tanto tempo, apenas solta, ia pousar-se logo sobre o raio de uma inspiração potente?

Lisonjeado por aquelles de quem o louvor é doce, e empenhado em erguer um monumento, que servisse de lustre ao seu nome, Bocage preferiria a licença das algazarras metricas, as palmas dos areopagos anonymos, e a independencia escrava d'uma carreira de penuria e de fadigas mal retribuidas? Esperamos que não!

O que lhe faltou foi a época e os homens. Podendo como hoje aspirar a tudo, seria tudo, porque a sua força residia no talento. Achando um Mecenas, que lhe proporcionasse abundancia sem servi-

dão, e lhe tornasse agradaveis as fadigas ainda seria muito, porque o estudo e a reflexão poliriam as impurezas nascidas da precipitação, com que a idéa se funde no molde, ardendo ainda em lava o primeiro jacto!

Desgraçadamente os amigos e os grandes, cobrindo de applausos e de corôas o repentista, tomavam a arte e o genio por instrumentos de deleite, e esqueciam-se do cantor mal cessava o canto! Não admira, portanto, que elle, pelo costume de arrastar o seu grilhão, e de viver de esforços repetidos, fosse espalhando ao acaso, e do mesmo modo que despontavam as flores do seu engenho. Assim mesmo, abertas na amargura e na estreiteza, quantas não ficaram immortaes?

No meio das occupações, a que se dava, acesa de novo a guerra com os emulos no Parnaso, e travado com José Agostinho de Macedo o famoso duello litterario, que nos valeu a mais vehemente das satyras portuguezas, Bocage viu imminentes sobre si as perseguições religiosas, que d'esta vez não provocou, e de que a innocencia reconhecida o livrou sem incommodo pessoal.

Uma senhora, filha do administrador do Correio Geral, Roque Ferreira Lobo, metrificador vaidoso e menos do que mediocre, com a caridade, que distingue o fanatismo, lembrou-se de o denunciar á Inquisição, como suspeito de ligações maçonicas, porque, dizia ella, devia obedecer aos preceitos do Santo Officio! Em 23 de Novembro de 1802 o tribunal mandou indagar ácerca dos fundamentos da denuncia pelo padre José dos Reis Marques, que respondeu a 28 de Abril de 1803. Este zeloso executor das ordens secretas dirigiu-se á devota, e informou-se com a maior individuação ácerca do que ella tinha escripto. Manoel Maria era apontado como pedreiro livre, em companhia de José Maria de Oliveira, escripturario do Correio, de um capitão Castro, e de Joaquim Manoel de Moura Leitão, escrivão do crime da côrte e casa. A respeitavel dama declara ter ouvido (o que relata) na habitação de uns visinhos; e descreve a scena com a fidelidade de memoria de uma beata, perita na arte de ver e escutar. Bocage e José Maria de Oliveira (assegura ella) vieram áquella casa, e ahi o ultimo, sentando-se a uma banca em que havia papel, começou a desenhar um triangulo com seu olho dentro, depois um sol e estrellas, e mais duas mãos dadas, ao passo que perguntava ao sr. Bocage se era amigo de pinturas. Elmano disse *que não,* e guardou o desenho a toda a pressa. De tudo isto concluiu a serva de Deus, que não podiam ser senão pedreiros livres, e entrou em escrupulos, acabando por denunciar o occorrido ao Santo Officio! O negocio, porém, não passou nunca do principio. O tribunal poz-lhe pedra em cima, ao que parece;

e Manoel Maria, vivendo ainda perto de tres annos, não consta que padecesse o menor dissabor por similhante causa (1).

Os padecimentos physicos seguiram-se ás inquietações moraes e ás fadigas do espirito. Obrigado a procurar todas as manhãs a subsistencia de sua irmã, o abuso das bebidas espirituosas (posto què sem embriaguez) e do tabaco de fumo, e os estragos do genero de vida a que se entregava, foram-lhe minando a saude, e alterando cada vez mais a constituição valetudinaria. Despresando as dôres habituaes, não guardando regimen nem cuidado, julgava-se fadado para viver seculos, quando os dias dolorosos se apressavam na ampulheta! Uma dilatação das carotides convertida dentro em pouco em aneurisma, molestia para que não ha esperança, prostrou-o no leito, que foi tàmbem o eculeo da sua expiação.

Como Molière, os seus epigrammas contra os medicos não passavam da superficie; assim que a doença o visitára, deixando de sorrir, obedecia cegamente ás prescripções da Faculdade, procurando ler nos olhos e no rosto do assistente a sentença da sua sorte. N'esta ultima e incuravel enfermidade, desenganado pelos doutos, entregou-se ás receitas empyricas dos charlatães, e cobrava imaginario allivio com os remedios, que lhe inculcavam. A scena dos seus ultimos dias, tão fecunda em rasgos de resignação, attesta a sinceridade das crenças religiosas, em que falleceu.

III.

A 21 de Dezembro de 1805, pelas dez horas e um quarto da manhã, Bocage fechou os olhos. Como o cysne entregou quasi o espirito a Deus no meio de melodias. A sua agonia foi ainda um cantico! Já depois de recebidos os Sacramentos, e meia hora antes de fallecer, dictou o ultimo soneto, que o Morgado de Assentis recolheu dos seus labios, e escreveu do proprio punho. Eis os tercetos finaes:

Eu me arrependo: a lingua, quasi fria,
Brade, em alto pregão, á mocidade,
Que atraz do som phantastico corria:

(1) O Sr. Innocencio Francisco da Silva nos communicou esta denuncia, cujo autographo existe no Archivo da Torre do Tombo, entre os papeis remettidos para ali, em 1821, da extincta Inquisição. Da sua copia extrahimos a narração.

Outro Aretino fui! A santidade
Manchei.... oh! se me crêste, gente impia,
Rasga meus versos! crê na eternidade!

O derradeiro gemido poetico de Elmano foi um grito de arrependimento! Quantos ostentosamente involtos no burel da penitencia, teriam de aprender na contricção do poeta mundano diante da sepultura!

Como o cysne acabou em paz cantando!

exclamou Araujo Ribeiro em outro soneto, principiado ainda Bocage vivia, e terminado já depois d'elle subir á presença do Altissimo.

É o verdadeiro epitaphio de Elmano. N'elle a fé, a melodia, e a doce luz, que dão á alma, não expiraram senão com o extremo alento.

O ultimo dia, que viveu, amanheceu sepultado em nuvens; parecia que a claridade tinha medo de romper. O céu forrado e escuro; o sol encoberto; e o sul, gemendo sobre a cidade, tornavam triste o aspecto de Lisboa. A melancolia do tempo estava em harmonia com a melancolia dos homens. Inclinada aos restos mortaes do vate predilecto, a capital não fingia o luto, carregava-o!

Nos dias anteriores, sendo já sem esperança o mal, a pequena casa da travessa de André Valente, aonde padecia, era visitada a cada instante de grande numero de pessoas de todas as jerarchias. Uns erguiam os olhos para a humilde habitação, e baixavam-os á pressa turvos de magua. Outros, hesitando na entrada, paravam aos primeiros passos, sentindo menos forte o animo, do que a vontade.

Em cima, estavam patentes as portas da morada, tão pobre na apparencia como no interior, e pelos quartos desornados encontravam-se muitos individuos em piedoso recolhimento, escutando para dentro, e respondendo com soffocadas vozes ás interrogações igualmente submissas dos que chegavam. Via-se a mais desconsolada tristeza no rosto de todos.

Quem conhecia de perto a sociedade da época, e os homens notaveis por lettras e condição, custava-lhe a suppor, que no aposento mais intimo jazesse um poeta, e não um principe. Proxima a volver ao pó era novo ainda, que a realeza da intelligencia tivesse a sua côrte e os seus cortezãos, aulicos, não do poder, mas da harmonia.

As classes e as profissões mais oppostas nos preconceitos, ajuntavam-se sem estranheza, e quasi em perfeita igualdade, n'aquelle despido alvergue de um terceiro andar, obedecendo ao sentimento

commum. Os cantores, seus emulos, ou seus adversarios antes, pondo a inimizade aos pés da dôr, sagravam-lhe a corôa, entremeiados os louros com o cypreste.

Por um momento a guerra dos deuses fez silencio em torno do seu leito; e os athletas do Parnaso derramaram lagrimas em vez de fel. O ciume das lettras e das musas tinha expirado muito antes do poeta adormecer na eternidade. Curvo Semmedo (na Arcadia Belmiro Transtagano) dirigindo-lhe o soneto conhecido, que principia:

> Ao som da lyra, o Thracio e egregio Vate!

recebia outro pelas mesmas rimas. A paz, entre o auctor dos apologos e dithyrambos, e o auctor do Tritão e da Medéa, firmava-se confessando ambos, como nobres engenhos, que fôra apoucar-se a inglorias luctas, quem podia ascender a tanto!

Os negociantes de mais posses, os empregados de maiores lettras soccorreram a penuria do poeta, como amigos, e não como protectores. Sem isso não teria pão, mesmo no primeiro dia em que ficou de cama! De toda a parte, e em todas as classes, manifestou-se por elle a mais profunda sympathia. No povo, não foi meramente sympathia, foi estima, foi extremo!

O interesse dos inglezes por Walter Scott, e a anciedade de París por Mirabeau, deu-se em Lisboa por Bocage. Lamentava-se como propria a sua perda. Amigos e conhecidos acudiam a saber noticias; contemplavam aquella fronte, pallida já dos reflexos da morte; e voltavam, aonde os esperava o concurso dos admiradores, deixando-os pesarosos ou satisfeitos, segundo eram de maior crise, ou de allivio curto os symptomas observados.

Sabiam que o moribundo soltava entre suspiros os ultimos cantos, talvez os mais bellos pelo sentimento e elevação; sabiam que o golpe era fatal e não deixava esperança; e entretanto, em uns a amizade, nos outros a admiração, forcejavam por enganar-se atraz de fugitivas apparencias de melhora, querendo ver distante o dia, em que a voz de Elmano ia emmudecer, legando o nome á saudade, e a lyra ao tumulo!

Mas não se illudia elle, a quem de minuto para minuto, não só os intimos, mas os estranhos, e os adversarios vinham trazer as consolações da poesia, e as homenagens da estimação. Existia apenas! Manoel Maria Barbosa du Bucage, o melodioso cantor de Ignez, e de Leandro e Hero; o imitador (mais do que sublime traductor) de Ovidio, de Castel, e de Delille, prostrado e gemente, via sobre si a som-

bra immensa do sepulchro, como diz o Psalmista; e pelo seu coração passára já aquelle frio horror, que annuncia o termo final da vida!

Estava ainda pura, e conservou-se até aos derradeiros momentos, a claridade do entendimento. Os repentes do engenho, os relampagos do estro, fuzilando nas trevas da amargura, brilhavam como d'antes, quando o espirito subjugava a dôr. As faculdades lucidas nunca se offuscaram de nenhum véu. Conscio do seu estado, lendo a sorte proxima nos olhos de todos, e nas dores da propria angustia, assistia ao aniquilamento gradual, medindo a distancia, que vae da existencia á morte.

O ser e o não ser, problema, em que a razão descóra, e o animo viril se altera, agitava-se diante d'elle, e para elle! Purificando-se das nodoas das paixões, a alma, acrisolada no soffrimento, sorria-se para Deus, pedindo azas á esperança, que a levassem á nova patria. Sentindo o mal irremediavel cavar-lhe a cada hora mais funda a sepultura, a mente despedia-se do mundo; e em espirito, surgindo do sonho da existencia, habitava:

Em climas d'ouro, em regiões amenas!

Sobranceiro ao abysmo, em que outro menos forte podia despenhar-se; apagadas as maculas pelo orvalho consolador da remissão christã; conversava com a eternidade, antes de entrar n'ella, e invocava-a, como termo desejado, como summo bem, depois dos trances da afflicção. Com os olhos no Ceu começava a descobrir os horisontes, que se abrem além da mortal carreira. O que deixava: amor, desvelos, e ambição de nome, ainda lhe custava um suspiro ás vezes; porém certo de viver alem do tumulo, consolava-se, saudando com a lyra expirante a immortalidade e os cantores, nuncios da memoria contemporanea, primeiro echo da posteridade!

Entretanto, encontrando-se na edade, em que o genio se conhece, e maduro pela experiencia alcança a robustez, que produz o fructo depois da flôr; ensaiados os vôos, e achando-se com forças para subir com as aguias á altura do monumento, em alguns instantes desfalecia na resignação, com saudades não da existencia, mas da gloria. As ovações que o cercavam, diziam os tropheus que o futuro lhe guardava. Os canticos, meio lacrimosos que a alma entre magoas deixava escapar mostravam-lhe, quão meigas a harpa christã e o plectro antigo obedeciam á sua voz.

Em mais de uma occasião, o lucto alheio aggravou-lhe as penas,

e ennegreceu-lhe as visões da imaginação, acordando o sentimento mundano. Dentro de quatro mezes, no predio, em que morava, arrancou-lhe a morte dos braços uma sobrinha de cinco annos, tendo levado antes um homem de sessenta, e uma donzella de dezoito. Então, o coração e a musa, assustados e frementes, ergueram o canto, aonde palpitam as contradicções moraes da lucta, e os pavores do ultimo fim.

Olha em muros, que veste a escuridade
Olha a côr do teu fado, a côr mais triste!
Talvez (e agora, agora!) Elle te aliste
No volume, em que lê a Eternidade!

Ó tochas funeraes! Clarão medonho!
Da morte, ó mudas, solitarias scenas!
Em vós arripiado os olhos ponho!....

Um momento depois, tornando a si, e aplacando a sensação cruel, abraçava-se com a esperança catholica, e fechava o soneto com estes versos, dignos do seu espirito:

Ah! Porque tremes, louco? Ah! Porque penas!
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho
Em climas d'ouro, em regiões amenas.

Quem estranhará, comtudo, que chorasse tambem o destino proprio, correndo-lhe as lagrimas tão faceis sobre o dos outros. O calix é amargoso, e a derradeira hora tão custosa de transpôr! De todos estes conflictos, saiu, porém, a fé com um triumpho mais, e a contricão com uma palma.

Eram combates, em que o mundano gastava as ultimas impurezas. Em melodias de anjos, vate christão, ouviam-o entoar os louvores da gloria immarcessivel, enxutos os prantos devidos ao seu sangue com a certeza da beatitude. Eil-os, esses gemidos que respiram crença e amor, sobre a perda da sobrinha:

Trocando amargas horas,
Por doce eternidade,
Gemeu com a natureza
Folga com a Divindade.

O que é nos Céus contemplo,
Contemplo o que era aqui;
Gemi..... porque gemia!
Rio..... porque ella ri!

Que lucta! Que longa expiação! Que immensa força d'alma para a supportar sem desespero!

Foram mezes inteiros, esperando em cada dia não ver a aurora do seguinte! D'esse tempo é um retrato, em que figura, conforme a enfermidade o tinha prostrado.

As faces lividas e macilentas, encovando-se, pintam a angustia; a boca, sumindo nos labios contrahidos o córte das dores, exprime o esforço da alma sobre o corpo; os cabellos desalinhados, e pendentes, sobre a rasgada e palida fronte, aberta ao genio, semelham um véu funebre em jaspe sepulchral.

Nos olhos azues, grandes, e cheios de luz, é que reina e domina a intelligencia audaz. Ali ainda vive o ardente Elmano. Mesmo frouxos e quebrados apparece Bocage n'elles! Sente-se, que o fogo da inspiração, se acodir á mente, e que o espirito rompendo os laços da agonia, se receber o estro, hão-de reanimar o corpo. Percebe-se que as feições abatidas volverão á radiosa expressão, e que o enthusiasmo exaltará o rosto. Adivinham-se os relampagos, que a vista póde lançar, aformoseando o semblante e fingindo momentaneamente a existencia, que o infeliz ia deixar de todo em breve.

Morta, como está, na tela, a sombra de Elmano (a quem a consultar com interesse) ainda revela algum dos toques do repentista. Vê-se, que basta a faisca descer para o bello moral se diffundir por aquella physionomia, mobil como as paixões, grande e energica, porque era a fórma visivel de uma alma, feita como a de Chenier para jogar o jambico da satyra, para afinar o cantico gemente da elegia, e para entoar o hymno guerreiro dos semi-deuses da Asia e da Africa portugueza!

É assim, encostada a mão á face, que elle devia dictar as paginas de saudade e resignação, que foram a sua ultima voz, e serão eternas joias da sua corôa. Compostos com os olhos na eternidade, e os pés dentro do sepulchro, estes ultimos sonetos não teem rival.

Ouçamol-o ainda, junto da urna funebre, em quanto o moribundo visita com a saudade o Tejo e as flores amadas:

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando,
Á margem fertil de gentis verdores,
Terás d'alta Ulyssea um dos cantores,
Suspiros no aureo metro modulando.

Rindo não mais verás, não mais brincando
Por entre as Nymphas e por entre as flores
O côro divinal dos nús amores,
Dos zephiros azues o affavel bando.

C'o a fronte já sem myrtho, e já sem louro,
O arrebata de rojo a mão da sorte
Ao clima salutar, á margem d'ouro.

Eilo em fragas de horror, sem luz, sem norte;
Sôa d'aqui, d'ali piado agouro:
Sois vós, desterro eterno, ermos da morte!

Bocage contava trinta e nove annos e tres mezes de edade quando falleceu. Ia entrar no periodo mais fecundo para os escriptores. Acalmada a excessiva ardencia dá imaginação; amadurecido o engenho pelo estudo dos bons modelos; conhecidas as forças, tinha chegado o tempo de se recolher comsigo, e de concentrar em um pensamento alto as potencias da alma e do sentimento; chegava a hora de erguer ao som da lyra, como Amphion, as cidades e os imperios ideaes, que a epopea funde em bronze.

Os Gregos de Homero e os Romanos de Virgilio, desappareceram. O sopro dos barbaros dispersou as cinzas dos heroes. O braço da conquista arrasou os monumentos do seu orgulho. A lingua universal e sabia perdeu-se nos dialectos barbaros dos vencedores. Mas triumphou a arte apesar dos homens e do tempo. O livro escripto viveu mais do que o livro de pedra. Depois de milhares de annos, os canticos da poesia e a voz da historia subjugam o silencio e a destruição, restituindo-nós pela memoria as épocas, que já morreram!

Esta omnipotencia, dom de Deus aos que sagrou quasi sempre pelo martyrio, era o sonho e a ambição de Elmano. Postos de parte os desvarios momentaneos, vê-se ter cobiçado muito mais solida fama, do que os louros de repentista.

Lendo algumas paginas d'elle, sente-se que, nascido vinte annos depois, daria um Byron á peninsula; mas um Byron, christão, igualmente arrojado, igualmente altivo na pintura das paixões e da agonia moral, porém modificado pelos toques d'essa tristeza contemplativa, que se gera da sensibilidade da alma, e que tão dolorosa corta no coração dos poetas. São as lagrimas occultas, que lhes espreme o contacto do mundo, e que a chamma do engenho endurece em perolas, que depois cingem o diadema, com que a posteridade lhes orna a fronte.

Para cantar dignamente o infortunio e o amor, para descrever a natureza nas suas galas, e o espectaculo grandioso dos elementos na sua braveza, tinha o desgraçado dentro de si as dores, os prantos, e as tintas. Sirvam de exemplo os sonetos á tempestade na viagem de Goa, e as endeixas á ternura e aos zelos! O poeta mais classico nas tendencias, e mais severo na melodia e na sciencia do metro, o sr. Castilho, não provou já nas imprecações do Bardo, com que impeto o ciume e a saudade sabem chorar em verso, quando se lastima em labios quentes de paixão, e não em insulsas combinações de versificadores vulgares?

A morte anticipou-se; a edade dos fructos sasonados não chegou para Bocage. O vate saudado por tantas admirações, e invejado por tantos emulos, foi sepultado no cemiterio da igreja das Mercês, recitando-lhe Fr. José Botelho Torresão um soneto no momento de descer á cova. Os seus restos, como os de Camões, descançaram sem uma inscripção que os lembrasse! Confundidos e despresados perderam-se para sempre. O que importa? Á sua gloria, de certo nada. O monumento ficou na memoria da posteridade. Á honra e cultura do paiz, sim; essas tem de que se envergonhar; alguns palmos de marmore liso com uma inscripção aberta, erão sacrificio bem pequeno para as resgatar.

Um homem, que apenas despontou a liberdade em Portugal, e mesmo antes, a serviu e amou sem alarde, mas com devoção, tirou da mediocridade das suas posses e da boa vontade de outros amigos a despesa, com que se fez o enterro de Elmano, e julgou cumprir um dever de cidadão e de amigo, prestando as honras funebres ao poeta.

O sr. José Pedro da Silva, ainda vivo, e actualmente empregado na Secretaria da Marinha e na Camara dos Pares, foi a providencia de Bocage durante a enfermidade, não desamparando os seus restos senão quando o ultimo punhado de terra os escondeu para sempre. Talvez por isso o padre José Agostinho de Macedo lhe não perdoasse. A sua fidelidade á memoria dos mortos, e a sua adhesão aos principios liberaes deviam provocar-lhe a inimizade do critico. A loja de bebidas do Rocio, denominada «botequim das Parras» por uns, e «Agulheiro dos sabios» por outros, aonde se reunia muitas vezes Elmano e o *claro auditorio* que o rodeava; aonde depois continuaram a juntar-se poetas e escriptores conhecidos, era propriedade do sr. José Pedro da Silva, e d'ali partiu mais de uma seta, que ficou no coração de Elmiro, nome pastoril de José Agostinho. Denunciado por esta convivencia á veia satyrica do auctor das «Pateadas» o honrado e sin-

cero velho entrou na escolhida companhia das victimas illustres do auctor dos *Burros*. Não lhe foi mal!

Bocage, devendo aos conselhos e assiduidade do sr. José Pedro a impressão das suas ultimas poesias, e os soccorros avultados que lhe produziram, vingou-o anticipadamente no soneto, que principia:

> Josino amavel que, zeloso, engrossas
> Bens, que mesquinho Apollo aos seus permitte;

O testemunho cordeal de gratidão dado assim ao amigo, que noute e dia lhe velou á sua cabeceira, e diligente foi bater ás portas dos admiradores e affeiçoados, honra o louvado, e o louvador. Por isso disse Elmano que:

> Pagava em metro o que devia em ouro!

Philinto Elysio, o velho Philinto, que lhe saudára o estro, e foi o penultimo vate d'esta geração poetica, sobrevivendo ao cantor de «Leandro e Hero» dedicou-lhe um epicedio, digno de ambos. Sentindo a mão da morte, sobre a fronte pesada de invernos, o traductor dos «Martyres» inclina-se diante da urna do mais novo dos filhos de Apollo, e os dedos convulsos tirão sons da harpa, que recordam em alguns longes o suspiro elegiaco da lyra hellenica:

> Elmano; oh vate! A abelha em teu moimento
> Sempre o seu mel componha!
> Maná dos céus e balsamos da Arabia
> Ali distilem; louros enverdeçam,
> Heras, nevados lyrios!
> Basto rosal com mil botões o abrace!
> Mangerona, tomilho, e a flor vermelha
> Que annuncia em queixumes
> De Ajax a dôr, n'um ai tinto em seu seio!
> Do Sado as Nymphas, Nymphas do aureo Tejo,
> E as Indicas Nereas,
> Com lagrimas a campa lhe humedeçam!

José Agostinho, recentemente reconciliado com Bocage, consagrou-lhe tambem duas poesias, elevadas na idéa, e grandiosas no estylo, postas de lado as imperfeições parciaes. O Epicedio, começa em phrase epica por esta bella interrogação:

Quem póde, ousado, liquidas torrentes,
Que do cume dos Alpes se despenham,
Quando o gelo descoalha o sol brilhante,
Na carreira suster? Leva espumoso
Vortice ao mar correndo, a pedra, o tronco
E desdenhando o dique, o campo alaga.
Quem póde aceso, crepitante raio
Na carreira apagar, suster na queda?
Rompe as nuvens, estala, desce á terra.
Bronze, ferro, são pó, se oppor-se atrevem.

Depois d'estes gemidos da harpa christã, o silencio do tumulo, e o enverdecer do louro no chão sagrado, aonde a posteridade vem suspender a corôa dos que mereceram viver alem dos breves dias da carreira mortal!

IV.

Quando contemplamos attentamente o retrato de Bocage, e observamos de perto aquella physionomia peninsular, em que as feições estão vigorosamente accusadas; quando reparamos na testa espaçosa, em que a luz do estro parece circular ainda, e nos olhos azues e rasgados, que tanto deviam scintillar, quando a inspiração baixava, revela-se-nos o caracter do poeta e a indole do seu engenho, pelo exame da reflexão. Vendo-o, a consciencia diz-nos que os planos pacientes da cubiça, e da ambição, não occuparam um só instante a alma, que existia inquieta e dolorosa, como a pinta a expressão do rosto. Pela pallida tristeza das faces percebemos, que o homem foi pouco ditoso; que o vate estremeceu com as sensações do orgulho e dos triumphos, e que não se embriagando com a seducção das honras e da opulencia, pagou o tributo, que em todos os tempos tornou cruel ao genio a sua gloria, embora o console depois, a crença na justiça da posteridade.

Herdeiro dos infortunios da sua raça (porque os cantores da sua elevação pertencem á mesma familia intellectual) a existencia fugiu-lhe na virilidade do talento, consumida interiormente pelas vigilias das paixões, gasta no corpo e nos sentidos pelos abusos e excessos. Arrastado pelo ardor das aventuras, e pelos impetos de selvagem independencia, a insoffrida agitação do animo desviou-o da serenidade, com que podia restaurar a organisação debilitada, reanimando no seio de uma vida pacifica as forças do engenho, na hora da sua madu-

reza, quando a imaginação póde crear as mais bellas concepções. Para fugir ao castigo de Icaro, é necessario que a inspiração saiba conter-se; e que antes de soltar o vôo saiba comparar e medir as distancias, para evitar o desastre.

A natureza não favoreceu a Bocage com a gentileza pessoal, realce de outros poetas afamados. Faltava-lhe o perfil aristocratico de Byron, e a physionomia delicada de Lamartine, na mocidade. As fórmas e as paixões eram nelle as do povo, que o amava, e entendia, apesar dos moldes classicos, em que lhe cantou sempre. Descrevendo-se, em momentos de veia epigrammatica, o cantor de «Leandro e Hero» com jovialidade talvez forçada, cede claramente dos attractivos de Narciso. Magro e trigueiro, de estatura mediana e curva, o corpo parecia pesado de mais para as extremidades; mas nesta constituição defeituosa havia comtudo o que quer que fosse, que o não deixava confundir. Os cabellos compridos desalinhados, e o movimento machinal dos dedos, augmentando-lhes a miudo a desordem, eram outra feição natural d'elle. O sorriso pouco acodia a animar-lhe as faces macilentas. Melancolico até no meio das scenas de maior alegria, ainda conservava a tristeza no rosto, e já o delirio tripudiava em torrentes de versos picantes e maliciosos.

Mas a audacia da intelligencia, e o ardor da imaginação, faiscando da pupilla, é que davam ao semblante aquelle ar de juventude e belleza, que seduz. Quando se arrebatava, até a mesma irregularidade se transformava em gentileza; e por uma dissonancia caracteristica o bello espiritual, passando pelas feições, tocava-as por momentos; este condão raro, possuio-o Elmano sempre que o calor da composição, subindo á mente, annunciava o deos, chamado Estro. E que poder tinham, então, os olhos em que fallava a alma! Que elegancia viril não assumiam os movimentos, subjugando a natureza! Que fascinação electrica a daquella fronte, radiosa á força de energia e de expressão!

Assim transfigurado pelo furor divino, é que venceu os corações vulgares, celebrados nos seus versos, obrigando as vaidades feminis a perdoarem a falta dos dotes, a que mais se inclinam! Assim é que suspirou, e foi ouvido de orgulhosas isempções, para as quaes julgariam outros grande arrojo levantar sómente os olhos, quanto mais a esperança!

Nos braços de admiradores sinceros, proclamado nos auditorios o primeiro dos cantores, Bocage tudo ousou nos seus affectos voluveis, sendo mais feliz, do que merecia. Incapaz de sentimentos constantes, devorado de injustos ciumes, despota e exigente por altivez e descon-

fiança, de cada paixão ephemera creava um ideal momentaneo; e de cada dia de delirio fazia um martyrio para o objecto da sua chamma, e para si. O capricho, a sensualidade, e o amor proprio (ignoramos se rara vez junto da primeira juventude algum extremo verdadeiro e profundo!) lançaram-o aos pés das *mil deidades*, Marilias, Natercias e Ulinas, cantadas nas suas estrophes, abrasando-se hoje em repentinos desejos, sepultando, surdo e ingrato, amanhã, na devassidão até a memoria do que tinha adorado mais! Sem obedecer ao calculo profundamente egoista de Goethe, sem absorver com olympica indifferança, como elle, o affecto puro e innocente, recebendo o sacrificio, e não o compensando, amava como vivia, refugiava-se da ternura de uma nos sorrisos de outra, e vagueando de flor em flor, banhou de lagrimas a mão de tantas santas, e beijou os altares de tantas formosuras, que é duvidoso se foram os sentidos que o enganaram, ou se os enganados foram os sentidos!

Quem o ouvisse exhalar em gemidos melodiosos os zelos da ausencia, e os cuidados do rigor, julgaria escutar o Petrarcha diante da visão de Laura, ou o severo Dante, apagando da palpebra envergonhada o pranto amargoso. Todavia em Bocage o astro declina depressa para o occaso. A sede é facil de mitigar. Os nomes e os idolos variam, quasi a cada hora. Seriam as damas d'estes enleios casuaes promptas em esquecer, e levianas em sentir, como o poeta? Borboletas fascinadas correriam atraz do esplendor, salvando-se do remorso e da saudade, que sobrevivem ás verdadeiras paixões, e são o luto e a viuvez da alma, quando se uniu á alma?

Uma tradição, com visos de provavel, assegura-nos a fidelidade de Elmano (nos derradeiros tempos) á dedicação de uma senhora, digna de captivar o rei da harmonia com os grilhões de flores, que o Tasso prestou a uma das suas Divas. Irmã de um amigo intimo; formosa da belleza, que prende os sentidos, e das graças do espirito, que enlevam a intelligencia; capaz de entender a existencia attribulada, que vinha domar-se aos seus pés, e de fazer passar do seu coração para ella as consolações e as esperanças, que derrama a religião sem fanatismo, e infunde o amor sem fraqueza, parece que, por fim, conseguiu converter a inconstancia do poeta a ponto de o levar a resumir todos os desejos na posse de uma posição, que lhe permittisse socegar das tempestades e desvarios, que o mataram, no regaço amoroso da ternura virtuosa de uma esposa, feita para o tornar feliz, e em tudo merecedora de illustrar o seu nome, associando-o á gloria do cantor de Hero!

Nos ultimos e cortados dias da agonia, achamol-o no leito de

dor, revendo a imagem querida em saudosos colloquios de poeta. Mais de uma allusão dos vates seus confidentes; mais de um suspiro, ainda quente de lagrimas, indicam que elle amou e foi amado até cerrar os olhos.

São claros para firmar esta conjectura os lindos versos da collecção «Dos Novos Improvisos durante a sua molestia.» Quem geme d'aquelle modo abjurou o culto das falsas divindades. É a paixão; é o seu grito doloroso! A magoa da separação; a pesarosa melancolia, com que contempla a vida despedindo-se; e o delicado extremo, que não duvida disfarçar as penas proprias por não exacerbar as alheias, são melindres e sacrificios, que o puro ideal não adivinha. As Marilias e Natercias da mocidade estão longe d'esta adoração espiritual, d'este adeus de um immenso affecto. O nome invocado não o profanou como aos outros. Morrendo com elle no coração e sobre os labios, occultou-o dos homens até entregar o espirito a Deus:

Comtigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o Ceu me priva,
Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva,
Lei (sendo etherea!) ao coração penosa.

Vendo sumir-me por morada umbrosa,
Ah, não desmaies, a constancia aviva,
E por artes de amor, de amor oh diva,
Do não gosado amante os manes gosa.

Mais doce orvalho de teus olhos desça
Á (linda como tu) melhor das flores,
Que em torno á campa se abotoe e cresça:

Passeia entre os meninos voadores,
Une a mãe aos filhinhos, e pareça
Da morte a solidão jardim de amores.

N'este soneto, embora em um ou outro verso seja sensivel certa frouxidão, circula o ardor do estro, e respira quanto ha de fino e affectuoso na paixão. Os dois quartetos, sobre tudo o segundo, pintam admiravelmente a doçura reflexiva do amor-saudade, que se alimenta da memoria, e vivendo só da alma, se levanta puro acima dos sentidos. D'esta elegia tão breve, e tão suave, exhala-se a tristeza meiga, resignada em soffrer a dor, e heroica em saber contel-a. Depois das la-

grimas derramadas sobre os sorrisos da esperança, que lhe vão apagando as sombras do tumulo, lança um verso magnifico, quando exclama: «Do não gosado amante, os manes gosa!»

Como é profundo este grito sublime, que exprime a derradeira vista lançada á viuvez da ternura por consolação estrema! As flores regadas de prantos como hão de abotoar-se em redor da lousa; e a solidão do jazigo como ha de converter-se em jardim de amores! Entre os dois a vida continúa pela memoria! Eis os toques que não sabe ensinar a arte, mas que sente, e diz só, quem verdadeiramente amou. Adorando profanas e distrahidas formosuras, e celebrando os tormentos do ciume, e o incendio dos desejos, Bocage nunca tinha achado estas notas raras, que estremecem a alma até ao intimo, commovendo quanto ella encerra de meigo e compassivo; que lhe lembram na pena do poeta as penas proprias; e aquelle suspiro, que em todos nós se molhou de lagrimas, quasi sempre, quando arrancamos uma paixão do peito, cortando metade da existencia! A sensibilidade de Elmano, excessiva como foi, concebe-se o que devia de padecer, tendo de acordar no tumulo do ultimo sonho!

Se o amor lhe inspirou a melancolia suave em vez dos zelos, e da apotheose dos sentidos; se depois de se queimar ao fogo impuro dos appetites uma nobre aspiração, lhe tocou no coração com o dedo das graças; o principio religioso, a crença das verdades e mysterios da lei revelada, (não contando as horas de ostentada impiedade) guiou-lhe a mão tirando da harpa christã hymnos proprios do assumpto escolhido por tantos vates. Já o dissemos, era n'elle profunda a fé, e chegava a ser mesmo supersticiosa; os seus erros e devassidões nasceram da sêde dos applausos. Toda a sua vida, e sobre tudo a agonia contrita, protestam contra o atheismo apparente, e o escarneo fingido, que por fraqueza ousou representar, constrangendo a consciencia afim de grangear affrontosos elogios!

A religião nos seus versos sobe á altura, em que o espirito a deseja; as harmonias, em que a celebra, são da alma, e não do artificio. Menos suave, e menos reflexivo, do que Lamartine, em cujos quadros se diffunde a dourada luz da imaginação atheniense; cuja voz é mais exterior, do que devota na essencia, ao passo, que lhe escapa ás vezes pelo fundo do painel a vista mundana, Bocage adora sinceramente, e em rasgos desiguaes, mas extraordinarios, eleva-se á eloquencia dos Tertullianos, e em trechos admiraveis — separando o divino do profano — rastrea a devoção dos grandes apologistas. Entre os labios e o coração não se percebe calculo. Não canta a pureza da Virgem, não lança em traços epicos as grandes imagens dos prophe-

tas: não treme, não chora, como um actor traduzindo personagens de scena; a sua inspiração rebenta do sentimento, se canta é porque ama, adora, e crê! Nada de amaneirado, nem de hypocrita; nenhum modelo, nenhuma especulação, filha da cubiça ou do orgulho. Similhante ás melodias de occulto côro está longe da vaidade, quando larga o plectro, e toma a cythara de David. Não combina um papel; diz o que sente, o que desde a infancia acreditou e temeu; porque os terrores da superstição acompanham as suas crenças até ao fim. Os agouros, a idéa do castigo imminente e da expiação immediata, apar da idéa das chammas eternas, fazem-o tremer mesmo no meio das orgias em que ria de si e do Deus, que a consciencia logo lhe mostrará com o raio erguido, e face irada! Verdadeiro abysmo de contradicções, o remorso e a desesperação seguiam os impetos momentaneos dos vicios. Para cobrir a sua nudez e as suas manchas negava o poder e a magestade infinita; e uma hora depois, via-se de joelhos, prostrado, attestando a existencia da Divindade e do mundo invisivel, mas offendidos e rigorosos!

A caridade, terna irmã do infortunio, foi uma virtude innata n'elle, e esmaltou-lhe a vida de rasgos admiraveis. Retirando-se chorosa e desattendida dos palacios, a desgraça não bateu nunca debalde á humilde porta do vate. Compassivo, verdadeiro coração de poeta, não podia ouvir a dor, nem ver a miseria sem as soccorrer. Pobre, pertencia aos pobres quanto possuia. O grito da afflicção deixava-o triste por muitos dias. Nem os prazeres, nem os triumphos, nem as promessas tinham poder sobre elle em se tratando de vestir os nús, ou de matar a fome aos desvalidos.

Entre muitas anecdotas sabidas dos seus amigos refere-se uma, propria para pintar a alma de Bocage. Dava-se uma festa, das que então se não reputavam completas sem o indispensavel realce da poesia; e o dono da casa, julgando o serão triste se deixasse de possuir Elmano, fallou-lhe, e instou-o, sem elle ceder de se negar. A poder de esforços conseguiu por fim adivinhar o segredo da reclusão do novo heremita. Não tinha sapatos, e faltava-lhe trajo decente para uma companhia. Conhecido o obstaculo, pouco se demorou o remedio. Veiu o vestido, e segunda supplica de não se recusar; prometteu o poeta; e annunciou-se a sua vinda. Até muito tarde foi esperado, e como não chegasse, veiu a metter cuidado a sua falta. Ao outro dia, indagando-se o motivo da ommissão, era um mendigo quem a explicava! O pedinte, entrando-lhe pela porta, estendeu a mão: «Estamos em igual estado, meu amigo; não possuo um só real.» Morrerei então de frio e fome!.....—«De frio não queira Deus!» gritou Bocage com as

lagrimas nos olhos, «vista esse fato, cubra-se com elle!» E deu-lhe quanto acabava de receber!

Despindo-se para aquecer o mendigo, e ficando mais pobre e desconfortado do que elle, Manoel Maria envergonha os moralistas de cartaz, que o laceravam, porque voluvel e moço, não corria todas as igrejas em ostentação devota.

Contam-se como este immemoraveis lances; e bastaria apenas um para o lavar de bastantes culpas aos olhos de juizes, dignos de avaliarem as paixões pela enfermidade humana, e não pelo typo das virtudes absolutas. Quando a Magdalena ungia os pés a Christo, e os seccava com as tranças, as maculas passadas desapparecião perante a palavra do Salvador. Quando o Santo cortou metade da capa, e a deu ao caminhante quasi nú, os anjos entoaram o hymno das bemaventuranças. Severos, com a verdade, devemos ser justos como a razão; fôra iniquidade esconder a claridade, quando ella desvanece as sombras de muitos erros.

Mas este engenho, que devia estar seguro de si, na poesia era devorado pelo mesmo ciume, que o consumia no amor. Os applausos em não sendo para elle feriam-lhe o coração! Costumado a ser o idolo dos auditorios, levou o orgulho ao excesso de impor a admiração com tyrannia. Algumas vezes até a inveja (deformidade de almas vis e de intelligencias infimas), veiu arrastar-lhe o caracter, suando o veneno de satyra só porque notava na obra dos emulos materia de justo elogio. Zeloso da reputação tomava por injurias os triumphos ganhos pelo merito alheio. Não soffria que escutassem outro; não queria que as ovações coroassem senão a sua fronte. O ardor da gloria, e a loucura da aura popular, cegavam-lhe a mente e o espirito. Para alcançar as acclamações ephemeras dos ouvintes, sacrificaria tudo, desde o amigo até á propria estimação. Sem se respeitar entregava-se á ebriedade poetica, fazendo tribuna do lugar aonde se achava, e tomando para texto o primeiro mote. Era assim que esparzia ao vento harmonias (quantas vezes falsas!), e que subindo de esphera em esphera, como elle dizia, chegava a perder o rumo e a esgotar as forças.

Este orgulho aggressivo foi a origem dos dissabores, que mais o affligiram, e a causa fatal das manchas que lhe desfeiam as manifestações do genio. Fallando de si esqueceu inteiramente a modestia (esse pudor do engenho), e obrigou a posteridade a louvar menos, do que elle!

Se alguma vez foi permittido ao homem exceder-se no elogio de si mesmo, é quando a calumnia e a inveja mordem qualidades, ou imputão vicios, que envolvem deshonra e vilipendio. Então sim, é li-

cito, é decoroso, levantar-se o forte, para no interesse de todos calcar com o pé o reptil, que a impunidade torna audaz. Mas empolar a hyperbole, cantar o deus, erigir o altar, e descobrir só merecimentos em si para ser adorado, é uma ufania arrogante, que faria hesitar a imparcialidade, se Bocage possuisse menos finas armas, e genio menos incontestavel. Nem Virgilio, nem o Tasso, nem o Dante penhoram com similhante arrojo o juizo do futuro, proclamando a servidão dos contemporaneos. Nenhum d'elles, apesar da fama que os immortaliza, cantou a apotheose pessoal, que Elmano não duvida repetir a cada passo.

> Contra a nobre altivez, que em mim resurge,
> Uive o zoilo mordaz, injurias ladre!
> De rojo pela terra, a vil serpente
> D'aguia, que arrosta o sol, deteste os vôos!
> Sejam no tribunal do vulgo inerte,
> Sombra o fulgor, o enthusiasmo insania.....

Illusão! O fulgor não se cobre de sombras, quando despede os raios puros, e brilha sobranceiro aos pantanos da inveja e da mediocridade! A aguia, com as azas altas, subirá sem ser alcançada pelos zoilos, se não humilhar os vôos, descaindo com o peso de paixões ingratas. O enthusiasmo, quando o sentimento do bello o acendeo, e a grande inspiração dos bardos o impellio, é furor divino, e não insania; mas o cantor de Leandro e Hero, o auctor do Tritão, e da Medeia, o Petrarcha portuguez, devia conhecer-se melhor, e não desmanchar a magestade da physionomia, baixando de principe da arte a mendigo de louvores. O nobre poeta Bocage não devia confundir a voz de Orpheo no arruido metrico das cigarras do Parnaso embora a adulação lhe votasse corôas. Ser ali o primeiro equivalia a ser o ultimo!

Mas a ambição dos applausos podia mais com elle, do que o decoro de poeta. Nas ovações dos auditorios achava o deleite, o estrepito, e a embriaguez, que o louvor das obras dictadas pelas musas não offerece. O impeto dominava-o; a adulação fazia-o desvairar. As palmas cortavam-se-lhe tão faceis nos delirantes improvisos de repentista! O verso obedecia tão docil á agitação do improvisador! O gosto geral, o exemplo de rivaes felices, e a vocação invencivel chamavam-o por meio de tantas seducções, que era arduo resistir, mesmo para outro mais senhor da vontade, e menos cego de falsa aura popular.

Depois, a natureza tinha-o dotado de uma facilidade quasi sobrenatural. O metro era a sua lingua; a imagem a côr deslumbrante do

pensamento; e a harmonia a sua voz constante. Sempre trazia o canto á flor dos labios; e sem esforço desatava-o em torrentes.

Os repentistas formam um typo, com feições caracteristicas, na escola dos fins do seculo XVIII, e começo do actual. A paixão actual da sociedade pela musica, e pelos recreios com certo verniz de philosophia amena, ardia então pela esgrima de Apollo, pelos combates de rimas, pela competencia de muitos concorrentes da gaia sciencia, que o furor divino não visitava, mas que os olhos pretos, azues, ou verdes das Analias, Marilias e Natercias faziam arder em sacra chamma (diziam elles) para martyrio do ouvido e supplicio da razão.

Chuviam insulsas decimas e descabellados sonetos, coxos e enfesados filhos do adulterio da impotencia com o atrevimento. Os outeiros e abbadeçados nutriam as orgias metricas; os refinados e dulcificados galanteios e requebros da grade entretinham o culto dos versos preciosos e sybilinos, com chaves de ouro nas allusões, e perfumarias ridiculas nos conceitos. No reinado de D. João V foi o apogeu d'esta forja de metrificadores incuraveis, cujos labyrintos e silvas cheias de espinhos, cujas enredadas colcheias engrossam muitos volumes, dignos da fogueira expiatoria da ama de D. Quixote. Era a mesma loucura; e acabou pelo escarneo tambem!

De toda essa plebe de Laras poeticos sobrenada apenas a memoria de um ou outro pela influencia de escriptos mais serios, ou pela tradição do seu genio espirituoso. O Camões do Rocio, e o Pinto «Renascido» pertenciam á pleiade, mas fugiam mais dos alaridos versificatorios. Eram repentistas com prazer, servia-lhes de thema qualquer puerilidade; porém tinham o sizo de queimarem o que lhes parecia mais inferior. Assim mesmo dois terços do que nos conservaram podia desaparecer para bem dos auctores e dos leitores!

Satyricos, e meios moralistas, escolhiam os locutorios e as salas para theatro das picantes, e ás vezes mais do que frescas improvisações. Viviam e amavam a rir; e alem do florete, que não duvidavam tirar da bainha, puniam com a frecha do epigramma a rivalidade dos galanteios, ou a maledicencia dos invejosos, junto das academias e corrilhos, que empunhavam o sceptro litterario, expedindo diplomas aos aulicos das musas. O Camões escolheu para alvo dos seus gracejos a um marquez torto, e estulto; e a voz publica murmurava depois da sua morte, que o Corregedor do Crime tinha recebido um testemunho bem cruel da infame vindicta de seu Pasquino.

Thomaz Pinto ainda renasceu mais em odio, do que em engenho, pela raiva com que perseguiu um frade, que incorrera no seu desagrado, e que por este simples erro é apupado todos os dias nas poe-

sias do seu inimigo. Em fim o padre Braz, Aretino de burel, solta a Nemesis chocarreira e a miude improba, sem perdoar a sexo, nem a edade!

Estabelecida a Arcadia do Diniz, e postos em vigor os mandamentos horacianos, o mote e a glosa, o soneto vagabundo, e a decima enternecida, acolheram-se ao sagrado dos serões poeticos e dos outeiros, aonde reinaram com absoluto imperio, rindo-se da austeridade dos pastores do Ménalo, e da solidão, que o povo, incapaz de os entender, fazia á roda do seu theatro e dos seus modelos expurgados, em quanto acodia ás operas do Judeu e ás lôas das romarias. O Garção em uma das peças comicas figura com maligna pintura uma d'essas assembleas da moda, não omittindo a aria obrigada da filha da casa, o dueto do estilo, e as volatas de cravo, tudo realçado pelas decimas e quadras dos Fustotes.

A inclinação ao devaneio em verso manteve-se; e continuaram a homisiar-se nas traidoras afinações de rima quantos desvarios e absurdos passavam pela cabeça dos Coryanthos e Menalcas. Quando Bocage veiu ao mundo, quando saiu da infancia (já o dissemos) achou a mania no seu auge; e á volta de Goa, sentindo grandes disposições para representar o primeiro papel, metteu-se na onda, e concorreu para ella nos invadir de todo. Desde a procissão do Corpo de Deus, e o serão da vespera, até ao festejo do mais humilde convento, o outeiro apoderava-se de tudo, e os repentistas applaudidos dictavam as suas leis. Auditorios e partidos augmentam e hostilisam-se; a contenda anima-se com a presença dos rivaes; e á similhança dos antigos torneios, os olhos pretos e o sorriso terno ou esquivo das beldades, fazem estragos mortaes nas quadrilhas dos campeões do Parnaso. Estas guerras do «alecrim e mangerona» pelejavam-se em quadras e tercetos. O poeta Caldas, o namorado Lereno, acompanhava-se á guitarra, improvisando louvores ás graças no occaso de algumas damas, que o retribuiam (diz Bocage) com pausas nas pitadas, e lagrimas nos lenços!

Com o genio e o orgulho de Manoel Maria, com o seu amor das ovações, e as suas tendencias a exercer a supremacia, não era preciso mais para o excitar, forçando o estro a prodigios de enthusiasmo e de energia metrica.

Elle que nascera cantor, a quem o verso corria dos labios como a veia acode ás fontes, devorado de paixões violentas, queimado de desejos voluveis, mas impetuosos, possuia os dotes, que enriquecem a phanthasia prompta dos improvisadores da Italia, da Grecia, e do sul da França. Imaginação intensa, celeridade de intelligencia, mimo de

idéas e phrase colorida, tudo o soccorria a ponto, assegurando-lhe decidida vantagem. As imagens, os pensamentos, e os versos multiplicavam-se com admiravel facilidade. Quando o visitava a inspiração, quando com chamma subtil a poesia vinha beijar-lhe a mente, dir-se-hia que a vida physica cessava n'elle para só dominar a alma. Como nota um dos seus biographos, julgar-se-hia que os sentidos exteriores, perdida a consciencia de quanto os rodeava, sentiam para dentro.

Dispondo-se para recitar, era habito seu reclinar meio corpo sobre um movel, absorvido por minutos, e sem despregar os labios. Durante este periodo de curta incubação as posses do engenho concentravam-se, e a intelligencia estendia a vista rapida pelos thesouros, antes de tentar a lucta; não fallava então, nem attendia. De repente brotava o primeiro verso, e rapidos, cerrados, e fogosos seguiam-se os outros. O semblante transformava-se; os olhos relampejavam; os gestos e as paixões, com eloquencia muda, acompanhavam a eloquencia da palavra, e traduziam a exaltação que se acendia. O demonio poetico apoderava-se-lhe dos movimentos, estampava-lhe no rosto a expressão da belleza, e a alma vestida de fogo e de harmonia subia ás alturas, que eram tambem ás vezes os precipicios do seu genio. Ao passo, que a torrente se despedia, que o soneto excedia o soneto, que o verso atropellava o verso, arrebatado e esquecido de tudo para ouvir o deus, interrompia-se saudando elle proprio os prodigios que faziam palpitar em roda os auditorios numerosos. «*Isto não morre! Isto é meu!*» era o seu grito de triumpho. Findo o ultimo terceto, e retumbando nas salas as acclamações, erguia a fronte, e exclamava: «É magnifico; mas ahi vae melhor!?» E novas peças nasciam e brilhavam até a voz e as forças desfallecerem, não se cançando a potencia creadora! Se a idéa principiava a offuscar-se um pouco, vilicava o cerebro, esfregando com rapidez a testa, ou machinalmente beliscando os peitos. Os dedos mettidos no cabello, em desalinho, mas em acordo com a desordem sublime da physionomia, eram outro movimento muito frequente nelle em taes occasiões. A interrupção não o cortava, respondia; e a corrente proseguia sem se deter, porque a attenção não se desviava. A memoria, outro dom rarissimo, no elevado grau em que a possuia, guardava fielmente as producções espontaneas, salvando-as do esquecimento, quando eram dignas de viverem.

Novo Lucilio, comprazia o orgulho em attestar as qualidades de repentista; e o nobre poeta Bocage, escravo de elogios anciosamente requestados, atirava a lima com impaciencia, levantando mão de obras meditadas para correr atraz da veia impetuosa. No dom de improvi-

sar, presente funesto a alguns respeitos, viu a gloria, e creu de leve, que estaria a immortalidade; julgou que a aura quasi vã de ephemeros cantos, podia resistir ao tempo como as paginas, que a arte apura nas vigilias. Cuidou que as acclamações do amphitheatro anticipavam a saudação da posteridade, e que as explosões do estro igualavam a luz, que viva e brilhante sempre esclarece os monumentos de Homero e de Virgilio! Arrebatado em fogosos devaneios, quando subjugava os auditorios, e fazia curvar o joelho aos emulos, tomava a demencia do vate pelo poder do genio, que transcende as edades:

> Igneas canções brotei co'um Deus na mente!

exclama descrevendo as luctas, em que se alçava com arrojo magnifico; mas como olvidou, que estes clarões fugases, deslumbrando ouvintes ebrios só brilham momentos? Porque suppoz, que a inspiração febricitante era mais do que um sonho, que a razão engeita, e a tradição memora até se offuscar nas sombras, se não vive de outro titulo? N'esses momentos de enthusiasmo, o gosto não consulta, a reflexão foge quasi envergonhada, e só figuram o esforço e o fingimento do bello, mas não o bello no seu typo eterno e duravel. A harmonia engana em quanto seduz o ouvido, mas passe da voz á estampa, e as impurezas hão de ressumar, a deformidade apparecer, e o fructo imperfeito, privado da doçura da maturidade, será posto de lado. Que importa, que as graças adoptem aqui e ali um pensamento feliz, e um rasgo audaz? Falta a unidade, e a correcção! O improvisador não cabe na arte, e a arte, se o conhece, é como filho prodigo. Dos thesouros, que lhe tinham sido confiados lançou ao vento em melodias casuaes os dotes e riquezas mais preciosas. Violentado, o engenho vinga-se, substituindo a hyperbole e a harmonia mechanica á sublimidade e á nobreza do estylo. As musas delicadas não corôam senão quem as amou por ellas com ardor casto e perseverante. Por fortuna Bocage foi mais do que repentista. Sem isso o logar do imitador de Ovidio na poesia nacional seria hoje abaixo de muitos seus inferiores:

> Fui cysne junto a cysne, e dei taes vôos
> Que as azas no improviso os ceus roçaram.

Repete elle. Os homens do seu tempo asseguram que era assim. Mas o que sobreviveu d'esses rasgos inspirados:

> Nas promptas reflexões do enthusiasmo?

O que sabemos d'essa chamma divina, poderosa fascinação do repentista sobre os auditorios, quando absorto elle, e electrisados todos, realisava a imagem que de si mesmo traça no prologo das *Plantas*?

> Sinto no coração, na voz, na mente,
> Tropel de affectos, borbotões de idéas,
> E eis o Deus! eis o Deus! exclamo, e vôo
> De repente onde mil não vão d'espaço!

Alguns versos conservados pela religião da amizade, alguns sonetos filhos espurios da embriaguez poetica, recolhidos pela memoria, adoptados pelo amor proprio, e meios purificados pela reflexão!

O peior dos effeitos d'esta faculdade, de que Elmano usou e abusou tanto, foi a servidão de copistas sem talento. Exagerando as temeridades do mestre cuidaram igualar-se com elle. A audacia pueril das hyperboles e inversões quiz attingir debalde o arrojo epico da locução, que era o *eu* de Bocage, a sua força, e o seu segredo. A empresa excedia as posses dos imitadores. Cairam; mas estragando o gosto com a parodia do grande estylo, que sabia vulgarisar a poesia sem baixar da necessaria elevação, ou inchar-se de ridicula turgidez.

De certo ainda ficaram representantes d'esse tempo e d'essa escola; e esses até aos nossos dias a honraram. Seria injusto condemnar sem exame os versos correctos e suaves, que viram a luz durante a carreira esplendida de Bocage, e depois d'ella. Mas quem herdou a harmonia e magestade do seu metro? Quem possuiu, como elle, o dom de engrandecer os assumptos, infundindo na phrase e na imagem, a vida, que as suas respirão? Que repentistas, (morto elle) se apontam, amando na poesia a inspiração e no engenho o estro, aves melodiosas a quem servisse qualquer ramo para trinarem os seus gorgeios?

É tempo de passarmos ao quadro da guerra dos vates. As victimas de Elmano não são menos illustres nem menos numerosas, do que as do critico Boileau. Sem se arrogar a auctoridade de legislador do Parnaso, Manoel Maria exerceu de vontade e poder absoluto, pelo terror da satyra, um imperio despotico, e uma influencia incontestavel. O ciume dos emulos, a inveja dos inferiores, e a sua propria vaidade irritada, concorreram diversas vezes para excitar a indignação dos immortaes no meio dos sorrisos das Hebes, e do nectar do Olympo.

Refregas longas, combates singulares, e tiroteios de epigrammas, enchem a tela d'estes conflictos incessantemente renovados, e deve-se

confessar que Elmano, desafiando as iras, sabia fazer do sceptro uma clava, e do verso uma lança magica. Nenhum dos contemporaneos saiu illeso do seu encontro; e raro seria aquelle, a quem não ferisse no amor proprio o dardo satyrico do adversario do padre Macedo.

V.

Nas guerras do Parnaso, em que o vamos descrever, apparece-nos Elmano fogoso de imaginação, senhor do metro, e violento na satyra, não perdoando aos emulos, e não deixando impunes as offensas. Se teve detractores, contou ainda mais amigos e devotos. Em roda do enthusiasta e do repentista ajuntava-se uma cohorte de talentos, á qual a admiração pelo mestre duplicava os brios, sendo perigosa para adversarios e invejosos a rara facilidade de poetar, que o distinguia. D'esta côrte, de que Bocage foi o Apollo, e póde dizer-se que a alma e a inspiração, ainda chegaram á nossa geração alguns cantores; ainda nos lembram a miudo esses velhos tão ligeiros debaixo do peso da edade e dos desgostos, tão familiares e risonhos como as musas da sua escola, em fim tão ricos de recordações e amabilidade, e tão pobres de tudo o mais, quasi que sem nunca o sentirem. D. Gastão Fausto da Camara, o Morgado de Assentis, o sr. Bingre, e tantos outros que salvaram intactas as tradições da primeira época e a saudade do vate, que foi a expressão d'ella, não podiam nem mereciam esquecer. Ouvil-os, quando a memoria os soccorria, e vel-os restituir os quadros do seu tempo, era entrar na intima convivencia do passado, e na instructiva conversação dos mortos, que o agitaram.

A anecdota litteraria, de tanto sal na historia intellectual, caía dos seus labios graciosa e com uma côr natural, que ainda a tornava mais preciosa. Devemos-lhes a idéa clara, e a pintura espirituosa dos vultos, dos costumes, e das luctas do começo d'este seculo. Impressas no animo pelas narrações contemporaneas, tocadas d'aquelle ar de vida, e d'aquelle sabor de verdade, que a leitura e a reflexão só por si nunca alcançam, parece que ensinavam mais em uma hora ácerca do caracter dos homens e das cousas, do que, em largos volumes de polemicas e commentarios, se viria a aprender.

Quando Bocage, em um soneto, procurava disfarçar a tristeza da molestia, volvendo os olhos atraz, e exclamando:

Chalaça minha, que chibavas tanto
Na sucia dos tafues! És uma feia,
Deixas-me andar talvez por lingua alheia
Ou lá não sei por onde, e eu cá n'um canto!

referia-re ás scenas buliçosas, aos remoques, aos planos de batalha da guerrilha de Elmano contra a guerrilha de Elmiro, e das travessuras metricas, phantasiadas ao tinir dos copos e dos garfos, em descabellado convivio de poetas. Pelo movimento e desleixo descuidado d'esta comedia permanente, é que Manoel Maria suspirava, estendido no leito da dôr, e já quasi com o sudario no rosto. Aquelles que viveram alguns mezes de tal vida, com a felicidade de não se prenderem na esterilidade d'ella, sabem que não ha pobreza que a amargure, nem verdadeiros desgostos, que a envenenem. A colera, o riso, e as privações passam-lhe por cima e ao de leve, como as nuvens e os chuveiros da primavera por um ceu sem tempestade. O sol e a sombra cortam-se e encontram-se; agora escurece aqui, e se illumina adiante; depois as flores e as folhas são tantas, ligam-se, e reverdecem por tal fórma, que as gotas d'agua, de que uma planta se esmalta, um instante as traz, e outro as sécca. Assim fugiam os dias e os mezes para os repentistas da época de Bocage. O que estava rico fazia hoje as honras da bolsa e do banquete; e ámanhã, indigente como Job, e jovial como um dos heroes do theatro Venesiano, assentava-se á mesa do companheiro, e aceitava a compensação. Era a camaradagem (no rigor do sentido) das armas e da fortuna; sómente as armas eram versos mais ou menos mordazes, e a fortuna, tirando raros, era no seu estado normal o mais teimoso dos eclipses!

Não admira, por tanto, que na sua corrida folgazã por entre a sociedade, o engenho perdesse em dignidade e madureza mais do que lucrava em independencia e inspiração. Grandes obras não se produzem de jornada pelos dominios da poesia, esfolhando ao acaso, e a todas as horas as paginas de avulsos canticos. O soneto cortante, a decima atrabiliaria, o epigramma, e ás vezes tambem o rasgo epico e o sentimento elegiaco, acodem ao vate, que se entrega ao fervor divino no meio dos auditorios, e soccorrem-o segundo as posses das suas faculdades; mas o poema, filho legitimo da arte, o livro seguro da posteridade pela excellencia do pensamento e pela correcção da fórma, nunca nasceram entre charcos, arruidos e conflictos. A alma e a imaginação tambem guardam o seu pudor.

O espirito não desce sobre os eleitos senão depois de elles commungarem com a intelligencia pura, jejuados de excessos, e tranquil-

los da loucura mundana do amphitheatro. Se Bocage deixou mais do que repentes e poesias leves, deve-o aos periodos de reflexão e socego, que o infortunio, ou a necessidade, o obrigaram a sequestrar ás algazarras metricas dos cafés e outeiros. Os defeitos, de que são accusados os seus escriptos, provam o funesto influxo do orgulho e da precipitação sobre o talento mais espontaneo. As nodoas do improviso mancham em diversos logares a musa séria do cantor Elmano. Á força de não contar com as difficuldades, e de as suplantar em arrojos admiraveis, fugindo de um mal perdeu-se n'outro. Tomou por essencia da poesia a harmonia; á hyperbole e á redundancia concedeu as honras de sublimidade e opulencia. Adquiriu pouco, e gastou muito; e como tinha sempre o verso prompto nos labios, com a riqueza dos sons encubriu muitas vezes a pobreza da invenção. Era enganar-se a si, e enganar os outros; era esquecer, que aonde começa o mechanismo, e dominão só processos falsos e caprichosos, cessa a arte!

Como já se disse, a causa, ou mais exacto, o pretexto da guerra dos vates, foi a Nova Arcadia, que durou tres annos incompletos, e da qual foi protector perpetuo o conde de Pombeiro, sendo presidente o seu commensal o padre Caldas, auctor da «Viola de Lereno!» O termo arrogante e o tom despotico, assumido por Elmano desde 1791, creou as primeiras animosidades, e fomentou as discordias futuras. O seu genio voluvel, cioso, e satyrico, depressa converteu em injurias mortaes as censuras dos arcades, e a frieza dos emulos.

Lançou-se a luva de parte a parte; e se houve quem a apanhasse, o exito provou que não foi sem risco. Fallamos dos tres adversarios de Bocage, que eram dignos do combate. O resto, a plebe dos metrificadores, serviu apenas de parapeito humano ás frechas dos semi-deuses. Victimas da Nemesis do cantor de Leandro e Hero, alegraram com o supplicio os criticos e os curiosos, sobrevivendo por sua desgraça, e para recreio da malignidade publica, na peior das posteridades que póde caber aos escriptores.

Á lucta entre a Arcadia e Manoel Maria serviu de signal o famoso soneto, que se quiz attribuir a Curvo Semmedo, mas que todas as feições (como notámos) denunciam como filho da penna de Elmano. É impossivel em quatorze versos juntar mais setas, nem aguçal-as tanto. Lendo-o percebe-se a ira, que devia abrasar os motejados, assim expostos ao escarneo. A descripção das refeições pastoris; o quadro ridiculo do banquete dos vates e da escassa hospitalidade do Mecenas; e os traços que desenham os maioraes da douta corporação, attestam a mão do mestre. Desapprovando o fel, em que embebeu os pinceis, o riso não póde conter-se, sobretudo conhecendo os padecentes.

pela tradição. O desditoso Lereno, o ôco e innocente fidalgo, ufano do patronato do seu rebanho, e os accidentes da força litteraria, em que desde o principio até ao fim se agita o espirito de Aristophanes, foram descriptos com uma viveza, que não os deixará morrer. Eis o poema:

Preside o neto da rainha Ginga,
A' corja vil, aduladora, insana:
Traz sujo moço amostras de chanfana,
Em copos desiguaes se esgota a pinga:

Vem pão, manteiga, e chá, tudo á catinga;
Masca farinha a turba americana;
E o ourango-outang a corda á banza abana,
Com gestos e visagens de mandinga.

Um bando de comparsas logo acode
Do fofo conde ao novo Talaveiras;
Improvisa berrando o rouco . . .
Applaudem de continuo as frioleiras
Belmiro em dithyrambo, o ex-frade em ode;
Eis aqui de Lereno as quartas feiras.

O mais curioso é que depois d'este bilhete de comprimento Bocage ainda frequentasse a Arcadia, talvez atraz do anonymo, em que no começo se embuçou a satyra! Esbravejavam, entretanto, os offendidos, vendo-se alvo de farpas e risadas; e não descançaram até descobrirem aquelle a quem deviam o fatal retrato! Souberam-o a final; e o abbade de Almoster (assegura o sr. Castilho) tomou á sua conta a vingança commum, respondendo em um soneto, que mereceu applauso, e era digno de o merecer. Medido pela crueldade da provocação não lhe é inferior em odio, ainda que não a eguala em graça. Caro de certo custou o desforço aos innocentes e aos complices; Bocage não perdoava facilmente, e sobre tudo quando a offensa corria elogiada. Não lhe sendo possivel acertar logo com o abbade, que soube cercar-se de segredo, descarregou em geral a sua colera, e offereceu uma hecatomba de arcades ao desafogo do seu orgulho. Eis os versos do abbade de Almoster:

Ha junto do Parnaso um turvo lago,
Aonde em rãs existem transformados
Os trovistas de cascos esquentados,
Cerebro froxo ou de miolo vago.
. . . .

Aqui Bocage vive, e d'aqui ralha,
E co'a tartarea lingua ponti-aguda,
Bons e maus, maus e bons tudo atassalha.

E' vil insecto, e o genio atroz não muda;
Bem como a escura côr não muda a gralha,
E o hediondo fedor não perde a arruda.

Pobres arcades! Bem curta foi a alegria do seu amor-proprio! Apenas a dor o avisou, Elmano, investiu contra quantos suppoz capazes de serem auctores da malfadada critica, sem pausa, e sem piedade. Erguendo-se contra as faias e choupanas dos pastores, punio a cada um d'elles em seu soneto, ou em seu verso.

Entre muitas escolheremos uma das respostas:

Contra Elmano Sadino urrando avança
O esteril Corydon (1), o vão Belmiro (2),
Bernardo (3) (o Nenias), lugubre vampiro
Que do extincto Miguel possue a herança:

O curto Quintanilha (4), o torpe França (5)
O tonsurado, retumbante Elmiro (6),
Vibram tiros ao vate, e é cada tiro
Mais frouxo que pedrada de creança:
. . . .

Mas se inda a corja renovar o ataque
Bocage que fará? Pôr-se de escudo,
Perder doze vintens n'um Almanak.

Este Almanak era o Almanak das Musas, do qual sairam quatro folhetos, *offerecido ao genio portuguez*. Percorrendo-se esta collecção, bastante magra, dá-se razão em parte a Manoel Maria. O silencio em que jaz o livro, não é injusto.

---

(1) Joaquim Franco de Araujo — Corydon Neptunino.
(2) Belchior Curvo Semmedo — Belmiro Transtagano.
(3) O doutor Manoel Bernardo de Sousa e Mello.
(4) O doutor José Thomaz Quintanilha — Eurindo.
(5) O doutor Luiz Correa da França Amaral — Melyseo Cileno.
(6) O padre José Agostinho de Macedo — Elmiro Tagideu.

Não contente com o martyrio collectivo, Bocage, exacerbado por alguns dos emulos, dedicou-se a satyrisar as figuras principaes da Arcadia, começando pelo beneficiado Domingos Caldas Barbosa (Lereno Celynunthino), por sua desgraça o mais adequado physica e intellectualmente para lhe proporcionar vantajoso thema. Caldas era brasileiro, torrado de côr, e tirante a mulato; muito feio, e sobre feio, propenso a visagens, e meneios que desafiavam o riso. Tinha por costume acompanhar-se á viola, quando improvisava, afinando as trovas por uma cantilena particular. Disto procediam as allusões da escola Elmanista pouco soffredora, e por natureza inclinada a maltractar os que offerecião pretexto ou causa para os seus tiros. O que admira mais é que o velho Phylinto, no seu desterro de París, não esquecesse ao triste vate, contemplando-o nas suas criticas.

Parece que a leitura dos versos do auctor da « Viola de Lereno » influiu desfavoravelmente no animo do traductor dos Martyres; e que Francisco Manoel não pode tolerar sem protesto, que insulsos admiradores conferissem ao cantarino Caldas o diploma, ou antes a alcunha, de Anacreonte portuguez. O certo é que Lereno amargou o elogiu. Alem da fustigação de Manoel Maria, teve o dissabor de ver o seu nome no pelourinho metrico, exposto por homem da auctoridade de Phylinto, e estampado em um livro da importancia da Arte Poetica. Seja-lhe a terra leve como foram leves as suas endeixas!

Em quanto Francisco Manoel do Nascimento brindava o presidente da Arcadia com as seguintes amabilidades:

Os versinhos anões a anãs Nerinas
Do cantarino Caldas, a quem parvos
Põem alcunha de Anacreonte luso,
E a quem melhor de Anacreonte fulo
Cabe o nome, pois tanto o fulo Caldas
Imita Anacreonte em versos, quanto
Negro perú na alvura ao branco cysne!

Bocage tomava-o para Paschino da sua musa, e sem descanço crucificava-o em sonetos e epigrammas, a que as fórmas infelizes e a côr do bardo prestavam alimento quotidiano. A' força de remordido e de apupado o Beneficiado perdeu a paciencia, depoz um instante a amorosa viola, e quiz ensaiar as armas de Juvenal. A' força quasi repetiu alguns chascos rimados contra o perseguidor, e entre elles compoz um, que por não ser destituido de merito, está no caso do o citarmos:

De todos sempre diz mal
O impio Manoel Maria;
E se de Deus o não disse,
Foi porque o não conhecia!

Esta imitação do epitaphio escripto para o tumulo de Aretino foi-lhe logo paga. Elmano respondeu com o epigramma conhecido:

Dizem que o Caldas glotão
Em Bocage afferra o dente....
Ora é forte admiração
Ver um cão morder na gente!

Depois foi uma chuva de trovas zombeteiras; um enxame de versos malignos; um concerto de maledicencias e de caricaturas metricas (de que sobreviveram muitas), ficando o Vate Cesareo das viuvas, e donzellas idosas convertido n'uma especie de hystrião honorario da côrte. Cahiu no dominio publico. A sua physionomia contrafeita tornava-o notavel, como o famoso nariz á Estanqueira; e passando das salas do conde de Pombeiro para os debiques da hilaridade, cercou-o a funesta moldura de epigrammas, que é o supremo infortunio d'aquelles, que a satyra baptisa e adopta como seus!

Seria longo, senão enfadonho, transcrever quanto inventou a mordacidade irritada de Elmano ácerca de Barbosa Caldas. Para se fazer idéa das licenças poeticas, que tomavam os filhos de Apollo nos seus conflictos, poucos exemplos bastam. Por um póde avaliar-se o resto:

Nojenta prole da rainha Ginga,
Sabujo ladrador, cara de nico,
Loquaz saguim, burlesco Theodorico,
Osga torrada, estupido resinga.

Eu não te accuso de poeta pinga!
Tens lido o mestre Ignacio, e o bom Supico;
De ôccas idéas tens o caco rico....
Mas teus versos tresandam a catinga.

Se a tua musa nos outeiros campa,
Se ao Miranda fizeste ode demente,
E o mais que ao mundo estolido se incampa,

E' porque sendo, ó Caldas, tão sómente
Um cafre, um goso, um parvo, um . . . . ,
Queres metter nariz em . . . de gente.

Em toda a parte, em todos os logares, era a mesma veia e o mesmo odio. O desditoso Lereno não tinha venia de apparecer, estando Bocage presente, sem se expor. Sempre saía das mãos do imitador de Ovidio escorrendo em sangue. N'uma sociedade, em que a má sorte de Caldas o fez encontrar com Manoel Maria, deu-se o mote:

Eu vi nos braços da aurora
O sol tremendo com frio.

Convidado a glosal-o, o brasileiro Orpheu apurou a garganta, extasiou os olhos, afinou a viola, e sob a vista ironica do grande repentista, mais de atordoado, que de inspirado, entre harpejos e momices, entoou a seguinte decima, publicada a primeira vez na Bibliotheca do sr. Castilho, da qual extrahimos a anecdota:

Tenho visto até agora
Mil cousas que são portentos:
Trinta velhos rabujentos
Eu vi nos braços da aurora;
Um cão puxar uma nora,
Correr para traz um rio,
Velas arder sem pavio;
Vi um defunto a correr. . . . .
Só me falta agora ver
O sol tremendo com frio!

Mal este embrechado, não despido de graça, acabava de gargantear-se; apenas os ultimos sons derretidos do cantarino, e a derradeira nota do harpejo finalisavam, Bocage ergue-se sem convite, mette os dedos aos cabellos, fulmina com os olhos cheios de fogo o glosador, e reparando na dulcissima ternura de uma senhora idosa, admiradora de Caldas, que no meio de sofregas pitadas e timidos suspiros, saboreava os versos e a cantiga, dispara-lhe á queima-roupa outra decima, que sepultou Lereno e a sua paixão debaixo de uma salva de risadas:

Se isto vae de fòz em fóra,
Tambem com luz diamantina,
Vir raiando a matutina
Eu vi nos braços da aurora.
Só me falta ver agora
O caranguejo de um rio!
Ver os effeitos do cio!
Cantar modas um macaco!
A lua a tomar tabaco!
E o sol tremendo com frio!

Depois de Barbosa Caldas a victima mais atormentada foi sem duvida o doutor Manoel Bernardo de Sousa e Mello, auctor de Nenias e de poesias melancolicas, accusadas por Bocage de serem plagiadas nos versos ineditos do Alvarenga, cujos manuscriptos possuia o vate funebre. Bernardes commetteu a imprudencia (superior ás forças) de enxugar as lagrimas sepulchraes da sua musa, e de sair das trevas dos jazigos para o soalheiro das discordias do Parnaso. Pouco destro em esgrimir, e espantando-se com a luz, como as aves nocturnas, quiz a fatalidade que vivesse no tempo de Manoel Maria; e para cumulo de desgraças o seu mau fado precipitou-o em uma lucta, de que não podia colher senão desar e irrisão. Assim que as velleidades do metrificador pierio chegaram aos ouvidos de Elmano, não se demorou a desforra. Desfechou-lhe de subito o notavel soneto, que passou á memoria pelo ardor da satyra:

E' mentira, não foi o vil coveiro
Quem com manha, maldade, ou tudo junto,
Impingiu varias iscas de defunto
A mascarrado e girio pasteleiro.
Foi Bernardo (o Nenias) que em mau cheiro
Enfrascando o nariz, e as mãos em unto,
Impingia tambem o seu presunto
D'algum, com que esbarrava, ainda inteiro:
Hoje atreve-se a mais; quer ver se apanha
Este, que é dos cadaveres Herodes,
Ao descarnado França um seco chispe:
Se lhe caes, Melizeu, na mão grifanha,
Lá vão filhos, mulher, sonetos, odes;
Ah pobre! Queira Deus, que te não bispe!

E após este logo outro, no qual pintando o poeta lugubre dentro de ermo cemiterio, em hora aziaga, o descreve tecendo o epicedio de *Igenia de tal*, e convidando os mochos, com os tigres e leões, innocentes comparsas da sua dor, afim de chorarem com elle a fallecida formosura! O ultimo terceto é admiravel pela chave de ouro, que o fecha. No momento, em que o menestrel pela centesima vez repete o logar commum das pingadas preces:

Acode ao lasso amante, acode Igenia!

O poeta acrescenta esta imagem rematada por um epigramma do melhor effeito:

Eis a campa rebenta, e surgem fóra
Dois vampiros bailando ao som da nenia!

Para acabar com tão lamentoso personagem vamos recordar o ultimo epigramma, que o retratou em finos traços:

Envolto em pardo lemiste
Bernardo nenias recita,
Ao riso ninguem resiste!
O vate funereo grita:
« Não riam que é cousa triste. »

Enterrado este com as honras do ridiculo, Elmano virou as armas contra menos obscuros inimigos.

Apertando o arco, fez pontaria a outro arcade, o doutor Luiz Corrêa da França Amaral (Melizeu Cylenio) traductor da Electra, auctor de D. Maria Telles, e de varias obras avulsas, estampadas no Almanak das Musas, e brindou-o com repetidas satyras, afiadas pelo orgulho, e avivadas pelo resentimento. França, em uma carta *contra os intrusos poetas do seculo presente*, escripta a Belchior Curvo Semmedo, tinha declarado a guerra a Manoel Maria, e mais presumido do que habilitado, violentou o engenho, e metteu o Pegaso a chôto para investir com o auctor da « Medea » e do « Tritão. » Tres, ou quatro dos tercetos da epistola doeram a Elmano, e provocaram, conforme o costume, a sua veia implacavel. Melizeu dizia ao douto collega no monte Ménalo, alludindo a Bocage:

Clama com sem igual desembaraço
N'um outeiro um pedante: « Venha mote,
Heroico, que eu só verso heroico faço! »

Eis que parte; e embuçado no capote,
Mil narizes de cera revolvendo,
Lá engendra um soneto..... e de que lote!

Um verso á redea solta vae correndo,
Outro um passo não dá por aleijado
Com o mote nenhuma connexão tendo;

Um quarteto com outro mal casado
Fazem com os tercetos, sem coherencia
De rodilhas um sujo apontoado.

Era ser injusto de tractar, e não censor severo. Mesmo desgrenhada nos delirios de repentista, a musa Bocagiana mantinha a magestade da phrase, e a harmonia dos sons. Os defeitos, que a maculam, não foram os que França inventou, cego de odio, ou incapaz de discernir os verdadeiros. O soneto, fórma estreita e ardua, ninguem o possuiu como Elmano, e n'este genero rivalisa com os primeiros da Europa, e sem contestação é o primeiro entre os nossos. Melizeu experimentou-o á sua custa. Prestando-se ao riso pela figura e pelos habitos, foi uma das victimas mais escarmentadas. Manoel Maria começa descrevendo-o por um modo, que não tem inveja ao buril de Juvenal; e em satyras successivas não o deixa até o converter, como aos outros emulos, em alvo do escarneo publico. Eis um dos retratos:

Rapada, amarellenta, cabelleira;
Vesgos olhos, que o chá e o doce engoda;
Boca, que á parte esquerda se accommoda,
Uns affirmam que fede, outros que cheira;
Japona que da ladra andou na feira;
Ferrugento faim, que já foi moda
No tempo, em que Albuquerque fez a poda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira;
Ruço calção, que espira no joelho
Meia e sapato com que ao lodo avança
Vindo a encontrar-se com o esbrugado artelho;
Jarra com appetites de creança;
Cara com similhança de besbelho;
Eis o bedel do Pindo, o doutor *França*.

Na realidade Amaral França com este pouco bisarro porte, não era de tão apoquentada prosa, nem de tão exhaurido verso, como diz Bocage; apesar d'isso estava pouco no caso de se erigir em Boileau portuguez, dictando regras, e ostentando criticas. O supplicio não desagradou, por tanto; e a sua mediocridade punida refugiou-se, acossada pela zombaria, na meia sombra, de que fôra prudente não ter sahido. E' a sorte dos talentos vulgares; os seus esforços impotentes acabam sempre tornando mais estrepitoso o seu desastre.

Manoel Maria dominava pela elevação do genio os metrificadores, que o acommettiam. O que os seus contemporaneos produziam com fadiga, brotava-lhe espontaneamente do estro. Mesmo jogando as armas poeticas com os homens de maior punho, demonstrou, como attesta o exemplo do padre Macedo, e de Curvo Semmedo, que o orgulho, se era desenfreado, e não conhecia a modestia, tinha a seu favor o talento, para durante o conflicto manter a sua posição briosamente. Melhor seria de certo que deixasse aos outros o elogio proprio, e não se fizesse trombeta do proprio merito; mas uma vez entrado em batalha (e que batalhas!) ninguem voltou com tanta gloria, nem corpo a corpo repelliu, ou aggrediu o adversario, com mais altiva gentileza.

Estão longe, a esta hora, esses encontros ruidosos, esses torneios esplendidos, mas vãos, em que as espadas e as divisas se tomavam da imitação grego-romana, e da escola das Musas francezas e italianas. Fechada a arena politica, senhores das redeas do Estado os fidalgos de brazão, e os plebeus de toga, as lettras principiaram a nobilitar-se, embora não dessem ainda titulos, nem creassem superioridades sociaes. A sentença do Duque de Saint Simon, contra os escriptores continuava a passar em julgado; mas adoçada já do primeiro rigor. Aquella geração de vates, cantando e esgrimindo, atravessava pelo meio da sociedade, em arrayal permanente, como os antigos córos por entre as scenas da Melpomene atheniense. As rixas e revoluções do Parnaso corriam as ruas, e de lá subiam ás salas. Os Mecenas distrahiam-se com as artes, sem as amarem excessivamente, ou estimarem os seus sacerdotes; d'onde resultava que novo e grandioso nada podia nascer, porque os engenhos finos careciam da protecção illuminada, que reconhecendo-lhes a independencia, e acatando-lhes a dignidade, os estimula e eleva no conceito proprio.

Cousa triste! Os cultores do verso, as vocações sinceras, não podiam subsistir, senão seguindo um destes dois caminhos: — ou abdicar a arte por qualquer officio rendoso; — ou arrastal-a mendiga e supplicante como o Tolentino, como Elmano, como tantos outros, pelos

serões dos aulicos, e pelas mesas dos opulentos. Se alguns baixaram menos, não se creia por isso, que se envergonhassem de estender a mão aos beneficios; todos o faziam sem pejo, e sem rebuço, excepto os abastados.

Como os antigos rapsodos, pagavam em cantos a hospitalidade e os favores, e puniam com imprecações a indifferença e a avareza. A consequencia d'esta vida, á qual faltava o decoro e o melindre, que são o pudor do genio, e que não era adequada para attrahir a estimação publica, base da admiração fecunda, era a abundancia esteril, o desregramento, e o pugilato. Vivia-se e morria-se entre uma ode e um soneto, com a esmola ainda quente do ultimo protector debaixo do travesseiro, e o nome de um rico generoso sobre os labios, ás vezes mais frios da venalidade, do que das dores da enfermidade, exacerbada pela miseria. Nenhum dos homens, que então fallavam na lingua divina de Camões acreditava que a arte fosse uma illustração como hoje cremos. Proclamavam-se immortaes, chamavam a posteridade, mas por mera formalidade. Terminado o rapto lyrico arrancavam a corôa, encostavam a harpa, e assentavam-se, convivas necessitados, aos banquetes de Locullo. Em prosa eram supplicantes e requerentes. As distancias não as mediam senão de uns para os outros.

Estas explicações pareceram-nos indispensaveis para esclarecermos o alcance e o sentido das invectivas, trocadas na guerra dos poetas. Continuemos agora, expondo o quadro nos lineamentos principaes.

O doutor José Thomaz Quintanilha era um poeta, que podia reputar-se distincto sem favor, e ao qual o proprio Bocage nos dias de paz e concordia da Arcadia tinha qualificado a lyra de milagrosa, exclamando:

> Eurindo, caro ás musas e aos amores,
> Das Tagides louçãs cantor mimoso!

As polemicas suscitadas pela scisão dos vates separaram-nos, e o odio tardou pouco. Quintanilha ligou-se com o padre Macedo, e foi um dos mais ardentes propagadores da satyra de Elmiro, fulminada por Manoel Maria na «Pena de Talião.» Incitado por estes maus officios, Bocage trocou em injurias os louvores, e com flagrante injustiça deprimiu no adversario o merecimento que celebrára no amigo. Como ousou elle esquecer, que o *homunculo nojento*, (assim escreveu!) *que o engenhador de miudezas metricas a quem o esquecimento de uma virgula arruinava um soneto*, era aquelle poeta, de quem disse em outros dias, que em *verso deleitoso:*

Exprime de Hero as lagrimas, as dores
Do Audaz de Abydo o transito affanoso,
E em fofos escarceus Neptuno iroso
Mugindo, suffocando-lhe os clamores?

Depois d'isto, como assegura Elmano, que Eurindo o aborrecia por nunca *lhe gabar os seus nadas*? O elogio anterior, cunhado com tanta força, não lhe saltaria aos olhos no mesmo momento, em que a paixão dictava o insulto e a apreciação iniqua? Este foi sempre o defeito do grande poeta. Julgava-se dictador e supremo arbitro; e cuidava que nas balanças desiguaes do seu capricho podia conceder ou denegar as corôas. Nos emulos e contrarios não descobria senão indigencia mental e incapacidade metrica; aos affeiçoados e fieis não permittia senão um logar humilde nos degraus do throno, em que se figurava, trovejando com o esplendor de um deus!

Eurindo, por tanto, pagou a pena da sua antiga elevação. Os elogios converteram-se em vituperios; e o soneto, despedido pela raiva, voou contra elle da boca de Elmano:

Esse cantor de chá, manteiga e queijo,
Rato, que roe do Caldas a gimbancia,
Pygmeu, de insupportavel arrogancia,
Que morde mais que pulga ou persevejo,

Aceso no frenetico desejo
De exceder dos Quixotes a constancia,
Á frondosa Fayal mandou com ancia
Atado em verde fita um triste beijo.

O resto é um grosseiro chasco, indigno do auctor da «Medéa» e do «Tritão.» Estava escripto que Bocage capaz de subir á mais elevada esphera, havia de quebrar o vôo com as paixões, e abater-se á allusão, em que a obscenidade sepulta a graça! Quintanilha podia rir-se da injuria e do epigramma. O golpe não o cortava a elle, mas á mão que o jogára. Depois, em resposta á diatribe bastava-lhe citar o nobre poeta Bocage contra o furioso Elmano. Não sabemos se o fez; mas é certo que entre os dois, conservando-se a aversão, nunca mais se travou combate serio. Nunca passaram de escaramuças.

Não succedeu assim com o abbade de Almoster, o padre Joaquim Franco de Araujo (Corydon Neptunino), auctor da tragedia Sesostris, e traductor distincto dos Idilios de Gesner. Dotado de ta-

lento, e de grande facilidade para as poesias ligeiras, Franco não era poeta que se acobardasse com os tiros de Manoel Maria, ou que deixasse de lhe responder. A guerra acendeu-se renhida de parte a parte, e se a victoria final pertence ao cantor de «Leandro e Hero» não é já pequena vantagem do abbade ter-lha sabido disputar palmo a palmo.

Em uma epistola, empregando o anagramma de *Gecabo*, o abbade de Almoster põe Bocagè em scena, como o rimador famoso da sabia padaria, coroado de malvas, carrasco, e ortigas. Tocando os defeitos do repentista, e exagerando-os, Franco, sem negar o raro engenho do seu adversario, insiste em lhe avultar o ciume, a intolerancia, e o orgulho em côres fieis, posto que assanhadas. Alguns rasgos deviam doer profundamente a Elmano pela sua verdade. A queda maledicente do genio; o tom despresador com que alludia aos outros; e os louvores bombasticos a si mesmo, estão desenhados com graça pelo auctor de Sesostris, que sem receio se mette entre as victimas da inclemencia do censor para melhor o retratar. Eis alguns trechos:

Gecabo pois, o grão Gecabo, novo
E sublime Quixote d'estas eras,
Despotico sultão da poesia
Que a todos fere e só a si perdoa
. . . .
Que antes da boca quer perder um dente
Do que o fel de um soneto contra um homem. . .
. . . .
Ouvindo que uma ode eu repetira,
Franziu o beiço, enverrugou a testa,
E saiu d'esta tripode cumana
Este cruel oraculo ou sentença:
—«Disse versos o *Franco!!* pobre moço!
Bom rapaz, bom rapaz! porém de versos
Nada pesca, coitado! enthusiastou-se
Co'a sem sabor tragedia de Sesostris
(Tragedia que entremez chamarei antes)
Que imprimiu mui contente, e quer por força
Matar a gente com seus frouxos versos.

Não se póde contestar que era merecida a critica, e tirados leves lapsos, bastante fino o pincel, que a delineava. Manoel Maria sentiu-se, indignou-se, e ardendo em ira, cunhou de improviso contra

Franco um dos seus mais bellos sonetos. Que animação, que fogo, que chiste do principio até ao fim não inspiram esse poema, tão curto na fórma, mas tão robusto e cheio de sentido apesar da colera! Começa abrupto por uma asserção audaz; depois a torrente despenha-se sem parar até ao epigramma, com que o ultimo terceto remata atticamente:

O mundo a porfiar que o *Franco* é tolo,
O *Franco* a porfiar que o mundo mente!
Irra! O padre vigario é insolente!
Raspem-lhe as mãos e ferva-lhe o carolo!

Da brilhante razão jámais o rolo,
Lhe entrou no casco, lhe raiou na mente;
Mas como a natureza é providente
Com a basofia suppre-lhe o miolo.

Ora, vão trovador do heroe do Egypto,
Tu não ouves, não vês o que se passa
Ácerca dos papeis que tens escripto?

A copia de Gesner deu-se de graça:
Psyché jaz de capella e de palmito:
Sesostris infeliz morreu de traça.

Outros muitos versos seguiram estes. Elmano esquecia difficilmente, quando a offensa o penetrava no amor proprio. O abbade, ainda que inferior, não recuava embora a grandeza do golpe o advertisse de que luctava com um gigante. Assim continuaram sempre com as armas cruzadas, sempre dominados de mutua aversão, sem que seja possivel conhecer se ajustaram por fim as tregoas, ou se vieram ao abraço da paz. Nos derradeiros tempos parece-nos que as hostilidades abrandaram, se não minorou o odio.

Mas a grande batalha foi com os dois rivaes mais fortes. Estes pelos dotes do engenho, e faculdade satyrica podiam sustental-a peito a peito com valentia. O maior episodio das guerras da Arcadia é o duello de Bocage com o padre José Agostinho, a todos os respeitos muito perigoso para inimigo. Curvo Semmedo, com quem do mesmo modo trocou algumas estocadas metricas excitadas pela ciumenta rivalidade, que devorou a ambos, tambem não era homem que se deixasse escarnecer impunemente. Com elles, os triumphos tornavam-se difficeis, e muitas vezes podião vacillar. Bocage assim o entendeu; e

por isso esgotou na defesa e na aggressão todos os recursos do seu talento. Realisando a antiga fabula, as feridas retemperavam-lhe o vigor, e de cada encontro colhia novos brios.

VI.

As campanhas em nome da Arcadia foram a imagem do cerco de Troia, porque a lucta sobreviveu ás causas, que a motivaram. A indole irritavel dos poetas a cada passo tirava das cinzas de um combate a faisca d'onde outro nascia logo. A todos os momentos se pegava em armas; e o menor sorriso da musa jovial, servia de signal a uma batalha. A supremacia arrogante de Bocage, a impaciencia da sua emulação, e os applausos, que procurava por todos os modos, eram a origem de conflictos, que depressa amotinavam os gremios rivaes, que dividião o esquadrão poetico. Cada bando tinha os seus athletas e apologistas; os auditorios e as palmas separavam-se como as opiniões; e o elogio dos primeiros parecia aos segundos quasi uma offensa.

A paz e a justiça não entravam n'estes inquietos arrayaes; e nenhum dos contendores permittia que o engenho pudesse existir fóra do seu campo.

O que admira n'estas scenas é a constancia do pugilato. Os annos passavam sobre os odios sem os gastar. Dos adversarios de Elmano houve tal, que nem perante o leito da dor, teve a generosidade de esquecer. Aconteceu peior. Quem lhe abriu os braços, e colheu o suspiro da agonia, apenas os ossos desappareceram debaixo da terra, soltou vilipendios contra a sua memoria, e não teve pejo de injuriar os louros de um nome illustre. Esta será a nodoa eterna de José Agostinho. Póde mais no seu animo a lembrança das affrontas do que a religião do tumulo, e o respeito de si mesmo.

Manoel Maria, assumpto de louvores extaticos, e objecto de aversões activas, pagou a pena dos seus erros. Se medisse as armas pelas forças dos contendores, e não cegasse por amor proprio a sua bondade natural, gozaria em descanço de uma gloria tranquilla, estabelecendo pacificamente o seu imperio. A consciencia advertia os detractores, de que não lhes era possivel igualarem-o. O que os offendia, e o que repugnava até aos indifferentes, era o despreso e a jactancia com que usurpava o sceptro, não esperando que lh'o entregassem.

Em se tratando do talento alheio a sua balança não conhecia a

igualdade, não se inclinava senão ao merito proprio; e as apreciações mordazes eram frequentes na sua penna. Os mais altos e os mais humildes tinhão para elle o mesmo valor, se não ajoelhavam diante do throno, abdicando a vontade, a independencia e a estimação. O elogio de terceiro, por mais justo, era um desacato á sua fama! Assim, invenenou as bellas qualidades, que o ennobreciam. Não admittindo nem a competencia, só aceitava aulicos e inferiores; e para desdobrar o açoute não carecia de ser aggredido, bastava que visse outro elogiado. O auctor do «Almocreve das Petas» por não embocar a trombeta apologetica, padeceu uns poucos de annos. O seu crime foi mostrar-se grato e louvar em Belchior Semmedo as obras, que a posteridade, e o mesmo Bocage julgaram dignas de sincera approvação.

Se houve pessoa inofensiva e desafectada foi José Daniel Rodrigues da Costa, official do fisco nas portas de Belem, e por este emprego jocosamente denominado — o beleguim do Parnaso — por Manoel Maria. Não cuidava de rivalidades, nem formava de si vaidosa idéa. Escrevia para subsistir, ou antes para acrescentar alguns confortos á estreita mediania dos seus salarios. Não era por tanto nuvem que apagasse os raios do sol a Bocage. Assim mesmo pede a verdade que se diga, que não sahiu tão pobre de engenho, nem tão despido de lettras, como a maledicencia de Elmano o assegura em alguns sonetos.

Os seus escriptos, plebeus na indole e na substancia, tinham bastante sal para o paladar dos leitores, a quem eram destinados. Sainetes do povo, não aspiravam ás alturas, d'onde os vates caballinos fazião do auctor o palito dos seus ocios engraçados. José Daniel narrava com graça, possuia o dom da invenção, e tinha uma graça rude, e picante. Como observador de costumes, não é possivel omittil-o em um quadro completo da sua época. Sem levar a critica á profunda analyse das cousas e dos caracteres, e sem subir á synthese philosophica, que é a pedra de toque dos moralistas insignes, vê bem á superficie, apanha com felicidade em muitas occasiões os angulos ao ridiculo, e reproduz as scenas em traços largos vestindo-as de côres alegres. O gosto pouco o ajudava; e a lima não castigava assás as obras concebidas ao acaso, e executadas á pressa. Como a sua lição não excedia a instrucção commum, nunca passou da mediocridade. A satyra popular era o seu queijo; e semelhante ao rato da fabula uma vez que não lhe faltasse, olhava para os desvanecimentos do mundo com soberana indifferença. Cedeu sempre da gloria a beneficio de inventario!

Com os bolsos attestados de folhetos, e precedido pelo estrepi-

toso pregão dos cegos, saía pelas ruas a prender os compradores. As pessoas conhecidas, descobrindo o bojo significativo das suas algibeiras, resignavam-se a pagar o foliculo de prosa, ou a pagina de verso, que lhes disparava á queima-roupa. Figura unica, o auctor da «Barca da Carreira dos Tolos» tanto duvidava fazer-se belfurinheiro dos seus opusculos, como enfeitar de mais duas ou tres filas de garrafas escolhidas as estantes ermas de livros, aonde armava a sua adega. Compadre de toda a gente, folgasão sem melindres, e dotado de bom fundo, as suas petas, e a caixa do rapé, estavam á disposição de quem desejasse (como elle dizia), deitar duas cãs ao mar. Curvo Semmedo gostava de o ouvir, corrigia-lhe os escriptos, e tratava-o com franqueza. José Daniel da sua parte correspondia com amizade e dedicação.

Offender-se, pois, de que o bom homem estimasse o censor obsequioso, e deplorasse as injustiças de Bocage contra o talento de Belchior, era exagerar a intolerancia. Algumas palavras n'este sentido do gazeteiro das petas foram sufficientes, para Manoel Maria desencadear a animadversão; d'ahi em diante, a cada nova publicação do official das portas, estavam certas as apupadas de Elmano, e dos seus admiradores. Menos sensivel aos farpões do ridiculo, do que molestado no interesse pecuniario, o Juvenal do povo via diminuir os lucros, á medida que augmentavam as risadas. No momento, em que ensarilhava pelas ruas e esquinas, carregado de papel impresso, Bocage implacavel apoderava-se do titulo do ultimo escripto, e crucificava-o em um soneto. O historiador dos casos fortuitos, e o bardo das quadras chilras, como lhe chamava, debalde forcejava por lhe escapar; a obra e o auctor serviam de pasto á malicia da côrte pelo menos uma semana.

Das Petas o Almocreve é obra tua,
Bem se vê, Daniel, na phrase e gosto:
Adiça tres de Abril, ou seis de Agosto,
É de quem vende as rimas pela rua.

Cheira a teu nome o roubo da perúa,
E entre o tostado arroz o gato posto;
Eis a obra melhor, que tens composto
Inda que de artificio e graça núa.

A gente por Lisboa anda pasmada,
Vendo-te farto e cheio como um ovo
Dos alvos pintos, que te deu por nada:

E frio de terror murmura o povo
Que a tua estupidez anda pejada,
E que cedo se espera um parto novo.

E não só a penna, mas a lingua, era incançavel em denegrir o amigo de Curvo Semmedo. Se o encontrava choviam os gracejos; por fim as cousas chegaram a ponto, que José Daniel, trespassado, e temendo ficar sem leitores, quebrou por tudo e veiu deitar-se-lhe aos pés. D. Gastão narrou o lance com o costumado chiste, tendo-o sabido de Manoel Maria, que descreveu a scena ao seu amigo. «Sabes quem acaba de procurar-me (disse Elmano)? O homem das petas! Vinha todo concho e modesto, pondo-me nas nuvens.... até que o estrugi, quando me gaguejou: — Cá eu não posso medir-me com v. m.ce — «Mas é que eu tambem não sou nenhum covado!» — É que a sua concorrencia.... (insistiu elle) — «Não trago contracto arrematado.» — Pois traga, ou não (acodiu o homem quasi a chorar) pelo amor de Deus, não me tome á sua conta, que eu não quero glorias, quero pão. — «Tive dó do homem, tive (ajuntava Bocage) mas lá os taes versos d'elle sempre digo que lh'os não comprem.» E logo depois, apesar da commiseração promettida, e da humildade da victima, acabando de contar o acontecido, e saindo do café para o Passeio, ao virar a esquina do Rocio salta-lhe aos olhos um cartaz, e n'elle entre elogios retumbantes o annuncio do segundo tomo das rimas de José Daniel. Sorrir-se, parar, e sem esforço, como se lesse o papel pregado na parede, recitar de repente um soneto, foi tudo a mesma cousa. Daremos algus dos versos.

Tomo segundo á luz saiu das rimas
De José Daniel Rodrigues da Costa,
Obra mui devagar, mui bem composta,
E sujeita depois a doutas limas.
. . . .

Por estas e por outras, que tem feito,
Verá qualquer leitor nas obras suas
Que elle para versar nasceu com geito.

Acham-se em tendas, acham-se em com...
E para lhes augmentar honra e proveito
As vende o proprio auctor por essas ruas!

Foi a benevolencia com que encontrou! Bocage por ciume, des-

cia sempre a estas miserias que o aviltavão. Foi achaque de que o não curou senão o desengano da ultima enfermidade.

Belmiro Transtagano (nome pastoril de Belchior na Arcadia) era verdadeiro poeta, auctor de apologos delicados, e de dithyrambos, que hombreiam, em alguns trechos magnificos, com os melhores modelos. Figural-o trovador insignificante, negar-lhe as qualidades, que attestam as suas obras, e por amor proprio comparal-o á plebe dos rimadores, deshonra da arte, foi uma injustiça sem desculpa. Entre os dous de certo não havia paridade no talento, e por isso fallecia a base da rivalidade, que assopravam os enredadores das facções poeticas; mas havia no primeiro dotes de grande cantor, e reconhecida aptidão para generos, por ninguem cultivados com mais gosto e mais tacto no seu tempo.

Já se estava longe da imitação correcta do Garção, e da simplicidade pastoril do Quita. Os successores da antiga Arcadia meditavam e limavam menos; seguindo os exemplares francezes, desviavam-se do trilho pisado pela escola greco-romana, cujas tradições ensinaram exclusivamente os severos reformadores do seculo do marquez de Pombal. Elmano, Semmedo, e José Agostinho, estavam muito longe da correcção e do primor, que assignalaram as obras da primeira Arcadia. Parece que advinharam, que vinha proximo o dia da grande revolução litteraria, e que se apressavam para que os não colhesse.

Curvo Semmedo, sem emparelhar com Elmano, dava ás fabulas tanto sabor original, e tanto agrado deleitoso, que Lafontaine (o mestre) não as acharia indignas do seu nome. Na embriaguez delirante do dithyrambo unia a sciencia do metro á audacia da phrase e á belleza da imagem. Manoel Maria não o ignorava; mas pungia-se de que existisse quem merecesse o applauso publico. Da sua parte, animado pelos elogios dos entendedores, e certo das suas forças Belchior não cedia uma linha, e desassombrado sustentava o conflicto. As diligencias para os reconciliar fôram baldadas; nenhum queria recuar. Estimando-se interiormente tinham-se maltratado tanto, que se julgariam envilecidos, se dessem as mãos, e jurassem paz. Assim continuou o combate até á enfermidade de Bocage. Adversario, e não inimigo, Curvo Semmedo inclinou-se, então, diante do leito da dor, saudando o Cysne moribundo.

Tendo a sepultura aberta, não havia receio de que Elmano tomasse por fraqueza o testemunho da verdade. O cantor, que lhe offerecia mais uma corôa, representava já a posteridade, e correndo como ella um veu sobre as paixões do homem, queria só admirar o esplendor do vate.

Durante o combate os dois emulos tinhão jogado ar armas da injuria com furor reciproco, sendo para notar, que Belchior fosse mais vehemente do que Elmano. Frequentes e venenosos, os tiros que disparou deviam doer excessivamente ao amor proprio do repentista, e sem o corrigir, fazer-lhe sentir os inconvenientes da inclinação satyrica. Pouco depois do seu regresso da India, Semmedo obsequiou-o em um soneto, aonde, entre muitas, se encontram as seguintes amabilidades:

Morreu Bocage! Sepultou-se em Goa!
Chorae, m... venaes; chorae, pedantes,
O insulso estragador de consoantes,
Que tantos tempos aturdiu Lisboa!
. . . .
Este que vês com olhos macerados,
Não é Bocage, não, rei dos b....
São sómente os seus ossos descarnados;
Fugiu do cemiterio aos companheiros;
Anda agora purgando os seus peccados,
Glosando aos...... pelos outeiros.

N'outra poesia Belchior, alludindo a Manoel Maria, não lhe lançava frechas menos aguçadas:

«Passei tres dias em fazer dez versos!»
A fofo vate Euripedes dizia:
«Pois eu, diz-lhe elle, faço mil n'um dia.
«Não duvido (lhe torna o sabio em troco)
«Porém com esta differença, oh louco,
«Que os meus dez serão mil annos presados
«E os teus mil nem tres dias suportados.»

Em fim na sua epistola a Quintanilha redobram os epigrammas á facilidade de Bocage. Reproduzindo o dito de Boileau sobre os admiradores estultos, não se sacia de ferir no adversario:

E é comtudo applaudido, porque um nescio
Acha outro nescio, que lhe dê louvores.....
. . . .
Mas hoje para ser poeta insigne
Basta dizer *Componho inclitos versos!*
E depois de vestir com falsas côres
Hyperbole ou antithese rançosa,
Exclamar; *Isto é meu, isto não morre!*
O amor proprio dá leis, reina a vaidade.

Sabido o orgulho de Elmano, e o melindre do seu ciume, é facil imaginar o effeito de taes pinturas! Habituado a rebater no escudo os golpes de contrarios debeis, e a sepultal-os, avalie-se a mortificação, que teria achando diante um homem, que não voltava o rosto, e que possuia verdadeiros dotes de poeta. Irritado, dirigiu-lhe tambem epigrammas sobre epigrammas, e em soberbos versos procurou debalde aniquilar o merito, que no intimo da consciencia não podia contestar. Turvos com o odio os seus olhos não viram senão manchas nas obras de Semmedo. O uso ás vezes excessivo dos diminutivos, que desfeia algumas poesias de Belmiro, serviu-lhe de pretexto para as desmerecer, vingando as offensas da vaidade:

Belmiro, que entre os pampanos farfalha,
Affectando entoar canções divinas
Fez, cançado d'asneiras pequeninas,
Uma, que até percebe a vil gentalha.

N'esse idilio, em que Fauno irado ralha
O divino amador das phrases finas
Poz o cornudo Pan, deus das campinas,
De bruços a beber na vinea talha:
. . . .

Que mesquinhez de vate, que insolencia!
Tudo por cinco reis, quando o mofino
Co'um pucaro poupava esta indecencia!

Em outro soneto despacha-o rei dos pygmeus, deferindo-lhe a palma de vate cesareo no reino dos anões:

Junto ao Tejo, entre os tenros Amorinhos
As belmiricas musas pequeninas,
Para agradar a estupidas meninas
Haviam fabricado uns bonequinhos:
. . . .
Eis Tagide louçã de eburneo collo,
A quem não vencerá, por mais que lucte
O nosso Belmirinho. anão de Apollo,
Surge d'agua, e lhe diz: — «Filhinho, escute:
Olhe com que noticia hoje o consolo!
É poeta do rei de Lilipute!

Era de certo desforçar-se, como mestre, e pagar as dividas com escrupulo. Ninguem cunharia melhor na satyra os defeitos do antagonista, e de um erro leve tiraria maior vantagem. Outro que não fosse Belchior succumbia, suffocado nos braços possantes do athleta; mas Semmedo tinha para resistir a confiança, que dá o talento e a reputação. O Lafontaine portuguez, se não foi isento de lapsos, resgatou-os em lances magnificos. Assim o confessou Bocage, quando prostrado pela doença recebeu como dadiva de admiração desinteressada o soneto de Belmiro.

Ao som da lyra o Tracio, egregio vate
Demanda as tristes regiões do luto!

assim o proclamou nos bellos quartetos da sua resposta, em que respira a gratidão, e o espirito se levanta digno do seu genio:

Agora, que a seu lobrego retiro
Como que a baça morte me encaminha,
E o coração, que as ancias lhe adivinha,
Debil se ensaia no final suspiro:

Musa de Elmano e musa de Belmiro,
Una-se a gloria sua á gloria minha!
Meu nome aguarentou com voz mesquinha;
Eu justo ao seu não fui, e a sel-o aspiro!

Não contente com o testemunho do canto, penitenciando o orgulho, o moribundo escrevia em uma nota, que o honra:

«Quando o homem crê visinhar com o seu nada, as sombras em que o envolvem e abafam as suas paixões se rarefazem e esvaecem aos lumes da justiça e do desengano, ou já lhe brote sobrenaturalmente na alma este phenomeno, ou já porque, evaporado o amor proprio, attente mais nos outros, que em si. Eu, talvez n'esse estado, ou não longe d'elle, confesso ingenuamente, que pela suavidade e apuro do metro (nas composições lavradas com mais esmero e gosto), pelas flores, pelos esmaltes poeticos de que as amenisa e aformoseia (em especial as bacchicas), Belmiro está mui sobranceiro aos engenhos vulgares. A razão me pede, que lhe honre o merito; e o coração, que lhe releve a, talvez, injustiça com que trabalhou por me remover de um grau, havido da voz publica.»

Curvo Semmedo merecia o desaggravo, e não trahiu a memoria do poeta. O louvor não se desdisse nos seus labios.

O espectaculo das discordias de José Agostinho com Elmano, e a reconciliação, que as terminou, fórma um dos capitulos mais curiosos da historia litteraria da época, que descrevemos.

Macedo representa um papel importante na litteratura de transição, que expirou com os primeiros cantos da nova escola, introduzida pelo auctor de D. Branca. Foi o ultimo do seu periodo, que desceu á sepultura; e parece ter sobrevivido tanto aos contemporaneos para não deixar atraz rival, que o molestasse. Poeta de arte, mais que de inspiração, ha com tudo bastantes rasgos brilhantes, e soberbos versos nas suas composições. Devorado de ciumes, inimigo do merito, quando resplandecia mais do que o seu, nunca perdoou aos vivos, nem poupou os mortos, julgando exaltar-se quando os deprimia. A sua memoria feliz e viva, a sua leitura vasta e constante, e o buril carregado, porém gracioso, com que traçava a satyra, tornavam-o fatal como zoilo, e perigoso como erudito.

Poucos nomes foram mais populares. A gloria estrepitosa, e momentanea, que dá o applauso das paixões civis, tão triste na origem, tão curta na duração, obteve-a á custa dos mais deploraveis excessos, forçando ás vezes a penna a indignos ultrajes. O libello, arma que fere a mão antes de alcançar a victima, ninguem o escreveu melhor em Portugal. Fecundo em epithetos, pittoresco nos ditos, copioso na linguagem, é facil e agradavel na prosa; vivo nas pinturas jocosas, e unico talvez nos chascos de ordinario plebeos, aos quaes a frase redrobrava o vigor. Nos poemas, sobre tudo na «Meditação» eleva-se a grandes alturas, de certo com algum esforço, porém com innegavel exito. No «Oriente» mesmo, epopeia cuja verdadeira inspiração é a inveja de Camões, cuja musa foi o orgulho de o exceder, no «Oriente» esmagado pelo immenso vulto dos Lusiadas, ha oitavas e trechos primorosos.

José Agostinho sabia muito, e fingia saber ainda mais. Versado no estudo dos poetas latinos, italianos, e francezes, cita por jactancia, e esquece-se frequentemente de verificar as citações. Na sua erudição a realidade e o embuste confundem-se a miudo. Lidava com adversarios pouco habituados a seguil-o passo a passo, e a arrancarem-lhe a mascara, quando, por lapso, ou de proposito, suppria com imposturas a debilidade das razões. Adorador do paradoxo, singular em opiniões, e inexoravel como censor, o «Motim Litterario» é a imagem fiel da sua vaidade, e o açoute destemido da sua critica. Os modernos e os antigos, os escriptores patrios e os estrangeiros são ali flagellados sem misericordia; e no meio dos silvos da Nemesis, coroada de todas as

furias do rancor, ouve-se estalar a gargalhada, e chocalhar o guiso do escarneo.

Macedo, nos opusculos politicos, vinga as feridas do amor proprio a pretexto de defender o throno e a moral. Em guerra com as idéas novas, advogado do absolutismo puro, a sua voz é lugubre, como a de um inquisidor, e o pensamento, que descobre, cruel como o de um sectario puritano. Fanatico pelos rigores, intolerante por gosto, aconselha as violencias, salgando-as de motejos hediondos, porque muitas vezes partiram do vencedor contra os vencidos. Nos folhetos litterarios, a veia não enfraquece; a prosa obedece-lhe; e o ridiculo acompanha-o sempre como verdugo dos contrarios. As «Pateadas» e as «Cartas de Manoel Mendes Fogaça» sobre o theatro, não conhecem competidor no seu genero. Ha tanto sabor comico nellas, tanta riqueza de estylo, e tal ligeireza e variedade de erudição, que o espirito, attrahido e encantado, pasma da opulencia d'aquelle engenho.

José Agostinho, morto Bocage, reinou só; e despota unico mostrou-se tyranno; a nenhum antagonista eximiu dos supplicios da mordacidade. Acossado por innumeraveis contrarios, não lhes furtava o corpo; esperava-os; e com movimentos possantes sacodia os arremeços, deixando de uma investida o terreno limpo. A sua immodestia foi igual ao seu arrojo; a injuria e a licença acompanhavam-o sempre. Todas as paixões ruins, a que os antigos deprecavam no seu odio, lhe distillavam o fel da allusão e a peçonha dos improperios. Combatel-o em politica, ou em bellas artes, equivalia a votar-se a martyrios cada dia renovados. Tendo supportado as dores dos golpes de Elmano, media os adversarios antes de os encontrar, e não se arriscava senão seguro de manter a superioridade. Aos que podia receiar atirava mais de longe, ou guardava certa cortezia.

Detestado no partido constitucional, e objecto de horror para a pleiada de Bocage, era o idolo dos absolutistas, que as suas graças deleitavam, e que o seu pincel satyrico ajudava nas campanhas d'esse tempo. O famoso poema dos «Burros» especie de Juizo Final, aonde figuram, em tormentos variados, quantos aborrecia por qualquer motivo, esgotou as forças á sua aversão maligna. Escriptor mais de actualidade, que do futuro, não alargou os horisontes da arte em nenhum aspecto; querendo abraçar todos os generos em nenhum erigiu monumento duravel. Apenas fechou os olhos, parte da sua popularidade desvaneceu-se; e o tempo depressa consumiu o resto.

Entretanto, a posteridade, á qual no seu orgulho imaginava lançar ferros, não hade permittir que o esquecimento sepulte o que merece viver. Nas suas obras, acima do fumo e do negrume do incendio

civil, ha bellas paginas, que attestam as galas do estylo, os dotes da imaginação, e a graça de uma veia fecunda; essas, o gosto e a justiça hãode fazel-as triumphar. A historia e a physionomia do ultimo seculo litterario ficariam inintelligiveis, se faltasse a grande figura de qualquer dos tres poetas, Filinto, Bocage, e Macedo, que o dominaram!

Entre estes ultimos, pois, a discordia era inevitavel, e o duello por força havia de ser cruel. Existia em ambos o mesmo ciume do merito alheio, a mesma tendencia satyrica, e identica sêde de applausos e de despotismo. Elmano compensava os defeitos pelas qualidades; porque o fundo era melhor do que as apparencias. José Agostinho, de natureza ingrata, queimava os sentimentos nobres e os instinctos generosos. Um precipitava-se por vangloria e amor proprio; o outro dilacerava por organisação e calculo. Se alguma vez se reprimia, a cabeça, e não a alma, é que o continha. Macedo formava elevado conceito do talento de Manoel Maria; e estava no caso de perceber os poderes de um engenho, que sabendo pouco, adivinhava os reconditos segredos da arte e da erudição. Bocage, apesar do seu orgulho, tambem reconhecia em Elmiro as faculdades, que debalde procurava em outros. D'esta apreciação reciproca, deveria nascer a paz, e fortificar-se a amizade; mas com a indole, que os caracterisava, resultou a guerra, o ultrage, e por cançaço, mais do que por estima, sahio a final a tregua, ao depois quebrantada por Macedo sobre a sepultura do seu rival.

José Agostinho principiou, tecendo louvores a Bocage, e proclamando-o rei da harmonia, e dominador da posteridade. Estando preso, e vestindo ainda o habito Graciano, dirigiu-lhe a famosa ode, de que Elmano estampou alguns versos na « Pena de Talião. » Perdeu-se o soneto, em que o auctor da « Medéa e do Tritão » lhe respondia; mas é de crer que pagasse adulação com adulação. Sobreveiu a dissidencia da Arcadia no entretanto; postos um defronte do outro, trataram-se como se desde o berço nutrissem mutua aversão. Os vituperios desafiaram os vituperios; a emulação envenenou a polemica; e dotados de grandes forças, arderam em odios, que pareciam inextinguiveis. Elmano escrevia de Macedo:

O tonsurado, retumbante Elmiro
Vibra tiros ao vate, e cada tiro
Mais frouxo que pedrada de creança.

E não contente de o pintar, assoprando de face tumida e assanhada nas bozinas de que

Tremem de Jove as delicadas filhas!

apimentava o escarneo, unindo-se ás pateadas, que enterravam a infeliz *Zaida*, ensaio dramatico desastroso do poeta ecclesiastico. Eis as zombarías metricas, que lhe dirigiu:

Na scena, em quadra tragico-invernosa
Zaida se impingiu, fradesco drama;
Appareceu depois com sêde á fama,
Tragedia sem igual, mais lastimosa.

O auctor lamenta, em phrase apparatosa
Esfaqueado arraes, pimpão de Alfama;
É alvar o galan, ratinha a dama,
E' o macho Simão, e a..... é Rosa,

Espicha o rabo (Eu tremo ao proferil-o).
Espicha o rabo ali o heroe na rua,
Qual Muratão nos areiaes do Nilo.

Elmiro na tarefa continúa:
Já todos, pela escolha e pelo estylo,
Rosnam que a nova peça é obra sua.

Excitada a sua ira, e correndo o anno de 1798, determinou o padre Macedo pôr fim á lucta por meio de um golpe decisivo. A satyra pareceu-lhe o verdadeiro modo de aniquilar Elmano; e repassando-a do fel, que tinha na alma, vibrou-a sem piedade:

Sempre ó Bocage, as satyras serviram
Para dar nome eterno e fama a um tolo.

Assim rompia! As injurias atropellavam-se. As insinuações vinham umas a par das outras. A irrisão e o falso desprezo forçavam o riso, negando a evidencia, e fingindo no gigante a estatura do pigmeu. Apenas se divulgou o papel de Elmiro, Bocage obteve-o, e só comsigo tragou primeiro todo o veneno, que encerrava. O orgulho, d'esta vez a justa consciencia da nobreza do engenho, o fervor do genio, e o resentimento do insulto, acenderam-lhe o delirio poetico. O Morgado de Assentis, que o esperava no costumado ponto de reunião, bem alheio do occorrido, vê-o de repente adiantando-se apressado, com as

feições transtornadas, e os olhos scintillantes. Quasi sem reparar no Morgado entra na loja, passeia precipitadamente no meio de gestos e de palavras interrompidas: e no fim de algumas voltas pára de repente, e com os olhos fitos no amigo, exclama em voz estridente: «Tolo? tolo! tolo..... nem elle!» E tornou ao mesmo giro e á mesma preoccupação.

Passada a maior explosão, Assentis pasmado atreveu-se a indagar os motivos de tanta colera; e Bocage, tirando do bolso um exemplar amarrotado da satyra de Macedo, disse-lhe: «Ahi está um lapis. Arranja-me papel; vou escrever antes que me arrebente a cabeça! «Sentou-se a uma mesa, e emborcando calices de genebra, e devorando duzias de cigarros, indifferente a quanto o rodeava, de um jacto produzio a resposta. A «Pena de Talião» a satyra mais brilhante, foi composta em tres horas, incluindo as notas. A ira inspirou-a, e raras vezes a ironia e a apostrophe subiram mais alto. José Agostinho ainda contestou; porém (mesmo não conhecendo a replica) ousamos assegurar, que não poderá medir-se com o desforço de Bocage. Ha vôos, que não se alcançam, faltando a igualdade das forças.

A «Pena de Talião» em que respira o estro de Manoel Maria, para ser bem apreciada, deve comparar-se á provocação de Macedo. Respondendo ás censuras do seu emulo, Manoel Maria esmaga-as, cada uma por sua vez; depois virando-se contra Elmiro, lança-lhe aquella maça d'armas, com que póde só a mão do gigante, e que ninguem apára impunemente. Para se avaliar a superioridade de Elmano basta cotejar a injuria com a desforra. O triumpho de Bocage está na confrontação. Eis como Elmiro começa:

> Sempre, ó Bocage, as satyras serviram
> Para dar nome eterno e fama a um tolo,
> Vive Crispino, e Cluvieno, e Codro
> De Juvenal nas satyras sublimes;
> E d'Horacio o rival deu nome e fama
> Ao pedante Cotin. Eu não quizera
> Teu nome eternizar: mas a verdade,
> A justiça, a razão mais alto bradam,
> E o flagello da satyra merece
> Teu estouvado orgulho, e audacia tua.

Agora a resposta de Bocage:

Satyras prestam, satyras se estimam
Quando n'ellas calumnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de zoilo
O vicio nota, o merito gradua;
Quando forçado epitheto affrontoso
(Tal que nem cabe a ti) não cabe áquelles
Que já na infancia consultavam Phebo.
Elmiros de París, Cotins, são vivos
No metro de Boileau mordaz, mas pulchro:
Codros, Crispinos, Cluvienos soam,
No latido feroz do cão de Aquino,
D'esse, cuja moral, mordendo, imitas,
E cuja phantasia em vão rastejas
Nos igneos versos, que Venusia illustram,
Nos que de fama eterna honraram Mantua,
Involtos no ludibrio existem Bavios,
Mevios existem; e a existencia d'elles,
Se pudesses durar, seria a tua.

Que força, e que harmonia nos versos, com que repelle o vituperio, e o converte em opprobrio do censor! Lendo-se José Agostinho, e depois Elmano, lembra o clarão da lua disputando esplendor á luz do sol! Um falla a linguagem da inveja, rasteja como ella, e raro se levanta ás alturas, d'onde a poesia, e mesmo a satyra, olhão de cima para as paixões humanas. O outro, férvido e extatico, transcende tudo de um impeto, e suspenso nas azas da imaginação, empunha o corisco como a aguia symbolica, e desce em furacões sobre o detractor. Fallando a lingua dos deuses, veste de fogo a frase, e a imagem debil do contrario; e longe de as esquivar, tornadas mais brilhantes, rebate-as contra aquelle que imprudente as suscitou.

Com que bella expressão responde á frouxa allusão a Juvenal, estampada nos versos de Macedo:

Codros, Crispinos, Cluvienos soam,
No latido feroz do cão de Aquino!

Que delicada e vehemente citação a sua de Horacio, friamente nomeado por Macedo:

Nos igneos versos que Venusia illustram
. . . .
Involtos em ludibrio existem Bavios!

E' assim que os mestres castigam, e que o genio se vinga.

Continuemos ainda o parallelo. O auctor do Motim Litterario para rebaixar Elmano satyrisa-lhe a figura, e trata com desdem os defeitos de Bocage:

> Com semblante de satyro podias
> Ser poeta e philosopho prestante:
> Foi Socrates enorme, Pope horrendo
> Era pequeno e barrigudo Horacio.

Manoel Maria retorquio-lhe n'estes bellos versos:

> Do philosopho a tez, a tez do amante,
> Meditativo aspecto, imagem d'alma,
> Em que fundas paixões a essencia minam
> (Paixões da natureza e não das tuas)
> O que apparece em mim, á vista abjecto?
> A mesta palidez, o olhar sombrio,
> O que preterição desengenhosa
> Dos sujos trivios na linguage aponta,
> Que importa, ó zoilo, ao litterario mundo?
> Que importa, descarnado e macilento,
> Não ter meu rosto o que alicía os olhos?
> Em quanto nedio e rechonchudo, á custa
> De vão festeiro, estupida irmandade,
> Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
> . . . .
> Compras na aldêa do Barbeiro o voto,
> Ali triumphas, e a cidade enjoas?

Macedo, lendo a replica devia esbravejar, conhecendo a imprudencia, com que se expoz. A pintura critica da sua eloquencia sacra, e dos seus artificios mundanos para captar a popularidade no pulpito, foi traçada com tal viveza, que o retrato sobreviveu ao conflicto:

> Afofas teus sermões, venaes fazendas
> Cujos credores nos Elysios fervem,
> Trovejas, enrouqueces, não commoves,
> Gelas a contricção no centro d'alma!

Sem ser justa nem exacta a respeito de José Agostinho, a des-

cripção havia de traspassal-o. Certos golpes depois de recebidos doem eternamente. As feridas, que os grandes talentos rasgam, não se curam.

Depois de corrido meio seculo sobre o combate, está tão profunda na reputação de Elmiro, como na primeira hora. E' que o ridiculo disforma por onde passa.

O reverendo epico, segundo a phrase ironica de Pato Moniz, querendo aviltar o seu rival, exclama com fingido despreso:

> Traductor de aluguel, quem são teus zoilos?
> Tu, que a soldo de um frade ao mundo imbutes
> Rasteiras copias de originaes soberbos?
> Que vulto fazes tu? Quaes são teus versos?
> Teus improvisos quaes? Glosar tres motes,
> Com logares communs de *facho e setas,*
> Velhos arreios do menino Idalio?
> Glosar e traduzir isto é ser vate?

Ferido no mais sensivel, ardendo em despeito, e certo da calumnia pelo proprio merito, Bocage ergue-se terrivel, e em uma inspirada apostrophe vindica a elevação, que lhe pertence. Juiz e parte ao mesmo tempo, n'um arrojo desculpavel, cinge a si mesmo a corôa, e celebra os seus louvores. E' das poucas vezes, em que fallar de si, como a posteridade fallaria, não auctorisa a censura. Elmano tinha jus a citar os seus dotes, quando a parcialidade e o odio lh'os contestavam, confundindo-o na plebe dos repentistas obscuros, eis como rompe:

> Sanguesuga de putridos auctores,
> Que vaes com cobre vil remir das tendas!
> ....
> Em quanto a estatua da ignorancia elevas
> Os dias eu consumo, eu vélo as noutes
> Nos desornados, indigentes lares;
> Submisso aos fados meus, ali componho
> Á pesada existencia honesto arrimo.
> ....
> Inda não me elevei do Pindo ao cume
> Com fama, que assoberbe os summos vates;
> ....
> Insulso rimador de *fachos, setas,*
> Nugas não douro, não mendigo applausos

De vacuas frontes, plagiarias linguas;
Não sou, nem de improviso, o que és de espaço!
. . . .
Verter com melodia, ardor, pureza,
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estorvo
De um, d'outro idioma descernindo os genios,
O caracter do texto expôr na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio,
E' ser bugio, ou papagaio, Elmiro?
Confronta originaes, e as copias d'elles;
Verás se a musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense attinge,
Castel transcende, e com Delille hombreia!

O grande merecimento d'esta satyra é unir ao desforço os preceitos da arte. Ha versos que resumem volumes de Poeticas. O fecho corresponde á energia e á força dos membros. Com o sorriso nos labios, e o fel na penna, Elmano convida o seu contrario a não recuar no estádio, seguro de o ver encontrar os revezes a cada passo:

Mas não desmaies na carreira; ávante,
Eia, ardor, coração. . . . vaidade ao menos.
As oitavas ao Gama esconde embora. . . . .
N'isso nem perdes tu, nem perde o mundo,
Mas venha o mais! Epistolas, sonetos,
Odes, canções, metamorphoses, tudo. . . .
Na frente põe teu nome, e estou vingado!

Esta guerra atroz durou cinco annos, e pouco antes da morte de Manoel Maria, é que um dia lhe appareceu Macedo em casa, pedindo com maneiras affectuosas a reconciliação. Aceita ella, com o mesmo gosto, com que era proposta, José Agostinho, em prova de sinceridade, dedicou a Elmano a sua imitação do texto de Horacio.

Non omnis moriar: maxima pars mei vitabit Libitinam.

N'esta poesia entre muitos elogios Elmiro rematava:

Do nada universal entrem no abysmo
Os arbitros do mundo e heroes de Marte:
Quando lhes abre a campa
A morte imparcial, a terra folga.
Do nada zombam teus cadentes versos,
E a sombra do sepulchro em luz convertem:
Para si tambem guardam
A fama perennal, que aos outros deram.

Bocage responde ao panegyrico em um soneto, a que poz por atrevida epigraphe o seguinte:

Nomen erit indelebile nostrum!
Meus dias, de ouro já como os primevos
Salvas do crú Saturno, e morte crua,
De uma e de outra existencia algozes sevos.
Rivaes a duração do sol e a sua
Calcando a Parca, atropellando os evos,
Elmano viverá da gloria tua!

O epicedio de José Agostinho á perda de Manoel Maria, pagou o tributo da amizade recentemente estreitada, e da estimação do grande espirito, que animára as cinzas do traductor de Ovidio.

Estampados sobre a campa do amigo e do vate, os louvores de Macedo não foram duradouros. Sete annos depois da morte de Manoel Maria, saindo dos prelos em Londres a «Pena de Talião» que tanto mortificára Elmiro, acendeu-se a sua colera, e dirigindo a carta — *De um pae para seu filho sobre o espirito do Investigador Portuguez* vingou a offensa moderna sobre os manes de Bocage, auctor da injuria antiga. Na analyse da obra de Elmano, José Agostinho não poupa observações para a denegrir, cobrindo-se com o pretexto de uma critica imparcial. Vãos esforços! Uma ou outra sombra não desmancha a belleza, nem macúla o lustre d'aquella inspirada poesia.

Como se podesse prever o futuro, o cantor de Leandro e Hero, em admirados versos, explicou a necessidade do claro-escuro nas producções litterarias, do mesmo modo que na tela do pintor. Para a formosura sobresair, é preciso carregar as côres em certos pontos, e deixar escapar pequenos descuidos em outros. O preto realça a alvura da tez; alguns lapsos, cortando a uniformidade, que nos cança mesmo do optimo, servem de exaltar o valor ás perfeições.

Co'a materia convem casar o estylo;
Levante-se a expressão, se é grande a idéa;
Se a idéa é negra a locução negreje;
E tenue sendo se attenue a phrase.
. . . .
Citas um verso mau, que não transforma
Em matos os jardins! é natureza
Estarem par a par espinhos, flores;
E não sabes, malevolo, que a regra
Une a tenues objectos, simples phrases?

Macedo não quiz recordar-se destes preceitos, que o açoute da Nemesis Bocagiana devia ter-lhe gravado na idéa. Mordendo na mortalha do poeta, uma baixa inveja, um rancor indigno poderam mais com elle, do que o decoro, o brio, e a religião do tumulo. Gelada a voz do grande cantor, levantou a sua para lhe vituperar a sombra, e no exemplar dos Burros de 1812, (porque todos os dias acrescentava ao poema versos allusivos aos acontecimentos do tempo) assegura o sr. Castilho, que não se envergonhou de lançar uma obscena e torpe invectiva contra as cinzas d'aquelle, que em pomposos elogios tinha saudado como principe da arte, e, o que é muito mais ainda, tinha abraçado como amigo na hora extrema.

Eis os metros flagelladores, não da memoria de Elmano, mas da consciencia e do caracter de José Agostinho:

> Subito avança despolpado espectro
> Que sae do cemiterio: inda na boca
> Inda na mão sustem cigarro e copo. . . . . .
> Era o vadio e glosador *Bocage*,
> Que os doze tomos do Talmud queria
> Verter, verter, verter, verter em versos!
> Foge-lhe o triste vertedor *Bocage*
> Quando outra fórma mais risonha surge.

E em outra parte:

> Eu do Sado houve um filho, e n'este ventre
> Por anno e dia me morou qual burro (!!).
> Eu mesmo o fiz marchar do Tejo a Goa
> Eu de Goa o chamei de novo ao Tejo.
> Não foi por certo avara a natureza,
> Algum genio lhe deu; mas só faiscas
> Dispersas, soltas, lhe rebentam d'alma,
> Nunca á teimosa reflexão sujeita.
> Secco do seu, interprete do alheio,
> Viveu de traduzir, morreu vertendo.
> Fez versos machinaes, juntou palavras,
> De tudo cabo deu com a escolha chôcha;
> Fez seita, e tem discipulos qual elle!

Finalmente, parecendo-lhe pouco este acervo de deploraveis miserias, em 1813 nas «Considerações Mansas sobre o tomo 4.º de Bocage» dirige-lhe novos improperios.

No entretanto, o comportamento de José Agostinho suscitou vingadores a Elmano. Uma decima composta, quando Macedo publicava o « Oriente » merece que a citemos n'este processo. Ignora-se o auctor, mas de certo era poeta costumado a conversar com as musas:

Ao Parnaso quer subir
Novo rival de Camões:
E das loucas pertenções
As musas se põem a rir.
Apollo, sem se affligir
D'est'arte diz ao casmurro:
« Póde entrar, que não o empurro;
« Não me vem causar abalo;
« Já cá sustento um cavallo,
« Sustentarei mais um burro.

A posteridade fará justiça collocando cada um no logar que lhe compete, e pesando as qualidades e os defeitos. O pó d'estes jogos olympicos não lhes desfigurou o rosto, caladas as paixões da lucta, e extincta a época, que os viu nascer, e que os admirou gigantes.

O espaço, que julgavam estreito para si, é bastante largo para muitos; e o louro triumphal, que disputaram, chega para todos.

Filhos da ultima geração poetica, precursores do renascimento da escola nacional, sobrevivem elles só. Retratando nos seus combates e canções o periodo final da litteratura classica, já modificada pelos primeiros alvores da revolução chamada romantica, o deus invocado por elles caiu do altar, mas os sacerdotes não morreram no espirito.

Como em Athenas, depois de escrava, a belleza das ruinas vingava a crueldade da fortuna, vêl-os-hemos intactos, resistindo ao tempo, estatuas a que a tradição todos os annos doura a formosura, e torna sagrado o busto,

VII,

Chegamos á parte espinhosa d'este estudo. Temos de reproduzir a physionomia de um talento difficultoso de colher com expressão fixa.

Os traços proprios para esboçar a carreira de Bocage não che-

gam para o desenho das feições delicadas e caprichosas da musa, que voou do seu lado, depois dos ultimos e bellos canticos.

Apreciando em Elmano o homem arrebatado e sedento de applausos, prompto em conceber e exprimir, tão nobre de alma pelas prendas, como fragil de caracter pelas fraquezas, fez-se a pintura de um grande vulto, imperfeita e rude, mas só por culpa do pincel. Descrevendo a lucta dos arcades, e patenteando o animado drama das suas discordias, tinha-se a tradição presente, e com ella não deviam trocar-se as côres, nem errar-se os traços.

Agora não. Acabou o que dependia da escolha, e principiam as perplexidades e conjecturas.

Na elevação de Manoel Maria, as figuras historicas não se medem sem receio, e as manifestações da actividade poetica não se contrahem a uma vista geral, sem desafiar o perigo. É como um painel de Murillo feito para se olhar de longe. Ao pé tintas e toques empastam-se e representam grosseiras mascarras; levado ao seu ponto de perspectiva tudo se adelgaça e se embelleza, até offerecer á admiração o primor que é.

Ignoramos ainda, se nos achamos a distancia sufficiente para julgar o auctor de Leandro e Hero, e se a nossa época constitue já aquella verdadeira posteridade em que se póde cumprir, sem illusão, com os deveres da critica.

Querendo penetrar na intimidade daquelle engenho, não estaremos muito afastados? Querendo avalial-o unicamente pela voz do seu tempo, e pelas paginas dos seus livros, será bastante? De qualquer lado é quasi inevitavel o erro. Os passos escorregam; e a claridade, menos distincta á proporção que se caminha, se não occulta, tambem não descobre o precipicio.

Eis o motivo por que assusta lavrar sentença da indole e influencia de Bocage. O escriptor viveu proximo, as suas idéas foram diversas das de hoje, e interrompido no meio d'ellas, ficou maior o nome, do que as obras. Os admiradores hão-de tomar o exame imparcial por um ultrage, ou ao menos, por um desforço da nossa época. Os zelosos da seita romantica (se é seita, e se chama assim) exclusivos no culto, hão-de assentar a censura opposta, arguindo a equidade de acto reaccionario. Estas exagerações convem despresal-as de certo! Só duvidamos que se consiga com a facilidade, que se inculca.

As revoluções litterarias operam, como as politicas, por meio de abalos fortes, derrubando uns, e elevando outros. Os que descem não perdoam; os que sobem não transigem. No meio do cortejo, que a fortuna ajunta aos dominadores, os gritos do amor proprio não se

calam na boca de geração trilhada com a passagem do triumpho. O resentimento envenena-se; como o seculo não volta atraz, a impotencia vinga-se, sonhando injustiças, e encarecendo aggravos.

Ha mais. Se o cantor expirou, tocando a edade, em que os fructos da intelligencia são mais perfeitos; se a morte o atalhou na occasião de exaltar o genio, a critica obrigada a notar a circumstancia, não pode admittir o que não existe, nem dar á probabilidade o logar, que pertence aos factos. O que faria um poeta do valor de Elmano, se a imaginação cheia de seiva aprendesse a moderar o excessivo ardor, unindo a força á correcção? Eis justamente o problema, que não é dado resolver! Era extensa, como foi radiosa e vehemente, a sua inspiração? O calor e o brilho do estylo, dourando a phrase quasi epica, sobresahiriam do mesmo modo nos cantos de um poema longo? Ousaria o poeta subir á lingua tragica, cunhando nas paixões a interpretação do sentimento, e não dos livros?

Quem responderia a taes perguntas? Nem o mesmo Bocage, sendo vivo! Antes de ensaiar a lucta não se dá o sim da victoria. Antes de medir os instinctos e o alcance da vocação, não se estende a cabeça ao louro de Sophocles, nem se colhe a palma de Virgilio.

Observando-se, todavia, o que Manoel Maria produziu entre desgostos e distracções, não ha temeridade em acreditar, que se excedesse a si proprio, entrando em quadra mais serena.

E' até aonde póde alcançar a asserção. O resto cahe no dominio das conjecturas.

Socegado o espirito depois da fugosa juventude, e aplacado o coração pela saciedade, a vista offusca-se menos, o orgulho présa mais a arte do que a vaidade, e o gosto mette-se adiante dos excessos para os conter. A experiencia e os desenganos, ensinando-nos, não passam debalde, nem deixam o homem, qual estava.

A transformação interior acompanha a outra. Sente-se mais o que se póde, e vêem-se melhor os obstaculos. A imaginação já não se crê absoluta, cede á razão, amolda-se, e deixa-se castigar por ella. Escutando as melodias intimas procura o tom, em que deve afinar os hymnos. Admirando a natureza foge dos livros para ella, regenerando-se no seu seio, e engrandecendo-se pela sua contemplação. O estro, como os bocagianos diziam, ainda rompe em desordenados impulsos, ainda lança fugazes clarões; porém a reflexão, graduando a luz e as sombras, refreia os impetos, e sustenta a regularidade, sem desvanecer o matiz ás formas, nem lhes desbotar o lustre.

N'esta época de equilibrio entre as faculdades da razão e os thesouros da phantasia é que os grandes mestres produzem os seus pri-

mores. E' a hora das composições, aonde circula o repente lyrico, ou transborda a veia epica: mas em que já prevalece a critica, adoçando as asperezas, reprimindo o demasiado fogo, e contendo a arte na sua unidade natural para não rasgar o veu, e desmanchar a formosura, delirando com as exagerações, vergonha e devassidão da intelligencia!

Infelizmente, chegado a este ponto, Manoel Maria não teve tempo de mostrar quanto valia, porque os mezes de meditação foram curtos, se os compararmos aos annos de desassocego. Faltou-lhe a vida, quando o engenho promettia mais. Entre duas escolas, uma que expirava gasta da imitação, outra que ia nascer do odio á servidão classica, Elmano, pelo molde e pelo colorido, pertenceu á primeira, em quanto no rasgo das idéas, no arrojo do estylo, e na viveza de pintar e sentir muitas vezes parece antever a segunda. Quando esquece os modelos e se eleva com a commoção interior, ou diga as saudades do amor, ou troveje queimado de ciumes, a ternura e a dôr cantam na sua harpa, como se os dedos de um bardo moderno fizessem estremecer as cordas. São momentos, são lampejos? Sim; mas quem, senão Bocage, conseguiu adivinhar por modo tal?

A prova foi que, posta a lapide sobre o seu sepulchro, a escola elmanista, no que tinha de bello, acabou com elle. As tradições do mestre declinaram rapidamente. Aquella inspiração, que em diversos vôos, quasi alcançou os nossos tempos, ficou sem herdeiro. Para as qualidades não houve continuador; para os defeitos é que sobejaram copistas. Os imitadores excederam-se em exacerbar os excessos, substituindo a empôla tumida á nobreza da dicção, e o estrepito á harmonia do traductor de Ovidio.

Bocage estudava pouco; o seu cabedal de saber foi limitado; e com os dons naturaes, pela espontanea illuminação, e á força de genio, é que suppria geralmente o que os outros ganham á custa de vigilias. Versado na lingua franceza e na latina, apropriava á nossa com rara felicidade as bellezas do seculo de Augusto e as dos auctores parisienses, realçando-as a miudo, e ostentando na magnificencia do verso toda a pompa, que o portuguez comporta. Preso no grilhão classico, pouco feito para intentar uma revolução na arte, o seu merito mais consistiu no que deixou escapar do coração, retratando as scenas da natureza e os lances d'alma, do que nas reminiscencias romanas e estrangeiras, embora as vestissem as galas de um estro admiravel.

A lima nas suas obras é descuidada, e em repetidas occasiões até omissa. A perfeição do metro, seduzindo, occulta no primeiro instante que o pensamento, ou não é novo, ou não está bastante desen-

volvido. A abundancia excessiva suspende e offusca; mas um exame demorado mostra, que nem sempre existe a necessaria e intima relação do estylo com o assumpto.

O Garção, severo comsigo, e rigoroso com os outros, reflectia muito sobre os traslados, que se propunha; tirava de Horacio a flor e o gosto, e dos bons exemplares a concisão e o traço. Era um antigo poetando entre os modernos. Nota-se-lhe certo enleio, sente-se que a formosura, a igualdade da côr, e o acabado do desenho, são imitativos; mas não é possivel negar que o effeito corresponde, e que nas litteraturas da renascença raros possuiram a sua pureza e primor de fórmas.

Phylinto, horaciano desde a infancia, confidente das musas latinas, incançavel em as introduzir, servio, sem o suppor, de activo instrumento á sua queda. Censor austero das nodoas, que deturpavam a lingua de Camões, tratando o metro como escravo, e bem alheio de prever o exito, innoculou o principio da reforma no seio da geração, que ouvia de longe os seus oraculos. Nas odes, nas versões, e nas epistolas, admira-se um grande vigor em subjeitar, e ao mesmo tempo enriquecer a phrase, e por vezes muita novidade e gentileza em adornar o conceito. Quando o sol, adelgaçando o nevoeiro de París, lhe reanimava a mente; quando o apertavam as memorias da patria e a dôr das injustiças, tomava-o subito o enthusiasmo lyrico, o espirito sacodia-se dos gelos do desterro, e a mão do velho, tremula com a edade e as sensações, fazia correr na téla figuras cheias de fogo, e pensamentos tocados de graça. Sensivel á gloria e aos affectos, a sua musa, coroando-se das rosas de Anacreonte, não temeu enfeitar-se com o louro heroico de Pindaro, nem gemer uma elegia debaixo do cypreste, ajoelhada junto dos tumulos.

Tão aspero e ingrato metrificador, como o Garção foi correcto, e Manoel Maria era harmonioso, Phylinto vulgarisou a poesia romantica e concedeu carta de naturalisação a Wieland e Chateaubriand, trasladando o « Oberon » e os « Martyres. » Intimo desde os tenros annos com o amigo de Mecenas, a longa familiaridade revelou-lhe os mais delicados segredos d'aquella elegancia flexivel e sobria, d'aquella imaginação aonde o juizo e o gosto se encontram unidos, tendendo ao sublime.

Mas o sal picante e fino da satyra corteză, passando por Francisco Manoel, carrega-se de mais amargor; e o eclectismo polido e amavel do philosopho de Tibur, se tambem desenruga com frequencia a testa do traductor de Gresset, perde muito do sabor ironico, folgando mais no que elle chama o soalheiro dos bons ditos, e allu-

sões mordazes. No seu rancor aos gallicistas, flagellos do idioma luso, lacera-lhes a ignorancia com tanta variedade de chascos, que parece inesgotavel. Na escolha dos originaes foi inconstante e infeliz. Como que ao acaso os adoptava, e com igual indifferença os deixava em fragmento. O capricho e a penuria decidiam quasi sempre do destino da sua penna; e milhares de versos, engeitados á nascença, avultam apesar de tudo nas collecções, desculpando-se com a necessidade do poeta, que era o primeiro a condemnal-os.

Espanta mais a pouca faculdade inventiva, e o menor alcance da inspiração. Na atmosphera mais litteraria; no meio do contínuo movimento de livros e discussões; em París, — o cerebro intellectual da Europa, — Francisco Manoel não tomou animo para emprehender obra de maiores proporções, em que a saudade do berço, e o sentido nacional, que tinha tão ardentes, estampassem a imagem do seu genio!

E não póde aproveitar-lhe a desculpa, que soccorre a Bocage.

Phylinto gosou-se de uma larga existencia, e nos dias tristes carecia de ter o estudo por allivio, e a reflexão por companheira. Sem dizer que a desgraça desenvolva o engenho, e faça rebentar mais cedo e mais fragrantes as flores da phantasia, o exemplo mostra que o espirito, se é fecundo, fertilisa as horas de solidão. Entretanto, o que se observa? Mais de metade das suas obras accusam o nome de auctores estranhos ou attestam a invencivel propensão para distrahir as forças em imitações, trabalho sempre inferior á difficuldade! Um talento mais productivo, com a aurora que principiava a raiar nas lettras, gastaria menos os logares communs da poesia na repetição dos episodios e arrebiques mythologicos. Era de esperar, que procurasse a verdade á medida que se lhe dilatava o saber, e que aos cançados andaimes da fabula e da allegoria substituisse a novidade das idéas e dos lavores, do mesmo modo que esmerava a phrase atrevida e o vocabulo curioso.

A miudo lhe succede, porém, ir ao lado da verdade, e desencontral-a, perdendo dos olhos rasgadas e brilhantes perspectivas. A guerra aos corruptores da lingua, travada com valentia, e depois mantida com acinte, desvia-lhe da contemplação do ideal os sentidos poeticos, mutilando a percepção e discernimento das bellezas e defeitos nas mais elevadas manifestações da arte. Á força de corrigir, implacavel e assiduo, as barbaridades do idioma, e de apagar das folhas dos seus livros a mais pequena macula á correcção, veiu a cair no erro opposto. Os seus periodos arripiam pelo escabroso e forçado verniz de antiguidade; a sua construcção contrafeita e carregada de obscuros archaismos torna-se pesada, desairosa, e dura. Exaltado pela

pureza da lingua, tomou-a para dama dos seus pensamentos, e por excesso de idolatria, cravou a bandeira mais longe do que era rasoavel. Justando com bisarria para lhe defender a formosura, não socegou de a trazer em competencia com as mais opulentas, e não foram poucas nem desvaliosas as corôas que lhe ganhou no torneio. Cegou-se, comtudo, como acontece aos que se enthusiasmam por uma causa; contentou-se com o menos e perdeu o mais, julgando que a victoria n'este ponto equivalia á palma, que os engenhos inventivos recebem das mãos das graças.

O serviço foi immenso, e o sacrificio generoso; mas a fama do escriptor padeceu com as fadigas e violencias do combate. Na lucta, que travou, a perfeição e a originalidade do poeta offuscaram-se. Para acodir á dicção desacurou o plano e a contextura; desaprendeu o tacto delicado em adequar as proporções ao assumpto, e fugiu-lhe o *mens divinior*, que povoa de figuras proprias as ficções que o talento faz viver.

Estas faculdades superiores debalde se procuram em Francisco Manoel. As suas Galathéas são estatuas, e a chamma do genio, principio da individualidade e do sentimento na creação intellectual, não visita senão de longe, e por assômos, as composições do velho Phylinto. Por muito conversar os mortos, decorando as suas feições immoveis, perdeu a flor da vida; e a fria imitação poucos raios de luz encontrou para se aquecer. Os seus Apollos, Dianas, Joves, e Cyprias, cortejo vulgar com mais de duzentos annos de uso, satisfaziam-o cabalmente. Apresenta-os sobre muletas como se fossem remoçados em milagrosa juventude. Taes como os achou, assim os introduz!

A adoravel Velleda dos «Martyres» e o risonho phantastico de «Oberon» parece que o não obrigaram a meditar. Traduziu-os como exercicio, e gostou-os só como difficuldade? Por elles não anteviu o novo mundo, que descobriam, no maravilhoso, nos affectos, e na elegante liberdade? Accessivel em tantos raptos á deliciosa melancolia christã, sensivel de coração e facil na ternura pela experiencia do infortunio, embebendo-se-lhe o pincel não poucas vezes nos prantos amoraveis da tristeza, porque receia demorar-se, e tão depressa esconde a nodoa de uma lagrima, voltando costas aos thesouros, que a veia encerra?

Coincidencia notavel! É do mais romano dos nossos vates que tira uma das suas origens a escola moderna. O poema de «D. Branca» quiz a Phylinto por padrinho: o de «Camões» ufana-se de o lembrar. Como se explica uma influencia tão contradictoria no sen-

tido? Em que se fundam os titulos do auctor das odes aos *Novos Gamas*, ao *Albuquerque*, e a *Washington*, para o seu vulto se erguer no limiar de uma época de renascimento e innovações — elle o poeta classico na fé e na essencia — elle o conservador zeloso das tradições do Parnaso?

A sua gloria consistiu em concluir o que Bocage principiou, em completar pelo cunho nacional, batido nas obras, a revolução, de que Elmano venceu metade. O auctor do «Tritão» e da «Medéa» plebeu e ardente, appeteceu os applausos do povo, e para os obter veiu das aulas de Minerva aos auditorios da praça publica. Como o verso era a sua lingua, aonde lhe acodia o enthusiasmo, e o assaltava o delirio do estro, ahi soltava o canto, aceitando sem exame os preceitos dos restauradores das lettras no reinado do marquez de Pombal. Em Phylinto, pelo contrario, inutilmente luctavam os desejos e as intenções romanas contra a indole do engenho. Esta prevalecia.

E' facil indicar até nas idéas e trechos imitados o reflexo especial de que se córam. Toda a sua poesia, sem elle sentir, lhe tomava esta feição particular, e debaixo do falso trajo das divindades pagãs, guardava o ar, o gesto, e o dizer da patria. O influxo das suas versões romanticas não concorreu menos para nacionalisar a arte. O cabedal de vocabulos e as riquezas de phrase, que ostentou, em emulação com os originaes, provaram as posses da lingua para tudo; a verdade dos sentimentos e a propriedade e franqueza das fórmas attrahiram as sympathias e a curiosidade. Se Francisco Manoel, timido ou fanatico, não concebeu o que promettiam estes bellos horisontes, ou não teve animo de voar para elles; homem do passado, se a mudança lhe agradava nos outros, e o assustava em si, preferindo ficar e morrer com o seculo, em que nascera, fervia a impaciencia no peito de uma geração nova, audaz de pensamentos, e cubiçosa de sacudir o jugo de todas as unidades poeticas e litterarias.

Entrando na carreira, reputou-a acanhada; as balizas eram tão perto, que não havia espaço para a liberdade. Por outro lado, ainda lhe soavam nos ouvidos as vozes dos auditorios, applaudindo em Bocage o plebismo da poesia, e nas obras de Phylinto o sabor e a tendencia portugueza. D'ahi á revolução distava um passo. Deu-se. Dois poemas nacionaes no assumpto e no colorido foram o signal: e o povo, que não ama e intende bem senão o que lhe falla na sua lingua e das suas cousas, o que o entretem das suas saudades e das suas crenças, correu a abraçar a novidade e a reconhecer-se n'ella. Os classicos durante a invasão dormiam ao som das bucolicas e das versões do theatro francez; e quando acordaram, acharam-se sós. A fortuna

tinha passado para o campo inimigo. O que restava aos pastores virgilianos e aos ex-consules da republica de Aristoteles? Apenas o arco e as frechas do padre José Agostinho!

Em poucos annos a reacção triumphou, e a poesia propriamente portugueza tomou posse da influencia, de que a esbulharam os commentadores dos chamados codigos greco-romanos. Macedo, o ultimo representante da Arcadia, achando o throno vago pela morte de Bocage, occupou-o, e foi da sua geração o que se demorou para encerrar a época. Antes d'elle fechar os olhos tinham-se calado os antigos combatentes, uns na sepultura, outros, como D. Gastão e o Morgado de Assentis, recolhendo-se ás lucubrações modestas. Assim, desafrontado de emulos, Elmiro Tagideo dispoz com inteiro arbitrio da censura e do louvor, dictou leis absolutas, e Juvenal plebeu saciou-se nos maus auctores, dos quaes fez uma verdadeira carnificina. Nunca o hospital das lettras recebeu tantos feridos e estropeados como durante a dictadura do critico tonsurado.

Os adversarios, que offendia e provocava, investiam-o com furor, este beliscava-o em metros paralyticos, ou em mascavadas prosas; aquelle exauctorava-lhe a erudição e a competencia em analyses ensopadas de fel, e ferinas pela aversão. Uns copiando-lhe o feitio do chapeu e o talho quasi talar da casaca ecclesiastica, traziam-o em vera effigie por meio de Antonio Xavier no «Mau Amigo» para as taboas do palco, expondo-o, como alvo, á risada publica; outros forjando os versos vingadores da «Agostinheida» penduravam o flagellador incorrigivel no patibulo heroi-comico de um libello, á luz dos relampagos de ingenho, que acendia o odio no coração de Pato Moniz!

De que serviu tudo isto? Macedo não cedeu; e quando mais o acossavam, virava-se contra os imprudentes, e desforrava de uma vez as pequenas contusões de muitas semanas. Já não existia nenhum dos athletas capazes de o conterem, sabia-o, e folgava com a impunidade, aparando em facil escudo os arremessos de toda a seita bocagiana, armada contra o zoilo, ingrato detractor da gloria de Manoel Maria.

O que devia assustar a José Agostinho, se visse ao longe, era outro rebate serio, que ameaçava, não sómente a pessoa, mas as instituições poeticas e o Parnaso, em que pronunciava os seus decretos. As avançadas da escola, então denominada romantica, destacavam-se da Allemanha, da Inglaterra, e da França, aonde foram as primeiras e grandes batalhas, e vinham tocar os clarins victoriosos ás margens do Tejo. Nos ultimos annos do seu reinado, Macedo encontrou-se de leve com os campeões da heresia da arte, como diriam os Flamines de Horacio, e alguns tiros voaram de parte a parte. Se o cantor da

«Meditação» podesse ler no porvir, e adivinhasse o destino das obras recentes, a dôr de ver proxima a declinar a sua fama, e a inveja da alheia gloria, de que raiva não lhe envenenariam o orgulho para carregar o retrato dos *illuminados* da litteratura?! Quantas paginas acerbas iriam augmentar o archivo das suas vindictas, o poema dos «Burros» aonde o verso nervoso e a expressão pungente aggravam o delicto ao genero!

Mas o porvir tem adiante espesso veu. Combatendo ás escuras, e não medindo o alcance dos botes, o satyrico, fiado na fortuna, recostou-se nos louros, suppondo-os eternos. Para cevar as iras desguarneceu as posições importantes, e instaurando processo aos grandes nomes da poesia, desde Homero e Virgilio até Camões, ciumento da reputação dos mortos, como do louvor dos vivos, ajudou a abater os altares da auctoridade classica.

Creadas forças para substituir as gastas ficções, a poesia nacional adiantou-se, mais levemente, encontrando a estrada sem guardas, e o accesso livre para o tribunal do gosto. Depois era comparativamente facil. Estavam os elementos promptos e a occasião madura. Bocage, Philinto, José Agostinho, tinham acabado o mais arduo da campanha. Nenhum tomou para si o famoso verso da quarta ecloga de Virgilio:

Jam nova progenies coelo dimittitur alto!

Obedeciam á indole, serviam o capricho, e, sem o quererem, eram as vozes de um pensamento ainda confuso. Francisco Manoel nacionalisando a poesia, Elmano trazendo-a das academias para o meio do povo, e José Agostinho escarnecendo o respeito dos traslados impostos, e a pobreza dos copistas. Trabalhando por conta do futuro, ignoravam que transpunham as fronteiras da sua época!

Mas nenhum tinha recebido os dotes, com que as musas enriqueceram Bocage. De todos os poetas do seculo anterior e dos principios do actual, o seu valido, o seu eleito foi Elmano. Disseram-lhe segredos, que os outros não souberam; e prendaram-o com o dom maravilhoso de engrandecer o assumpto. Calor na alma para realçar a paixão, pompa de phrase, e magestade de metro para a pintar, ninguem as possuiu em maior grau. O ouvido, para afinar a harmonia dos sons, e inspiração, para lhe infundir a vida e a força, nunca lhe faltaram, antes sempre o soccorreram.

Na effervescencia dos primeiros annos, enthusiasta e cantor arrebatado, transportou para o verso, a indole violenta e insofrida, que foi em parte o incentivo dos milagres d'aquella phantasia ardente, e

que era na existencia pratica o inimigo do seu socego, e o precipicio do mais espantoso talento. Olhando de cima, e longe da rigorosa analyse, os raios, que despede, cegam e paralysam a critica. Os artificios, a riqueza, e a elevação da fórma poetica, não deixam ver senão as bellezas. Atraz da atropellada torrente, sôlta dos labios em cachões de fogo, mesmo as almas prosaicas, desejavam azas para subirem ás espheras por onde vagava ao vate a mente endeusada.

Escutando-o fugia da vista o jugo da imitação, cuja sombra escurece a miudo o lustre dos seus cantos, e parecia que o espirito, não cabendo no mundo conhecido da arte, e superior a elle, queria romper por novos trilhos!

Era o effeito seductor da viveza das côres, da illusão da palavra, e da magia dos sons, restaurando o antigo quadro com gallas proprias. Sé a idéa se remontasse á altura dos arrojos da palavra, se a intuição do bello se animasse do mesmo poder, se a concepção e a sciencia igualassem a lingua e o ouvido, o maximo poeta da sua época fôra Manoel Maria; e o pedestal, que lhe levantaram os applausos dos auditorios, seria o throno, d'onde reinam com os seculos Virgilio e Homero, Ariosto e o Dante, Camões e Milton.

Infelizmente não! O pensamento inventivo empallideceu ao pé do esplendor do estro. A faculdade de crear esmorecia, ou pouco ousava: e os traços, que fazem immortaes as ficções da imaginação, quasi sempre subjeitos, e raras vezes emulos e livres, davam o reflexo da belleza alheia, em logar de expressarem o typo ideal da propria musa.

Igneas canções brotei, co'um deus na mente!

Exclamava devorado de orgulho e de despeito contra os zoilos, que o deprimiam. E assim era. Ao repentista assistiam a alma e o genio nas promptas explosões. Pela segunda vista interior, a virtude por excellencia do poeta, passavam arremessados e impetuosos os affectos; o metro, fremente e audaz, vestia de inflammadas imagens os filhos da lyra, gerados de um repente fascinante; mas pouco depois, e apagados como visões da exaltação febril, o que restava d'elles? Uma qualidade mais fatal, do que proveitosa á verdadeira gloria, não lhe podia dar o que não encerra. E embora dissesse:

Sinto no coração, na voz, na mente
Tropel de affectos, borbotões de idéas!

A fria razão, e o gosto não adoptaram, nem deviam, os fructos

na verdura, que o delirio fez cair, antes de chegarem á madureza, que lhes dá aroma e graça.

A originalidade, digna de durar, e a formosura, que não perece, atravessando as edades, nunca se deixam profanar aos olhos do vulgo, nem cedem menos castas aos amplexos da ebriedade poetica. Aquelle amor, sorriso e encanto dos primores das artes, como o perfume de certas plantas, esvae-se, quando o tacto menos melindroso lhes magôa as folhas. A claridade, que illumina os grandes monumentos, e a luz divina, ser e vida das creações do pensamento, não chegam á posteridade, nos relampagos de ephemero enthusiasmo. Revelam-se no silencio, crescem no recato, e flores do sentimento, não formam a corôa do genio, senão depois do sol da inspiração, alto e contínuo, lhes rosar as petalas, e desenvolver as fórmas. É a lima pedida por Horacio. E' a reflectida e sublime composição de Virgilio; é emfim, com menor esmero, e com menos perfeição tambem, o lavor das obras modernas que merecem a sua fama.

Entretanto, de não confundir a facilidade perigosa com a fecunda creação vae longe a negar-se absolutamente o dom da invenção. Já se disse, e importa repetil-o; em Bocage ha duas physionomias, que se distinguem, e dois poetas, que se contradizem. O repentista e o grande auctor. O primeiro alteia-se e precipita-se, paira sobre as nuvens, e arrasa a terra, conforme a vehemencia da exaltação, e o instantaneo vigor do impeto. O segundo, apaixonado e magestoso, teve lagrimas para a dor, rasgos profundos para o ciume, suspiros para a ternura, desenho e colorido para as paixões.

Ninguem sabe o que lhe reservava o futuro. Inclinado sobre um tumulo ninguem hoje é capaz de sondar nas cinzas frias os poderes d'aquella intelligencia extincta antes de se revelar inteiramente, nem os prodigios de um engenho, que nunca entrou em lucta, que perdesse. Julgal-o pelas suas obras, não é senão soletrar incompletamente em um epithaphio, o que a morte não deixou acabar. As prendas, que lhe ennobreciam o talento, eram joias admiraveis da vocação feliz; o exame e meditação dos modelos, a pausa e a reflexão do trabalho na edade propria deviam determinar uma phase nova: a das producções de longa e esmerada execução. A tragedia e a epopéa, para as quaes já voltava o ardor, offereciam-lhe amplo estádio para desenvolver as faculdades, que talvez tivesse só adormecidas, esperando pela sua hora.

Não é no arruido e no viço dos annos de inquietação, que os pensamentos d'esta grandeza teem occasião de tomar corpo. Antes de fallar a lingua de Homero, ou de Virgilio, o vate mais favorecido en-

saia as forças, e degrau por degrau sobe as escadas, que levam a maior elevação da fórma e da idéa. A copia de noticias e de saber, que o poema epico requer; e o conhecimento profundo e geral do coração humano, que exige a interpretação dramatica, não se adivinham, mas adquirem-se consecutivamente. Qualquer das duas manifestações mede a difficuldade a que se abalança, e por uma reflexão lenta e contínua, vae colhendo na experiencia, no estudo, e no espectaculo da vida das nações e dos individuos o saber pratico, de que precisa.

Se é exacto, como se affirma, que Bocage tinha em projecto um poema sobre o *descobrimento da America*, a par do plano da tragedia de Vasco da Gama, a escolha dos assumptos inculca o distincto poeta. De todos os factos modernos, que se prestam á téla da epopéa, este da contraposição de duas civilisações, da revelação do mundo velho ao mundo novo, apresenta proporções gigantescas, maravilhoso, e tintas esplendidas. Chateaubriand concede apenas ás Cruzadas e ao descobrimento da America, a capacidade de inspirarem fabula e episodios dignos de rivalisarem na harpa christã com a lyra de Homero, e com o cantor de Eneas. Sem ir tão longe deve confessar-se, que a scena encheria o quadro.

Quem, melhor do que Elmano, como Camões desde a mocidade o baldão da fortuna, e o escolhido das musas, tendo visto na immensidade das aguas a imagem do infinito, na tempestade os sublimes horrores da natureza, e nas regiões da Asia o antigo theatro da gloria portugueza, quem melhor descobriria no assumpto os paineis admiraveis, os lances meigos e patheticos, as pinturas atrevidas e maviosas? Harmonia e pompa, no verso; sentimento lyrico, phrase epica, e expressões cunhadas com arrojo, aonde a graça se funde na energia, tudo o que se deseja, e raramente se alcança, assim reunido, concorria para lhe alargar e ennobrecer a carreira. Poderia percorrel-a? O plano do edificio, e a symetria das partes corresponderiam? A imaginação, transportada a tão amplo lavor, acodiria poderosa e igual ao interesse, á regularidade, e ao acabado que demanda? O drama, que sempre está no fundo da epopéa, seria concebido e desempenhado na altura precisa?

Se nos guiarmos superficialmente pelo que ficou de Elmano, parece licito duvidar. Se mais de perto contemplarmos alguns longes dos seus hymnos, notando a invenção original, que vislumbra atravez do tecido mythologico, não faltão motivos para acreditar que sim.

Quem ler attentamente a admiravel cantata de Leandro e Hero, e tirar a suspeita de um furto ás Heroides de Ovidio, confrontando as duas peças, achará no gosto e na imaginação, que a dictaram, mais

do que os dotes limitados do imitador classico. O toque e o primor do episodio auctorisam a suppor que, apurada a critica, e concentrado o genio, a inspiração não seria infiel a Bocage, se a chamasse cheio de respeito pela propria gloria, e de admiração pela elevação da arte. Comprehenderia o vate, assim, os deveres do talento, e as condições do genero? Daria ao assumpto a liberdade regrada; daria á poesia o sentimento da verdade, e ao maravilhoso o sentido christão?

O que José Basilio da Gama entendeu e conseguiu no « Uraguay » o moderno poema de maior valia apesar dos descuidos e da brevidade contrahida, a grande e bella execução descriptiva das scenas naturaes, e o quadro magnifico dos homens da Europa occidental abordando a um mundo, como crê o barão de Humboldt, que nunca suspeitaram, estava na indole e nos artificios poeticos de Manoel Maria despil-o inteiramente do repintado verniz das tradições da epopéa antiga, e do falso luzente da allegoria pagã?

Se nos induz a crer que não, por um lado a influencia da escola dominante, e a servidão consentida ás suas leis; por outro notamos nos arrebatamentos do poeta, nos seus extasis lyricos, nas suas aspirações religiosas a decidida victoria do espiritualismo na invocação de um Deus ethereo e immaterial, o Deus do Golgotha. Mas embora (e com a sua ancia de gloria era inexplicavel) elle não houvesse afagado o plano de mais altas composições, a obrigação da critica seria julgal-o pelos titulos que deixou, e que são de mais para lhe grangearem merecida reputação. O que ficou por acabar, se excede as dimensões do que pôde concluir, unicamente prova a pausa com que aguardava o momento propicio de conversar as musas no recolhimento, indispensavel aos pensamentos grandes.

O padre José Agostinho, estampando na analyse da « Pena de Talião » as nodoas do seu rancor, varia a accusação com o requinte de maledicencia, que não esquecia, quando se molestava com o merecimento alheio. Bocage, diz elle, foi um auctor sem methodo e ligação de idéas, por genio incapaz de symetria, por ignorancia desconhecedor de todos os preceitos communs da rhetorica. *Não tinha senão fogachos sem a força e ordem do discurso logico ou rhetorico!*

O censor queria introduzir as regras do syllogismo na poetica? Se outra era a sua intenção tinha lido as cantatas, os idylios, e as elegias de Elmano? Affirmaria em presença de paginas taes que o cantor da « Medéa » do « Tritão » e da « Morte de Maria Antonieta » não passava de clarões deslumbrantes, mas ephemeros?

Em Manoel Maria sobrava o que em toda a sua carreira, Macedo, poeta de arte, buscou debalde, — a commoção profunda, a sensibi-

lidade dolorosa, a vocação espontanea, e aquella segunda vista prodigiosa do vate, que illumina as trevas do futuro, e acende na mais remota posteridade o resplandor de um astro, que não se eclipsa.

Boileau, mais instruido critico do que Elmiro, nunca impoz ao genio o frio compasso das mathematicas. D'elle são os formosos versos applicados á ode, mas verdadeiros tambem para a indole dos outros generos, guardada a proporção conveniente:

Son style impétueux souvent marche au hasard:
Chez elle un beau desordre est un effet de l'art.

É ficar bastante longe dos moldes impertinentes, dos frios raciocinios, e da severidade do problema algebrico. Horacio queria a mesma cousa; e Macedo, abatido o fumo da inveja, seria do voto de ambos. Desgraçado poema da «Meditação» e infelizes vôos lyricos das suas obras, se o raio, que fulminava, caisse em casa ao detractor!

Se é estranhavel em Phylinto ao cabo de uma existencia longa a falta de composição original, digna do seu nome, não exageramos a censura a ponto de lhe negar inteiramente as forças de a conceber e executar. Sem ella ficou menos illustre, mas não deixou de ser grande poeta. Atrevendo-se a desempenhal-a, subiria ás eminencias do genio, dilatando os reinos da phantasia. E' a differença!

Virgilio, se parasse nas suas Eclogas e Georgicas levaria comsigo para o tumulo o segredo da Eneida, e com elle o da sua capacidade epica. Perdia com isso o louro de Theocrito? Lembrou-se alguem de diminuir na gloria de Corneille por não commetter a empresa da epopéa, ou na de Milton por não calçar o cothurno? Um engenho nobre e privilegiado porque não abraça todos os dominios da arte, já de distrahido, já por falta de aptidão especial, já por lhe não chegar a vida, ha o direito de estabelecer, que não podia, porque não tentou, e que baixa no valor intellectual?

Os talentos encyclopedicos, os Voltaires e os Goethes, são raros como Cesar e Napoleão. Não se dispersam com igual triumpho os poderes da imaginação pelas extensas provincias da poesia e do saber, sem o perigo de repetir as quedas, e de ser o segundo aonde outros são os primeiros. Bocage póde crer-se menos inventivo e menos fecundo no pensamento e no risco das suas obras; mas o que não deve é condemnar-se, como esteril, em nome de sonhada impotencia, quando os dias lhe correram curtos e angustiados, e a edade dos primores lhe despontava apenas! No que fez examinem-se os defeitos e as bellezas. No que traduziu, ou imitou, procure-se o grau de merito da difficuldade vencida, e os assômos de idealidade e de invenção propria. No

que temeu, ou no que destinou para a época viril do talento, quando muito aventuremos conjecturas. Não se percorre de uma só respiração, nem com um simples volver de olhos a manifestação da sua actividade poetica; e seguindo-a com o exame vê-se que alcançou adiante do que geralmente se acredita.

VIII.

Bocage não era proprio para conceber uma revolução na arte, e que o fosse, não tinha ainda soado a hora opportuna de ella se fazer.

Os sentimentos e os costumes encaminhavam-se a uma renovação, porém estavam por determinar as ultimas transições, sem as quaes todo o impulso é vão, porque foi antecipado.

Em quanto os individuos e as cousas se não agitam, a semente escondida não rebenta. O tempo e as circunstancias, é que levantam as reformas. A occasião faz a sorte das idéas activas; se tudo está disposto, o que era timido no principio, ganha audacia, progride, e acaba firmando o cunho da victoria.

Os homens privilegiados que a providencia destina para voz e acção das immensas batalhas do mundo intellectual, pendem quasi sempre entre duas épocas. Saem do passado para o futuro dotados de amplos thesouros de saber e de invenção. Os primeiros para exemplo: os segundos para a lucta.

Elmano tão soccorrido de vocação carecia da sciencia, da perseverança, do gosto, e do juizo critico, que juntos ao olhar penetrante e longo, assignalam distinctamente os chefes. Vindo mais tarde, a indole fogosa de certo o attrahiria aos arrayaes da liberdade; mas ser o primeiro, não cabia nas posses do seu engenho, e excedia muito a altura do horisonte litterario de Portugal.

O seculo, herdeiro do esplendor de Luiz XIV, veiu com a missão de demolir, e não de edificar; trabalhando para um plano, de que não é dado conhecer senão a parte, que respeita a cada geração propriamente. Á disciplina da escola de Arnaud, de Pascal, de Boileau, de Racine, de Corneille, e de Molière succedia a ironia picante, a facilidade correcta de Voltaire, e o incessante pelejar da seita philosophica, de que foi applaudido vulgarisador, e activo instigador.

Na esphera politica Montesquieu, não arrastando a toga, e não querendo abalar as columnas das antigas instituições com a sua critica, ajudava no mesmo sentido a direcção do espirito humano. Rous-

seau começava a abrir as portas á famosa catastrophe de 1789, illuminando com eloquencia a apologia do paradoxo, e a defesa das verdades sociaes. A poesia, e a historia perdendo a severidade que tinhão no seculo anterior desciam aos espirituosos torneios de verso e prosa, que annunciam as grandes renovações, e desviadas do seu verdadeiro fim, tomavam a côr da philosophia questionadora e ironica, que se apoderou dos animos, durante o periodo da Regencia, e do apogêo de Luiz XV. Uma velhice risonha e incredula, disfarçando as rugas no apuro juvenil, e dando aos vicios a graça e a nobreza, que sabia tomar, consumia o coração e as forças, encanecendo nos homens e nas cousas.

Recostada nos privilegios, a fidalguia fazia da satyra elegante o seu recreio, e do verniz aristocratico uma superioridade na devassidão; e entre dois sorrisos, um de orgulho, outro de scepticismo, philosophava á mesa e nos bailes sobre os volumes de João Jacques e do utopista Saint-Pierre. As paixões diluidas e repintadas queriam uma poesia, como ellas, que voasse á superficie, roçando-as apenas com a ponta da aza. O amor e a ambição, as damas e os cortezões, passeiavam pelos jardins de Delille, embellezando os idylios de Trianou, em que as pastoras eram Colletes de chapins bordados e collar de perolas, e os Nemorinos marquezes, camaristas, e gran-cruzes. A natureza estudava-se da janella, ou pela portinhola dos coches, extasiando-se a moda na fé e palavra dos Virgilio se Columellas de meia de seda e salto escarlate no sapato. As grandes transformações dos estados concebidas pelos livros, commentavam-se nos tractados de moralistas, verdadeiros Lycurgos na livraria, e certos pensionistas da côrte, se o conseguiam!

A arte divulgada, e juntamente nobilitada, tinha de direito as suas entradas na Bastilha, nos toucadores, e nas salas. Depois da ovação de Voltaire, os poetas gloriavam-se de guiar os reis e os povos, meneando um palmito de flores. Os ideologos negavam a immortalidade, a lei revelada, e a aspiração do infinito, propagando a theoria das sensações. Entre a agonia do mundo, que ia expirar, e o baptismo de sangue da era, que vinha amanhecendo, Beaumarchais fazia estalar a risada flagelladora de Figaro, escarnecendo os desvarios da decrepidez enfeitada da França, proxima a declinar para os horrores da Convenção!

Mais abaixo, o povo ancioso queixava-se, escutando os risos e as festas em que as Aspasias e as Cleopatras modernas derretiam as ultimas perolas feudaes; e com a mão grosseira limpava as lagrimas da oppressão e da orphandade. Uma inquietação vaga incutia-lhe desejos

e impaciencias desconhecidas antes; e sem saber por que, principiava a contar-se, e a medir os que viviam do ocio, dos privilegios, e do fausto herdado. A ponte que arrasada a Bastilha igualou o throno com o cadafalso, ainda não surgia nos sonhos delirantes dos jacobinos; mas o mais virtuoso dos Bourbons, victima expiatoria dos erros da sua raça, já tinha sobre a corôa o veu da morte. Do Jogo da Péla ás conclusões do procurador da sanguinaria alçada de París, as rodas da carroça funebre depressa encurtaram as distancias!

O gosto e a correcção caíam em decadencia; e dos modelos mais estimados restavam apenas as tradições e a saudade! Tudo se desmembrava e dissolvia! Homens, idéas, e fórmas, em confusão e atropelando-se, suffocavam no aperto, forçando a voz para vencer o clamor geral. O ultimo vate inspirado, o auctor do poema da *Invenção*, pagava com a cabeça as illusões do engenho, e a generosidade da alma. Delille homisiava no silencio a sua gloria da vespera; Lebrun comprava a tolerancia, vendendo covarde louvor aos algozes dos bemfeitores. Laharpe na solidão dos carceres, entre a dor e o materialismo, aprendia a confessar a Deus. Lavoisier, Condorcet, e André Chénier, o sabio, o philosopho, e o poeta, frontes que excediam o livel da tyrannia da plebe, honrando-se de protestar contra ella, caíam debaixo do cutello da guilhotina, porque a republica não carecia de sabios, nem de chimicos para ser illustre! O despotismo da monarchia suppozera o contrario: o seu orgulho foram os louros das lettras na testa de Racine, de Molière, e de Boileau!

Todos os elementos desenfreados se combateram até serenarem de repente ao gesto de um soldado de Bonaparte. As paixões civis, curvando-se á prancha da sua espada, e ao esplendor do seu poder, foram espreitar nas antecamaras do Imperio a hora de lhe voltar as costas, promptas a dobrarem o joelho aos Bourbons proscriptos, se a fortuna lhes restituisse outra vez o throno. As artes que o governo militar comprime, e que a aspereza dos acampamentos assusta, as artes, desterradas e perseguidas em uns, protegidas por ostentação em outros, estudavam nas discussões intellectuaes da Allemanha com M.me de Stael, ou suspiravam pela patria com o auctor de René nas florestas virgens da America, e debaixo das nebrinas do embaciado ceu de Londres.

Os tres gigantes, destinados a dominarem a era do renascimento, Goethe, Chateaubriand, e Byron, nascidos no seculo dezoito, tinham assistido á decomposição da sociedade, e recebido as grandes lições de uma época prodigiosa. Quando veiu o clarão da aurora risonha depois do passado tempestuoso, já como a aguia podiam encarar

o sol. A idéa triumphante, que modificara o mundo, erguia-se emfim plena e radiosa das gemonias da Convenção, e dos campos de batalha, consummada a Iliada de Bonaparte!

De todo o terramoto, que das margens do Sena, abalando a Europa, alcançou as fronteiras nevadas da Russia, e ao dedo de Deus parou na ultima baliza de Moscow, chegavam apenas a Portugal, rompendo a censura, os successos de mais vulto, e os gemidos de maior força. Os thronos alluidos e desabando; quinhentos canhões troando em Austerlitz e Friedland; um rei decapitado como criminoso; sua esposa assassinada juridicamente, eram infortunios que tinham echos muito tristes para não atravessarem todos os mares, ou para deixarem de soar ao coração e no ouvido da Peninsula!

Entretanto apenas uma ou outra pagina allude aos acontecimentos, que assombram hoje a nossa edade, e que alguns dias mais tarde talvez se figurem fabulosos ás gerações seguintes. De que procede este silencio, apenas interrompido, que nos custa a explicar? Como fugiam pela face do espirito os revezes illustres, as catastrophes repentinas, e as sublimes convulsões da ambição, sem despertarem na sensibilidade, ou na imaginação, as grandes imagens de Pindaro, ou a melancolia reflexiva de Virgilio?

E' que na hora, em que a epopéa está nas cousas, a lyra mais audaz acanha-se e o talento mais arrogante prostra-se. Quando dois Titães, um do horror como Robespierre, outro da gloria como Napoleão enchem a scena, e oppõem um sello quasi sobrenatural na successão dos factos, a voz do medo ou da lisonja ainda póde balbuciar um hymno; mas o canto livre, sente, porque se acha perto, que para as acções de Deus, assim reveladas, não chega a harpa de um só vate.

E' a razão, por que se tem negado a faculdade inventiva a esta época e á anterior. Tivemos tambem uma edade heroica, e os olhos de nossos paes contemplaram com espanto vultos d'aquelles, que, segundo a palavra do poeta, do meio da sua carreira já lançavam a sombra sobre a posteridade como grandes monumentos. Achamo-nos, porém, ainda proximos da scena epica. O presente quasi que dá a mão ao passado; e o ideal quer-se menos proximo e mais alto do que as sociedades.

Além d'isso a ode, a illuminação lyrica, depois dos dias em que se arrebatava com as maravilhas de Jehovah nos cantos de Debora e de Moysés, ainda não fez senão declinar. Mesmo em Pindaro esmorece um pouco o ardor atraz da pompa, e o impeto é mais artificioso, do que espontaneo. Pelo contrario em Sapho. As queixosas es-

trophes deixam correr o canto, languido se é de amor, e tempestuoso, se os ciumes o abrasam. Quer chame desvairada o ingrato amante, quer invoque para morrer a deusa, que a não escuta, a vehemencia agita-lhe o verso, o seio palpita com os affectos, e a paixão, toda delirio, assalta o peito, porque vem da alma. Percebe-se por entre o desalinho gracioso da ternura, ou na explosão das imprecações frementes aquelle toque admiravel, aquelle fogo subtil, que melhor do que ninguem descreve o poeta latino:

Est Deus in nobis, agitante callescimus illo
Impetus hic sacræ semina mentis habet.

Depois dos grandes mestres, a imitação de Pindaro, diluida em uns, e amaneirada em outros, poliu o estylo, combinou os metros; mas sempre escrava, como nota Villemain, nunca arremessou o vôo isento, que é a perfeição real do genero. Dir-se-hia que o Prometheu moderno perdeu o segredo de animar a estatua. Nas diversas escolas classicas, vê-se o talento percorrendo o circulo, mas não se atrevendo a ultrapassal-o; João Baptista Rousseau e Lebrun em França, Chiabrera em Italia, Garção e Diniz entre nós, esmerando o engenho, conseguiram colher algumas flores na lyra dos antigos. O rythmo, a phrase ornada, a profusão das imagens e os desordenados e estudados transportes estão nos seus poemas; porém a commoção inspirada, e a ebriedade sublime do enthusiasmo no hymno dos hebreus, a essencia e o bello do ode, se gemem uma nota divina, ou se tentam alçar um esforço audaz, logo sentem o peso das azas abater-lhes o desfallecido cantico. A frescura natal não veceja por elle; os attractivos originaes não coram a idéa e os incidentes. Ha trechos famosos pelo gosto e correcção; ha lances de expressão vivente; mas a simplicidade na invenção, a riqueza desaffectada, e o esmalte da allusão moral, ou do traço heroico dos primores antigos, deixam longe pela superioridade sustentada os ensaios da arte moderna, como certos fructos perdem o perfume e a graça, creando-se fóra do ceu, que primeiro os viu nascer!

Bocage nas fórmas lyricas não excedeu a arte do seu tempo, nem se apartou dos modelos proximos da poesia franceza, e varias vezes dos traslados da latina. A sorte com que tentou a ode não foi igual. Em algumas eleva-se a grandes alturas; ao passo que, segundo succede a Rousseau e a Lebrun, se offusca, ou balbucia, em outras. A formosa invocação á *Esperança*, de um cinzel delicado e de uma imaginação mimosa nas primeiras estrophes, logo se resente de pouca

lima nas seguintes, baixando a allegorias diffusas, cujà nudez não disfarça de todo a versificação brilhante. O «Quadro da vida humana» abre por uma imagem descriptiva, recordando as de Horacio e do Garção, mas realçadas pela energia propria de Elmano. É uma idéa usada, que a magia do estylo remoçou; e a pintura resae tão rica e natural, que assistimos em espirito ás vicissitudes e tormentos do naufragio, enlaçados em episodios successivos os palidos sustos, a anciosa lucta, e a alternativa da esperança para a morte, até o navio arquejando desarvorado, se inclinar ás ondas, sepultando-se com mil agonias conglobadas em um grito unico!

A ode á Fortuna, reminiscencia de Rousseau e de outros poetas, mal resgata a frieza do logar commum, e parece-nos inferior á elegancia, que em partes attenua os defeitos censurados ao lyrico francez. Mas o hymno «Á Virgem» aonde pensamentos, figuras, e metros, não teem que invejar aos mais louvados, vinga depressa os momentaneos eclypses d'estas composições. No exordio fulgura um clarão de Milton; a magestade lembra o Dante:

Além do firmamento, além do espaço,
Que por lei summa, franqueara o seio
A mundos sem medida, a soes sem conto
    Immovel throno assoma:
De um lado e de outro lado é todo estrellas,
Vence ao diamante a consistencia, o lume;
Absortos cortezãos o incensam curvos,
Tem por base e docel a eternidade.

N'esta poesia inspirada, em que circula o espiritualismo, cresce a vehemencia com o assumpto, subindo o enthusiasmo de estrophe em estrophe. Leves nodoas, em um ou outro verso, alguns epithetos improprios, destoando, não assombram as bellezas, nem diminuem o ardor da commoção. Eis como acaba:

    Salve, oh! salve, immortal, serena Diva,
Do Nume occulto incombustivel çarça,
Rosa de Jerichó por Deus disposta!
    Flor ante quem se humilham
Os cedros de que o Libano alardea!
Ah! no teu gremio puro amima os votos
Aos mortaes de que és mãe: seu pranto enxugue,
Seus males abonance um teu sorriso.

Que doce e consoladora supplica á Mãe de Deus e dos homens; Áquella que nos proprios martyrios conheceu o amargoso do infortunio! Que visão suave, a da Virgem, subjugando pelo amor as soberbas da tentação, e acolhendo piedosa as lagrimas dos que padecem, e as esperanças dos que a imploram!

Raros dos nossos poetas comprehenderam assim a musa religiosa, ou sentiram passar-lhe pelo coração este sopro, que a deve estremecer quando entoa um hymno a Deus. Bocage adora e crê, pinta os diversos temores do coração. No soneto, na elegia, ou na ode, quando calla a apotheose dos sentidos, applaca a desesperação dos zelos, e vem ajoelhar-se aos pés da cruz, não é o calculo, nem a arte, é a mais profunda fé, que se eleva dos seus labios. Este homem consumido de desejos e paixões, que o orgulho dos applausos devorava, carecia de comprimir a consciencia para fingir a impiedade. Esta alma engolfada em deleites sensuaes, escrava do mundo e da vaidade, hypocrita de erros e de crimes, que detestava, como outros figuram as virtudes, rompendo o captiveiro, e prostrando-se diante do altar, adivinhava a unção e a melodia catholica de Chateaubriand e Lamartine, como era feita para antever a ironia pungente de Byron, e a opulencia da estrophe matisada de Hugo.

Entretanto (é forçoso dizel-o) se parece demasiado severa a opinião de um distincto censor, collocando Bocage no ultimo logar como poeta lyrico, não póde contestar-se que ficou longe dos bons modelos, apenas rivalisando em uma ou outra pagina com as perfeições elogiadas nas odes de Diniz e de Phylinto. O canto heroico não o favoreceu; e como advertimos, as catastrophes dos dias agitados da revolução franceza, soberbo thema para as magnificencias do estro, rara vez acordaram as suas vozes.

Correndo-se a collecção mal se encontra poema, que recorde a elevação tão sublime em Francisco Manoel, quando entre esplendores a gloria lhe desponta com o vulto de Albuquerque, ou quando o enthusiasmo commette o assumpto dos Novos Gamas. Na imitação romana Bocage desce diante da graça correcta e sobria do Garção! Na elegancia e variedade está distante do traductor do Oberon! Faltava-lhe o que distingue os dois familiares de Horacio, o gosto apurado na lição do original latino. Alem disso a indole luctava com a reflexão dos primores classicos. Infundia-se-lhe pouco do perfume e do saber do inimitavel lyrico de Augusto.

Nas anacreonticas o passo vae mais livre, e os requebros de amoroso jubilo casam-se com a melodia do verso, e com os risos da imaginação: assim mesmo n'esta parte Elmano não compete com o

Diniz. Admira-nos comtudo, que no alento pindarico, a leitura de Lebrun, então popular, e o estudo de João Baptista Rousseau, lhe não illuminassem mais o talento, que em outras manifestações disputa a primazia, e não empallidece na presença dos maiores emulos.

As canções, aonde o genio de Camões, e de grandes vates, derramou tanta sensibilidade, sentimento, e gentileza, em Manoel Maria tambem quasi nada se levantam. Tirados os bellos versos, (e estes eram para elle faceis), e algumas expressões com accento lyrico, o geral do canto é pobre, surdo á voz sincera dos fortes effeitos, e moldado pelas exagerações de um estylo mais estudado, do que verdadeiramente imaginoso. O uso desmedido da allegoria, e o emprego das machinas mythologicas, aonde o painel não admittia senão eloquencia da alma e o colorido da natureza, esfriam o interesse e dissipam o que ha de agradavel n'essas obras por felicidade do auctor poucas e breves.

O *Delirio amoroso* e o *Ciume* (II e IV) revelando a inexperiencia dos annos, em que foram escriptas, deixam escapar diversos traços que denunciam o dedo do futuro poeta. O apaixonado cantor dos zelos, já d'ali indica o seu vigor.

Os *Cantos* á Conceição da Senhora, pela nobreza, pela contricção, e pela riqueza dos pensamentos e ornatos, luctam com os modelos recentes mais applaudidos, se os não excedem. Logo na invocação, o poeta do primeiro impulso mede a distancia, que ha do Ceu á terra, despindo as purpuras e os adornos profanos do paganismo. E' nas azas refulgentes do cherubim da fé, que ascende a sua radiosa inspiração: e tão alto se remonta, que parece fugirem-lhe da vista os horisontes humanos. Extatico e deslumbrado inclina-se á visão da suprema e adoravel formosura da Virgem de Israel; e a cythara de David, como despertando, levanta estas harmonias:

Profana lyra, a moles sons affeita,
Vil instrumento, minha mão te engeita:
Caducas perfeições, servis amores,
Não mais, não maculeis os meus louvores.
Tu doce chamma, angelica ternura,
Que o Creador envia á creatura,
Oh dadiva celeste, oh dom do Immenso,
Com que atterramos Satanaz infenso,
Baixa dos Ceus, e purifica esta alma.

Assim resoa a voz do Dante, quando o celeste clarão lhe vem

dourar a fronte. D'este modo subia ao empyreo entre o incenso da oração, e perfumando a alma, o hymno dos prophetas e dos solitarios, nas grandes edades do mundo, e no maior dos seculos da Igreja! Aqui, sim, existe não a fórma, mas o ser, e a divina agitação da ode! E' o coração fremente, é o espirito ancioso, é a commoção em transporte, e não a arte, quem adora e canta.

Manzoni, dos poetas actuaes aquelle que respira mais sentimento religioso, apar de Lamartine, na Saudação ao nome de Maria, pela deducção dos movimentos, e no geral da veia lyrica, offerece-nos incontestavel superioridade, sobre tudo na correcção do cantico; mas em compensação faltam-lhe os repentes inspirados, que, de curto em curto espaço, fuzilam da crença inflammada de Bocage. Ha maior doçura e maior ternura espiritual no italiano; as suas preces afinam-se por um tom suave e desabrocham da serenidade da alma; mas não as aquece tambem aquelle fogo intimo, que dão á musa catholica de Elmano a eloquencia. Em Manzoni a harpa maviosa suspira estas estrophes:

N'elle paùre della veglia bruna
Te noma il fanciulletto; a Te tremante
Quando ingrossa rugendo la fortuna,
Ricorre il navegante.
La femminetta nel tuo sen regale
La sua spregiata lagrima depone,
E a Te, beata, della sua immortale
Alma gli affani espone;
A Te, che i preghi escolti e le querele
Non come suole il mondo, ne degl'imi
E dei grandi il dolor col suo crudele
Descernimento estimi.

Elmano não matisa o hymno com tanta variedade de toques, mas em partes disfere o vôo ás maiores alturas epicas. No segundo canto a pintura do abysmo, aonde mora a eterna dôr, d'onde a esperança fugiu para sempre, recorda na concisão o sombrio desenho da Divina Comedia. A personificação dos vicios e peccados, que rodeiam em pavorosa confusão

O praguejado throno ao rei das sombras!

é de um vigoroso pincel: ali

A negra Inveja, que alarido arranca
Das carcomidas fauces!
Veneno em borbotões, lagrimas suas,
O coração, côr da noute, ao monstro escalda!
A Desesperação lhe jaz ao lado,
E no raivoso coração lhe enterra
De quando em quando as lacerantes garras.

Do throno, cujos degraus de ferro ardente povôam as idomitas furias das paixões, Satan rebelde, levanta o orgulho contra a pesada pena, que o pune; e é da sua boca, fervendo em ira, que rebenta constrangido o louvor d'aquella, que lhe firmou a planta sobre a cerviz, encadeando-o aos pés da cruz, escravo do Messias.

Exceptuados pequenos descuidos, as audacias felizes abundam n'este poema, aonde a invenção e a fórma se libertam dos ordinarios moldes! N'estas paginas, bem como em varias outras, vislumbram aquelles assômos de originalidade creadora, que muitos negam a Manoel Maria, e que o desleixo, e mais do que tudo, a falta de tranquillidade intellectual, lhe esterilisaram durante a sua breve e amargurada carreira.

N'outro genero, ainda ha d'elle um Canto, capaz de hombrear nas galas com analogas producções de bons auctores. E' o que celebra a intrepida ascenção do capitão Lunardi em 24 de Agosto de 1794. A novidade da empresa, e do espectaculo arrebatam o poeta. O seu enthusiasmo leva-o com o navegador aerio pelos espaços do ceu e do futuro, e no ardor das sensações e do espanto a admiração arranca-lhe um brado á lyra. As figuras e o estylo campeiam em todo o lustre da fogosa phantasia; e á grandeza da scena corresponde a galhardia do verso. Dirigindo-se ao atrevido aerostata, Bocage, com a viva commoção do perigo e do assombro, exclama:

Teu espirito, insano, ah! que procura
Pela estrada de Olympo alcantilado?
Não temes despenhando-te dos ares,
Qual Icaro infeliz, dar nome aos mares?
Não temes (quando evites o espumoso
Campo, que é dos tufões theatro á guerra)
Não temes que n'um baque pavoroso
Teu sangue purpurêe a dura terra?
Tentas, qual Prometheu, roubar vaidoso
O sacro lume, que nos ceus se encerra?
Ah! não, não faças tão medonho ensaio:
Ou teme o precipicio, ou teme o raio.

A allusão aos Gamas e aos Colombos, que domando os tremulos terrores, abriran os mares até ao berço da aurora, nasce do assumpto, e brilha com relevo. Outro bello rasgo aos filhos adoptivos da gloria, cujo berço é o theatro das façanhas, termina por este nervoso verso:

O sabio é cidadão do mundo inteiro!

O poema encerra-se por uma imprecação á lucta civil, que ardia em França, envergonhando a liberdade com a tyrannia da plebe, e com o sangue derramado pelo delirio dos tribunos. E' das poucas referencias ás afflições do mundo, n'esta épocha, que se encontram nas obras de Bocage, e dos poetas contemporaneos portuguezes:

Fugi, fugi aos climas desditosos
Onde, exposta á voraz ferocidade
De monstros de impia garra, aguda presa,
Estremece, desmaia a natureza.

Ainda temos outro exemplo n'elle de allusão historica; é a famosa Elegia á morte de Maria Antonieta, rainha de França, decapitada por ordem da Convenção em 16 de Outubro de 1794. A indignação da sensibilidade ferida estampa um cunho abrasado no verso do cantor. A ira dardeja raios nos atropellados epithetos, maculando na fronte os verdugos; mas é ira severa; não se desgrenha em impetos e maldições descompostas. São stygmas, e não bramidos, os que impõe a lyra, enramada de cypreste. A nodoa das lagrimas, e o corte do soluço, com que a voz recua na garganta, realçam pela ternura viril o desabrimento da musa. Sobre as ruinas de uma sociedade em agonia, olhando para a sombra dos cadafalsos, mancha da liberdade, e vendo um povo inteiro abrir as veias diante do medo de alguns furiosos, o poeta pede ao austero Dante o seu terceto, e faz retinir, como aço, os metros vingadores:

Que fataes producções, que azedos fructos
Dás aos campos da Gallia abominados,
Nunca de sangue ou lagrimas enxutos! . . . . .

Augmentando-se a vehemencia perante o espectaculo doloroso, exclama ainda mais alto:

Crimes soltos do inferno a terra atroam,
E em torno aos cadafalsos luctuosos
Da sedenta vingança os gritos soam.
. . . .
A brilhante nação que blasonava
D'exemplo das nações, o throno abate,
E de um senado atroz se torna escrava.
. . . .
Vae grassando o furor sanguinolento,
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,
Qual rubra lavareda exposta ao vento:
Não cede, não repousa, não se acalma,
E a funesta, insolente liberdade
Ergue no punho audaz sanguinea palma.

Que vigoroso buril! Como a elegia, d'entre os prantos funebres, ergue aqui a fronte coroada de goivos, recordando a sublime angustia da antiga Electra! antes de ajoelhar, e de beijar a lapide sepulchral com os labios palidos, carrega com o pé sobre o crime, e alçando o tom, incendida a face, altivo o gesto, faz curvar o futuro, que se avisinha, dictando-lhe a sentença dos nossos dias!

Vicenzo Monti, nos celebrados *Cantos da Basvilliana*, tambem, no rigido e acerbo terceto dantesco, vingou com valentia igual o sangue de Hugo de Basseville, assassinado indignamente em 1793 em uma sedição da plebe romana. As proporções do seu poema abraçam maior perspectiva, do que a estreiteza do genero seguido por Elmano. O exordio sae por um movimento cheio de imagens, cujo effeito é deslumbrante:

Gia vinta dell'Inferno era la pugna,
E lo spirto d'Abisso si partia,
Vola stringendo da terribil ugna.
Come lion per fame egli ruggia
Bestemmiando l'Eterno, e le commosse
Idre del capo sibilàr per via.
Allor timide l'ali aperse e scosse
L'anima d'Ugo alla segonda vita
Fuor delle membra del suo sangue rosse:
E la mortal prigione ond'era uscita,
Subito indietro a riguardar si volse
Tutta ancor sospettosa e sbigottita.

A poesia de Bocage tem tercetos que não cedem a Monti, e versos de um impeto, que disputa comparações aos jambicos afamados de Chénier; mas suavisa-se depois em uma gradação habilmente conduzida. Contemplando a immortalidade consola-se das tristezas da orphandade e do terror. A figura da rainha de França, resignada, e já celeste pela formosura do martyrio, offerece doçuras e encantos, que suspendem. Pela opposição das tintas fortes e sombrias na pintura dos algozes, ainda mais destaca a harmoniosa belleza da victima:

Já cerrados estaes, olhos divinos;
Já voando cumpriste, alma formosa,
A ferrea lei de asperrimos destinos.

Do rei dos reis na côrte luminosa
Revês o pio heroe, por nós chorado,
Que da excelsa virtude os louros gosa.

Na mente vos observo: eil-o a teu lado
Implorando ao Senhor, que aos maus flagella,
Perdão para seu povo hallucinado.

Despido o veu corporeo, oh alma bella,
No seio da immortal felicidade,
Só sentes não voar mais cedo a ella.

Eis a elegia moderna! De que serviria notar em outras do poeta os trechos, que as exaltam, e os defeitos, que as assombram? Dado assumpto grande e adequado, este canto mostra quanto podia ousar o engenho, apesar de captivo pelo molde. Se alcançasse a nossa edade, com a isenção e as liberdades, que a arte conquistou, aonde chegaria?

Quando se julga assim, e ao lado das obras, filhas das idéas litterarias do seculo 18.°, se collocam os nomes e as producções dos auctores actuaes, está longe da mente o methodo vicioso de fugir da apreciação do merito intrinseco para vagos parallelos e confrontações, que seriam erroneos pelo menos.

Bocage não podia ser senão Bocage. A discussão ácerca das regras e modelos dos antigos, travada entre a escola classica e os innovadores, não tinha passado a fronteira, deve suppor-se; ou caso houvesse atravessado, o homem menos apto para lhe colher o sentido era Elmano, na mocidade, e com as impaciencias de repentista. Se lhe escapam algumas faiscas, se o calor dos sentimentos lhe inspira em di-

versas poesias alguns trechos, que excedem o estadio usualmente percorrido, e a indole do seu engenho, notando-as, não se quiz senão tornar sensivel a transição, que ia operando-se lentamente.

O que succedeu com Phylinto, Macedo, e outros, aconteceu com Manoel Maria. Sómente de todos elles (ousamos crel-o!) este foi o que nasceu dotado de mais prendas para illustrar um periodo de renovação. Aonde lhe fogem da vista os traslados, e não encontra as machinas mythologicas para fazer firmeza, as graças, com formosura propria, sorriem nos seus versos. Attestam-o os exemplos citados; e o que falta expor não é provavel que o destrúa. Não ha ainda no trama do tecido poetico a novidade de matiz e a franqueza de episodios, que de Chateaubriand e Byron por diante subjeitam as fórmas á acção, o lavor á scena, e o estylo aos costumes em rasgadas pinturas da natureza; mas no fundo do quadro, gasto dos emprestimos de tantas gerações de vates, entre as tintas desbotadas de tantas copias, sente-se já como o reflexo das idéas proximas, e uma aragem mais animada refresca a aridez da imitação. A musa nacional ainda está distante dos lares da arte, segundo a phrase de um critico recente, porém os echos do seu canto, com aquelle timbre juvenil que sôa vivo, já se annunciam de longe, afinando aqui e acolá uma nota feliz no meio da uniformidade.

Quando Elmano expirou em Dezembro de 1805 havia cinco annos que o futuro ministro de Luiz XVIII tinha publicado Atalá; e havia tres que o Genio do Christianismo levantára com a eloquencia da razão os alicerces da escola do maravilhoso christão. Estes ensaios, é duvidoso que se naturalisassem desde logo, e a ponto de formarem seita; mesmo no foco intellectual de França, sobre tudo o ultimo, encontrou a resistencia contumaz dos invalidos do Parnaso. Os «Martyres» a epopéa da religião, e a demonstração plena da fecundidade da nova doutrina, só viram a luz em 1809, sendo morto Bocage: e a sua vulgarisação na copiosa versão de Francisco Manoel, tão auspiciosa para os poetas da renascença romantica, veiu tarde de mais para o traductor de Delille e de Castel. As lettras allemãs, e a poderosa iniciativa de Goethe, é escusado dizer, que só no fim do primeiro quartel do seculo 19.º principiou a sentir-se em Portugal, e com bem fracas sympathias. Lord Byron, o cantor com quem mais affinidade tomaria o engenho de Bocage, não estampou os seus preludios metricos, as Horas de Ociosidade (Hours of Ildness) senão em 1805, no mesmo anno do fallecimento de Manoel Maria; e só em 1809 verificou a viagem á Hespanha e a Portugal, de que o Child Harold é a recordação injusta e admiravel ao mesmo tempo. Assim as perspe-

ctivas da inspiração e do gosto não tinham mudado; e por isso, no louvor e na censura, não separamos nunca Elmano da época, nem o julgamos fóra d'ella. Consideramol-o no ambiente, que respirou, e na sociedade, que o influiu. O contrario era falsificar-lhe a phisionomia, dando á critica uma direcção, que não comporta.

No Apologo, Curvo Semmedo vence a Bocage, como no dithyrambo Belchior não cede a primasia a nenhum. Os toques de ingenuidade e de malicia, e o relevo da moralidade concisa, que alegram o verso desaffectado, tornam deliciosas as suas fabulas, dignas de se desvanecer com algumas d'ellas a propria penna do mestre. Francisco Manoel, na traducção de Lafontaine, prodigalisou os thesouros da lingua, cuidando supprir d'esta maneira o que falta em sabor picante á sua copia, comparada com o original. Semmedo não; sobresae sem esforço e com naturalidade, ficando em pé, mesmo diante do traductor dos Martyres. Mas o soneto, o idylio, e a cantata, tres generos, cuja difficuldade nem sempre é récompensada pelo exito, são a corôa de Elmano. Póde asseverar-se afoutamente, que não teve competidor quanto ao primeiro, e que a respeito dos segundos não receia medir as composições com as melhores!

O soneto deveu-lhe uma superioridade, que depois, e antes, nunca teve. Rivalisando com o Petrarcha, se a miudo o não offusca, faz pasmar a facilidade com que entra na estreita medida imposta pelas regras. Modulando os tons mais arduos zomba dos curtos limites concedidos á idéa, e aligeira, como se lhe não pesassem, as prisões artificiosas da metrificação. As suas victorias quasi que se contam pelos combates, nos variados typos que deixou. A viveza une-se á valentia do metro, e á opulencia da rima. É uma galeria de inimitaveis miniaturas, muitas respirando a malicia de um painel de Hogarth; estas exprimindo os sentimentos e os affectos delicados em mimoso apuro; aquellas, reproduzindo os movimentos impetuosos do amor e do ciume em passos vehementes. N'estes quadros de espontanea perfeição, ou estale a risada de Juvenal, ou se queixe a ternura de Propercio, ou a aspiração catholica eleve o canto, a chave de ouro arremata sempre com realce, a corôa de conceitos brilhantes o verso ultimo.

Em Bocage acha-se realisado o dom de Apollo, a que allude o auctor da Arte poetica. Vencidos os obstaculos, de proposito accumulados para precipicio dos temerarios, a suprema belleza desce sobre o poema; e não é sem motivo que Boileau acrescenta no canto II:

Un sonnet sans défaut vaut seul un long poeme:
Mais en vain mille auteurs y pensent arriver,
Et cet heureux phénix est encore à trouver.

Essa raridade, á força de a repetir, acostumou-nos Manoel Maria a reputal-a menos difficultosa. Nos repentes, nas magoas, ou nas iras, o soneto foi a sua fórma predilecta. Pódem citar-se duzias d'elles excellentes; e pelos rapidos esbocetos, aonde a travêssa malignidade carregou o retrato das victimas, é ainda possivel reanimar com a figura e a expressão que tinham, a bastantes d'ellas. Algumas viverão ali eternamente por infelicidade sua, votadas á immortalidade do ridiculo por um lapis sem rival!

Nos idylios (e escreveu não menos de vinte) não observou tanto o exemplar de Virgilio, como se inclinou ás modificações introduzidas por Gesner. Esquece-lhe frequentemente o preceito capital, e arrebata-se em figuras superiores á modestia do assumpto, perdendo de vista a simplicidade, que é a flor do genero. Lendo-se alguns logares lembra logo a censura de Bernardes:

> Está tão mal a um pastor de cabras
> Tratar de astrologia e medicina,
> Como a um grande rei de gado e lavras.

Quer adopte a narrativa, quer ponha em scena a ecloga dramatica Elmano pouco sustenta a graça e a frescura dos quadros pastoris, disfarçando o que a fórma involve de falso e constrangido. A symetria, a repetição, e as descripções, ás quaes um fio tenue conserva apenas o equilibrio entre a ingenuidade verdadeira e a affectação amaneirada, violentam-o, e a indole acaba sempre quebrando o molde em algum mais rijo esforço. Succede-lhe o que Boileau disse de outros. A flauta rustica impacienta-o pela monotonia; e pouco tarda em embocar a trombeta no centro dos bosques, espavorindo o medroso Pan, e os Sylvanos, e affugentando as nymphas assustadas. Bion e Moscho, se o guiam, é de longe; os mais bellos passos de Bocage não descendem da «Morte de Adonis» nem do «Amor Fugitivo.» O que se admira, por exemplo, no seu idylio do «Tritão» são qualidades de estylo estranhas á poesia campestre. N'aquella magestosa figura tudo ha, menos o que permittem as regras. A descripção toma logo grande altura, e a voz do amante geme em accentos tragicos, embora um ou outro periodo mais flexivel adoce os tons. N'esta Ecloga o poeta lucta com os epicos, recordando pouco a lição de Theocrito ou de Virgilio:

> Luziam-lhe as espadoas escamosas,
> Sustentava o maritimo instrumento,
> O buzio atroador nas mãos callozas:

Conchas da côr do liquido elemento
Parte do corpo enorme lhe vestiam,
Egual na ligeireza ao proprio vento:

Da barba salsas gotas lhe caíam,
E nos olhos, que amor afogueava,
Em borbotões as lagrimas ferviam.

Como estamos proximos do Adamastor de Camões! Dos vaqueiros, ou dos pescadores, que disputam em contendas metricas nos dialogos de Rodrigues Lobo, e dos imitadores, que deixou tão distantes da sua harmonia singela, é que não achamos senão a sombra. Vejamos agora como Lilia em um instante se apodera da alma apaixonada de Tritão:

Um dia a viu na praia, e só de vel-a
Seu coração feroz enfeitiçado
Voou, gemendo, para os olhos d'ella!

As imprecações nascidas da contradicção entre a ternura e a ira das palavras, e os encontrados transportes do ciume e da ameaça, estão pintados com o maior vigor n'este formoso poema. O mesmo defeito e a mesma elegancia, mas em differentes proporções, se nota na contextura e execução das outras eclogas. Pelas suas tendencias, o poeta avisinhou-se do canto elegiaco de André Chénier, nos idylios do Cego e da Liberdade, e olvidou a escola já reprehendida por Fontenelle. O perfume pastoril e sentimental de Gesner rescende ás vezes tambem nos seus versos, mas pouco activo.

Causa pena, que em uma fórma tão facil de enriquecer pela representação de paizagens novas e risonhas, como as da Asia e de Portugal, Bocage ficasse inferior ao Alvarenga, e não se mostre primoroso senão em lances patheticos, e vôos epicos que o genero dispensa, se não condemna!

Na cantata, o engenho em liberdade, e mais senhor de si, legou-nos paginas, que nem Rousseau, o aperfeiçoador da fórma, nem o brasileiro Caldas (A. P. de Sousa) nem o mesmo Garção excederam, se é que as egualaram. Os segredos quasi milagrosos, que a arte e a natureza ensinam, fecundadas pelo estro, revelam-se nas composições que nos deixou com este nome. Para o que a dôr e o affecto encerram de recondito, sublime, e melindroso, nunca lhe fallece a expressão e o matiz; para as commoções, meigas ou atrevidas de voz se exhalarem, animando de sentimento e de indignação fremente, o

canto, nunca lhe faltou tambem a phrase e a imagem. No meio da tempestade das paixões, quando as trevas mais profundas cegam a alma, como é doce a maviosa sensibilidade, que as atravessa! Que magnificencia no verso, que opulencia nas figuras, que variedade melodiosa nas combinações do metro!

Das cantatas escriptas por Bocage quatro merecem o primeiro logar: a «Medéa» a «Morte de Ignez» «Leandro e Hero» e a «Conceição da Virgem» não teem que invejar a nenhuma lyra: sobre tudo a que celebra a desventura do nadador de Abydos deixou tão longe as outras de Elmano, quanto se avantaja (a nosso ver) aos modelos nacionaes e estranhos pela originalidade, riqueza e movimento dos incidentes.

O Garção, tomando para assumpto a desesperação de Dido, tira do livro IV da Eneida os traços mais correctos. Em rigor é sua apenas a ligeira moldura, em que o painel se embebeu. O esmero, a pureza, e a sobriedade attica, recebeu-as da imitação, embora formosa, do epico romano; assim as mesmas lagrimas, de que se molha o episodio de Virgilio, posto que antigas, vão mais direitas ao coração, do que as modernas, demasiado frias para a exaltação, d'onde rebentam. Em Bocage não! A pintura nasce do ardor da alma, e da sensibilidade propria. Divisam-se em fugitivos accidentes as reminiscencias classicas, porém como accessorios unicamente. Lembra-se de Ovidio, e dos latinos, mas não os copia, nem se arrasta atraz dos seus vestigios. Comparada a poesia portugueza com as duas Heroides do auctor das Metamorphoses, o pensamento, o colorido, e o gosto attestam que não devem á musa pagã senão a indicação do motivo tragico. O amor e as suas tristezas, interpretado com vehemencia sublime, não dilue o interesse em conceitos aprimorados, que o amolleçam como nas duas epistolas do Sulmonense. A narração dramatica entrelaça os effeitos, e completa-se pelo terror. O theatro da catastrophe, o mar embravecido em todos os seus horrores, é o immenso e espantoso fundo, aonde começa e se desata a acção. O pathetico procede da situação do mancebo, que buscando a luz nos olhos de Hero, encontra o Fado que

> Punge, ameaça, desespera os ventos,
> Enrola a morte nas horrendas vagas!

e das ancias da terna donzella, que suspira de longe, combatida pelos desejos da paixão, e pelos presagios do desastre.

O estylo flexivel e apropriado veste cada lance moral, e cada accidente physico, da energia, e da representação natural, que lhe qua-

dra. O verso docil reflecte o toque mais fino da idéa, o cambiante mais transparente na gradação do affecto. Ronca e troveja com a tempestade, altea-se e recua como o nadador nas aguas; geme entre as rôxas agonias, que o suffocam; soluça com a extrema dôr de Hero, que se despenha. As delicadas transições, que a palavra mal póde tornar perceptiveis acham expressão, nobreza, e suavidade na deliciosa metrificação do cantor. A harmonia imitativa, como em Virgilio e Horacio, tira effeitos seductores da collocação das phrases, e da conjuncção dos sons. Sente-se, ouve-se, e presenceia-se o doloroso espectaculo, desde a partida de Leandro, até ao instante em que Hero no seu delirio entrega o derradeiro gemido ao mudo amante. Na grandiosa visão dos phenomenos naturaes, Elmano fica apar dos maiores poetas descriptivos desde Camões; assim como elles retrata de vista a peleja dos elementos e o pavor do mais animoso peito diante d'ella. Escutemol-o alguns momentos:

Eis manso e manso as nuvens se intumecem
Eis o liquido peso
Rompe os enormes, carregados bojos,
Em torrentes susurra, e cae na terra.
Rebentam furacões, flammejam raios,
O estrondoso trovão no ceu rebrama,
O Helesponto nas rochas ferve e ronca.

Depois d'estes onomatopaicos versos, cuja excellencia uma analyse rigorosa faria sobresair ainda, a dicção acalma, e o vate mudando para as meias tintas, que exige o sentimento, endoudece o infeliz mancebo, e o arremessa ao pego, quando a sua perda é quasi certa.

Não menos vivo n'outro aspecto lhe saiu o quadro da morte de Leandro:

Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,
O tardo movimento eis lhe sobpêa,
Pelas aguas o embebe, e d'Hero o nome
Do anciado coração n'um ai lhe arranca.
Abaixo, acima, com as cavadas ondas
Vae, vem mil vezes o infeliz mancebo. . .

Era preciso transcrever tudo se quizessemos citar os trechos, tocados de notavel belleza. Illuminado de uma inspiração, que não desmaia, o engenho vence a arte, apesar da arte envidar todos os prodigios. A perfeição, com que foi acabado o canto, responde aos detra-

ctores, que rebaixando Bocage, o suppunham incapaz de uma obra de mais largas proporções. Na Medéa e na Ignez de Castro admiram-se as mesmas qualidades, porém o grau a que ascendem é menos elevado. A confrontação com a Morte de Leandro e Hero assombra-lhes o merito.

Resta considerarmos em Elmano o traductor, ou antes o quasi imitador, de Ovidio, de Delille, e de Castel nos combates de estylo, e na rivalidade de genio em que foi inimitavel. Ufanando-se com motivo dos seus triumphos, e fulminando na Pena de Talião a José Agostinho, que o accusava de verter por debilidade de invenção, o louvor foi então desculpavel, embora viesse da sua boca. Transportar as riquezas de uma lingua para outra diversa, e algumas vezes opposta na indole e na construcção, ornando a phrase alheia de galas proprias, quando esmorece, sustentando-lhe o brilho quando fulgura, e ao mesmo tempo fugir da exactidão infiel e prosaica sem trahir o pensamento, requer um conhecimento tão intimo dos dois idiomas, e um tacto tão subtil em apreciar as opulencias e as pobrezas de ambos, que torna o passo difficilimo, e a victoria mais gloriosa quasi, do que se a palma se cortasse no favor de composições originaes.

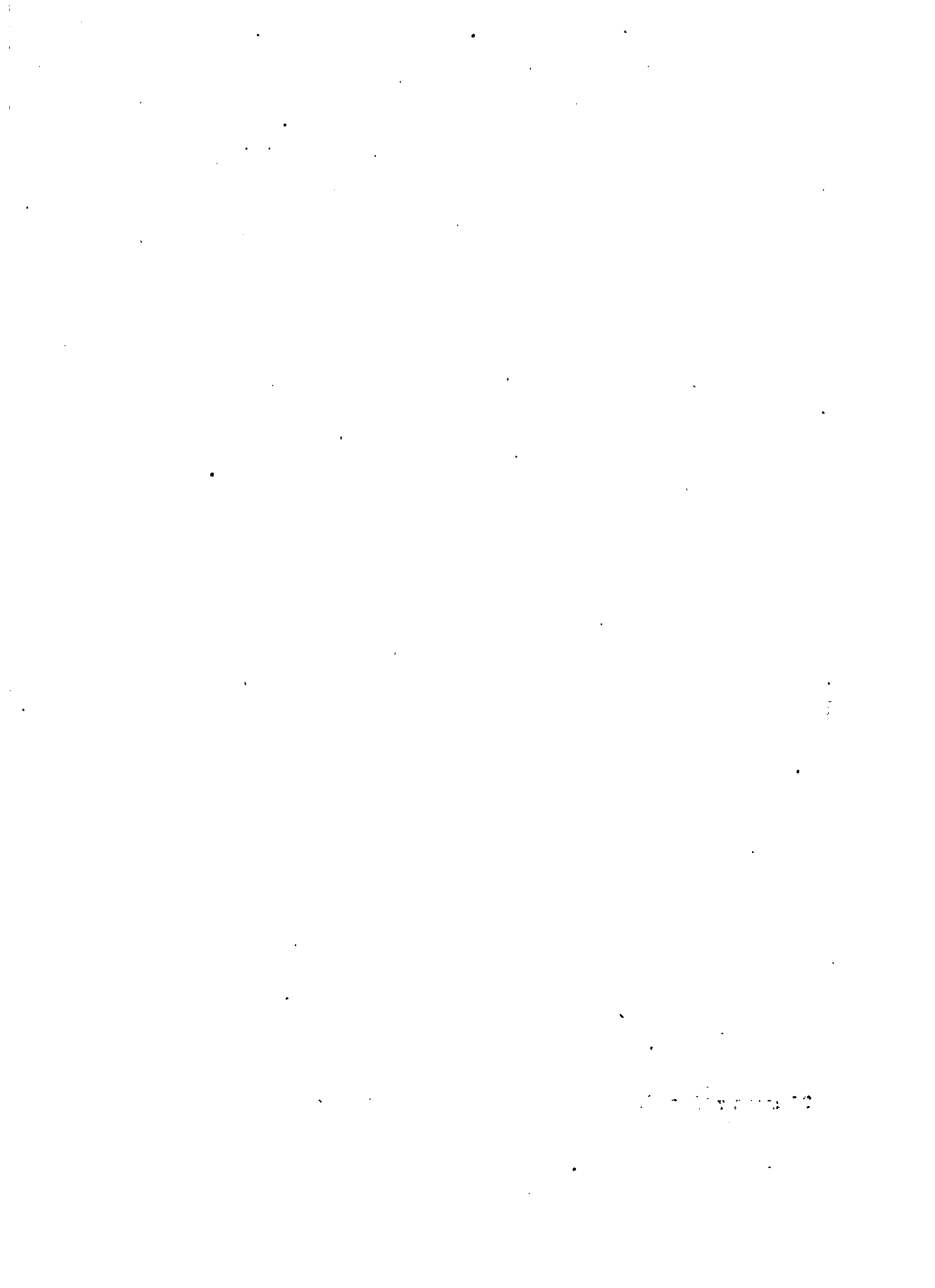
Bocage nada omittiu para o conseguir, honrando-se com as apuradas versões, que andam nas mãos de todos como typos. Do latim traduziu o Canto de Tripoli e a Elegia a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, de Cardoso: o Consorcio das Flores de Lacroix; fragmentos das Metamorphoses de Ovidio; e alguns epigrammas de Marcial. Do italiano, transportou o Atilio Régulo de Metastasio, e trechos da Jerusalem do Tasso. Do francez verteu os Jardins por Delille; a Agricultura de Rosset, as Plantas de Castel, a Euphemia de Arnaud, a Vestal attribuida a D'Anchet, e varias poesias lyricas, novellas fugitivas, epigrammas, e fragmentos de poetas elogiados.

Para tornar mais sensivel o merito da difficuldade vencida, seria necessario cotejar o texto com a versão, e diante d'esta ultima e verdadeira prova, proferir a sentença. Mas nem o espaço o permitte, nem um ensaio como este offerece margem para isso. De mais, para que serviria repetir o que passou em julgado, e ninguem contesta? Severos, quando o deviamos ser, as qualidades e os defeitos do poeta foram apreciados em balança imparcial; e se o erro tirou alguns quilates ao louvor immerecidamente, a intelligencia é que falliu. Manoel Maria não carece de que a posteridade negue a verdade, e ultraje o gosto para o exaltar. Sustem-se na altura, que tomou, pelo seu equilibrio proprio. Se lhe falta a rara perfeição, que suppre em Virgilio a imaginação creadora de Homero, e se não se abalança aos atrevi-

mentos de alguns auctores modernos, no seu tempo e na sua escola colloca-se entre os principes da arte.

No capitulo IV indicámos as causas principaes dos lapsos, que disformam a elegancia e a concisão da phrase, a nobreza do estylo, e a harmonia da metrificação. No capitulo VII avaliou-se a sua faculdade inventiva, e pelos trabalhos conhecidos arriscou-se a conjectura dos que seria capaz de comprehender. Agora cumpre-nos encerrar a longa excursão intentada em uma provincia das lettras, das mais arduas de atravessar.

A leitura attenta do poeta é mais do que sufficiente para se observar o resto. O methodo de Laharpe, o exame parcial e miudo de cada trecho, desmembrado verso por verso, hemestichio por hemestichio, daria em resultado a lição pratica, que facilita a minuciosa analyse; mas essa excede os limites e o sentido de um simples estudo.

A Elmano, para ser o primeiro, depois de Camões, talvez não faltasse senão uma época propria, e vida mais larga. E' a conclusão que auctorisam as suas obras. Com os annos, e em mais ampla esphera, os defeitos haviam de gastar-se com a lima, e desapparecer com a reflexão. A' medida que o repentista fosse desapparecendo, o inspirado poeta Bocage, pelo esmero das suas composições, subiria novos graus até chegar (quem sabe!) á eminencia rara, d'onde reinam sobre a admiração dos seculos os conquistadores intellectuaes, qualquer que seja a manifestação, que escolham para agitarem o mundo pelas idéas!

ESTUDO HISTORICO

SOBRE A

CULTURA DA LARANGEIRA EM PORTUGAL

E

SOBRE O COMMERCIO DA LARANJA.

POR

JOSÉ TAVARES DE MACEDO.

INTRODUCÇÃO.

Estudar a época do descobrimento ou da introducção dos diversos objectos de cultura agricola ou de industria fabril, (especialmente quando tal cultura ou industria vem a ter um grande desenvolvimento, e o objecto della se constitue um recurso para as necessidades immediatas de uma população ou vem a ser artigo de commercio de uma certa importancia), não se póde dizer que é materia de pura curiosidade: antes, pelo contrario, só ha verdadeiro conhecimento da vida de uma nação, quando se conhecem sufficientemente a ordem e os tempos em que essa nação inventou ou introduziu novas culturas e artes; porque sem isto se ignoraria uma parte essencialissima da sua civilisação. Tal é o fundamento do presente Estudo.

Foi algum tempo opinião geral, e ainda hoje é crença vulgar entre nós, que pela primeira vez veiu a larangeira á Europa trazida pelos Portuguezes da China a Portugal. Confirmava-se esta crença com um passo, mal entendido, das obras ineditas de Duarte Ribeiro

de Macedo (1). Acha-se hoje demonstrado o erro desta persuasão. Entre os Auctores que tem tractado desta materia é Galesio, o que, quanto nos consta, mais cabalmente, e com maior exactidão a tratou (2). Persuadimos-nos com tudo, que podiamos acrescentar alguma cousa ao que disse este escritor; e que em especial convinha colligir noticias relativamente ao nosso paiz.

(1) As palavras de Duarte Ribeiro de Macedo, a que nos referimos, são as seguintes: «D. Francisco Mascarenhas trouxe a Lisboa no anno de 1635 uma larangeira «que mandou vir da China a Goa, e d'ahi para o seu jardim de Xabregas, onde a «plantou. Se então soubera a producção desta nobre planta, e a riqueza que nella tra-«zia á sua patria, tivera razão de cuidar que fazia um grande serviço ao Reino, talvez «mais util, que o que lhe fizerão os primeiros descobridores e conquistadores do «Oriente.» *Obras Ineditas de D. R. de M.* Lisboa 1817. p. 118–119.

Estas palavras que parecem confirmar a crença vulgar, illudírão de tal fórma o estimavel Auctor da *Memoria sobre a Agricultura Portugueza*, impressa no vol. V. das *Economicas* da Academia R. das Sciencias, que escrevendo da época decorrida *desde o reinado de D. Manoel até ao do Senhor D. José* julgou poder affirmar que as *laranjas... começárão entre nós a cultivar-se no curso desta época. D. Francisco Mascarenhas* (continua o mesmo escritor) *em* 1635 *mandou vir da China a Goa, e daqui ao seu jardim de Xabregas as primeiras arvores de espinho que entrárão na Europa.*

(2) Traité du Citrus par George Galesio. París 1829. – 8.°

PARTE PRIMEIRA.

SOBRE A INTRODUCÇÃO DA LARANGEIRA EM PORTUGAL.

Todos convêm em que a larangeira não é indigena da Europa: e hoje é opinião corrente que veiu da Asia: e ainda que não possa prefixar-se o tempo, não póde duvidar-se de que ella nos foi trazida pelos Arabes. Antes da invasão deste povo na Peninsula nenhuma memoria nos diz que houvesse laranjas na Europa. Em falta de outros argumentos o proprio nome desta fructa bastaria para nos fazer crer que os Arabes nos derão conhecimento della (3).

Da existencia da larangeira no territorio Portuguez não temos achado testemunho mais antigo que os dous citados no Elucidario do P. Santa Rosa de Viterbo, o primeiro do anno de 1262, e o segundo de 1374 em vista dos quaes com razão adverte o erudito Auctor ser *prejuiso* a crença vulgar *de que só dobrado o Cabo de Boa Esperança veio á nossa terra a fructa de espinho, pois quando cá chegárão as laranjas da China, já contavão muitos centos de annos os laranjués em Portugal* (4). Podemos porêm affoitamente acreditar que já no tempo em que principiou a Monarchia, a larangeira era cultivada no nosso paiz. O famoso Geographo *Edrisi*, que concluiu a sua obra em 1154 (Era Ch.), nos certifica da abundancia que então havia de laranjas no territorio de Marrocos (5): e bem sabido é que intimas

---

(3) A palavra *laranja* é indubitavelmente a Arabe *Naranja*. V. *Vestigios da Lingua Arabica em Portugal* por Fr. João de Sousa = V.° = *Laranja*.

Levar-nos-hia mui longe o discutir até que ponto as palavras podem mostrar a origem das cousas ou do conhecimento dellas. Mas nenhum homem mediocremente instruido deixa de conhecer a utilidade, que se póde tirar, e effectivamente se tira do prudente uso das etymologias.

(4) *Elucidario* = V.° = *Naracharia* e *Virgeu*.

(5) Le pays de Sous.... produit d'excellents fruits de toute espèce, savoir: des noix, des figues, du raisin, des abricots, des grenades, des oranges tres-estimées. III. Climat. I. Section. Vol. I. p. 208. Veja-se igualmente p. 211.

Sebta est entourée de jardins, des vergers et d'arbres qui produisent des fruits en abondance. On y cultive la canne à sucre et l'oranger dont les fruits sont transportés

relações, durante o dominio dos Mosselemanos na Peninsula, houve entre estes dous paizes: bem como quanto aquelle povo trabalhou para melhorar o estado da industria do nosso paiz, e que por isso lhe é devida a introducção da cultura do arroz e da cana de assucar, e a da criação do bicho da seda: pelo que se não poderá deixar de crer que nos trarião cedo a larangeira. E com effeito dos fins do seculo XII. ou principios do XIII. sabemos pela auctoridade de outro Geographo Arabe, *Ismail-ibn-Mohamed*, *Ax-xacandi*, citado por Al-Makkari, que os pateos das casas de Sevilha erão ornados de larangeiras (6). Mas ainda mais. *Abu-Zacharia (Ebn-Alwam)*, o bem conhecido Agronomo Arabe-hispano, que no entender de *Casiri* viveu no sexto seculo da hegira, e por tanto vem a ser contemporaneo, ou quasi contemporaneo de Edrisi, adverte no prologo á sua obra, que *el-Capitulo* 7.° (cito a traducção de D. José Banqueri) *trata de los arboles que suelen plantar-se en las mas de las Provincias de España*: e nesse Capitulo entre outras arvores de fructa sem duvida então vulgares, trata igualmente da cultura da larangeira, por modo que indica haver já longa experiencia della (7).

---

des environs de cette ville dans divers autres pays. IV. Climat. I. Section. Vol. II. p. 4.

Cito a traducção de Mr. Amédée Jaubert, publicada pela Sociedade de Geographia de París.

O tempo em que Edrisi concluiu a sua Geographia consta da propria declaração do Auctor no fim da sua prefação.

(6) The History of Mohammedan Dynasties in Spain, by Ahmed, ibn Mohammed Al-Makkari, translated..... by Pascual de Gayangos. London. 1840-1843. Book I. Chap. III. Vol. I. p. 59.

Quanto á época em que viveu Ax-xakandi veja-se a nota do Sr. Gayangos a pag. 328 do mesmo vol.

O uso das larangeiras como ornato de jardim junto ás casas se estendeu igualmente a outros logares de Hespanha muito affastados de Sevilha.

De Valencia se diz no *Diario do Conde de Ourem ao Concilio de Basilea:* « Estes « Paços (falla dos Paços d'ElRei fóra da Cidade) sām muito fermosos... e tem dentro « muy boas ortas, ss. huma Capella DelRey muito fermosa com sua orta, e tem dentro « larangeiras e murta; que estão antremettidas, ss. a murta com as larangeiras, e « humas polas outras que he huma coisa muito fermosa de ver. » E logo adiante tratando do Orto d'elRey dentro da Cidade falla em uma *Crasta... como da Sel, e esta era de larangeiras e de murta tudo cheo darredor.* (Provas da Historia Genealogica Tomo V. p. 576-577).

Em annos pouco adiantados do XVI. seculo escreveu o nosso Gaspar Barreiros, tratando de Barcelona: « Tem esta Cidade muito boas casas de pedra e cal, assi co-« mũas como particulares, com jardins tecidos de murta, de jezmins, de larangeiras, e « louro. » E logo fallando da Cathedral: « Tem uma Claustra muito fresca e graciosa com muitas larangeiras. » [Corog. fol. 128].

(7) Libro de Agricultura su Autor El Doctor excelente Abu Zacaria Iahia Aben Mohamed ben Ahmed ebn El Awam Sevillano. Traducido al Castellano y anotado por D. Josef Antonio Banqueri. Madrid. 1802. Vol. I. p. 14.

A larangeira porêm que neste tempo se cultivava na Peninsula era sómente a azeda. Nada nos leva a crer que então se cultivasse a laranja doce: e graves Auctores nos mostrão que só se conhecia a azeda. Jacques de Vitri (que vivia em 1200) tratando das fructas que havia na Syria, tendo primeiro fallado da cidra e do limão, continua dizendo que álem destas fructas se cria outra chamada *orenges, tambem de sabor azedo*: donde se deve inferir que elle na Europa não tinha visto a laranja doce: e que na região de que elle escrevia, e por onde a larangeira deve ter passado para chegar á Europa, ainda não era conhecida senão a azeda (8). E particularmente da Peninsula Hispanica sabemos o mesmo pelo testemunho do Agronomo Arabe já citado, o qual diz que o sumo da laranja *tiene el agrio del cidro, de quien es hijo todo naranjo* (9).

Daqui procede que alguns Auctores combinando a existencia da larangeira azeda na Europa já na idade media, com a opinião vulgar sobre a importação da laranja da China pelos Portuguezes, se persuadírão que o que os Portuguezes realmente trouxerão á Europa, foi a laranja doce (10), o que tambem parece estar em harmonia com o estilo vulgar de chamar á laranja doce *laranja da China*, não só em Portugal, mas igualmente em paizes estrangeiros: é assim que o nosso Diccionarista Moraes e Silva, pessoa de bastante lição, diz á palavra *Laranja*, que as ha *doces ou da China*, *azedas*, &c.

Não seria nunca desagradavel a um Portuguez poder sustentar esta opinião: mas a verdade é que já antes dos Portuguezes dobrarem o Cabo da Boa Esperança, não só havia larangeiras em Portugal, como fundadamente fez notar o Auctor do *Elucidario*; mas que tambem já cá as havia doces. Em que tempo estas vierão não o podemos dizer: só não duvidamos asseverar que já erão vulgares em Portugal no principio do reinado d'ElRei D. Manoel.

Talvez que em 1330, quando o celebre viajante Missionario Fr. Jordão andou na Asia, ainda não tivessem vindo as larangeiras doces á Europa, ou ao menos ainda não fossem geralmente conhecidas; pois diz que viu na *India menor, in quibusdam partibus, limones. . . dulcissimi sicut zuchara, et alii limones acerbi sicut nostri;* do que nos pa-

---

(8) *In parvis autem arboribus quædam crescunt alia poma citrina, minoris quantitatis frigida, et aciti seu pontici saporis, quæ poma orenges ab indigenis nuncupantur.* Jacobi de Vitriaco Hist. Hierosolimitana. Cap. LXXXV. (Gesta Dei per Francos. Vol I. p. 1099.

(9) Libro de Agricultura (já citado na nota 7) Cap. VII. Art. XXX. Vol. I. p. 320.

(10) Dictionaire Classique d'Histoire Naturelle = V.° = *Oranger*.

rece que elle soube ali pela primeira vez da existencia de laranjas doces. É verdade que usa da palavra *limones*; mas como não falla em laranjas, e por outro lado diz que viu uns que erão *tão doces como assucar*, se esta expressão a alguem pode parecer exagerada, quanto ás laranjas, muito menos se póde dizer dos limões, que ainda quando doces, tem sempre uma certa insipidez, que mal admitte a exageração do viajante (11). Não pretendemos porêm dar a isto mais importancia do que realmente deve ter (12). Passemos já a mostrar o que acima asseverámos.

O Auctor do *Roteiro de Vasco da Gama* (impresso no Porto em 1838) diz que quando os navios Portuguezes em 1498 chegárão ao pé de Mombaça, vierão a elles *duas almadias. . . que trouxerão muitas laranjas, muito boas, milhores que as de Portugall.* O modo como o

---

(11) *Hæc India quoad fructus et alia, a terra Christianitatis est aliena; excepto quod sunt ibi limones, in quibusdam partibus dulcissimi sicut zuchara, et alii limones acerbi sicut nostri* = *Mirabilia descripta per Fratrem Jordanum p.* 42 = Cito este escrito conforme foi modernamente publicado no Vol. IV. do *Recueil de Voyages et de Mémoires publié par la Société de Geographie* de Paris.

(12) Umas palavras de João de Barros nas suas Decadas nos mostrão que este famoso escritor não tinha duvida em crer, que as laranjas doces já fossem vulgares em Portugal antes do meado do XV seculo.

Conta este celebre historiador que no anno de 1525 indo D. Garcia de Loaisa com uma armada Castelhana para Maluco, tendo passado a Equinocial, achára *uma ilha despovoada de gente, chamada são Matheus, em que avia duas aguadas*. . . . E em *duas arvores estava escripto que avia outenta e sete annos que nella estiverão Portuguezes: e tinha maneira de ser já aproveitada por aver nella muita fructa, especialmente laranjas doces*. Esta arribada de Loaisa á Ilha de S. Matheus, é tambem referida por Herrera (Dec. III. Lib. VII. Cap. VII.) e posto que se não possa dizer com inteira certeza, que Ilha fosse esta de S. Matheus, e não possamos acreditar que os Portuguezes já antes de 1438 tivessem passado a Linha, não ficão menos evidentes duas cousas 1.ª que já no tempo de Barros as laranjas doces erão vulgares em Portugal; e 2.ª que Barros as considerava tão antigas em relação ao seu tempo, que não se lhe offerecia duvida de que os Portuguezes as podessem levar a outras terras ainda nos primeiros annos do XV. seculo. Não quizemos com tudo no texto deste Estudo fazer uso deste argumento, porque para que elle não perdesse a sua verdadeira importancia, teriamcs de o acompanhar de considerações que desviarião a attenção da materia principal.

Não podemos acreditar a circunstancia de terem os Portuguezes estado 87 annos antes de D. Garcia de Loaisa na Ilha de S. Matheus, porque esta circunstancia está em contradicção com a mais indubitavel chronologia dos descobrimentos da Costa e Ilhas da Africa Occidental. Accrescendo que Herrera diz que as letras achadas dizião que = *Pero Fernandes passára por ali no anno de* 1515. E posto que Galvão no *Tractado dos Descobrimentos* diga o mesmo que Barros (ao menos é esta a lição da edição de 1731) acho muito notavel que na traducção ingleza do mesmo Tractado impresso em Londres em 1601, se diga que as letras dizião que os Portuguezes tinhão estado ali havia 17 annos. (p. 65).

Incidentemente direi ainda, que parece muito plausivel a opinião de Mr. D'Avezac, de que a chamada Ilha de S. Matheus não é outra senão a *Ilha de Anno-bom*.

Auctor do *Roteiro* diz destas laranjas, que erão muitas e muito boas, deixa bem entender que erão laranjas doces, e que não erão só proprias para condimento ou remedio, pois de outra sorte não era natural, que as almadias trouxessem, sem lhes ser encommendada, grande quantidade dellas; e acrescentando que erão *melhores que as de Portugal,* nos mostra que em Portugal as havia doces (13).

E não pareça que a existencia de laranjas doces na Costa Oriental d'Africa, já naquelle tempo, se funda unicamente na interpretação de uma expressão mais ou menos clara; pois que Duarte Barbosa, que escrevia menos de vinte annos depois, nos testifica que em Mombaça havia muitas laranjas doces e agras (14): e por este proprio modo de fallar de Duarte Barbosa mais se confirma que em Portugal havia laranjas doces nos fins do XV. seculo e principios do XVI. pois este Auctor menciona laranjas doces na Africa Oriental, sem fazer reparo ou mostrar estranheza, como era natural, se em Portugal só se conhecesse a laranja azeda, e os navegantes Portuguezes vissem pela primeira vez a doce naquellas regiões.

É fóra de duvida que a larangeira não foi achada no Novo Mundo. Com tudo ainda antes do fim do XVI. seculo abundava no Brasil a laranja doce: sendo muito para notar as seguintes palavras da *Noticia do Brasil,* livro escrito em 1589 ou antes: « As larangeiras (diz o Auctor do Livro no Cap. XXXVI, da Segunda Parte, *em que se declara as arvores de Hespanha, que se dão na Bahia, e como se crião nella*) « se plantão de pevide, e faz-lhe a terra tal companhia, que em « trez annos se fazem arvores mais altas que um homem, e neste ter- « ceiro anno dão fructo, o qual é mais formoso e grande que ha no « mundo, e as laranjas doces: tem mui suave sabor, e seu doce mui « agradavel, e tanto que a camisa branca, com que se vestem os « gomos, é tambem mui doce. As larangeiras se fazem muito grandes « e formosas, e tomão muita flôr, de que se faz agua mui fina, e de « mais suave cheiro que a de Portugal, e como as larangeiras doces « são *velhas,* dão as laranjas com uma ponta de azedo muito ga- « lante (15). » Onde ha especialmente a notar a circunstancia de que já antes de 1589 a *experiencia* mostrava que no Brasil, quando as larangeiras doces erão *velhas,* a sua laranja era mais estimavel: observação que nos evidenceia que já naquelle tempo a larangeira doce tinha

---

(13) Rot. p. 36 e 38.

(14) Livro de Duarte Barbosa: na *Collecção de Noticias Ultramarinas* da Academia R. das Sciencias. Vol. II. p. 239.

(15) *Noticia do Brasil* no vol. III. da *Collecção das Noticias Ultramarinas.*

bastante antiguidade no Brasil, pois que se lhe conhecia a influencia da velhice, o que suppõe necessariamente que os Portuguezes levárão ali esta larangeira logo nos principios do XVI. seculo; e por tanto que já nesse tempo a havia em Portugal.

Da existencia da larangeira doce em Portugal em tempo posterior ao de que tratamos, mas anterior á época em que se diz que os Portuguezes a trouxerão da China, temos claro testemunho em Duarte Nunes do Leão, na sua *Descripção do Reino de Portugal* (livro impresso pela primeira vez em 1610) onde se lê que das *laranjas bicaes* do Alemtejo dizia um medico que podião dar saude a um *febricitante, por o grande temperamento*, continua o mesmo Auctor, de *agro-doce que tem que é o mais gostoso e goloso que póde ser* (16).

É pois fóra de duvida que a larangeira veiu a Portugal antes do principio da Monarchia, e que no começo do XVI. seculo e mesmo no fim do XV. já aqui havia a larangeira doce; posto que não possamos perfixar a época exacta da vinda de uma e de outra.

Como pois se vulgarisou a crença de que os Portuguezes trouxerão a larangeira da China a Portugal?

A razão é, porque, posto que em Portugal já houvesse laranjas, não só as azedas, mas tambem as doces, os Portuguezes trouxerão a Portugal a laranja da China. Vejamos agora *porque motivo*; logo diremos *quando*.

Cumpre notar que geralmente nas memorias do XVI. seculo se nos dá a entender que as laranjas de Portugal não erão reputadas as de mais superior qualidade, e que nada deixassem a desejar. Já vimos acima que os companheiros de Vasco da Gama achárão as laranjas de Mombaça *milhores que as de Portugall.* O piloto que escreveu a Navegação de Pedro Alvares Cabral, contando como ElRei de Melinde enviou um refresco a aquelle Capitão, e mencionando as laranjas, continua dizendo dellas as *melhores que ha no mundo* (17). O Auctor da *Noticia do Brasil* nas palavras que copiámos, tambem nos deixa entender, que achava as laranjas do Brasil superiores ás de Portugal: e nada nos induz a crer que as laranjas das outras partes da Europa, onde já tambem se cultivava a larangeira, fossem superiores ás nossas; antes a avultada exportação que já então se fazia de laranjas de Portugal, como adiante veremos, nos permitte admittir, que se as laranjas de Portugal não erão melhores que as das outras partes da Europa, ao menos não erão inferiores ás estrangeiras.

(16) Cap. XXXIII. fol. 62 da edição de 1610.
(17) Cap. V, *Collecção de Noticias Ultramarinas.* Vol. II. p. 146.

Entretanto logo que os Missionarios christãos no XVI seculo penetrárão na China, começou a espalhar-se na Europa que as laranjas chinezas erão superiores a quantas se conhecião. No *Tratado em que se contão por extenso as cousas da China*, impresso em 1569, escreveu Fr. Gaspar da Cruz, que na China *ha muitas e muitas boas laranjas*: *ha tres generos de laranjas doces*, accrescenta este Religioso viajante, *a quaes milhores: umas que tem a casca muito delgada, que quasi sabem a uvas, outras que tem a casca grossa e crespa tam alavez bicaes muy saborosas, que lhe comem casca e tudo: outras mayores que as demais que tem a casca em meo, nem muito grossa nem muito delgada: estas são somenos por serem muito docicadas* (18). Em 1600 dizia o P.ᵉ *Lucena* que tinha a China *laranjas as mais e melhores do mundo* (19). O P.ᵉ *J. P. Maffei* escrevia tratando da China: *Medica citreaque variæ formæ ac saporis apprime generosa mala conspicias* (20): e o P.ᵉ *Trigault* redigindo as memorias do P.ᵉ *Matheus Ricci* sobre a China dizia que *las naranjas* (uso da traducção hespanhola do Licenciado Duarte) *cidras i toda otra fruta de arboles espinosos, sobrepujan con grande ventaja a todo lo restante del mundo deste genero, assi en la variedad, como en la suavidad* (21). A mesma fama corria então pelo norte da Europa, pois que um escritor de Dantzick (em 1608) encarecendo as fructas da China pela sua superior qualidade, concluía que ainda superiores a todas erão as laranjas. *Apprime vero generosa mala aurea invenias* (22).

E não se poderá duvidar de que principalmente aos Jesuitas cujas relações se estendião a quasi toda a Europa, se devesse em grande parte esta celebridade; pois forão elles, que, pelas circunstancias especiaes dos seus trabalhos, tiverão mais facil occasião de se informarem e nos certificarem das cousas da China: e nesta conformidade, annos depois, *Manoel de Faria e Sousa*, escrevendo sobre as memorias do P.ᵉ *Alvaro de Semedo*, das quaes compoz o seu *Imperio de la China*, dizia das laranjas de Cantão, *que facilmente pueden ser princezas de las nuestras, pues algunas son tenidas menos por naranjas que ubas moscateles disfarçadas en aquella forma y habito* (23). E das de Ton-

(18) Cap. X. Cito conforme a edição Rollandiana de 1829.

(19) Vida do P. Francisco de Xavier. Liv. X. Cap. XVII.

(20) Historiarum Indicarum Libro VI. pag. 110 da edição de Florencia de 1588.

(21) Historia da la China i Christiana empreza hecha en ella, por la Compañia de Jesus. Liv. I.

(22) Historia Indiæ Orientalis... auctore M. Gotardo Arthus Dantiscano. Coloniæ Agrippinæ. Cap. XXXXIX. pag. 460.

(23) Cap. I. pag. 7.

quin escrevia em 1644 o P.e *A. F. Cardin*; « I melaranci assai piu « grandi di quelli, ch' io veggo in Europa, e di tutte l'altre parti, « per dove sono passato, ed hanno di piu un'altra buona qualita; che la « scorza loro é piu sottile di queste, é piu tenera, e si mangia essendo « assai saporita, & havendo quel suo aromatico assai temperato: e se « mangia insieme con i spicchi del melarancio, nella maniera che si « sogliono mangiar i limoni in Italia (24).

Era pois natural que em taes circunstancias se desejasse trazer a Portugal a *larangeira da China*; não como arvore de especie desconhecida na Europa, mas como variedade de qualidade superior ás que já cá se possuião, e isto entendido nada tem de improvavel, o que conta Duarte Ribeiro de Macedo que *D. Francisco Mascarenhas trouxe a Lisboa no anno de* 1635, *uma larangeira, que mandou vir da China a Goa, e dahi para o seu jardim de Xabregas, onde a plantou* (25). E tão longe estamos de pôr em duvida esta asserção, que antes a reputamos muito verdadeira; não só pelo que fica já dito, mas tambem, porque esta noticia de Duarte Ribeiro de Macedo está em inteira harmonia com o que se diz na parte expositiva do Alvará de 30 de Janeiro de 1671, e nos dá a verdadeira intelligencia desta lei. Neste Alvará diz o Principe então regente (depois Rei D. Pedro II.) que sendo informado que se levão para fóra do reino grande quantidade de larangeiras da China, e que poderá prejudicar isto muito a seus vassallos e naturaes, ha por bem mandar que se não embarquem para fóra do reino larangeiras algumas. Aqui vemos já mencionadas as larangeiras da China em Portugal, as quaes erão particularmente estimadas, e formavão uma parte da riqueza do reino, e por isso se ordena que se não exportem, pois se receiava que pela multiplicação dellas nos paizes estrangeiros perdesse a especial estimação, ou ao menos o preço, a laranja de Portugal: a qual devia por tanto ser muito procurada e bem paga, que é o mesmo que nos diz Duarte Ribeiro, quando pondera que

---

(24) Relatione della Provincia del Giappone. Roma 1645. pag. 48.

Entre outros do XVI. seculo poderia ainda citar *Gonçales de Mendoça* Historia del gran reino de la China Lib. I. Cap. III.

(25) D. Francisco Mascarenhas foi quarto filho de D. Nuno Mascarenhas, Senhor de Palma. Passou á India, onde serviu com reputação, e foi Governador e Capitão General de Macáo, e deixou de ser Governador do Estado por haver voltado para o reino quando no anno de 1627 chegou ordem ao Vice-Rei D. Francisco de Gama, Conde da Vidigueira, que lhe entregasse o Governo. Porêm no anno de 1628 foi mandado por Vice-Rei á India, e tendo má viagem arribou, e desistindo da jornada e cargo passou a Madrid, onde Filippe IV. o fez do Conselho de Portugal e do seu Conselho de Estado de Madrid. V. Hist. Geneal. da Casa Real Port. Liv. VI. Cap. V. Vol. V. pag. 344-345.

se D. Francisco Mascarenhas *soubera a producção desta nobre planta, e a riqueza que nella trazia á sua patria, tivera razão de cuidar que fazia um grande serviço ao reino, talvez maior que o que lhe fizerão os primeiros descobridores e conquistadores do Oriente* (26).

Agora cabe aqui, em confirmação disto mesmo, mencionar a crença vulgar de que os Portuguezes trouxerão a larangeira da China á Europa, persuasão não só espalhada na Europa, mas ainda fóra della, do que Fr. Antonio do Sacramento nos deixou curiosa informação. Diz este Religioso na sua *Viagem Santa e Peregrinação devota aos Santos logares de Jerusalem* (para onde partiu em 1739) que estando em Alexandria do Egypto e visitando uma quinta de um rico proprietario Mosselemano viu ahi *plantada uma larangeira da China. . . da qual o Turco fazia uma grande estimação; e lhe chamava* (continua o mesmo Padre) *como ainda nas Italias e França lhe chamão, laranjas de Portugal* (27).

Tudo concorre pois para confirmar a opinião de que a Europa deve a Portugal o melhoramento da laranja doce por meio da larangeira da China, que os Portuguezes dalli trouxerão. E parece sem duvida que a denominação de *laranja da China* muito geralmente dada á laranja doce, é devida á grande reputação e apreço da laranja da China, a qual diminuiu a estima á que dantes havia: e preferindo todos a nova, se tornou muito geral a denominação com que foi apregoada e inculcada, não só a que realmente era da China, mas outra qualquer que o não fosse; encarecendo-se assim a sua boa qualidade, como é costume geral de vendedores exagerarem a excellencia das suas mercadorias. E por outro lado tambem á laranja da China se chamou laranja de Portugal, significando-se por esta fórma a excellencia da laranja Portugueza, devida á introducção

---

(26) *Bomare* no seu Diccionario de Historia Natural V.° = Oranger = escreveu que a primeira larangeira vinda da China existia ainda no jardim do Ex.^mo Conde de S. Lourenço. Procurando verificar a exactidão do que diz Bomare, tivemos em resposta, que não consta do archivo daquella casa, nem ha tradição de tal arvore. Procurámos haver noticia se nos archivos de outras casas, onde era mais provavel haver memoria d'isto, se encontraria noticia a este respeito, mas nada podémos alcançar.

Devemos accrescentar que nos não merece grande credito a asserção de Bomare; e que outros escritores affirmão similhantemente de outras casas o que Bomare affirma da de S. Lourenço. É assim que na obra de Mr. *Guingret (Relation historique et militaire de la Campagne de Portugal sous Massena)* lemos em uma Nota a pag. 242, que a primeira larangeira vinda da China á Europa se via ainda em tempos não muito antigos no jardim do Conde de S. Miguel. Sendo estas palavras copiadas de uma obra que nunca vimos. *(Lettres sur le Portugal, publiées par H. Ranque).*

(27) Parte I. Cap. XIII. pag. 103.

da larangeira da China (28). Cumpre ainda acrescentar uma observação ponderosa, e é que só posteriormente á época designada por Duarte Ribeiro de Macedo, é que se encontra mencionada a laranja da China na Europa, e que se falla de que os Portuguezes a trouxerão daquelle paiz.

PARTE SEGUNDA.

SOBRE A EXTENSÃO DA CULTURA DA LARANGEIRA EM PORTUGAL, E O COMMERCIO DA LARANJA.

Passando agora a tractar da extensão da cultura da larangeira em Portugal, e do commercio da laranja, teremos em parte de nos referirmos a algũns factos já mencionados, e a citações já feitas; procuraremos porêm não nos repetirmos.

Vimos já que segundo a auctoridade de *Abu-Zacharia*, a larangeira, então só a azeda, se cultivava no seculo XII. quasi em todas as Provincias meridionaes da Peninsula hispanica. Os documentos citados no Elucidario tambem nos deixão entender que os laranjaes não erão cousa rara em Portugal no XIII e no XIV seculo. A isto porêm se limita quanto temos podido alcançar sobre a cultura da larangeira até o reinado d'ElRei D. João II. e fins do XV. seculo (29): sabemos porêm com certeza que já no principio do reinado d'ElRei D. Manoel as laranjas não erão objecto de raridade; mas havia grande quantidade dellas.

Junto á traducção Portugueza do Livro de Marco Polo, publicada em Lisboa em 1502, por Valentim Fernandes, se acha impresso por appendice o *Livro de Nicolau Vezeto* e neste livro vem referidas as respostas de uns homens de Ethiopia que tinhão vindo ao Padre Santo, e dellas constava, como ali se lê « *que elles* (Ethiopes) *tem figos pessigos maçaãs larãjas e cohombros semelhãtes aos nossos; limões e*

---

(28) Merece notar-se neste logar que ainda hoje chamão na Italia á laranja doce = Portugallo. =

(29) Deve porêm ter-se em vista o que adiante (P. III.) dizemos a respeito da Ilha da Madeira.

todos outros fruitos como os nossos» (30): onde as laranjas (em 1502 e já antes) são consideradas em Portugal a par das fructas mais vulgares. E que isto assim era neste tempo se prova claramente pelos Foraes modernos, em grande parte datados dos primeiros annos do reinado de D. Manoel. Quando nestes documentos se estabelece o direito de portagem que havião de pagar as diversas fructas, achamos sempre as laranjas mencionadas conjunctamente com outras fructas vulgarissimas, e pagando igual direito. « *De qualquer carga de cerejas, de pe-* « *cegos, de laranjas, de limões, de cidras, cidrões, de uvas ferraes, de* « *romãas, de maçans, de peros, de peras, de cermenhos, de sorvas. . .* « *pagarão por carga maior meio real*: diz o Foral de Lisboa (anno 1500). *De carga maior de laranjas, cidras, peras, cerejas, uvas verdes, e figos, e por toda outra fruita verde, meio real:* Foral de Torres Vedras, 1510. *De carga maior de laranjas, cidras, peras, cerejas, uvas verdes, e figos, e por toda outra fructa verde, meio real: e outro tanto se pagará por melões, e hortaliça*: Foral de Coimbra 1516 (31). Do reinado d'ElRei D. João III. logo nos primeiros annos sabemos que havia abundancia de laranjas, e que o preço dellas regulava pelo das maçãs, ao menos em alguma parte do reino; pois do territorio em roda de Lamego nos diz uma memoria dos annos de 1531 ou 1532: « Ha neste circoito arvores d'espinho, a saber, desta parte da cidade « pera o douro em abastança, a saber, muitas laranjas, limões e al- « gumas limas, muitas cidras, e zamboas, que abastam a terra e car- « regam os almocreves pera toda esta beira: valem oito e dez laranjas « ao real, e quatro seis limões um real. » E logo adiante, tratando das maçãs, diz a mesma memoria: *Dam oito, dez, doze a real: e segundo a fruita he, seis, quatro* (32).

---

(30) Fol. XCIIII.

(31) Citamos estes Foraes para exemplo: mas seria facil (e por isso escusado) juntar aqui grande numero de citações similhantes.

(32) *Descripção do territorio em roda da Cidade de Lamego duas leguas. . . feita por Rui Fernandes, Cidadão da mesma Cidade. . . no anno de* 1531 *para* 1532: impressa no Vol. V. dos Ineditos de Historia Portugueza: pag. 556–557.

Não devemos omittir neste logar que no XVI. e XVII. seculo erão frequentes os pomares de laranja e das outras fructas de espinho, nas Cercas dos Conventos.

Conta o P. Francisco de Santa Maria que o Cardeal D. Henrique (depois Rei) era summamente devoto dos Conegos de S. João Evangelista, que por isso ía estar muitas vezes com elles na Casa de Xabregas; pelo que cantava o povo pelas ruas de Lisboa:

Quem quizer fallar
Ao Cardeal
Vá a S. Bento
Que está das portas a dentro
Debaixo do laranjal.

Quando começasse a exportação da laranja não temos podido averiguar. Póde crer-se que já por 1500 fosse para fóra do reino; pois lemos no Foral de Lisboa, quanto hão de pagar os *que de fóra desta cidade e termo vierem vender áa cidade, ou na dita cidade pelos homens de fóra se comprar e tirar pera fora:* mas que já no meado do seculo (por 1550) se exportava para o norte da Europa nos testifica Damião de Goes, no seu opusculo *sobre as Hespanhas*, onde põe as laranjas no catalogo dos generos que daqui se costumavão levar para aquelles paizes (33).

Quanto ao principio do XVII seculo sabemos com certeza que se cultivava geralmente a larangeira em Portugal, e que sahia avultadissima quantidade de laranjas para paizes estrangeiros. « *A copia das* « *laranjas cidras e limões de toda a sorte que em Portugal ha, he* « *cousa infinita*: » diz Duarte Nunes de Leão na *Descrição do reino de Portugal*, obra impressa, como já notamos, em 1610. « E começando « per Lisboa » continua o mesmo auctor « cujas quintãs todas são huns « jardins em que para perpetua verdura plantão laranjaes, della car« regão sempre os estrangeiros que a ella vem dos Estados de Flandres, « e outras partes do Norte para Inglaterra infinidade de laranjas e li« mões: e de cada um dos logares do seo contorno se poderião muitas « provincias sustentar e encher dessa fructa, como são dos mosteiros « de Bethlem, de S. Bento, e das quintãs que vão ao longo do Tejo « até Povos, de Sintra, de Collares, e da ribeira de Barquarena. Outra « infinidade desta fructa se tira de entre Douro e Minho, que levão « dahi em navios, por ser a terra tao fertil della, que ha larangeira « de que se colhem quatro carros de laranjas. A região da Beira por

---

(Ceo aberto na Terra: Liv. I. Cap. XXXI.)

O laranjal do Convento de Belem já não era novo no principio do XVII. seculo:

Las unas celdas (diz o P. Siguença) caen a la huerta, que es muy grande, donde tienen muchos naranjos y frutas de muchas diferencias.

(Terceira Parte de la Historia de la orden de San Geronimo. Madrid 1605. Liv. I. Cap. XVII. pag. 86.)

Cumpre ainda advertir que Siguenza descrevia o Mosteiro de Belem pelas recordações que delle tinha, escrevendo bastantes annos depois d'ali ter estado. (Ibid. pag. 89.)

Do Convento de Bemfica bem lembrados estão todos os que tem lido a Historia de S. Domingos de Fr. Luiz de Sousa.

V. Parte II. Liv. II. Cap. III. fol. 55, 56, e 57.

De Santa Cruz de Coimbra nos dá noticia D. Nicoláo de Santa Maria na Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes. Liv. VII. Cap. XXIII.

Do Convento de Dominicos de Pedrogão Grande achamos noticia na *Miscellanea* de *Miguel Leitão*: Dialogo I. fol. 6 v.

(33) *Hispania Damiani a Goes, Equitis Lusitani:* no Vol. I. da *Hispania Illustrata:* pag. 1160: ou no *Oposcula*, Conimbricæ 1791 pag. 86.

«a frescura e multidão de aguas, dá tanta desta fructa, que manteria «della muitas provincias; porque parece toda que he hum jardim. «Em Alemtejo onde não ha tantas aguas, como nas partes que di- «xemos, na villa de Monte-mór-o-novo, no termo onde chamão San- «tiago de Escoural, e na villa de Vianna a par de Evora, e de Agua «de pexes..... dos quaes logares se podia bastecer outro reino como «Portugal. Finalmente desta fructa he tão provida a terra que na «primavera em qualquer logar que se ache huma pessoa lhe cheirará «a flôr de laranja» (34).

No fim do primeiro terço deste seculo chegou a Portugal a larangeira da China, que parece ter-se vulgarisado rapidamente, com o que a laranja de Portugal adquiriu maior nome e estimação, ao ponto que no entender de Duarte Ribeiro de Macedo, cujo sólido juizo é bem notorio, Portugal alcançou riqueza tão importante, que maior e mais util serviço fez ao reino quem lhe trouxe a larangeira da China, do que lhe fizerão os primeiros descobridores e conquistadores do Oriente. E segundo disse um Inglez ao mesmo Duarte Ribeiro, alguns annos depois, só de Lisboa sahia para Inglaterra o valor de cincoenta mil cruzados de laranjas da China, afóra as que ião para França, Hollanda e mais paizes do Norte (35). Por isso procuravão os estrangeiros levar de Portugal plantas da larangeira da China, o que deu occasião ao Alvará de 30 de Janeiro de 1671, em que se prohibiu absolutamente a sahida de quaesquer larangeiras.

Desta época em diante julgamos escusado acrescentar quaesquer noticias inductivas ou informações particulares, por nos parecer que melhor satisfazemos ao fim deste *Estudo*, juntando no fim delle as noticias officiaes que podemos alcançar da exportação da laranja, em diversos annos, para paizes estrangeiros.

---

(34) Cap. XXXIII. fol. 61. Deve ver-se igual testemunho na *Miscellanea de Miguel Leitão*. Dial. IV. pag. 96.

(35) Obras ineditas. Lisboa 1817 pag. 118-119. Veja-se no mesmo volume o Discurso sobre a introducção das artes no Reino: Cap. X. pag. 11, 13, e 14.

PARTE TERCEIRA.

(Appendice).

DAS TERRAS DESCOBERTAS PELOS PORTUGUEZES AONDE LEVÁRÃO A LARANGEIRA.

Como fica dito que a larangeira é oriunda da Asia, d'onde veio á Europa, e como tambem já fallámos da larangeira como existente na parte oriental d'Africa, quando os Portuguezes dobrárão o Cabo de Boa Esperança, deve limitar-se o que temos aqui a dizer unicamente ás terras insulares e continentaes banhadas pelo Atlantico.

ILHA DA MADEIRA.

Descobrírão os Portuguezes a Madeira por 1420. Foi esta Ilha logo colonisada, e sem duvida com muita brevidade se plantou nella a larangeira; pois no meiado do mesmo seculo já nella havia abundancia de laranjas, como se não póde duvidar em vista da seguinte anecdota sobre a agilidade dos habitantes das Canarias, contada por Cadamosto. « Eu vi um Canario Christão na Ilha da Madeira, que fazia « a seguinte aposta: dava a tres homens uma duzia de laranjas a cada « um, tomava para si outra duzia, e obrigava-se a acertar em cada « um delles com as suas doze, sem que errasse nenhuma, e sem que « nenhum dos outros lhe tocasse com nenhuma das suas, excepto nas « mãos, por se querer defender com ellas » (36). Aqui se vê claramente haver na Ilha ao tempo da viagem de Cadamosto, abundancia de laranjas, pois erão objecto de tão pouco preço, que gente pouco abastada as podia empregar em jogos.

(36) Primeira navegação de Luiz de Cadamosto. Cap. V. Na Collecção de Noticias Ultramarinas a pag. 14 do Vol. II.

AÇORES.

Dos Açores só temos noticia de que por 1556, época em que Damião de Goes escrevia a Chronica do Principe D. João, estas Ilhas merecião que dellas dissesse o mesmo Goes, que erão *muy viçosas, de fontes e ribeiras de muito boas aguas e fructas, em especial de espinho de toda a sorte* (37). Em 1820 reputava-se que se exportavão deste Archipelago cento e trinta e quatro mil caixas de laranjas: a saber; cem mil de S. Miguel, vinte e quatro mil da Ilha Terceira, e dez mil do Fayal (38). O Mappa junto mostra qual foi a exportação da laranja pela Alfandega de Ponta Delgada (Ilha de S. Miguel) da colheita de 1839, com outros esclarecimentos curiosos.

BRASIL.

É tão sabido que se não encontrou a fructa de espinho no Novo Mundo, que reputo escusado adduzir neste logar quaesquer argumentos para o comprovar (39). Com tudo a larangeira deve ter sido levada ao Brasil, logo que os Portuguezes ali começárão a viver; pois, como já tivemos occasião de dizer (Parte I.), fundados na auctoridade do Auctor da *Noticia do Brasil,* já antes de 1589, em que elle escrevia, havia experiencia segura de que no Brasil, quando as larangeiras erão velhas, davão fructa melhor. E Pero de Magalhães de Gandavo, que escrevia em 1576 (ou provavelmente antes), affirma que de limões, cidras e laranjas havia grande abundancia, porque as arvores de espinho são muito communs, e nenhuma especie, continua elle, multiplica tanto (40).

---

(37) Chronica do Principe D. João; Cap. IX.

(38) Veja-se a *Corographia Açorica.* Lisboa 1822. pag. 57, 83, e 110.

(39) Podem ver-se a este respeito a *Noticia do Brasil* já citada: a *Historia da Provincia de Santa Cruz* de Pero de Magalhães de Gandavo; Cap. V. (Não tendo podido alcançar o original Portuguez, cito a traducção de Mr. *Ternaux*, París, 1837, pag. 59) e o *Tractado da Terra do Brasil* (do mesmo Auctor) P. II. Cap. VI., no Vol. IV. da *Collecção de Noticias Ultramarinas*: Rocha Pita, *Historia da America Portugueza*, Liv. I. N.º 49.

(40) *Historia da Provincia de Santa Cruz* e *Tractado da Terra do Brasil* nos logares citados na nota 39.

ILHAS E COSTA D'AFRICA OCCIDENTAL.

Nas Ilhas de Cabo Verde, nas do Golfo de Guiné, e em toda a Costa Occidental d'Africa se encontra a larangeira. Não nos demoraremos em mostrar que os Portuguezes a levárão ás Ilhas, visto não haver noticia de que ella se encontrasse ali: e pelo que temos dito, e pelo que ainda nos resta a dizer, será facil concluir que não seria tal introducção muito posterior ao principio da colonisação. E o mesmo poderiamos confiadamente asseverar quanto aos logares da terra firme, se não obstante havermos admittido, sem reserva, no principio deste Estudo, que a larangeira é oriunda da Asia, nos não restassem alguns escrupulos sobre a sua origem exclusivamente Asiatica.

Que a larangeira doce seja oriunda da Asia, e dali viesse á Europa, não pertendemos negar; e por ventura, se necessario fosse, neste logar exporiamos solidos fundamentos desta opinião. Que a larangeira azeda tambem seja indigena na Asia, reconhecemos que não admitte duvida: o que porêm nos não parece inteiramente fóra de duvida é que ella não seja tambem indigena na Africa Occidental. Não recorreremos, para estabelecermos o fundamento da nossa duvida, a essas tradições dos Jardins das Hesperides, que por ventura se poderião facilmente explicar por esta fórma, se os motivos da nossa duvida tem alguma solidez. Outros serão os nossos argumentos; devendo desde já declarar, que nos parece que com razão recusa Galesio, como argumento da origem Africana da larangeira, tel-a visto Leão Africano em Tombutu; pois que sendo esta cidade de origem Arabe, e frequentada por caravanas Mauritanas, é summamente plausivel admittir, que estes povos levassem a larangeira a aquella atégora quasi mysteriosa cidade. Vemos porêm que se acha a larangeira em logares da Africa Occidental, que nem consta terem sido frequentados pelos povos de origem Arabica, nem nos parece plausivel acreditar que os Portuguezes ali fossem plantar a larangeira: e até nos parece que Escriptores Portuguêzes não modernos a tiverão por indigena nestes lógares; ouçamos pois estes Escriptores.

Seja o primeiro André Alvares de Almada. Diz elle no seu *Tractado dos Rios de Guiné do Cabo Verde*, Cap. XV. «O rio Toto tem em si « muitas larangeiras » E logo no mesmo paragrapho « O rio de Tonglecu, « o rio de Butibum, e o rio das Allianças, todos são mui frescos, de « muitas arvores, e de muitos palmares, e muitas larangeiras. » Adiante no mesmo Capitulo: « Defronte do Cabo Ledo, que é a ponta da Serra « Leôa, estão duas Ilhas, que chamão as Bravas, as quaes tem muitas

«agoas, laranjas, cidras, limões, canas de assucar, muitas bananas, e «muitos palmares, dos quaes tirão a sura os negros, que é o seu «vinho. São Ilhas pequenas.» O mesmo Auctor no Capitulo XXIX. escrevendo da Serra Leôa: «Esta terra é tão abundante de tudo que «nada lhe falta: abastada de muitos mantimentos, muito fresca de ri«beiras d'agoa, larangeiras, cidreiras, limoeiros, cana d'assucar, muitos «palmares, e muita madeira excellente.» Escuso notar que Almada escrevia por 1580, em idade madura; que era natural de Cabo Verde, e havia pessoalmente percorrido a Costa de Guiné (41).

O P.e Fernão Guerreiro transcreveu nas suas *Relações* uma carta que Bartholomeu André escreveu a Sua Magestade sobre as cousas da Serra Leôa, em 20 de Fevereiro de 1606, em que se lê o seguinte: «Das arvores de espinho de toda a sorte não fallo, porque estam os «mattos cheios della, entendese que a terra he disposta para dar vi«nhas, e tudo mais que nella se plantar» (42).

O P.e Balthazar Telles na *Chronica da Companhia*, tendo primeiro fallado das Ilhas de Cabo Verde, onde diz que se achão nellas larangeiras, por modo que bem deixa perceber que sabia terem sido ali introduzidas pelos Portuguezes, passa a fallar da região da Serra Leôa, onde se exprime desta maneira: «Dam-se nella muitas arvores de ex«cellentes fruytas, ha grandes palmeiras, das quaes fazem vinho e «azeite: tem uvas ao seo modo, e muita cantidade de arvores de es«pinho: ha muita variadade de aves &c.» e logo no paragrapho immediato fallando do que se encontra nesta região, diz o seguinte: «Ha muitos rios muy grandes, e muy caudalosos, que vem desaguar «ao mar, entre bosques frescos de fermozas larangeiras, e mais ar«vores de fruyto» (43).

O mesmo P.e Telles em outro logar da citada obra diz que o Congo é «confinante com outro grande reyno, chamado Loango, de «muita frescura de larangeiras, e fruitas de espinho, como as nossas, «e outras muitas arvores (44).

---

(41) Estas citações do *Tractado dos Rios de Guiné* são referidas á edição feita no Porto em 1841. Na edição de 1733, ainda que summamente alterada, se leem igualmente estas noticias.

(42) *Relação Annual*, no volume dos annos de 1604 e 1605. Liv. IV. Cap. IX. pag. 158.

(43) Parte Segunda, Liv. IV. Cap. XXX. N.os 2, 9 e 10.

(44) Parte Primeira, Liv. II. Cap. XXVII. N.º 6.

Em 1783 (13 de Agosto) informava o Tenente Coronel Luiz Candido Pinheiro Furtado ao Governo de Angola que os Negros de Cabinda tinhão *larangeiras azedas* (45). Não julgamos acertado insistir agora sobre este objecto pretendendo provar que a larangeira, isto é a azeda, é *tambem* indigena na Africa Occidental: pois unicamente apresentamos estas citações para mostrarmos o nosso escrupulo de attribuir confiadamente aos Portuguezes a cultura da larangeira na Africa Occidental: quem porêm entender que com taes fundamentos se não enfraquece a opinião de que, tanto a larangeira azeda como a doce, são de origem exclusivamente Asiatica, terá de confessar, com honra da Nação Portugueza, que a existencia da larangeira na Costa Occidental d'Africa é mais uma prova de que os nossos antigos descobridores e navegantes, longe de serem unicamente conduzidos pelo espirito de cubiça, não só levárão á Costa d'Africa a civilisação moral pela Religião Christã, mas tambem levárão aos habitantes daquelle paiz novos meios de aperfeiçoarem o seu estado social, e de melhorarem o seu modo de viver.

NOTICIA DA EXPORTAÇÃO DA LARANJA DO CONTINENTE DO REINO NOS ANNOS DE 1818, 1819 E 1820, EXTRAHIDA DOS BALANÇOS COMMERCIAES FEITOS NA JUNTA DO COMMERCIO.

1818.

Exportou-se laranja de Lisboa, Setubal, Algarve, Porto e Figueira.

As exportações forão para Inglaterra, França, Russia, Hollanda, Suecia, Prussia, Hamburgo e Hespanha.

Só da exportação de Lisboa temos noticia mais individuada; a qual foi a seguinte:

Para Inglaterra......	Laranja........	50:563 caixas	Valor total—334:116$460
» »	Limão.........	4:910 »	
» França........	Laranja e Limão.	2:741 »	
» Russia........	Laranja........	7:229 »	
» »	Limão.........	1:690 »	
» Hollanda......	Laranja e Limão.	4:914 »	
» Hamburgo.....	Laranja e Limão.	1:213 »	

(45) Archivo da Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar.

Não podemos dar o valor particular da laranja, porque apparece sempre unido ao do limão; nem mesmo nos é possivel dar o valor total da fructa de espinho; porque, exceptuando o da exportação para Inglaterra, o de todas as outras está sommado com o da fructa secca, que se exportou no mesmo anno. Parece-nos com tudo poder assegurar que não chegaria a 40:000$000 rs. o valor de toda a fructa de espinho exportada pelos diversos portos do reino não incluindo Lisboa.

1819.

Exportou-se laranja de Lisboa, Setubal, Algarve, Porto, Vianna e Figueira.

Forão as exportações para Inglaterra, França, Russia, Hollanda, Suecia, Hamburgo, Dinamarca, Estados Unidos da America, e Hespanha.

Só podemos individuar as seguintes exportações.

De Lisboa para Inglaterra	Laranja 63:081	Caixas	Valor total—362:058$900	
	Limão 6:094	»		
De Lisboa para a Russia.	Limão e Laranja..		» » —	23:773$400
De Lisboa para a Hollanda	Limão e Laranja.. 3:832	»	» » —	11:342$600
De Lisboa para os Estados Unidos.	1:111	»	» » —	3:456$800
Do Algarve para a Hollanda.	408	»		

1820.

Exportou-se laranja de Lisboa, Setubal, Algarve, Porto, Viana, e Figueira.

As exportações forão para Inglaterra, França, Russia, Hollanda, Hamburgo, Estados Unidos da America, Hespanha e Suecia.

As exportações que podemos individuar são

De Lisboa para Inglaterra.	Laranja........ 71:614	Caixas	Valor total—377:741$900	
	Limão......... 2:120	»		
De Lisboa para a Russia.	Laranja........ 6:218	»		
De Lisboa para a Hollanda.	Laranja e Limão 4:976	»	» » —	14:769$300
De Lisboa para Hamburgo	Laranja e Limão 1:371	»	» » —	9:927$700

NOTICIA DA EXPORTAÇÃO DA LARANJA DO CONTINENTE DO REINO E ILHAS ADJACENTES PARA OS PORTOS ESTRANGEIROS NOS ANNOS 1842, 1843, 1848 E 1851.

1842.

Para onde foi a exportação	Milheiros	Valor
Russia	643	3:288$000
Suecia	23	155$000
Hollanda	2:148	8:510$000
Dinamarca	13	39$600
Belgica	156	464$400
Hamburgo	212	935$200
Inglaterra	89:954	265:076$700
França	1:725	6:084$900
Hespanha	1:082	1:515$700
Gibraltar	85	203$000
Canadá	31	177$000
Terra Nova	183	588$000
Estados Unidos	8	20$000
Total	96:263	287:057$500

1843.

Para onde foi a exportação	Milheiros	Valor
Brasil	4,5	4$000
Dinamarca	18,5	37$600
Estados Unidos	1,5	3$700
França	2924,8	9:232$000
Genova	1	1$000
Gibraltar	7,5	53$300
Grã-Bretanha	126031,3	361:535$235
Hamburgo	150,1	336$500
Hespanha	1287	2:742$300
Hollanda	1943,2	6:532$200
Russia	14	70$000
Suecia	22,5	46$100
Terra Nova	153,6	344$000
Total	132559,5	380:937$935

1848.

Para onde foi a exportação	Milheiros	Valor
Belgica	25,	50$000
Brasil	4	9$000
Dinamarca	19,5	64$500
Estados Unidos	1337,2	4:012$000
França	962,3	1:556$000
Grã-Bretanha	130704,6	490:257$844
Hamburgo	206,3	870$000
Hespanha	1122,4	2:192$400
Hollanda	2252,3	7:434$500
Norwega	58,5	136$800
Prussia	3,5	12$000
Russia	2,5	3$600
Suecia	95,2	316$000
Total	136793,3	506:914$644

1851.

Para onde foi a exportação	Milheiros	Valor
Belgica	93,7	118$100
Brasil	45,8	116$800
Bremen	120	560$000
Dinamarca	3	8$200
Estados Unidos	5905,7	10:797$062
França	1159,2	2:189$000
Grã-Bretanha	158117,9	505:512$552
Hamburgo	535,8	890$766
Hespanha	1388	1:462$360
Hollanda	2613,7	9:352$200
Marrocos	3	12$000
Norwega	68,5	91$100
Russia	6,8	13$800
Suecia	248,7	283$500
Total	170309,8	531:407$440

ALFANDEGA DE PONTA DELGADA.

Mappa da exportação da laranja da colheita de 1839. Direitos que pagou, numero dos navios, numero de toneladas, e numero da tripulação.

Caixas de laranjas		Caixas de limão	Direitos que pagárão	N.° dos Navios	Total das toneladas	Total da tripulação
N.° das grandes	N.° das pequenas					
54:618	60:927	315	2.146:989 $\frac{1}{2}$	215	16:112	1:319

Calculo do custo de cada caixa de laranja, regulando-se as pequenas a tres por duas, tendo cada uma grande 750 laranjas, fretes e direitos que pagárão assim em Inglaterra como nesta Ilha. Esta conta é calculando cada Libra a 5:600 rs.

N.° de Caixas	Custo de cada caixa	Despesa de conducção até bordo	Frete do Navio 8^s	Direitos na Ilha por caixa	Direitos em Inglaterra 3^s e 9^d	Total
95:236	2:500 238:090:000	1:000 95:236:000	2:240 213:328:640	22 $\frac{1}{2}$ 2:146:989 $\frac{1}{2}$	1:050 99:997:800	648:799:429 $\frac{1}{2}$

NOTICIA HISTORICA

DO MOSTEIRO DA VACARIÇA DOADO Á SÉ DE COIMBRA EM 1094, E DA SERIE CHRONOLOGICA DOS BISPOS DESTA CIDADE DESDE 1064, EM QUE FOI TOMADA AOS MOUROS.

POR

MIGUEL RIBEIRO DE VASCONCELLOS.

SEGUNDA PARTE.

SERIE CHRONOLOGICA DOS BISPOS DE COIMBRA DESDE 1064.

INTRODUCÇÃO.

Na sessão de 14 de Junho de 1724 offereceu á Academia Real de Historia Portugueza o Beneficiado Francisco Leitão Ferreira o Catalogo dos Bispos de Coimbra. Não é elle mais do, que uma relação de nomes, onde, pelo geral, nem a vida dos Prelados levemente se tracta, nem as duvidas sobre a sua existencia se aclarão, como convinha, em um tractado critíco sobre a serie chronologica d'elles. Assim mesmo não deixa o Auctor de ter direito ao nosso reconhecimento pelo trabalho, nem a Academia ao nosso agradecimento pela publicação. Mais d'uma vez me occorreu alargar as noticias, que lá se encontrão, como requeria o merito dos Prelados, e a dignidade da Igreja; mas o descahimento d'animo em vista de tão ardua empresa, contando só com o examinar documentos de sete seculos de

duração, reunido ainda ás minhas apoucadas forças, me terião d'isto affastado, se não entendesse fazer algum serviço á historia, e testemunhar d'este modo á Academia a minha gratidão por approvar e mandar imprimir a primeira parte da Memoria, de que esta segunda faz o complemento com a serie chronologica dos Bispos de Coimbra desde 1064, em que foi tomada aos Mouros.

Em 1580 o Dr. Pedralves Nogueira (assim escreve elle o seu nome) (1) Lente de Canones na Universidade e Conego nesta Cathedral escreveu um Catalogo dos Bispos de Coimbra, que se conserva manuscripto no Cartorio da mesma Cathedral. Este laborioso indagador, examinando os mais antigos documentos, livros, e escripturas guardadas naquelle Archivo, enganou-se muito nas eras, e confundiu muitos dos seus Prelados, ou pela identidade dos nomes (o que faz grande embaraço), ou pelo engano nas letras das eras, nas quaes, não attendendo ao valor do X aspado, colloca os acontecimentos com 30 annos de differença da época, em que tiverão logar; e assim affirma, ou nega factos, que depois a critica reconhece deslocados, como entre outros se encontra um de D. Mauricio, que adiante se verá. Guiado por elle caiu Leitão Ferreira em alguns enganos, ainda que o discernimento, e a critica neste Auctor correndo parelhas o fazem afastar ás vezes do fôjo, que outros involuntariamente lhe abrirão. O incansavel e erudito Archeologo João Pedro Ribeiro nas suas *Dissertações Chronologicas* resumiu, e relacionou todos os documentos, que achou dos Bispos do Reino, e posto que alguns vão d'encontro a outros, que no decurso d'estas noticias se hão de referir, são todavia um excellente subsidio, e como taes d'elles me sirvo, quando outros não me apparecem no Archivo da Cathedral, ou por se terem desencaminhado, ou por terem sido consumidos, como acontece geralmente em todos os Archivos. Poucos são os Prelados, de que faço menção nesta Memoria, cujo Episcopado não seja comprovado com documentos competentemente notados, para se poderem examinar, quando sobre elles e sua intelligencia houver duvida.

Tractei de fazer a cada um dos Prelados uma biografia summaria; mas é tal a incuria dos antigos, e seu desmazelo, que da maior parte d'elles nada mais consta, do que o apoucado das noticias, que referem os documentos, não podendo mesmo saber-se, a que familias pertencêrão. Muitos Genealogicos declarárão a filiação d'alguns; mas é tal a incertezà, em que fluctuão, e tão encontradas as opiniões, que

(1) Pedro Alvares Nogueira.

são tantos os Escriptores, quantos os differentes pais, que lhes nomeão. Sirva d'exemplo D. Pedro Tenorio, que d'esta Sé Conimbricense foi transferido á Metropolitana de Toledo, e começou seu Episcopado em Coimbra no anno de 1371, ao qual os quatro, ou cinco Escriptores, que delle fallão, outros tantos pais differentes lhe assignão, como se verá em seu proprio logar: embaraço não pequeno é este, a quem deseja extremar a verdade. Mais facil será ao piloto em mares desconhecidos marcar a paragem, em que está, do que a nós marcar uma época, atravez de seculos de escuridão sem documento, que nos illumine. A diligencia e trabalhos de Leitão Ferreira no exame e combinação dos anteriores Catalogos, ao mesmo passo, que nos servem de ponto de partida para conhecermos os gráos de distancia, ou aproximação da verdade, em que nos achamos, não illustra de todo nem ainda solta as difficuldades, que ácerca d'estes Prelados de continuo se levantão.

Com toda a diligencia, que tenho empregado não posso lisongear-me, nem me lisongeio d'offerecer aqui uma relação completa, clara, e desembaraçada de qualquer duvida; porque, onde os documentos guardão silencio, que póde dizer a historia sem degenerar em fabula? Julgo entretanto não repetir tão servilmente o, que os outros disserão, que, quem ler estas noticias, gaste debalde o tempo, pois que me parece ter illustrado, e communicado nova luz a varios successos, que, a meu juizo, apresento melhor do, que o fizerão os antecedentes Escriptores de iguaes memorias, assim como ter dado as razões, que tive para me desviar algumas vezes de opiniões alheias e considerar erradas as cópias d'alguns documentos, que apparecem. Como a historia tira toda a sua valia da verdade dos acontecimentos que refere, e das pessoas, que os contão, pareceu-me declarar os logares, d'onde são tiradas estas noticias, que irão notados competentemente, dando-os em resumo nas notas, ou toda a sua integra no fim, quando isso parecer conveniente para deste modo evitar o embaraço e desagradaveis interrupções, que por ventura se darião sendo introduzidas no texto, ou quando o seu contheudo nos fizer conhecer os costumes, e singeleza das antigas eras.

Se os rios caudaes adquirem sua grandeza do tributo, que os pequenos lhe pagão; com a pequenez do meu não direi, que a Academia lucre, mas não perderá talvez o conceito, em que é tida. Que sei eu?. . .

SERIE CHRONOLOGICA.

CAPITULO I.

SUMMARIO.

D. Paterno Bispo, que era de Tortosa, é eleito Bispo de Coimbra logo depois de tomada aos Mouros por D. Fernando de Castella, e transferido a este Bispado retarda a sua vinda até 1080, sem que neste tempo houvesse algum outro intermedio. Refutão-se as razões contrarias apoiadas em documentos mal copiados. Institue o Cabido da Cathedral, d'acordo com o Governador D. Sisnando, elegendo D. Martinho Simões para seu primeiro Prior. Adoece o Bispo, e o Conde D. Sisnando lhe concede licença para se ir tractar a terra de Christãos ou Mouros, deixando quem por elle governasse o Bispado na sua ausencia. Fica D. Martinho fazendo as suas vezes durante a sua vida, e depois é o mesmo Prior eleito para continuar o governo do Bispado até á eleição de D. Cresconio segundo Bispo. Refutão-se as opiniões em contrario: documentos comprobativos. Dura pouco o governo de D. Cresconio; e recebe a Mithra Episcopal D. Mauricio, que sendo d'esta Sé transferido á Primaz de Braga, e dirigindo-se depois a Roma, foi por Allemanha, onde auxiliando o partido do Imperador Henrique IV contra o Pontifice foi eleito Antipapa na vagante de Pascoal II. Resultados d'esta eleição, e castigo que elle tem. Reflexões. Dá-se-lhe por successor D. Gonçalo, qualidades pessoaes d'este Prelado. Reformas, que faz. Continua no governo dos Bispados de Lamego e Viseu, não obstante as pertenções, que ao de Lamego tinha o Bispo do Porto D. Hugo. Annulla a eleição de D. Odorio para Bispo de Viseu, obrigando-o a desistir d'esta Mithra. Peregrinação a Jerusalem. Duração do seu governo Episcopal. Reflexões. Succede-lhe D. Bernardo, que continua o governo das mesmas Dioceses. Começa no tempo deste Bispo o governo de D. Affonso Henriques (e, durante elle, se faz independente dos Reis de Leão). O Bispo Negro, conto fabuloso. Morte de D. Gonçalo: analyse critica sobre a época do seu fallecimento. Seus contemporaneos.

§. 1.°

D. PATERNO 1.° BISPO.

1080 a 1088.

Termináre o estrondo das armas e o movimento dos exercitos com a tomada d'esta cidade de Coimbra aos Mouros, pela segunda

vez, por D. Fernando, *magno*, Rei de Castella no anno de Christo 1064, que é o da era de Cezar 1102. O Rei voltando para sua côrte, depois de dar as providencias para o bom governo da nova conquista, se encontrou em S. Thiagò de Gallisa com D. Paterno Bispo, que era de Tortosa, e, porque esta Diocese se achava occupada pelos Mouros, e o Prelado sem poder administral-a, nem ter a ella livre accesso, conhecendo por outra parte as suas virtudes e zelo, lhe offereceu o governo desta Mithra, para como seu Prelado a vir administrar, e acudir ás necessidades espirituaes de seus subditos, ha annos privados de Pastor. Annuiu promptamente o Prelado ao convite do Rei; mas, fallecendo este pouco tempo depois, as perturbações, que vierão agitar o seu reino, forão, talvez, a causa de se retardar a confirmação, pois só muito adiante se encontra presidindo nesta Igreja (1). Effectivamente D. Sancho, D. Garcia, e D. Affonso filhos do díto Rei, levados mais da ambição, que de resentimento particular, que entre elles houvera contra as disposições do seu Rei e pai, travárão guerra entre si, e a tanto levárão a desordem, que só passados annos a paz se restabeleceu pela morte desastrosa de D. Sancho, prizão de D. Garcia, e posse pacifica de D. Affonso, que veiu a ficar senhor dos estados de seu pai, e os governou durante a sua vida, sendo conhecido pela denominação do *Imperador D. Affonso*. Acontecimento frequente na historia dos povos, e originado pelo verdor dos annos dos imperantes, e direcção de mal avisados conselheiros.

Socegadas pois as cousas por esta fórma e restabelecida a tranquillidade, quanto possivel, veiu D. Paterno, reinando já D. Affonso, tomar conta do governo espiritual d'este Bispado (2). Não tem sido atégora possivel saber-se o anno, em que começára o seu Episcopado, nem a época da sua vinda para esta cidade. A escacez de documentos historicos, que nós temos; o desmazelo da gente daquelles tempos mais entregue ás armas, do que ás lettras, que d'ordinario se abrigavão nos Claustros fugindo do estridor das espadas; a falta de papel, em que se escrevessem lembranças, tendo de se lançar em pergaminhos, talvez reputadas por inuteis, e escusadas por quem naquelle tempo sabia os acontecimentos; o estado continuo de sobresalto, em que se estava tendo aturadamente de combater os Mouros, que se achavão a pequena distancia da cidade, se não forão as causas proximas e immediatas, são razões muito aproximadas á ver-

(1) Doc. n.º 2.
(2) Doc. n.º 2.

dade, pelas quaes experimentamos as lacunas, que se encontrão na historia, ficando muitos factos na escuridade dos seculos. Mas se não temos provas directas, que nos indiquem o tempo da vinda d'esse Prelado para esta cidade, ainda nos resta um documento, pelo qual indirectamente conhecemos, que já em 1080 elle governava o Bispado, e comsigo trouxera um irmão, que residia nesta cidade: pois que em 25 d'Abril (7.° kal. Magii) d'esse anno (era de 1118) na doação, que D. Sisnando fez ao Abbade Pedro de terreno para edificar a Igreja de S. Martinho do Bispo perto d'esta cidade (1) entre os confirmantes acha-se « *Lupus frater Episcopi Domni Paterni confirmo* » signal evidente, que nenhum outro Bispo, senão D. Paterno governava o Bispado, por tanto se vê o engano, em que cahiu Leitão Ferreira, quando no seu Catalogo a pag. 42, n.° 19, diz « D. Pedro era Bispo de Coimbra em o anno de Christo 1080, em « que confirma em um privilegio de dotação, que ElRei D. Affonso VI « fez.... ao Mosteiro de Sahagum.... em data de 8 de Maio da « era de 1118: traz este documento o P. Yepes no Apendice do 3.° « Tom. escriptura 9 e. o Bispo Sandoval &c. » Parece-me dever dar mais credito a um documento feito nesta cidade corroborado e confirmado com a assignatura de D. Sisnando e dos Alvazis de Coimbra, do que aos documentos, de que o P. Yepes, e o Bispo Sandoval se servírão; e por tanto, se Leitão Ferreira, tivesse lido o documento do Livro Preto, duvida nenhuma teria em aceitar Paterno em logar de Pedro, porque devendo no original achar-se a sigla *P.*, quando se copiou, escrevêrão um erro commum, dizendo Pedro em logar de Paterno. Com effeito, se em 25 d'Abril de 1080 já o irmão do Bispo D. Paterno nesta cidade assignava em uma doação do Consul D. Sisnando, como se póde conceber, que D. Pedro em 8 de Maio do mesmo anno se assignasse Bispo da mesma cidade em outra, que citão os sobreditos Auctores? memoria nenhuma se encontra, pela qual se possa inferir, que houvera outro Bispo nesta cidade antes de D. Paterno, e posterior á tomada da cidade de Coimbra aos Mouros; pelo que sendo ambos os documentos legitimos, devemos preferir o texto do Conimbricense, apoiado por muitos outros, e dizer, que os copiantes desdobrando a sigla *P.* no Sahaguntino disserão Pedro em logar de Paterno. Foi D. Paterno o, que fundou, e instituiu o Cabido d'esta Cathedral, e com elle fez começar a vida commum segundo a regra de Santo Agostinho, elegendo d'entre os Conegos um para Prior, titulo que se conservou, e re-

(1) Doc. n.° 1.

conheceu como Dignidade até ao tempo de D. Pedro I do nome, e 10.º Bispo d'esta Cathedral, em que definitivamente se chamou Deão (Decano) (anno de 1210), posto que já, tempos antes, appareção alguns documentos com esta denominação, ainda que raros. Esse estabelecimento e a eleição de Prior pertencem a 13 d'Abril de 1086 (1). Correm as memorias d'este Bispo em varios documentos, nos quaes se faz menção da sua Prelazia desde os annos 1080 a 1088, e sua assignatura se encontra em differentes doações, como na, que ao Convento da Vacariça fez o Conde D. Sisnando, da quinta da Orta na Bairrada em data de 25 de Março (8 kal. Aprilis) era 1124, que é o anno de Christo 1086 (2).

Mas em 1087 acabrunhado com os trabalhos, idade, e molestias, entregou o governo do Bispado a Martinho Simões, Prior da Sé, que o ficou governando, ou fazendo as vezes de Bispo « *Vices Episcopi gerebat* » (3). Logo farei analyse mais circunstanciada d'este documento para não interromper agora a ordem chronologica dos acontecimentos. E em 1088 aggravadas mais as suas molestias lhe concedeu D. Sisnando licença para se ir tractar a terra de Christãos, ou de Mouros, onde melhor lhe parecesse, e onde entendesse, que melhor proveito poderia tirar do seu curativo, continuando a fazer as suas vezes o mesmo Prior d'esta Sé Martinho Simões, que escreveu o documento, como se vê da subscripção *Martinus Simeonis notavit:* a data é do 1.º de Março de 1088 (kal. Mart. era 1126) (4). D'onde se conhece, que nos annos de 1087 e 1088 fez as vezes de Bispo (governando o Bispado) Martinho Simões, Prior da Cathedral, porque ainda neste ultimo anno, e no mez de Março vivia D. Paterno, como acabo de dizer. Perdem-se depois d'esta data as memorias de D. Paterno; e nada mais se encontra a seu respeito: talvez que as molestias progredissem, e que neste anno o fizessem terminar sua existencia. Se acreditarmos o Dr. Pedralves Nogueira, que diz estar enterrado em S. João d'Almedina, posto que nenhuma prova offereça d'isto, terá elle ali o seu jazigo.

O douto academico Leitão Ferreira no Catalogo dos Bispos de Coimbra fallando d'este Prelado diz, que fôra seu successor D. Martinho Prior da Sé, e que como tal a governára sendo só Bispo eleito, e não confirmado, o que sustenta contra o Dr. Pedralves, fazendo-lhe

---

(1) Doc. n.º 2.
(2) Doc. citados, e liv. preto fl. 11 v., 12, 48 v., 88, 164 e 222 v.
(3) Doc. n.º 3.
(4) Doc. n.º 4.

acabar seus dias em 1091, e por esta causa não ter sido confirmado; pois assim o acha assignado no Concilio de Fusellos, em que foi eleito D. Cresconio, usando da formula «*Martinus Electus*» e no fim do mesmo Concilio fazendo o Notario menção dos Bispos eleitos, que nelle se achavão, vem este Martinho com outros «*Necnon electis in ministerium Episcopi. . . Martino Colimbriensi*» (1). Melhor colhêra ainda, se tivesse deparado no liv. preto com o documento transcripto d'uma das gavetas, em que se encontra a seguinte declaração «*Facta carta testamenti mense Septemb. era* 1127 *(anno* 1089*) Regnante Imperatore Adefonso. . . et Proconsul Colimbriensis D. Sisnandus, et Martinus Electus Episcopus ipsius Civitatis.*» D'este, como d'outros documentos (2), mais explicitamente e melhor poderia tirar as consequencias, que pretendeu; porêm, sem embargo das formulas exaradas nesses documentos, direi, que não foi Bispo eleito, e sómente foi eleito para fazer as vezes de Bispo em vida e pelo fallecimento de D. Paterno, correspondendo a Vigario Capitular, que ainda naquelle tempo se não conhecia: primeiro, porque este Martinho Simões Prior da Cathedral ainda viveu no mesmo cargo não só durante a vida de D. Cresconio, successor de D. Paterno, mas tambem alcançou o Episcopado de seus successores D. Mauricio, e D. Gonçalo, e só falleceu muito depois, continuando, durante o tempo, que fazia as vezes de Bispo, a chamar-se «*Electus in Ministerium Episcopi*» como diz o Notario do Concilio, e Leitão Ferreira não entendeu; e não largando o Priorado da Sé, pois que em 2 d'Agosto de 1091 (4. Non. Augusti era 1129) n'um contracto celebrado entre o Prior da Vacariça Zoleima e o Preposito de Leça, sobre este Convento, se encontra a sua assignatura «*Martinus Prior Colimbricensis confirmo* (3), e depois d'elle se achão

---

(1) Leitão F. Catal. pag. 44 e segg. n.° 21.
(2) Gav. 10 R. 2 m. 1. Liv. preto fl. 162 e 211.
(3) Liv. preto fl. 84 v.

Do que fica dito conclue-se, que em 1087, 1088 e 1089, era o Prior D. Martinho Simões Vigario da Diocese fazendo *as vezes do Bispo;* por isso parece, que não póde ter logar introduzir depois de D. Paterno um outro Prelado com o nome de Julião, posto que em doc. de Septembro de 1088 copiado no liv. preto fl. 162, ou de 1089, que é a data do original, na cópia a fl. 211 do dito liv., se diga «*juxta vineam de episcopo domno Juliano*» ou como na segunda cópia «*de domno Juliano*» e n'outro doc. de Outubro d'esse ultimo anno 1089, que é uma doação á Sé começa «*Ego Julianus Episcopus*» mais adiante «*Ego Dei atque famulus Julianus*» *Ego Julianus supradictus*»: se aqui se tracta de um Bispo, não o foi sem duvida de Coimbra, ao menos a hesitação d'esses documentos não prova, que o fosse, e talvez mesmo não bastem a dar similhante dignidade ao sujeito, de que se tracta, em se confrontando essas expressões com as de pessoas seculares encontradas n'outros documentos. Maior dúvida fazem dous documentos um de Septembro de 1090 (liv. preto fl. 14), e outro de 12 de Outubro

entre os confirmantes dous Arcediagos de Coimbra Ero e Garcia, representando as Dignidades da Cathedral por não haver outras: se fosse Bispo eleito não usaria d'essa formula, e até teria deixado de ser Prior, cujo cargo não podia exercer, se o fosse. Segundo, porque sendo já em 1092 confirmado D. Cresconio, e, achando-se a governar a Diocese como seu Bispo, apparece em 1094 o Conde D. Raymundo fazendo doação do Convento da Vacariça ao Bispo e Cabido de Coimbra, onde é um dos confirmantes o mesmo Prior Martinho, assignado pela formula usada « *Martinus Prior c. f.* » (1). Em 23 de Fevereiro de 1094 põe elle o seu nome na doação, que a esta Sé fez o Abbade Pedro da Igreja de S. Martinho por este modo « *Martinus Simeonis Primus predicte Sedis Presbiterorum adsui* (2) » : signal, de que nem era fallecido, nem tinha largado o Priorado da Sé. Terceiro finalmente, porque no documento já citado da Igreja de Cantanhede, que Leitão Ferreira interpolou, omittindo as palavras, que nelle se encontrão « *qui vices Episcopi gerebat* » se nota a assignatura de D. Cresconio, e dos seus dous successores, seguidas immediatamente depois da de *Martinho Prior, que fazia as vezes de Bispo*, as quaes forão postas posteriormente no dito documento para reconhecimento do direito do Padroado da Igreja de Cantanhede a favor de D. Sisnando e dos seus herdeiros, até que este mesmo Padroado foi doado a este Cabido por documento, que se acha no seu archivo (3). Ora sabendo nós, que em vida de D. Paterno fez Martinho Prior *as vezes de Bispo*, e que em 1088 (data do documento) era vivo ainda D. Paterno, é evidente, que a este se seguiu como seu immediato successor D. Cresconio (segundo o prova a sua assignatura), e que Martinho Simões Prior d'esta Sé fôra sómente Governador do Bispado no impedimento do Bispo D. Paterno, eleito depois de sua morte para o mesmo ministerio « *Electus in ministerium Episcopi* » como diz o Concilio de Fusellos, citado por Leitão Ferreira, e cujas palavras o illudírão, e fizerão dizer, que não chegára a ser confirmado por fallecer antes de D. Cresconio, engano, que se

---

de 1091 (dito liv. fl. 145 v.), em que se encontrão estas expressões « *Domno episcopo nomine jhoane* » no primeiro, e « *Episcopo Domno Jhoani* » no segundo: por esse tempo não era D. Martinho Vigario da Diocese, porque em documento do 1.º de Janeiro de 1090 (citado no liv. fl. 119), e d'outro acima referido de 1091, *as vezes de Bispo* não apparecem, mas sómente a dignidade de Prior; pelo que até o Concilio de Fusellos, em que se lhe attribuem, e em que foi eleito D. Cresconio, bem podia haver um Bispo de Coimbra chamado *João*; mas em quanto outros documentos não o mencionarem, darei a D. Cresconio por successor immediato de D. Paterno.

(1) Liv. preto fl. 40.

(2) Liv. preto fl. 89 v.

(3) Doc. n.º 3.

acha completamente demonstrado (1). Parece-me ter dito quanto basta para corroborar a opinião, que tenho contra o douto Academico, e para demonstrar o seu engano nos dous pontos, que com menos exame sustentou, tendo á mão os mesmos documentos, de que me servi, os quaes todos se achão no livro preto em logares já indicados. Desculpa entretanto merece elle, porque «*Opere in longo fas est obrepere somnum*» como diz Horacio na sua Poetica. Alcançou o Pontificado de Gregorio VII e Victor III, o reinado de D. Affonso VI e o governo do Conde D. Sisnando nesta provincia.

§. 2.°

D. CRESCONIO 2.° BISPO.

1092 a 1098.

D. Cresconio, natural das terras d'Arouca, foi filho de Moqueime Crescones e de sua mulher Lovesnida, e tio paterno de S. Theotonio primeiro Prior de Santa Cruz. Foi Monge de S. Bento e Abbade (Prior) do Mosteiro de S. Bartholomeu de Tuy, de cujo emprego por sua exemplar conducta, passou a ser eleito Bispo d'esta Cathedral pelo Clero e Povo de Coimbra, em o anno de Christo 1092 aos 12 d'Abril, e sagrado na sua Cathedral no Domingo da oitava de Pentecostes, em que a Igreja celebra a festa da Santissima Trindade, que deveria ser em 16 de Junho d'esse mesmo anno, sendo Bispos assistentes á sua sagração os de Tuy, e de Orense, e Ministro da mesma o Arcebispo de Toledo D. Bernardo (2).

Se a sua eleição foi feita no Concilio de Santa Maria de Fusellos, como se encontra nas actas do mesmo referidas ou transcriptas no livro preto, ou se foi posterior á celebração d'este Concilio, questão é esta grande e difficil de decidir. Se acreditarmos o citado documento parece fóra de dúvida ter sido eleito neste Concilio; se porêm attendermos ás reflexões criticas de Leitão Ferreira, que anticipa alguns annos a celebração d'este Synodo com alguns graves fundamentos, deveremos antes acreditar feita a eleição depois do Concilio.

---

(1) Nota primeira do §. 4.° d'este capitulo.
(2) Doc. n.° 5.

Com a falta de documentos, que nos mostrem a eleição indubitavelmente feita nesta época, nada poderemos avançar, que não fique sujeito a incerteza, e a conjecturas mais ou menos provaveis. Todavia porêm mais avisado parece o voto de Leitão Ferreira, que, pondo a sua eleição aós 12 d'Abril de 1092, a declara feita depois da celebração do Concilio, porque o mesmo instrumento da eleição não contêm mais, que a acta da eleição, sendo uma simples lembrança, ou assento, para constar, como delle se patentêa. Ainda neste tempo a eleição dos Bispos era feita pelo Clero e Povo, porque convinha, que o Bispo tivesse tambem o voto d'este, segundo o preceito do Apostolo « *Oportet et illum testimonium habere bonum ab iis, qui foris sunt* » pratica, que posto fosse alterada depois pelos inconvenientes, que a experiencia mostrou nella haver, passando ao Clero sómente, representado pelos Cabidos das Cathedraes, ainda perseverou nelles até depois de D. Affonso III por mais de duzentos annos, até que tudo foi alterado, reconhecendo-se actualmente esta nomeação na côroa de Portugal, como pelo decurso d'esta memoria se irá mostrando.

No tempo d'este Prelado começárão a fazer-se a esta Sé muitas doações de grande valia, e muito maior importancia. As doações (que já na primeira parte d'esta memoria indiquei) dos Conventos da Vacariça e, mais adiante, de Lorvão, e de muitas e muito valiosas herdades deixadas pelás pessoas principaes, esmerando-se todas em augmentar o culto, e fazer o brilhantismo das Igrejas e a independencia dos seus Ministros, elevárão a Igreja ao cume da sua grandeza, e lhe derão a importancia, com que por tantos annos floreceu, e os rendimentos, com que por tantas vezes acudiu ás necessidades do Estado nas suas mais apuradas circunstancias, e na sustentação do seu brio e independencia!

Continuão-se as memorias d'este Prelado em muitos documentos de doações e compras, que em Communidade se fazião, e chegão até 1098, mas d'esta época em diante perdem-se de todo (1). Tendo governado o Bispado por seis annos largos falleceu em 1099, e não no anno antecedente como inculca Leitão Ferreira, seguindo as opiniões de diversos Auctores, que sendo fundadas só em conjecturas mais ou menos provaveis, nos mergulhão em um pelago de incertezas. Com effeito, que o seu fallecimento não foi no meado do anno de 1098 se prova ma-

(1) Liv. preto fl. 7 v., 10 v., 16 v., 22 v., 24 v., 25 v., 36 v., 40 v., 78, 89 v., 91, 117 v., 125 v., 128, 131, 131 v., 136 v., 160 v., 163 v., 169 v., 173, 196, 196 v.

nifestamente de documento, que offereço nas peças justificativas, onde veremos, que em 16 de Dezembro de 1098 (era 1136, 16 kal. Januar). (1) este Prelado, sendo requerido por alguns dos frades extinctos da Vacariça, para que lhes concedesse o Mosteiro de Trezoi (era pertença da Vacariça, já então unida a esta Cathedral por D. Raymundo em 1094) a fim de o povoarem e cultivarem as suas terras, os remettêra para o Prior, a cujo cargo estava esta administração, o qual lh'o concedeu com as obrigações, exigidas, dos competentes fóros de oitavo: isto é o que prova viver nesta data D. Cresconio. Sendo por tanto muito provavel, que o seu fallecimento fosse nos principios do anno seguinte, talvez em Janeiro; pois que em 18 de Março de 1099 D. Mauricio seu successor estava governando este Bispado, como logo veremos.

Já tinha fallecido D. Sisnando em 1091, cuja existencia não chegou a alcançar; mas o seu Pontificado se dilatou com os governos de Martim Moniz casado, que foi com sua filha D. Elvira Sisnandes, do Conde D. Raymundo (2) e sua mulher D. Urraca filha de D. Affonso VI (até 1095), e do Conde D. Henrique e sua mulher D. Taraja. Jazem seus restos mortaes na Igreja de S. João d'Almedina, se dermos credito ao, que sem prova affirma o Dr. Pedralvres.

§. 3.º

D. MAURICIO 3.º BISPO.

1099 a 1108.

Ainda grande parte da Peninsula-Hispanica gemia opprimida com a dominação dos Mouros, e pouco mais adiante do Mondego pelo sul era reconhecido o governo do Conde D. Henrique, e se estendia o imperio de D. Affonso VI, quando o Arcebispo de Toledo, D. Bernardo, voltando de Roma com os poderes de Legado Apostolico, e passando pela França trouxera comsigo varios Ecclesiasticos, de que havia grande falta, e que occupárão depois differentes Cadeiras Episcopaes, a que forão elevados pelos seus merecimentos e virtudes;

(1) Doc. n.º 6.

(2) D. Raymundo era irmão do Papa Calixto II, como este Pontifice lhe chama em uma bulla existente neste Cartorio.

entre estes foi o nosso D. Maurìcio, Francez de nação, natural de Limoges, conhecido na historia pela alcunha de *Burodino* ou *Burdino*. Era Monge de Cluni da Ordem de S. Bento, e foi logo nomeado pelo Arcebispo, a quem seguíra, Arcediago da sua Sé, e d'esta dignidade passou a occupar a Cadeira Episcopal, vagante de D. Cresconio.

Não póde saber-se o mez, em que, como Bispo, tomou conta do governo Diocesano. Leitão Ferreira entre conjecturas e combinações de datas o faz começar em 1098. O erudito Cunha Bispo do Porto (1) o faz governar já sagrado só em 1100, e com elle concorda o Dr. Ferreras (2). Todos se enganárão, porque achando-se vivo D. Cresconio em 16 de Dezembro de 1098 não era possivel, que em quinze dias viesse o Arcediago de Toledo confirmado e sagrado para esta Sé, ainda que o Arcebispo o quizesse, e muito desejasse; é porém de presumir, que fallecendo D. Cresconio nos principios de Janeiro de 1099, já em Fevereiro do mesmo anno estivesse D. Mauricio nesta Sé. Com effeito para que elle confirmasse na doação, que a ella fizerão Ermieiro e João Franco d'umas terras e azenhas em S. Paio de Tavarede a 18 de Março de 1099 (14.º kal. April. era 1137) (3), era natural já estar antes d'essa época nesta cidade: e fica portanto destruida a opinião d'aquelles illustres investigadores, que não attendendêrão ao documento citado do livro preto, que virão. Correm d'este tempo em diante até 29 d'Agosto de 1108 as suas memorias fazendo-se em muitos documentos menção d'este Prelado, como doações, escambos, e compras (4), nas quaes se vê a sua assignatura, e se nota a affeição, que soube grangear dos bemfeitores, o que é signal do seu desvelo na administração temporal e do interesse, que tomava pelo bem espiritual e temporal da Communidade.

Por Bulla Pontificia de Pascoal II, passada em Latrão a 23 de Março de 1101 lhe forão confirmadas as doações, que da Vacariça e mais herdades, que a esta Sé deixára o Conde D. Raymundo e outras quaesquer, que para o futuro qualquer outra pessoa real ou particular quizesse deixar á mesma Sé; toma-o debaixo da sua protecção; e lhe encarrega o governo dos Bispados de Viseu e Lamego « *quondam Ca-*

---

(1) Hist. Eccl. de Braga, Part. 2.ª cap. 8.º
(2) Hist. de España, Part. 5.ª
(3) Doc. n.º 7.
(4) Liv. preto fl. 12 v., 21, 25 v., 33 v., 34 v., 56 v., 57, 79, 89, 94, 109, 123 v., 124, 129, 130, 139, 140 v., 141. v, 142, 143 v., 146 v., 158 v., 159 v., 162 v., 173 v., 174, 174 v., 175, 179, 205, 206 v., 208, 208 v., 209 v., 210, 211 v., 215 v., 238, 238 v.

thedralium Lamecum et Veseum tue tuorum que successorum cure committimus (1): ao que satisfez por si, e satisfizerão seus successores incluindo ainda o Bispo D. Bernardo, como veremos mais adiante; tal era o descahimento, em que naquelle tempo se achava a Christandade! Peregrinou aos Logares Santos; e d'elles trouxe roubada a cabeça de S. Thiago Menor, que depositou no Mosteiro de S. Zoilo de Carrião, d'onde a Rainha D. Urraca a trasladou a Santo Isidoro de Leão, mas por fim a concedeu para a Cathedral de Compostella (2): estava elle de volta d'esta pia jornada em 1106, quando a 30 de Maio condemnou a prisão e restituição das perdas, que fizera em uma das terras da Mithra, a Nuno Ferrario (3); e, posto que não deparei com escripto, que declare a época da sua partida, o silencio, que se nota dous annos immediatos anteriores a essa data nos documentos d'esta Sé ácerca de sua residencia, me faz crer, que por esse tempo fôra a sua peregrinação. As boas manhas e artes, que em todo o tempo do seu Episcopado desenvolveu, e um porte sizudo e grave não só lhe grangeárão muita reputação entre seus contemporaneos, mas o fizerão subir á Cadeira Primaz de Braga, em que succedeu a S. Giraldo, cuja vida e santidade o collocárão sobre os altares como santo, e hoje a Igreja o reconhece como tal.

Já D. Mauricio estava no governo do Arcebispado de Braga em 1109 a 5 de Fevereiro, como notou sobre bons documentos, João Pedro Ribeiro (4): d'esta cidade se partiu para Roma, e ou fossem negocios, que lá o chamárão, ou fossem vistas ambiciosas deitadas mais ao largo, querendo tirar partido vantajoso das guerras e dissensões, que o Imperador Henrique IV então tinha com o Pontifice Pascoal II, se torna da parcialidade d'esse Principe; põe-lhe a corôa diante do altar de S. Gregorio na Igreja de S. Pedro em qualidade de Legado Apostolico e contra a vontade do Clero Romano; auxilia as suas pertenções contra o Pontifice, e de tal modo se soube haver, que obteve

---

(1) Doc. n.° 8.
(2) Hist. Compostelana, liv. 1.° cap. 112.
(3) Liv. preto fl. 169.
(4) Dissert. 22 no tom. 5.° pag. 146. Tres documentos citou elle em prova, um das nonas de Fevereiro, outro de 13 das kal. de Septembro, e outro de 16 das kal. de Outubro da era 1147: por elles se vê novo engano de Leitão Ferreira, que a pag. 52 do seu Catalogo diz « *Possuiu D. Mauricio a Mithra de Coimbra até ao anno* 1110, *em que foi transferido para a Primaz de Braga etc.* » quando já em 1109 a 15 de Janeiro D. Gonçalo era seu successor, e nesse mesmo anno confirma a doação, que a esta Sé fez o Presbytero Rodrigo, da quarta parte da quinta de Curval na terra da Feira, sendo D. Mauricio Arcebispo de Braga, como se encontra no liv. preto a fl. 168 v.

ser eleito Antipapa na vagante de 1118 com o nome de Gregorio VIII, oppondo-se a Gelasio e Celestino segundos do nome, e Calixto II, em cujo Pontificado tendo sido preso e recolhido, como penitente em habito Monachal no Mosteiro de Cava, em Napoles, veiu a fallecer no castello de Fumão na campanha de Roma, para onde o mandou recolher o Papa Honorio II em 1124 (1): Tal foi o desastroso fim, que teve este Prelado deixando a sua Diocese e obrigações contrahidas, e engolfando-se no pégão da politica, d'onde raras vezes, mostra a experiencia, sair-se bem aquelle que deixa por ella o menêo dos seus empregos e a obrigação do seu estado.

O Dr. Pedralvres Nogueira mais levado dos brios offendidos da Cathedral com este scismatico Antipapa, do que da verdade, esforçou-se para demonstrar pelas datas de varios documentos, que aponta, a impossibilidade de ser este D. Mauricio o Antipapa, que se diz; mas as razões e documentos, que refere, álem de provarem o contrario, por não contar o X aspado pelo seu valor de 40 (como é corrente em taes documentos), vem a anticipar 30 annos as suas datas; por esse computo provaria a sua opinião, se lhe não obstasse este engano, a que não attendeu, e que Leitão Ferreira refutou plenamente no logar indicado, e agora escusamos repetir, podendo dar este facto por comprovado, e fóra de toda a dúvida. Se tal facto porêm mostra por um lado a sua ambição e vistas de engrandecimento, attesta por outro a sua penetração e superioridade de talento para chegar aos fins, que tinha premeditado; porque não póde comprehender-se, que um homem ordinario, e mediocre se abalançasse a conseguir altas Dignidades, e a suprema, posto que por meios illicitos, que o fizerão depois descahir e baixar á miseravel condição de prisioneiro até aos ultimos momentos de sua existencia. É isto, que muitas vezes vemos, lendo a historia das revoluções dos Póvos.

§. 4.º

D. GONÇALO 4.º BISPO.

1109 a 1128.

Seguiu-se a D. Mauricio *Burdino* o Bispo D. Gonçalo. Não consta expressamente a sua filiação e naturalidade, mas do instrumento de

(1) Leitão Ferreira cit. pag. 53. Pereira de Figueiredo, Lusitania Sacra (ms.) no Catalogo dos Arcebispos de Braga. Rohrbacher, Histoire Universelle de l'Eglise Catholique tom. 15 pag. 130 a 137, 175 a 179.

partilhas entre elle e D. Sueiro Paes chamado *Sueiro Mouro* (1) se deduz serem irmãos; e nessa hypothese era Portuguez e filho de D. Paio Soares *Romeo* e de D. Goda Soares da Maia, por isso de uma das mais illustres familias do Reino, e de quem se tracta no titulo 40 do Nobiliario do Conde D. Pedro. Foi Prelado muito exemplar e virtuoso, em cujas boas acções perseverou até ao fim, não deslisando de sua conducta, como seu antecessor. Levado de tão pios procedimentos e vida exemplar lhe doou o Conde D. Henrique para seu sustento e dos seus Conegos, pelas necessidades, e falta de meios, que tinhão, o Convento de Lorvão, que era dos Monjes Benedictinos (como já mencionei na primeira parte d'esta Memoria), por se achar quasi perdida a sua disciplina, e quasi acabado o mesmo Mosteiro. Digo-o assim, porque logo veremos, que, recuperada outra vez e restaurada a mesma disciplina monastica, o mesmo Prelado cedeu este Convento, assim doado a esta Sé, aos mesmos Monjes com consentimento e approvação de todo o Cabido. Foi-lhe feita doação em 29 de Julho de 1109 (4.° kal. Aug. Era 1147) (2) pelo sobredito Conde D. Henrique; e tendo este Convento permanecido em poder da Cathedral com todos seus rendimentos por espaço de sete annos, outra vez foi entregue aos Monjes de S. Bento. Vejamos agora os fundamentos, em que o Bispo e Cabido se firmão para entregar tão rica e opulenta casa a uma corporação pelo primeiro facto extincta.

Quando o Convento de Lorvão foi entregue por D. Henrique ao Bispo D. Gonçalo e aos Clerigos, que com elle vivião, os mesmos Frades o tinhão entregue já ao poder temporal, e o Convento se achava secularisado; foi neste estado, que o Conde D. Henrique angustiado com as necessidades, que o Bispo e Cabido padecião lhe faz doação d'aquella casa com todas as suas pertenças « *Episcopo et Clericis ibidem commorantibus in perpetuum cum omnibus testamentis et adjectionibus suis eo quod erat regali temporali que potestate traditum* » para viverem melhor com os seus rendimentos. Esta doação foi sobrescripta pelo Arcebispo de Toledo Legado Apostolico, e pelos Nobres da Provincia, e depois confirmada pelo Papa Pascoal II. Passados porêm sete annos, como disse, restaurada a disciplina monastica, e reformados tambem alguns abusos, que naquella Regra Benedictina se tinhão introduzido, vendo o Bispo a possibilidade de se entregarem ali os Monjes á vida

---

(1) Liv. preto fl. 124.
(2) Liv. preto fl. 28.

contemplativa no rigor claustral dirigidos por um Abbade (ou Prior) conforme a Regra (*Predictus Episcopus considerata predicti cenobii restauratione*), concedeu-lhes (com o assentimento do seu Cabido) o mesmo Convento e suas pertenças, que no instrumento da transmissão se declarão, com a obrigação de reconhecerem por seu Superior o Bispo e seu Cabido, e lhes satisfazerem o, que era da obrigação, posse, e costume, em que o mesmo Bispo estava, a cujas obrigações, se não dessem cumprimento o Abbade eleito e o Convento, tal doação não valeria, e ficaria tudo outra vez encorporado da Cathedral (*Tam ille Abas quicunque fuerit quam ejus monachi careant omnibus quecunque scripta sunt*) (1). Tal foi a razão, e tal o fundamento, por que este Prelado cedeu d'esses grandes rendimentos, e demittiu de si direitos, só pelo zelo do serviço de Deus, e uma singular abnegação de riqueza: cousa bem rara de encontrar em todos os tempos! Levado da fama de suas boas acções lhe escreveu o Papa Pascoal II uma carta cheia das mais affectuosas expressões, porque não só lhe dá os parabens pela sua promoção ao Episcopado; mas tambem expressa a boa reputação, em que o tem pelas informações, que d'elle se lhe derão, e que espera em Deos (quando o permittir), que elle possa ir á sua presença, e que então lhe dará as instrucções, que o affecto e caridade lhe dictarem (2). Acha-se esta carta sem data, mas póde conjecturar-se pelo seu contexto ser do anno de 1109, em que este Bispo foi promovido á Mithra de seu antecessor D. Mauricio.

Foi este Prelado o primeiro, que reformou este Cabido determinando um numero certo de Conegos, que elevou a trinta; determinou, que nenhum podesse perder seu Beneficio sem ser em juizo convencido na fórma dos Canones, e que o Prior da mesma Sé (que tambem, diz, se chama Decano) deverá cuidar do capitulo, refeitorio, dormitorio, celeiro (3) com o conselho e parecer do seu Bispo; e ao mesmo Cabido elle concede desde já a terça do rendimento de todo

---

(1) Doc. n.º 9. Por Breve Apostolico de Pascoal II, sem declaração de anno, e dirigido ao Prior Martinho Simões (e é mais uma prova, de que este Prior não foi eleito Bispo), o Papa agradece ao Conde D. Henrique o tirar do poder laical a Igreja de Lorvão para a pôr á disposição do poder Pontifical « *Henrico etiam Comiti gra'es divinas referimus qui a laicali manu Eclesiam que dicitur Lorran extrahens hereditarie eam sub Ponteficali manu constituit* » liv. preto fl. 210. Este Breve mostra, que já o Convento estava naquella data secularisado. Apesar de não ter data d'anno não póde deixar de ser depois de 1109 e antes de 1114, em que era fallecido o Conde D. Henrique.

(2) Doc. n.º 10.

(3) Doc. n.º 11. Neste documento se faz menção da entrada, e destruição da Cidade pela irrupção dos Mouros.

o Bispado « *Supradicte Congregationi tertiam partem totius Episcopatus decimarum hereditatum atque omnium que ad me pertinent caritate ac benigno favore concedo.* » Este facto teve logar depois que os Mouros assaltárão Coimbra, tempo em que o Prelado estava na cidade, e em que foi grande o sobresalto, que houve tendo-se ella achado de repente invadida por elles (1). Em 1122 assistiu ao Concilio de Sahagum, ao qual presidiu o Cardeal Boso, e em que se determinárão varios canones relativos á Disciplina da Igreja e á vida e honestidade de seus Ministros, como se vê das actas do mesmo Concilio existentes neste cartorio (2). Continuou o governo dos Bispados de Lamego e Viseu, que já seu antecessor D. Mauricio tinha tido, e cujo governo lhe foi contrariado não só pela eleição, que em Viseu o Clero e Povo fez do Prior D. Odorio para Bispo d'aquella Diocese, mas tambem pelas pretenções, que D. Hugo Bispo do Porto teve ao Bispado de Lamego, e que obtendo-o, depois lhe foi subtrahido por Breve, que Pascoal II dirigiu aos Arcebispos Toletano e Bracarense, aos Bispos seus Suffraganeos, e á Rainha D. Tereja e seus Barões, em razão de ser menos certo o, que allegára na presença do Papa o mesmo Bispo do Porto, e que por este Bispo D. Gonçalo foi contestado na presença do mesmo Pontifice, a quem mostrou, que a Igreja de Coimbra não só não tinha sido augmentada com algumas novas conquistas feitas aos Mouros (como dizia D. Hugo), senão tambem que depois da morte de D. Affonso VI havia perdido muito do, que antes tinha: por esta queixa mandou o Papa informar-se (3), e porque falleceu depois, não chegou a decidir-se a contenda entre os dous Bispos, veiu porêm

---

(1) Na Carta que o Socio da Academia o Sr. Barbosa Canaes dirigiu ao Dr. Seco, vem apontado este ataque á cidade pelos Mouros, capitaneados por Ibentafima, o qual se aparelhou para a invasão em 1117: por esse tempo foi Soure destruida, assim como esta cidade, sendo depois encarregados alguns Conegos para irem reparar a Igreja d'aquelle logar a pedido d'este Bispo, e annuencia da Rainha D. Tereja, quando tinhão ainda muito receio dos Mouros. D'isto ha prova no liv. preto fl. 116 v.; e vai concorde com esta chronologia.

(2) Liv. preto fl. 236.

(3) Doc. n.° 12. *Ceterum post discessum ejus (Hugonis) veniens ad nos Frater noster Gunsalvus Colimbr. Episcopus multum nobis surreptum esse conquestus est quum Colimbr. Eclesia non solum Parrochie finibus aucta non sit sed etiam post Alfonsi regis mortem multa perdederit.* Assim diz o Pontifice na Bulla, porque mandou inquirir sobre o caso, a qual vem só com a data do mez a 14 *kal. Julii.* Daqui se vê tambem, que depois da morte d'Affonso VI acontecida em 1109, mais desempedidos os Mouros, e desafrontados d'este terrivel vencedor, continuárão reconquistando e ganhando terreno, que tinhão perdido « *E aconteceu que corrérão em um dia, que a Rainha D. Tereja esteve em risco de ser morta, ou preza, se não se recolhêra ao Castello, porque se andava recreando fóra dos muros.* » Pedralvres fl. 27 v.

a terminal-a o Papa Honorio II por Bulla dada em Latrão no 1.º de Fevereiro (kal. Febr.) anno de 1125, 3.º da Indição, e 2.º do seu Pontificado (1). Nesta Bulla lhe encommenda o governo das duas Igrejas de Lamego e Viseu nos mesmos termos, em que seu Predecessor Pascoal II as tinha concedido ao Bispo D. Mauricio « *Due. . . Eclesie Lamecum et Viseum quas tue tuorumque Successorum (secundum Deum promotis) provisioni cureque committimus.* » Foi por essa decisão, que terminou a contenda de todo, pois apesar de ter havido entre os dous Prelados uma composição, pela qual ambos protestárão uma perpetua amizade e mutuo auxilio, respeitando cada um os limites das suas respectivas Dioceses (em instrumento feito em 30 de Dezembro de 1115), todavia não sortiu effeito, e talvez nem a outra posterior (de 5 d'Abril de 1122) (2). Quanto á eleição, que para Bispo de Viseu se fez do Prior D. Odorio, o Bispo D. Gonçalo o reprehendeu por este facto, annullou sua promoção, e o obrigou a fazer termo firmado com juramento para não aceitar a eleição, pelo que desistiu nas mãos do Prelado: o que teve logar na era 1158 ou anno de Christo 1120 (3).

Annos havia já, que se colhêra fructo das Cruzadas com a tomada de Jerusalem, empresa que depois foi immortalisada no excellente Poema de Tasso, juntando-se ao estremado valor e animo de Godofredo de Bulhões, não menos estremada piedade e religião; por isso o nosso Bispo, desejando ver e pessoalmente observar os sitios, onde o Homem-Deos tomou sobre seus hombros a Cruz, carregando com os peccados da humanidade para regeneral-a, destruir o templo dos idolos, e mudar a face do mundo, determinou visitar os Logares Santos « *como devoto e verdadeiro Christão, d'onde trouxe hum pequeno do lenho da Vera Cruz, e muitas reliquias de Nossa Senhora, e de Constantinopla, onde tambem foi, trouxe muitas reliquias dos Apostolos* » como diz o Dr. Pedralvres: posto que eu neste Archivo não encontrasse memorias d'esta jornada a Jerusalem, talvez Pedralvres as visse, e de tudo se certificasse, para assim o referir (4). Ainda continuão as suas

(1) Liv. preto fl. 229 v.
(2) Liv. preto fl. 232 v. e 240 v.
(3) Liv. preto fl. 179.
(4) Dr. Pedralv. ms. fl. 29. Em Maio de 1125 encontra-se no liv. preto fl. 92 uma escriptura d'emprazamento a Martim Almaten, na qual, assignando todas as Dignidades da Sé, não se encontra a d'este Bispo; talvez tivesse então partido já para os Logares Santos. Leitão Ferreira a pag. 57 do seu Catalogo diz, que nesta data era elle já morto (no que se enganou); e mais abaixo acrescenta, que em uma doação, que á Sé de Braga fez Paio Paes em 1126 do quinhão, que tinha dos Conventos de S. Pedro de Capareiros e Santa Eulalia, (acha-se no *Lib. Fidei* da mesma Sé), sendo confirmada

memorias por Agosto de 1126 (1), e no anno 1127 e de 17 d'Agosto de 1128, J. P. Ribeiro diz achar-se no governo do Bispado. É porêm certo, que d'esta época em diante se perdem suas memorias, sinal de fallecer neste ultimo anno, porque em Septembro já tinha successor D. Bernardo, como adiante veremos, o que era facil, pois o Arcebispo de Toledo Legado Apostolico, era quem confirmava os Bispos de toda a Hespanha. Tendo presidido nesta Igreja por espaço de quasi dezenove annos, deixou o mundo para passar a melhor vida, onde suas virtudes o chamavão. O Beneficiado Leitão Ferreira diz ou inclina-se a crer, que fallecêra em 1125 por não encontrar em documentos d'este anno e seguintes a sua assignatura, quando nelles devia figurar: o Dr. Pedralvres adianta dous annos mais o seu governo, e conta o seu fallecimento em 1127. Ambos se enganárão por menos avisadas conjecturas: o primeiro por attribuir a falta, que diz, á morte, quando seria devida á sua ida a Jerusalem; o segundo por não consultar outras lembranças, que facilmente encontrára fazendo maiores diligencias, pois em 15 de Janeiro de 1109 (2) já elle era Bispo eleito, como prova a doação da quarta parte da Quinta de Curval feita ao *Bispo eleito D. Gonçalo* e á Sé Episcopal de Coimbra, pelo Presbytero Rodrigo «*quam ego Rodorigus Presbiter sana mente.... feci Eclesie Sancte Marie.... Colembrie et ejusdem loci electo Domno Gundisalvo suis Clericis ibidem commorantibus XIV kal. Februarias Era* 1147» (3); e em 17 d'Agosto de 1128 menciona J. P. Ribeiro um documento do Cartorio da Universidade, onde se acha figurando ainda este Bispo D. Gonçalo, como apontei (4): d'onde resulta ter com certeza governado este espaço de tempo; mas ignoramos o dia e mez de sua eleição, bem como o do seu fallecimento.

Se por um lado teve grandes contrariedades e discordias com o Bispo do Porto D. Hugo, e grandes despesas a fazer com as demandas, que com elle sustentou, indo por causa d'ellas a Roma para fazer respeitar os seus direitos e propriedades, e conservar a jurisdicção dos

---

pelo Arcebispo D. Paio, Bispo do Porto D. Hugo, e Bispo de Tuy, se não acha a d'este Bispo D. Gonçalo, o principal Suffraganeo; e com este fundamento crê, que era já fallecido; porêm é de presumir, que esta falta de assignatura fosse motivada por se achar ausente em Jerusalem, e não por ser fallecido, por quanto ainda em 1123 era vivo, como prova J. P. Ribeiro com um documento, que apresenta do Cartorio da Fazenda da Universidade (tom. 5.º das Dissert. pag. 160).

(1) Liv. preto fl. 166 v.

(2) Veja-se a nota 4 da pag. 14 d'esta Memoria.

(3) Liv. preto fl. 169.

(4) Veja-se a nota 4 da pag. antecedente.

Bispados de Lamego e Viseu, que tinhão sido confiados ao seu cuidado e regimen, não as teve menores com a entrada, que nesta cidade fizerão os Mouros depois da morte de D. Affonso VI, quasi inesperadamente, e com tanta pressa «*que de mistura entrárão em a cidade* «*com os moradores, que se recolhião; a qual estava neste tempo com* «*pouca gente, porque o Conde* (D. Fernando Peres de Trava) *a tinha* «*levado a uma empreza.... e na cidade matárão muita gente, e der-* «*ribárão muitos edificios, e poserão esta Sé, quasi por terra... a qual* «*o Bispo D. Gonçalo mandou fazer ás suas custas*» como diz (com bons fundamentos) o Dr. Pedralvres (1); por onde vemos, quaes deverião ser suas amarguras com tão terriveis acontecimentos!

Descanção seus restos mortaes em S. João d'Almedina, segundo diz o Dr. Pedralvres Nogueira. Alcançou os Pontificados de Pascoal, Gelasio, Calixto e Honorio, todos segundos do nome, governando Coimbra e suas conquistas D. Henrique, e depois a Rainha D. Tereja.

§. 5.º

D. BERNARDO 5.º BISPO.

1128 a 1146.

Fallecido D. Gonçalo em o anno 1128, e já depois d'Agosto d'este mesmo anno, foi logo eleito D. Bernardo, Francez de nação, Monje Benedictino, e um dos, que com o Arcebispo D. Bernardo de Toledo Legado Apostolico tinha vindo para a Hespanha. O Arcebispo de Braga S. Giraldo o fez Arcediago da sua Igreja Primaz, sendo elle seu discipulo e companheiro, e depois um elegante escriptor de suas acções, e santidade de sua vida, como diz Leitão Ferreira. Já em 3 de Septembro de 1128 (2) o designa D. Affonso Henriques na carta de couto, que lhe deu de Coja, por Bispo Eleito d'esta Sé. As relações intímas, que com o Arcebispo Legado Apostolico tinha, tendo-o acompanhado de França lhe havião de facilitar breve a sua confirmação, qué pouco deveu demorar-se.

Á vista d'este documento já podemos notar o engano, com que

---

(1) Ms. pag. 28.
(2) Liv. preto fl. 87.

D. Rodrigo da Cunha (1) escreveu, que este Bispo fôra eleito em 1124; quando neste anno ainda vivia D. Gonçalo, como acima fica dito; assim como o, que outros mais tiverão pondo nos seus Catalogos outros Bispos, que não houve, e interpolando a sua série chronologica, como nota o Beneficiado Leitão Ferreira (2), cuja refutação me parece escusada á vista dos documentos, que offereço, os quaes demonstrão, fóra de duvida, a Prelazia d'estes Bispos nos annos, que lhes são indicados, sem outro algum intermedio. Em Dezembro d'este anno de 1128 já era Bispo confirmado, como se prova d'um documento d'este Cartorio, sem dúvida alguma (3).

Continuou o governo dos Bispados de Lamego e Viseu, sendo distinguido com favores Pontificios e expressões de affecto, tanto por Innocencio II, como por Lucio II (em 1135 e 1144); e do mesmo modo que pela referida Bulla Apostolica do Papa Honorio II, em data do 1.° de Fevereiro de 1125, se achava concedida a jurisdicção espiritual dos ditos Bispados ao Bispo D. Gonçalo e seus successores « *Tue tuorunque Successorum cure committimus* », o Papa Innocencio II a 26 de Maio de 1135 da Indição 12 expressamente encommenda as Igrejas de Viseu e Lamego ao cuidado de D. Bernardo e ao de seus successores (4): confirma-lhe álem d'isso a doação do Convento de Lorvão, feita pelo Conde D. Henrique; porque posto tivesse sido entregue aos Frades, como já disse, ainda o Bispo reservou algumas doações, ou pertenças d'esta casa para a Mithra e Sé Cathedral, as quaes por esta nova Bulla lhe são confirmadas, fazendo-se de cada uma expressa menção. Tal era naquelle tempo a pratica, que nem ainda os Bispos se julgavão seguros com as doações que lhes fazião, senão obtivessem uma confirmação Pontificia e uma ameaça de censuras a todo aquelle, que por qualquer modo, ou autoridade, temerariamente se intromettesse, ou perturbasse a posse, em que se achasse qualquer pessoa ou corporação; e se d'esta pratica alguma vez não houve proveito, ou foi abusiva, evitou assim mesmo, e evitaria ainda hoje muito sangue derramado e muitas riquezas perdidas.

Talvez não se julgasse ainda D. Bernardo seguro com tão expressa determinação e concessão Pontificia, porque por Bulla de Lucio II « *In eminenti Apostolice Sedis* » passada em Latrão aos 2 de Maio (6 non. Maii) de 1144, reportando-se este Pontifice aos de-

---

(1) Hist. Eccl. de Braga, part. 2.ª, cap. 12.°, n.° 6.
(2) Catal. pag. 59.
(3) Cartorio da Cathedral Gav. 6 R. 1.ª m. 2. n.° 41.
(4) Liv. preto fl. 230.

cretos de seus Predecessores, toma este Bispo e a sua Igreja debaixo de sua protecção, e lhe concede, e confirma todas as mais prerogativas, que pelos Papas seus Predecessores lhes tinhão sido concedidas(1). Vê-se pois, que ainda neste anno não tinha Lamego nem Viseu Bispo algum; porque pela ultima Bulla de Innocencio II, de 1135, expressamente lhe são recommendadas estas duas Cathedraes; e Lucio II continuando-lhe as mesmas concessões, e referindo-se a esta ultima, lh'as confirma do mesmo modo, posto que as não designe nomeadamente.

Com os principios do governo Episcopal d'este Bispo em 1128 forão tambem os de D. Affonso Henriques, que ainda durante elle, poz sobre sua cabeça a corôa real, levantando uma Monarchia, que passou a seus descendentes. Pelas guerras e perturbações domesticas, contra que esse Principe necessitou luctar, se conta, que no Episcopado d'este Prelado houvera em Coimbra um Bispo scismatico, a quem o chronista Duarte Galvão e outros chamárão o *Bispo negro*, eleito á força por ElRei na occasião de um interdicto posto na cidade pelas desavenças, que teve com sua mãe a Rainha D. Tereja; e accrescenta o Dr. Pedralvres (2), que « *se mostrava tambem uma vestimenta de* « *damasco preta com sabastras de damasco amarello de xadrez, com a* « *qual dizem, que elle dizia Missa; e esta se desfez com outras an-* « *tigas, que estavão no Thesouro no anno de* 1589, *e são estas cousas* « *tão recebidas, e se tem por tão averiguadas, que ninguem ousará* « *affirmar o contrario* ». Sem embargo do, que dizem os Chronistas, que nenhuma fé tem, quando não firmão sua opinião com documentos, e escrevem, de tradição popular, noticias de acções praticadas mais de trezentos annos antes do tempo, a que as referem, direi, que tudo isto foi uma pura fabula: a ser verdadeiro este facto devia acontecer desde 1128, em que o Principe ficou victorioso em Guimarães, até 1131, pois que já neste mesmo anno, e a 22 de Julho (11 kal. Aug.) o Conde D. Fernando dá parte d'uma terra em S. Pedro de Sul ao Bispo D. Bernardo e á Sé de Coimbra, e diz ser por alma da Rainha D. Tereja (3), (signal de já ter ella fallecido nesta data) « *Testamentum*

---

(1) *Perinde Vener. Frat. Bernarde Colimb. Episcope... SS. Patrum vestigiis inherentes..... ad exemplar Innocentii P. predecessoris nostri bone memorie personam tuam et Colimbriensem Eclesiam sub B. Petri tutelam protectionem q.ª nostram suscipimus et quidquid impresentiarum juste et canonice possides... presentis scripti pagina tibi et Colimbricensi Eclesie auctoritate Sedis Apostolice confirmamus..... Datum Laterani VI non. Maii Incarn. Dom. anno M.C.XLIV. Pont. Dom. Lucii an.* 1.º Liv. preto fl. 231.

(2) Ms. de Pedralv. fl. 37.

(3) Fallecida no 1.º de Novembro de 1129. Liv. da kal. a este mesmo dia fl. 161. Antes de 1128 era Bispo D. Gonçalo, e com este não aconteceu este facto.

facio... Sedi Colimb. et Clericis ibidem commorantibus Episcopo que D. Bernaldo... pro anime regine... domne tarasie» (1). Ora pela carta de fôro, que a Pedro Eriz e Inigo Gonçalves fez este Bispo D. Bernardo com o seu Cabido em Outubro Era de M. C. LXVII (anno de 1129) (2), vemos, que este Bispo se achava nesta cidade, e não tinha fugido para Roma, como se pretende; que nella estava tambem em 1131, se sabe pelo documento do Conde D. Fernando acima notado, no qual elle juntamente com outros subscreve; e mais se confirma, porque em Maio do mesmo anno de 1129, se acha assignado na doação, que fez a D. Hugo Bispo do Porto, da villa d'Entre ambos os Rios, em signal d'amizade, que com elle tinha «*pro amore et deligentia quam habeo cum Domno H. Portugalensi Episcopo... Era M. C. LXVII. VIII. kal. Magii*» (3). De d'onde se infere, que neste tempo elle se achava em Coimbra, e não andava fugido; e se verifica ainda mais dos documentos, que o dão existente no Bispado em 1136, 1141, e 1144 (4), e que me parece ocioso transcrever; pelo que entendo ser fabulosa toda esta historia, que se começou a contar só trezentos annos depois, em tempo d'ElRei D. Manoel, e de que alguem tem feito engraçados e bem escriptos romances, como merecia esta ridicula fabula, e que mais provão a imaginação viva do auctor no concerto de sonhos poeticos, do que a verdade historica.

Não encontro outras memorias d'este Prelado nos dous subsequentes annos (1145 e 1146), e posto que julgo ainda nelles existíra pelas razões, que logo direi, não apparecem documentos, que o demonstrem directamente. No livro da kalenda d'esta Cathedral (escripto talvez pelo seculo XIII) acha-se o assento do seu obito em 26 de Janeiro de 1146 (5): ora fallecendo nesta data, segue-se o ter ainda começado o segundo anno nos principios do de 1146. Com effeito em 17 das kal. de Dezembro (ou 15 de Novembro) da era 1184 (anno 1146) em uma doação, que a esta Sé faz Gaïndo e

---

(1) Doc. n.º 13. Este documento daria, que entender aos criticos, se a sua data não estivesse viciada por engano do amanuense; o que facilmente se conhece pelo seu contheudo. Com effeito a era vem marcada assim = M. C. L$\overline{X}$. VIIII. = o que deitava em algarismo 1199, e por consequencia anno de Christo 1161, e neste já não era vivo o Bispo D. Bernardo, mas como ali vem mencionado nos confirmantes este Bispo, o Arcebispo de Braga D. Paio, que já era tambem fallecido em 1161, por isso facil se torna descobrir o engano, que teve o amanuense em pôr a aspa no X quando o devia deixar só para valer 10.

(2) Liv. preto fl. 210.

(3) Liv. preto fl. 212.

(4) Liv. preto fl. 93 v., 161 e 212 v.

(5) Fl. 27.

sua mulher Susana Salvadores, da terça parte d'um casal em Sãa, não fazem menção os doadores do Bispo D. Bernardo (1): signal de ser já fallecido nesta data; porque no caso contrario não deixaria de ser lembrado seu nome, como era costume; mormente sendo feita a doação á Sé em perpetuo, e com obrigação de encommendar as almas d'elles doadores, e da Rainha D. Tereja, a quem elles o havião comprado «*por hum cavallo que lhe tinhão dado no valor de* 130 *brachales*» de taes fundamentos infiro, que em 1146 fallecêra este Bispo: por tanto concluo, que se enganou o Beneficiado Leitão Ferreira quando assevera, e se esforça para demonstrar, que só em 1147 fôra o obito d'este Prelado; e que tambem se enganárão Fr. Antonio Brandão (2) e D. Nicoláo de Santa Maria (3), quando o anticipão a 1142, fundados na viciada lição do livro dos obitos de S. Salvador de Moreira; e em uma escriptura, tambem viciada, do livro dos testamentos de Santa Cruz, que em 1143 dá já por Bispo d'esta Sé a D. João Anaia, sendo neste tempo ainda vivo D. Bernardo, como clara e indisputavelmente me parece ter demonstrado.

Alcançou os Pontificados de Honorio, Celestino, Innocencio, e Lucio, todos segundos do nome. Presidiu no Bispado por espaço de dezesete annos, e alguns mezes, e não dezenove dias, como diz o Dr. Pedralvres, governando em todo o seu tempo D. Affonso Henriques. Jaz enterrado em S. João d'Almedina, como diz o citado Doutor.

(1) Liv. preto fl. 53 v.
(2) Monarch. Lusit. part. 3.ª liv. 10.
(3) Chronic. dos Coneg. Regrant. part. 2.ª liv. 11.

CAPITULO II.

SUMMARIO.

Eleição de D. João Anaia. Sua filiação e nobreza. Observações. Começa o seu Episcopado em 1148. Reflexões criticas. Tem desavenças grandes com o Arcebispo de Braga, que acinte o persegue, apesar de ser reprehendido pelo Papa. Continua a demanda com os Templarios, estas inquietações o obrigão a renunciar o Episcopado. Juizo sobre este acontecimento, que nenhum autor ainda referiu. Retira-se a Castella, onde viveu alguns annos na cidade de Çamora, e fallecendo veiu ser enterrado na sua Cathedral, á qual doou seus bens patrimoniaes. Em sua vida foi substituido por D. Miguel Salomão, Prior da Sé, cujo Beneficio tinha deixado para se recolher ao Convento de Santa Cruz, que começava a florecer; mas assim mesmo volta d'alli ao Episcopado. Seu elogio e virtude. Renuncia a Mithra e volta para o Mosteiro. Sua liberalidade e doação, que faz á Sé, ainda depois de renunciar. Concede privilegios ao Convento, que são origem mais adiante de gravissimas questões. Seus contemporaneos. Succede-lhe D. Bermudo, que por ordem d'elle ainda entrega para a Sé valiosos donativos. Duração de seu Episcopado. Sua morte, e quem teve por Successor. Reflexões criticas a este respeito e refutação das opiniões de varios autores, que lhe fazem succeder D. Pedro, devendo ser D. Martinho. Governo d'este Bispo e juizo sobre o dia do seu fallecimento.

§. 1.°

D. JOÃO ANAIA 1.° DO NOME 6.° BISPO.

1148 a 1154.

Por fallecimento do antecedente Prelado, occupou a Cadeira Episcopal d'esta Sé D. João Anaia 1.° do nome. Era irmão de D. Martinho Anaia Alcaide (Alcaide Mór) de Coimbra, com quem fundou o Mosteiro de Semide para Frades Bentos, e que depois se mudou para Freiras; e era filho de D. Anaia Vestravis (chamado D. Anião da Estrada), senhor do castello de Goes por mercê da Rainha D. Tereja, e sua mulher D. Ermezenda (1). Foi Conego e Prior nesta Cathedral, tendo

(1) Liv. preto fl. 4, 130 v., 140 v., 171 v. — Nobiliario do Conde D. Pedro tit. 59 — Lavanha nota 332 ao mesmo. — Brandão Monarch. Lusit. liv. 8. cap. 30, liv. 10, cap. 30.

succedido ao Prior D. Martinho Simões. Na qualidade de Prior assigna em algumas doações, e contractos feitos, de que muitas provas offerece o livro preto (1), e que escusamos produzir. Em Fevereiro de 1148 já era Bispo d'esta Sé, como está na doação, que da Igreja de Nogueira lhe fez Mendo Paes (2), e é este documento mais antigo, que do seu Episcópado encontrei. Talvez que em 1147 já fosse Bispo, o que se torna até mais natural, não só pelas razões, que produz Leitão Ferreira, mas tambem pelas ajustadas conjecturas, que naturalmente se podem fazer, não devendo imaginar vaga tanto tempo esta Igreja depois da morte de D. Bernardo (26 de Janeiro de 1146) até Fevereiro de 1148, e sendo ainda poucos os Bispos, e grande a necessidade do governo das Dioceses, pelos seus respectivos Prelados. Já no seu Episcopado estavão separadas as Igrejas de Lamego e Viseu do governo Episcopal de Coimbra; e posto, que esta separação só deve entender-se depois da morte de D. Bernardo, não falta quem a anticipe alguns annos, fundando-se em documentos, dos quaes diz (com razão) J. P. Ribeiro, serem *de fé duvidosa* (3); pois já vimos como em 1144 o Pontifice encommendou a D. Bernardo o governo d'estes dous Bispados, que só depois da sua morte devia terminar, como com effeito terminou, não sendo D. João Anaia já administrador d'elles. Em 22 de Fevereiro de 1149 (8 kal. Mart. 1187) fez com seu irmão D. Martim Anaia partilha dos bens paternos, vindo entre estes a tocar-lhe Goes, Celavisa e outros, os quaes depois deixou a esta Sé, como bemfeitor que d'ella foi (4). Teve grandes desavenças com o Arcebispo de Braga D. João Peculiar (a quem chamárão D. João *Ovilheiro*), desavenças, que chegárão a produzir uma queixa desabrida d'este Prelado ao Pontifice. Tinha sido este Arcebispo, Conego nesta Sé, para onde tinha entrado por intervenção d'este mesmo D. João Anaia (5), *quem ego Joanes Colimbriensis Episcopus tempore mei Prioratus Canonicum constitui* (como elle diz na carta ao Pontifice Eugenio III ou Anastacio IV, porque não traz data): havia elle entrado para esta Sé, por sua intervenção, repito, e nella conservou sempre uma tão grande austeridade de vida «*que pareceu digno da Prelazia, para que o ele-*

---

(1) Fl. 117 v. e 119.
(2) Liv. preto fl. 87.
(3) J. P. Ribeiro Dissert. 22, pag 170 e 201.
(4) Liv. preto a fl. 4 v. Neste documento se diz: *Joannes Episcopus Colimbricensis, et frater ejus Martinus Anaie diviserunt inter se hereditates, que de Parentum suorum jure eis attingebant..... et per sortem distribuerunt.*
(5) Liv. citado fl. 247, copiado do documento original, que está na gav. 12, R. 2, m. 1.

«*gêrão, por que guardava as regras da Religião tão inteiramente,* «*que com seu exemplo obrigava os mais Conegos á observancia d'ellas...* «*e tanto que se viu enthronisado na Prelazia Archiepiscopal mudou* «*os costumes e modo de viver de maneira, que se viu claramente quão* «*differentes erão as mostras exteriores, do que na alma lhe ficava*» (1). Mas este rigor de vida, e pratíca de exemplar virtude, acabando logo nelle, e mudados de todo os sentimentos de piedade, que por tanto tempo tinha mostrado, o levárão a perseguir este Prelado, tendo já no tempo de seu Antecessor invadido a sua jurisdicção Episcopal, pousando e recolhendo-se no seu Paço, e arrebatando-lhe do celeiro e casas as renovas, que nellas tinha para sua mantença e exercendo toda a jurisdicção Episcopal, que a um e outro perteneia, como se fosse o proprio Bispo; e o que é mais, segundo dizem os documentos, praticou actos de impio na Igreja de S. João de Almedina, rasgando os ornamentos do altar, quebrando Cruzes, e lançando por terra as Sagradas Fórmas e esmigalhando-as com os pés (2)! Reprehendido pelo Pontifice, nem ainda assim se accommodou, pois, como já disse, este Bispo, avexado, como estava, se dirigiu ao Pontifice para *pôr cobro* a tão desassisados e temerarios procedimentos. A tanto excesso nos arrasta ás vezes a paixão e os caprichos mal entendidos!

Com tão grandes amofinações, e ainda talvez contrariedades ao governo Episcopal, deixou o Bispado, retirando-se á vida privada; pois não só o havião desgostado desordens de tanta gravidade com o Arcebispo, senão ainda as questões, que com os Templarios teve de sustentar ácerca da jurisdicção espiritual de alguns logares e de certos direitos, que tinha de haver como Prelado; d'isso dá testemunho um documento do Cartorio d'esta Sé, que é o depoimento de testemunhas (3), porque se mostra ter elle deixado o Bispado, ou ter

---

(1) Como diz na vida d'este Bispo o Dr. Pedralvres fl. 44.

(2) Doc. n.° 14. Sobre todos estes factos praticados por este Arcebispo se queixárão varios Conventos d'este Bispado ao Pontifice Innocencio II em vida do Bispo D. Bernardo, cuja queixa se encontra no liv. preto citado a fl. 246, e na mesma folha logo adiante acha-se o Breve do Papa Innocencio dirigido ao Arcebispo para se não intrometter mais com o Bispo D. Bernardo, em data de 6.° Idus Februar. Sobre a queixa de D. João Anaia mandou o mesmo Papa expedir outro Breve reprehendendo o Arcebispo, e mandando-o apresentar em Roma até ao fim da Quaresma para responder ás arguições, que lhe fazião, Kal. Maias, sem dizer o anno. Todos os documentos d'esta questão forão copiados no liv. preto fl. 230 v., 234 v., 246, 246 v., e 247.

(3) Doc. n.° 15. Não tem data este documento, porêm dizendo-se, que erão passados mais de trinta annos, que durava a questão, e que o processo se fazia no Episcopado de D. Martinho I em Coimbra, não póde anticipar-se a 1183, em que come-

sido expulso d'elle e governar nas vezes de Bispo o Arcedeago Domingos, sendo ainda Prior (Deão) da Sé D. Miguel Salomão, que depois foi Bispo como adiante se verá, entrando para esta Mithra na sua vacancia. Se a renuncia foi voluntaria ou forçada, é cousa talvez impossivel de averiguar sem termos outros documentos, de que nos possamos servir. A inquirição, já citada, referindo o depoimento d'uma das testemunhas diz, que o Arcedeago Domingos governava o Bispado, por ter sido expulso d'elle o Bispo D. João « *Dominicus Archidiaconus qui vices Episcopatus gerebat, eo quod Episcopus Joannes esset de Sede dejectus.* » Mal se coaduna este dito com tão regrado procedimento, e com tão piedosas intenções, como tinha este Bispo; inclino-me mais a acreditar, que agastado com os procedimentos do Arcebispo, e Mestre do Templo, não toleraria os abusos da autoridade, nem poderia com resignação continuar no governo da Diocese por mais tempo, precatando-se d'esta sorte, e trocando a vida privada, pelas amarguras da publica; por isso entregára o governo do seu Bispado ao seu Arcedeago, retirando-se desgostoso a Castella (1): esta me parece ser a mais provavel conjectura, e como tal a offereço. Saiu da Diocese, e viveu em Çamora, onde morreu, tendo recommendado, que o enterrassem na sua Sé, onde se acha junto ao arco de pedra, que vai para o claustro (2). O mysterio, que encobre este procedimento, e que nenhum Chronista, segundo nosso conhecimento, atégora contou, é um d'aquelles, que não póde explicar-se, porque, ao mesmo tempo que se retira ao Leão, vemos com tudo continuar para com a Cathe-

---

çou, nem suppôr-se posterior a 1191, em que acabou. Ligo a este documento uma certa importancia historica, por isso nas notas, que lhe faço para sua illustração, procurarei examinar melhor sua data.

(1) Se o Bispo D. Miguel só governou depois de 1160: é sinal, de que elle voluntariamente cedeu do governo do Bispado, sendo este dirigido por Delegado seu até este tempo. Veja-se adiante na vida do successor.

(2) *Era 1169, 9.º kal. Mart. Obitus domini Joanis Episcopi Anaye. Fecit librum lucidarium librum sermonum lectionarium et epistolarum et vestimenta serica et lignea et reliquit in Thesauro turibulum argenteum sandalias et anulum aureum et duo baculos de ebore, a quo tempore habet eclesia Sancte Marie patrimonii sui hereditatem scilicet tertiam partem de Goes de Celavisa et de Tavosa tertiam de Oes de Barrio et tertiam de turribus de Barrio* (Barrou) *et tertiam Eclesie de Vilarinho jure fundi... qui obiit apud Samoram et jacet sepultus in Eclesia Colimbricensi juxta portam medianam qua ascenditur ad portam claustri et jacet in pariete Eclesie in quodam monumento toto lapideo.* Assim se encontra escripto no liv. antigo da kalenda d'esta Cathedral, onde se lançavão as memorias dos, que fallecião com deixa á Sé, e está este assento abaixo do dia 9 das kal. de Março. Apesar de começar por era, não é possivel tal data, porque então era Bispo D. Bernardo, e elle seria já Prior ou Conego d'esta Cathedral, por isso em logar de era parece-me, que deve ler-se anno de Christo.

dral a antiga benevolencia, porque lhe doou todos os seus bens patrimoniaes, o que mostra não ter motivo de descontentamento da sua Cathedral. Leitão Ferreira analysando as noticias, que d'este Prelado dão a Monarchia Lusitana, Mariz, o Dr. Pedralvres, o Chantre de Evora, e o proprio autor da Chronica dos Regrantes (1), conclue contra Mariz e contra o Chantre, que collocão o anno de sua morte em 1169, e acostado á Monarchia Lusitana e á Chronica dos Regrantes, o anticipa a 1158. Nenhum dos citados AA. viu o documento, que já notei, ou inquirição das testemunhas na causa intentada com os Templarios no tempo do Bispo D. Miguel e de seus successores D. Bermudo e D. Martinho; e como por juramento de varias d'estas testemunhas em si concordes se mostra, que este D. João Anaia largou o Bispado, ou voluntariamente ou constrangido, segue-se ser verosimil a noticia de sua morte não em 1158, mas mais tarde, a do que os citados Autores dizem, e se prova pelo assento lançado no liv. da kal., que talvez viu Mariz, porque no referido logar diz existirem documentos no Archivo d'esta Sé, que provão a existencia de D. João Anaia desde 1146 até 1169, em que fallecêra. Com effeito Leitão Ferreira pondo a eleição de D. Miguel successor d'este Prelado em 1158, e julgando não poder ser eleito outro Bispo, vivo o antecessor, entendeu ser neste anno o seu fallecimento; e por isso, affastando-se, do que os outros dizião sem prova, enganou-se, porque a vacatura não foi por obito, mas sim pela renuncia, que fez ou voluntaria ou constrangida, como já notei. Mas não foi só este o erro, adiante veremos, como elle se enganou novamente em julgar, que D. Miguel Salomão 1.° do nome, successor d'este Prelado, fôra eleito em 1158, quando o foi mezes, ou talvez annos depois. Tão grande é a falta de noticias, e tal é tambem o encontro, que se acha nos Autores, que escrevêrão as memorias de D. João Anaia. O mesmo Leitão Ferreira diz, que fôra Conego Regrante de Santo Agostinho: em parte nenhuma se acha similhante noticia, que talvez em alguma chronica de Santa Cruz elle visse, e que me parece não ser exacta; pois já em 1132, sendo Prior d'esta Cathedral, na carta de couto, que ElRei D. Affonso Henriques deu a esta Sé, das villas de Barrou e Aguada em 15.° kal. Mart. Era 1170 (2), elle se vê assignado entre os confirmantes logo immediato ao Bispo D. Bernardo, que então era d'esta

---

(1) Monarch. Lusit. part. 3.ª liv. 10, cap. 40 — Mariz Dial. 2.° cap. 5. — Chronic. dos Regrant. part. 2.ª liv. 11.

(2) Liv. preto fl. 83.

Sé, da qual elle foi segundo Prior, tendo succedido a D. Martinho Simões (1), e nas mais antigas memorias d'este archivo, nenhuma apparece, que diga ter sido Conego Regular, quando fallando do seu successor, em muitos logares o dizem, e como tal se acha designado, assim como outros, que o forão: do que me resulta dúvida sobre a sua entrada na Congregação de Santa Cruz, á qual me parece não ter pertencido.

Governou o Bispado sinco a seis annos, e largando-o como fica dito, ainda viveu quatorze ou quinze annos (2) alcançando os Pontificados d'Eugenio III, Anastacio e Hadriano ambos quartos do nome, e o reinado de D. Affonso Henriques; mas o ultimo daquelles Pontifices não foi do tempo do seu Episcopado, posto que ainda não tivesse successor, em razão das difficuldades, que devia haver na eleição e confirmação d'ella, occasionadas pelas desavenças e contestações referidas.

§. 2.º

D. MIGUEL 1.º DO NOME, 7.º BISPO.

1162 a 1176.

Tinha vagado a Cadeira Episcopal de Coimbra pela renuncia de D. João d'Anaia, e D. Miguel Salomão Prior d'esta Sé foi eleito Bispo em logar d'elle. D. Nicoláo de Santa Maria afoutamente disse ter sido eleito em 1158, e já como Bispo assignára em uma doação, que D. Affonso Henriques fizera ao Convento de Santa Cruz em Março da Era de 1196 (que é este mesmo anno) de uma herdade perto de Cintra (3). Guiado por este Chronista reproduziu Leitão Ferreira o

---

(1) Em 1153 ainda como Bispo governava, pois em Maio d'esse anno comprou umas casas na rua das Covas, na Era de 1191. Liv. preto fl. 178 v.

(2) Liv. preto fl. 83. Acha-se a sua assignatura entre os confirmantes logo abaixo da do Bispo D. Bernardo, e depois d'ella a do Arcedeago D. Tello, que ainda neste anno não tinha deixado a Sé para se retirar a Santa Cruz, cuja fundação foi sua, e por tanto ha fundamento para duvidar da dita entrada, muito mais sendo a fundação do Mosteiro, on tendo começado no S. João de 1131, como diz Pedralvres a fl. 35 « *Vendo o Arcediago* (*D. Tello*) *como Deos favorecia seus santos desejos, comprou ao Bispo, e Cabido uma orta junto dos banhos, e outras propriedades, que partirão com elles e fundou o Mosteiro dedicando-o á Cruz de Christo... deitando a primeira pedra vespera de S. Pedro, no anno* 1131.

(3) Chronic. dos Regrant. part. 2.ª liv. 11 cap. 13 n.º 1.

mesmo engano no seu catalogo, affirmando ter sido a sua eleição canonica neste anno de 1158. Para se mostrar o erro, que nisto vae, basta attender, a que ainda em Agosto de 1158 era este Bispo D. Miguel Salomão, Prior da Cathedral, e tal titulo se lhe dá em uma doação, que a este faz D. Bernardo, de algumas propriedades, nesta cidade (1). Como podia então ter elle confirmado como Bispo a doação, que ElRei D. Affonso fez ao Convento de Santa Cruz em Março d'esse anno, sendo em Agosto do mesmo ainda Prior? Álem de que logo veremos, por outros fundamentos, que nem no seguinte anno elle era Bispo. Sabemos, que este D. Miguel, Prior da Sé, depois de estar alguns annos neste emprego ou por molestias, que o atacárão, ou por querer viver uma vida mais privada e solitaria largou o Priorado, e se recolheu ao Mosteiro de Santa Cruz, onde como Conego Regrante de Santo Agostinho esteve algum tempo desempenhando as funcções monasticas na clausura. Com effeito acha-se em memorias d'este archivo comprovado este facto (2), do qual devemos concluir, que se em Agosto de 1158 era Prior, e por se subtrair aos inconvenientes de uma vida mais activa, e mais complicada com os negocios da communidade mais augmentados com a falta e ausencia do Bispo, elle se recolheu ao Mosteiro de Santa Cruz, não era para immediatamente voltar á vida publica sem mediar algum tempo, muito mais sendo

---

(1) Liv. preto a fl. 13. Neste documento se diz assim « *In dei nomine hec est carta testamenti, quam facio ego dona ternaldiz sancte marie colimbricensi sedi et domno, qui et michael salomoni ejusdem sedis priori, ceterisque canonicis ibidem morantibus... facta carta mense augusto era M. C. LX̄. VI.* » Daqui se deduzem duas consequencias, primeira, que em 1158 era elle Prior; em cujo emprego se achava ainda em Agosto sendo o mesmo, que succedeu nesta Dignidade D. Fernando Rodrigues, quarto Prior, este a D. Pedro Joannes terceiro Prior, o qual o foi depois de D. João Anaia, quando este subiu ao Episcopado: segundo, que o seu nome era Miguel Salomão, e não Miguel Paes, como lhe chama Leitão Ferreira sem produzir documento, porque assim se acha em muitos e diversos logares do citado livro.

(2) Está no citado liv. preto a fl. 3. v. o seguinte « *Quando Episcopus micael adhuc Prior sedis pro infirmitate qua agravatus fuit sanctam crucem et canonicos ejus adiit: demisit tunc in sede sancte marie* 20 *modios tritici et* 150 *ordei*, 150 *milii* » prosegue a enumeração de muitas cousas, que a esta Sé entregou, e adiante continúa « *In Episcopatu idem ipse episcopus dedit in opere sedis ex sua facultate* 500 *morabitinos, et canonicis* 50 *morabitinos* » e adiante « *Postquam dimisit episcopatum dedit sedi quatuor purpuras in centum morabitinos emptas, et in opere eclesie DCC. morabitinos... postea dedit alios mille morabitinos in opere sedis de suo proprio per manum episcopi domni vermudi et nuni gutierriz* » Notão-se quatro épocas na vida d'este Bispo, a primeira quando foi Prior da Sé, segunda quando largou o Priorado para passar ao Mosteiro de Santa Cruz, terceira quando foi Bispo, quarta quando renunciou o Bispado, e voltou para Santa Cruz. Não direi, que qualquer d'estas épocas comprehendesse um longo periodo de tempo, porêm mediando um ou dous annos, segue-se não entrar para Bispo em 1158,

pessoa de muito reconhecida virtude, de que deu provas decisivas, chegando a renunciar esta nova Dignidade Episcopal, que tambem deixou, pela vida contemplativa, recolhendo-se á clausura, d'onde pouco havia que tinha saído.

Com effeito se por enfermidades elle deixou o Priorado, por não poder encarregar-se dos negocios da Communidade, e se recolheu ao Convento de Santa Cruz « *pro infirmitate qua agravatus fuit S. Crucem et Canonicos ejus adiit* » será preciso forçar muito o curso natural das cousas para propormos, que já no seguinte anno entrasse para Bispo d'esta Diocese. O que de modo algum admittiremos, mormente sabendo, que em 1160 ou na era 1198 tendo João Joanes e sua mulher Adozinda Sesnandes deixado, para depois da morte, á Sé todos os bens, que possuião, e nomeando na doação o Prior da Sé, que então tinha succedido no logar d'este D. Miguel Salomão pela voluntaria renuncia, que do Priorado fizera, não fallão do Bispo, mas só do Prior da Sé de Coimbra Pedro Rodrigues (1); sinal de que ainda nesta data (Dezembro de 1160) D. Miguel estava recolhido em Santa Cruz, e não era Bispo eleito, nem confirmado: o que no caso contrario não deixaria de fazer-se, como era a pratica, por viverem todos ainda em Communidade.

D'aqui se deduz, que este Bispo só depois de 1160 tomou conta do governo do Bispado, e que outra qualquer época anterior lhe é falsamente attribuida, como Bispo d'esta Cathedral; deduzindo-se tambem, d'essa conclusão, outra não menos certa, qual será a da pouca, ou nenhuma fé, que devem ter os documentos, que produz o Autor da Chronica dos Regrantes, já acima citado, fazendo assignar este D. Miguel, como Bispo na doação d'uma herdade em Meleças junto a Cintra por D. Affonso Henriques a Santa Cruz, assim como a licença, que este mesmo Bispo D. Miguel com o consentimento do seu Cabido dera em o anno de 1180 para se fundar o Convento de Folques, perto d'Arganil, quando já nesta data elle tinha renunciado o Bispado (2). Concluiremos pois que os documentos produzidos para provar o Episcopado de D. Miguel Salomão em 1160 e 1180, senão forão de pro-

(1) Liv. preto fl. 160... *carta testamenti quam jussi facere ego Joanes Joanis cum uxore mea adosinda sisnandes priori petro roderiguez sedis sancte marie una cum canonicis... mense decembrio E.* 1198.

(2) Chron. dos Regrant. part. 2.ª, liv. 8.°, cap. 16, n.° 6. Este documento deu tanto que entender ao Academico Leitão Ferreira, que no seu catalogo, fallando d'este Bispo, diz assim « *Esta licença não deixa de causar alguma duvida, por estar já naquelle tempo governando esta mitra D. Bermudo, mas póde conjecturar-se (sendo verdadeira a dita licença, ou a sua data), que D. Miguel renunciaria com futura successão.* »

posito viciados, são de fé tão duvidosa, que nada por elles poderemos julgar, mormente havendo outros motivos, que nos levárão a acreditar ter havido dólo e vicio de proposito praticado em outros, como adiante veremos na vida de D. Pedro primeiro do nome.

Tenho até aqui mostrado, que só depois de 1160 podia D. Miguel ser Bispo de Coimbra, tornando-se improvavel, senão impossivel, a anticipação d'esta época: o primeiro documento, em que se menciona Bispo, é a transmissão, que faz Gonçalo Affonso da terça parte do, que possuía em Mortagua, a elle e á sua Sé, em Abril de 1162 (1); segue-se outra doação, que lhe faz e aos seus Conegos D. Maior Alvites, dos cazaes, que possuía em o sitio de Casal-Comba (na Bairrada) feita em 31 de Março de 1163 (2). Continuão ainda as suas memorias, e em Dezembro de 1164 comprou elle a Pero Paes, e a sua mulher Godinha Pires, e filhos umas casas, que actualmente estão no Paço Episcopal, que depois forão reformadas, e hoje servem de residencia aos Prelados, tendo sido concertadas pelo Bispo D. Affonso de Castello Branco, cujas armas se veem sobre o portão da entrada (3). Em 13 de Novembro de 1169 lhe coutou ElRei D. Affonso Henriques metade da villa de Midões (4), e d'aqui vão correndo suas memorias nos documentos até 22 d'Agosto de 1176, em que ElRei D. Affonso Henriques lhe doou umas casas em Coimbra (5).

Nenhuma outra memoria, posterior a esta data, encontro d'este Bispo nos diversos documentos, que tenho procurado. Se Leitão Ferreira viu, ou teve noticias de mais algumas, como indica no seu catalogo fallando d'este Prelado, e dizendo « *que continuão suas memorias até ao anno de* 1176, *em que renunciando a Mitra se tornou a recolher ao Mosteiro de Santa Cruz* » certo, que estas não pódem ex-

---

(1) Liv. preto fl. 137.

(2) Liv. preto fl. 46 v. « *In dei nomine. Hec est carta testamenti quam jussi facere ego Mayor alvitiz sedi sancte marie colimbriensi et episcopo micaeli salomoni et canonicis ibidem commorantibus... in loco qui vocatur casal de columba... Facta carta testamenti II.° kal. april. Era M. CC. I.* »

(3) O documento original acha-se na gav. 1, R. 1, m. 2, n.° 57, e a cópia se encontra no liv. preto fl. 213: o começo assim ... *hec est carta venditionis et firmitudinis, quam jussimus facere ego petrus pelaiz et uxor mea godina petriz et socer meus... una cum filius suis... vobis domno michaele colimbriensi episcopo de una nostra propria domo quam habemus intus colimbrie in colazione sancti johanis.... facta venditionis carta... mensi decembri E. M.ª CC.ª II.ª*

(4) Doc. n.° 16.

(5) Liv. preto fl. 224 v., 227, 248, 248 v., 249, 249 v., 250, e doc. n.° 17.

ceder o referido anno 1176 ou pouco mais adiante, porque já D. Bermudo governava como Bispo esta Diocese em Abril de 1178 (1) segundo adiante se verá; e se é verdade, que em 1176 renunciára a Mithra teremos, que como Bispo governou quatorze annos, começando o seu Episcopado em 1162 (como acho mais provavel) até 1176. Era d'uma consciencia timorata, observante talvez em demasia, e de grande zelo, como prova, a correspondencia com o Conego João Salamanca, de que offereço a resposta (2); e se houve com os seus Conegos e com a Corporação dos Regulares, a que se quiz voluntariamente unir, de modo que todos, em vez de queixa, só tiverão razões de satisfação, e agradecida correspondencia. Para com a Cathedral mostrou a sua liberalidade levada ao ultimo gráo, fazendo restituir todos os bens, que por negligencia e descuido de seus antecessores andavão alheados, e doando-lhe outros muitos. Nos concertos e reparos do edificio da Sé gastou com liberalidade quasi real, aprimorando, com estremado disvelo, retabulos, e altares da Capella Mór e lateraes (3); e ainda depois de ter renunciado a Mithra deu muitas cousas de valia e bastante dinheiro, que seu successor D. Bermudo por ordem sua entregou ao Prior da Sé, que d'ellas tinha a administração. Temos á mão documentos de tudo isto, e não precisamos dal-os por extenso por não conterem objecto algum interessante álem do referido. Sua memoria ainda é lembrada com piedosa recordação nesta Cathedral, para a qual deixou, e para seu anniversario, varios casaes em Arásede e Pertunhos, cujos bens hoje pelas calamidades do tempo nada rendem por levantamento geral dos foreiros. Falleceu em 5 d'Agosto de 1180, e jaz sepultado em Santa Cruz, em um jazigo embebido na parede da claustra, que corresponde á Capella Mór da Igreja, e nelle tem um letreiro em Latim, obra e letras tudo moderno, em que a data se refere á era, e não ao anno (4). Como muito amigo, que era do Convento de Santa

(1) Liv. preto fl. 116 v.
(2) Doc. n.° 18.
(3) Doc. n.° 19.
(4) No liv. da kalenda d'esta Sé se acha notado ao dia «*Nonas Kal. Augusti*» o assento do seu obito, em tudo concorda com o dos obitos de Moreira, e com o que diz à Chron. dos Regrant., que cita Leitão Ferreira. Neste assento se acha tambem resumido tudo quanto fez a favor da Sé e Cabido, o dinheiro, que entregou, e por quem foi entregue etc., e declara a Era M. CC. XVIII. A lenda sepulchral diz assim:

Hic. jacent. Ossa. Michaelis.
Colimbriensis. Episcopi.
Canonicis hujus Monastarii.
Obiit Nonis Augusti. 1218.
Corpus. ejus. integrum. repertum. est.

Cruz isemptou-o da obediencia dos Bispos, tornando-o independente d'estes, e só sujeito ao Pontifice; e, posto que não quizesse, que tal isempção revertesse em prejuizo dos seus successores, e só debaixo de certas clausulas, este privilegio foi origem de muitas e gravissimas discordias e arruidos, que durárão muitos annos com mais ou menos animosidade, gastando-se de parte a parte muitos mil crusados até ao tempo do Bispo D. Egas Fafes, que conseguiu sentença final, não sem detrimento de sua jurisdicção, depois da Era de 1300, quando alguns documentos apparecêrão viciados, como veremos adiante em se fallando d'estas desavenças.

Concorreu com o Papa Alexandre III e com ElRei D. Affonso Henriques, a quem foi devedor de muitas mercês.

§. 3.°

D. BERMUDO 8.° BISPO.

1177 a 1182.

Tinha D. Miguel Salomão renunciado voluntariamente a Mithra Episcopal de Coimbra, para na sua cella e clausura Monastica tractar mais a seu salvo dos negocios da sua alma, quando teve por successor a D. Bermudo, que para esta Dignidade foi eleito em 1177. A amizade e relações, que com elle tinha seu antecessor D. Miguel concorrêrão talvez para auxiliar a sua eleição: quando porêm ella foi, não podemos com certeza affirmar, porque carecemos de documentos que o provem. Guiado pela Chronica dos Regrantes (em que pouco devemos confiar) diz Leitão Ferreira ser elle eleito em 1177: e o Conego Pedralvres, posto que diga succedido a D. Miguel, não declara o anno da sua eleição, nem o começo do seu governo.

Em Abril de 1178 (Era de 1216) já governava como Bispo, pois assim se acha em documento d'este archivo, que é uma composição feita com D. Belida e filhos, consentindo o Cabido ácerca da Igreja de Carvalho (1) concedendo-lhe o usofructo da mesma com a obrigação de lhe darem dous maravedis em cada anno pelo S. Miguel, em reconhecimento do direito de visitação, que como

(1) Doc. n.° 20.

Bispo lhe pertencia: por este documento se prova o seu Episcopado já neste mez d'Abril de 1178, e por tanto temos grande probabilidade de ter sido eleito e talvez confirmado no anno antecedente. Sobre sua filiação e naturalidade nada se póde dizer, porque nem memoria, nem documento algum, d'isto dão noticia; não podemos por tanto arriscar conjecturas, sendo impossivel penetrar na escuridade dos seculos. Continuão-se as suas memorias, entre as quaes se nota a composição, que elle e o seu Cabido, sobre a Igreja de Santa Justa d'esta cidade, fizerão com o Prior de S. Pedro de Rates, pela qual ficárão com a terça da dita Igreja, mantida a jurisdicção ordinaria, porêm dando ao mesmo Prior de Rates em cada anno por dia de Nossa Senhora de Septembro um marco de prata, e consentindo-lhe o Padroado, como d'antes tinha (1). Esta obrigação do pagamento do marco de prata, deu occasião a novas discussões em virtude da mudança de valores da prata, e sobre elle se fizerão muitas alterações nos diversos Episcopados seguintes, como teremos occasião de ver mais adiante. Poucas noticias ha mais d'este Prelado. Foi bemfeitor da Cathedral deixando-lhe bens e paramentos para a Sachristia; e porque pouco tempo viveu no Episcopado, pouco tambem pôde fazer em prol commum. Falleceu em 5 de Septembro de 1182 (2), e um mez adiante o Cabido comprou uma propriedade com o dinheiro, que elle deixou para se tirarem da renda as despesas do seu anniversario (3). Alcançou os Pontificados de Alexandre III e Lucio III, governando ainda ElRei D. Affonso I.

Forçoso se me torna agora refutar a existencia d'um Bispo, que varios Autores introduzirão nos seus catalogos, guiados pelo que escreveu o Dr. Pedralvres. É este Bispo, D. Pedro, que este ultimo menciona como successor de D. Bermudo. Leitão Ferreira de-

---

(1) Citada na outra composição do anno 1370, que se guarda no archivo d'esta Sé, gav. 13, R. 2, ms. 2, n.º 40.

(2) Liv. da kal. citado a fl. 131, onde se acha o assento do seu obito, se diz, estar enterrado na Cathedral em uma sepultura junto ás escadas, que vão para o côro, e ter uma legenda Latina em letras douradas, como escreve Pedralvres. Ao tempo, em que no fim do seculo XVII vierão as reliquias de S. Thomaz de Villa Nova, se destruiu essa lenda, e no Reportorio Geral d'esta Sé se lançou o assento seguinte: «*Na parede onde estava a sepultura do Bispo D. Vermundo se fez huma Capella para o glorioso S. Thomaz de Villa Nova. Os ossos que estavão na dita sepultura deste Perlado, se meterão em um caixão de páo, o qual se meteu detraz do pé direito, que tem mão nas colunas do retabulo da dita Capella da parte da escada que vai para o Côro. De que tudo se faz esta lembrança para a todo o tempo constar hoje 21 de Março de* 1690.

(3) Doc. n.º 21.

pois de se firmar na opinião de Pedralvres diz, que este D. Pedro no anno de 1183 ou era de 1221 (que é o mesmo) era Bispo d'esta Sé, e como tal confirmára a doação, que ElRei D. Sancho I fizera da villa de Mafra ao Mestre da Ordem d'Aviz, no 1.º de Maio (1); e novamente apoiado na doação, que se acha no Appendice da 5.ª part. da Monarchia Lusitana, de que tambem faz menção o Chronista dos Regrantes (2), pela qual a Infante D. Tereja, filha d'ElRei D. Affonso Henriques, deu ao Prior de Santa Cruz D. João d'Attaíde as rendas Ecclesiasticas d'Ourem em Maio de 1183, e em que confirma no ultimo logar D. Martinho Bispo de Coimbra (3), exclama, como se tivesse feito grande descobrimento «*sinal de que na dignidade era o mais moderno, e de que naquelle mesmo mez e anno vagára a Mitra por morte de D. Pedro.*» Bastará só este epifonema para arguir a credulidade d'este douto Academico (4). Como era possivel, que em o 1.º de Maio estivesse Bispo de Coimbra D. Pedro, e que no mesmo mez falecesse, fosse eleito D. Martinho, e logo começasse a governar, muito mais não nomeando o documento senão o mez de Maio? Mas temos álem d'isto documentos incontestaveis, pelos quaes se mostra, que tal Bispo foi imaginario, e que o Bispo D. Pedro, que apparece primeiro do nome, só começára em 1193.

Primeiro, porque a 19 de Março d'este mesmo anno (14 kal. April. E. 1221) era Bispo d'esta Sé D. Martinho, o qual nesta data fez uma composição com o Arcebispo de Compostella sobre a Igreja de S. Tiago d'esta cidade de Coimbra (5), e no instrumento d'ella se encontrão assignados, o Arcebispo e seu Cabido, e esse D. Martinho Bispo de Coimbra com as Dignidades das duas Cathedraes; o que de todo exclue o Bispo D. Pedro, e inculca erro de data na doação ao Mestre d'Aviz acima citada. Segundo, porque D. Pedro foi Bispo d'esta Diocese nove annos depois d'esta data, e Pedralvres confundindo-se com as datas dos documentos colloca no Episcopado d'este, que

---

(1) Brandão Monarch. Lusit., part. 3.ª, liv. 11, cap. 33 affirma ter visto o original.

(2) Monarch. Lusit., part. 5.ª, Apend. Escript. 29, Chron. dos Regrant. liv. 9, cap. 8, n.º 8.

(3) Leitão Ferreira Catalogo dos Bispos de Coimbra, pag. 73.

(4) É com effeito arrojada conjectura suppôr fallecido D. Pedro no dia 2 de Maio, e no mesmo mez achar-se já a Sé plena com outro Bispo

(5) Liv. preto fl. 5 v Nesta composição acha-se na primeira columna assignado o Arcebispo de Compostella com as Dignidades da sua Sé, Arcedeago, Mestre Escóla, e outros, e na segunda D. Martinho Bispo de Coimbra com o Chantre, Mestre Escóla e Conegos declarando a data «*facta carta Colimbrie 14 kal. Apr. era 1221.*»

imaginou, acontecimentos que tiverão logar depois de 1193. Terceiro, porque no liv. da kal. d'esta Sé ao dia 10 das kal. de Janeiro, fazendo menção do obito do Bispo D. Pedro I fallecido em 1233, (Era 1271) acha-se a declaração de ter sido o fallecido D. Pedro Bispo primeiro do nome « *Obiit Petrus Episcopus primus* » (1); por tanto, se tal D. Pedro tivesse sido Bispo, seria neste caso o primeiro, e o fallecido em 1233 o segundo; e assim, encontrando o pretendido os documentos, e memorias existentes, se exclue tal Bispo d'este catalogo, e se aclara completamente o engano, em que cairão tão discretos e judiciosos Autores, aos quaes escapou a analyse critica dos documentos produzidos, cuja valia o leitor facilmente poderá ajuizar (2). De tudo isto se conhece o engano, que os citados Autores tiverão, porque nenhum outro Bispo occupou a Cadeira Conimbricense depois de D. Bermudo, senão seu successor D. Martinho primeiro do nome, de quem vamos fazer menção.

§. 4.º

D. MARTINHO 1.º DO NOME, 9.º BISPO.

1183 a 1191.

Foi D. Martinho primeiro do nome o immediato successor de D. Bermudo. Sufficientemente se acha demonstrado este facto pelas razões, e provas precedentes; e porque não carecemos de mais documentos para se ter como certo o começo do seu Episcopado em Março de 1183, em que era Bispo confirmado d'esta Sé, notaremos só algumas particularidades, que não andão referidas no pouco, que d'elle

---

(1) Liv. da kal. fl. 180 ao dia 10 de Janeiro Era 1271 « *Obiit et domnus petrus episcopus primus pro cujus anniversario martinus petri sobrinus suus dedit medietatem de spino cum suis villulis.* »

(2) Tão viciadas andão as noticias e documentos dos catalogos, que João Pedro Ribeiro, na sua Dissert. 22, tom. 5.º, pag. 161, citando o dito documento do livro preto, que demonstra ser D. Martinho Bispo de Coimbra em 1183, introduz em 1186 (Era de 1224) no seu Episcopado um outro D. Pedro, o que prova com um documento do real archivo liv. 1.º das doações d'ElRei D. Diniz a fl. 100, o qual me parece achar-se viciado por culpa do amanuense, pois dá por Bispo em 1186 a D. Pedro, quando neste mesmo anno era Bispo D. Martinho. Tanto este documento deu que entender ao citado Archeologo, que lhe põe uma pequena nota, em que diz « *He transumpto* » e com isto salva a autenticidade de tal documento, porque provavelmente foi culpa do amanuense, escrevendo D. Pedro, em vez de D. Martinho, ou errando a data.

ha escrito, assim como algumas incorrecções, que a seu respeito tenho registado. Quanto a estas: Leitão Ferreira o chama segundo do nome; porque tendo entendido, que o Prior d'esta Sé Martinho Simões fôra Bispo d'esta Diocese na vagante de D. Paterno, começou a designal-o por primeiro do nome; mas fica demonstrado já, que este Prior não foi Bispo, e que só foi eleito para *fazer suas vezes*, por isso torna-se evidente o engano com tal designação, e o equivoco, em que caiu por falta de maiores indagações. Nesta mesma falta tinha já d'antes caído o Dr. Pedralvres escrevendo no seu catalogo, que este D. Martinho entrára para Bispo d'esta Cathedral no anno de 1186; mas se consultasse os documentos do archivo d'esta Sé o acharia já muito antes em 1183 (1). Quanto áquellas direi, que foi este Bispo Conego Regular de Santa Cruz, instituidor do Convento de Santa Anna d'esta cidade, cuja casa se estabeleceu primeiro álem da ponte, e se chamou por muito tempo de *Cellas d'alem da ponte* para differença do outro, que vulgarmente conhecemos com este só nome de *Cellas*; mas que d'antes para differença se chamava *Cellas de Vimarães* (2). Sobre sua filiação e naturalidade nada se acha escrito, nem de tal se lembra nenhum dos catalogos antigos, o que nos faz continuar na mesma ignorancia a seu respeito. Suas memorias começão em 1183 desde a composição, que fez com o Arcebispo de Compostella sobre a Igreja de Coimbra (3), e se prolongão nos documentos até 1191 (4); por isso devemos ter por suspeitos todos os documentos, que neste periodo declararem outro Bispo, que não seja este D. Martinho. Notarei aqui um acto da munificencia real para com elle fazendo-lhe mercê das Igrejas existentes, e que de futuro se edificassem na Covilhã (5). Em tempo d'este Bispo começárão já os Priores d'esta a tomar, e mudar o titulo de *Prior* por *Deão*: assim se encontra já esta assignatura em um instrumento de emprazamento de um terreno, perto d'esta cidade, que se chamava «*Fonte d'Ouro*» e nelle se vê feito o contracto

---

(1) Liv. preto fl. 5 v.

(2) Na doação, que em 1561 fez D. João Soares, da quinta de S. Martinho ao Convento de Santa Anna, para nelle se recolherem as freiras, por causa das ruinas do seu Convento e das chêas do rio, que já então o alagavão, diz este Bispo, que este Mosteiro fôra fundado pelo Bispo D. Martinho, que tinha sido Conego Regular de Santa Cruz, e o instituíra e fundára pertencendo á mesma ordem de Santo Agostinho: este documento está na gav. do Bispado n.° 48; e d'elles são tiradas as presentes noticias, que mais á larga se expendem na vida do Bispo D. João Soares.

(3) Doc n.° 22.

(4) Como se vê no liv. preto fl. 5, e 5 v., e da collecção inedita, posto que impressa, da Academia n.° 254.

(5) Doc. n.° 23.

por este Bispo, pelo *Deão* Pelagio e Cabido com a data 7 Id. April. Er. 1222 (ou anno de Christo 1184) (1). Já começavão tambem os indicios da separação entre a mesa Episcopal e a Capitular, que depois teve logar no governo do Bispo D. Pedro I em 1210, como veremos adiante.

Sobre o dia e anno do fallecimento de D. Martinho encontrão-se variantes nos Autores. A Monarchia Lusitana (2) ainda o declara governando em 1193. O Chantre d'Evora no seu catalogo diz, que fallecêra em 1191. O Dr. Pedralvres anticipa um anno a sua morte, e a suppõe em 1190. O livro da kalenda d'esta Sé nada declara a este respeito, porque d'elle não faz menção para anniversarios, sinal de que nada para elles deixa á Sé. Se porêm attendermos ao documento, pelo qual, em o 1.º de Julho de 1192, o Bispo D. Pedro com o Cabido trocou umas terras em Lafões por outras terras e casas na cidade de Coimbra e Arregaça, teremos com certeza notado o engano, em que caiu o Autor da Monarchia Lusitana citada, quando o diz fallecido em 1193, pois que já no 1.º de Julho do anno antecedente elle era morto (3), não nos constando haver renunciado o Bispado, como seu antecessor, e por ter já successor na Mithra a D. Pedro em 1192. Parece-me mais provavel ter sido o seu obito em 1191, conforme o catalogo do Chantre d'Evora, que o dá por fallecido a 4 de Septembro d'este mesmo anno: o que sem forçar o natural curso do tempo, torna provavel o Episcopado de D. Pedro Soares já no referido anno de 1192; e dous documentos de maior excepção auxilião no empenho « o primeiro, a doação d'ElRei D. Sancho a esta Igreja em 8 de Novembro de 1191 (4)» em que não ha memoria de Bispo por estar a Sé vacante, « o segundo é a doação do mesmo Rei a Pedro Eremita de Cintra em Julho de 1192 (5)» em que subscreveu D. Pedro seu successor. Diz Pedralvres, que jaz enterrado na Sé, e na Capella do Bispo D. Pedro Soares (6). Não encontro d'elle outra cousa notavel. O acanhamento

(1) Liv. preto fl. 5.

(2) Part. 4.ª, liv. 12, cap. 10. Seguiu Leitão Ferreira este escripto.

(3) Liv. preto fl. 86. Aqui se faz expressa menção do Bispo D. Pedro Soares primeiro do nome, o qual tendo succedido a este, já governava em 1192, por isso esse documento (um instrumento de escambo) se acha datado das kal. de Julho de Er. 1230.

(4) Liv. preto fl. 33 v.

(5) Dita collecção da Academia n.º 256.

(6) Novo engano, em que este Autor caiu, porque D. Pedro não foi antecessor, mas successor; porêm como Pedralvres se confundiu com os annos, e julgou, que tinha havido um Pedro antes d'este por isso duvido muito d'este facto, mormente tendo sido D. Pedro I seu successor quem fez a dita Capella, e nella mandou ser enterrado como adeante se verá, quando d'elle fallarmos.

do Claustro, poucas relações politicas, e talvez um genio mais dado á vida contemplativa, do que aos negocios temporaes, o fizerão pouco conhecido no mundo, e esquecida sua lembrança na Sé, para a qual nada deu, porque fosse sua memoria lembrada, como a dos seus antecessores.

Alcançou os Pontificados de Lucio e Urbano terceiros do nome, Gregorio VIII, Clemente e Celestino terceiros do nome. Falleceu durante o seu Episcopado ElRei D. Affonso Henriques, e governava D. Sancho I.

APPENDICE

DOS DOCUMENTOS.

N.º 1.

Sub trino et perpetim manentis nomine uno patris et filii et spiritus sancti. In era M. C. II. intravit rex domnus Fredenandus cui sit beata requies in civitatem colimbriam. custodiat illam deus. et prehendivit eam de tribubus hismaelitarum et tornavit eam ad gentem xpianorum cum adjutorio omnipotentis dei. Deinde in diebus illis erexit ipse honorificus rex predictus principem ibi magnum ducem et consulem fidelem domnum sisenandum. quem dominus undique exaltet. super ipsam civitatem ut eam populasset et defendisset de gente paganorum. ubi sub dei adjutorio salvasset gentem xpianorum et deo annuente fecit. Ipso vero ibi morante, precepit illi dare suis hominibus villas ad hereditandum et domos ad edificandum. et vineas ad plantandum. et fuissent ille hereditates et filiis suis. et uxoribus et nepotibus super illius auctoritatem. et filiis et neptis. Deinceps ego sisenandus sub gratia dei consul illius precepta observando omnia adimplevi. Exinde accessit ad me abbas domnus petrus de terra paganorum. et demisit eos. et elegit terram xpianorum et ego eum elegi et cum magno honore secundum meam possibilitatem recepi. Postea peciit a me unam hereditatem nomine sancti episcopi martini et confessoris xpi. ut eam populasset et hedificasset et exaltasset pro sua et pro mea anima. Et ego illi eam cum gaudio dedi ut edificet et plantet, et de die in diem perseveret. Et ob hoc elegendum transmissi ibi alvazir domnum menendum et domnum bellitum et cidi fredaliz meos fideles et maiores ut terminassent suos ter-

minos de illa ecclesia. Et terminaverunt suos terminos de illa via forcata. quomodo vadit ad illas lacunas de assugeira et inde per illam vallem pro ad villam de froila tozariz. usque ad illas assamassas. Inde usque ad aliam assamassam que discurrit ad illam vallem de abziruel ubi est aqua que discurrit usque in flumen mondeci. et hoc terminaverunt. et ego concessi. et super omnia propter dei amorem hanc cartam tibi facere jussi. ut omnes predictas habeas et possideas et secundum tuam voluntatem inde facias et ubi volueris dare. vel adtestare. vel alicui erogare facias et edificare non desinas. Et si aliquis homo hec facta vel dicta que facimus irrumpere voluerit. quantum inde usurpaverit. tantum per se veritatem judicii. in duplo componat tibi. et desuper sit excommunicatus. et a xpi consortio vel ecclesie filiorum separatus. et cum juda traditore habeat portionem et hoc nostrum dictum vel factum. plenam habeat firmitatem. Facta carta firmitatis die septimo kalendas magii era M. CX. VIII. Ego tibi eam libenti animo cum propria manu mea roboravi. Ego sesnandus gratia dei consul colimbriensis manu mea scribsi et roboravi ✠ martinus notavit. Alvazir domnus menendus confirmat = Alvazir domnus martinus confirmat = Johanes domínigues confirmat = Domnus bellitus confirmat similiter = Cidi fredaliz cf. = Zoleiman afflah cof. = Martinus abenatomade cf = Martinus menendiz cf = Lupus frater episcopi domni paterni cf. = Daniel rodriguez testis = Tructesindo abgomariz testis = Zuleiman gudiniz testis = (1)

N.º 2.

Sub nomine sancte et individue Trinitatis Patris et Filii et Spiritus Sancti. Audiant presentes et futuri verba relationis hujusmodi. Nam transactis temporibus Deus Omnipotens elegit Regem domnum Fredenandum catholicum christianorum protectorem qui consurgens ejus adjutorio cepit non paucas civitates atque oppida in omnibus finibus regni sui a paganis auferens et christianis hominibus concedens. Deinde obsedit Colimbriam civitatem cum consilio domni Sisinandi consulis qui antea honorifice in urbe Hipalensi moratatur et sublimis habebatur. Cepit que suprafatus rex Colimbriam presente jam dicto consule sisinando et dedit eam

(1) Liv. preto fl. 15.

illi tribuit que ei potestatem dandi et auferendi atque judicandi et omnia ordinandi secundum suam voluntatem. Deinde rex predictus reversus est ad locum sancti Jacobi Apostoli orationis causa et invenit domnum Paternum Episcopum venientem ad se missum a rege cesarauguste urbis qui suprafatus Episcopus eo tempore Tortuosane urbis sedem tenebat sed propter societatem paganorum oficium et ordinem suum minime adimplere valebat. Rogavit que eum rex prefatus cum supradicto Domno Sisinando consule ut veniret Colimbriam et moraretur ibi. Spondit autem Episcopus venire, sed in diebus ipsius regis non venit quia cito mortuus est predictus rex cui beata sit requies. Deinde succepit domnus Alfonsus rex in regno patris sui qui valde dilexit consulem Sisinandum predictum et confirmavit ei omnia que suus pater ille dederat insuper et multa ei addidit. Postea Episcopus predictus vocatus a consule et rege predicto venit colimbriam in qua Episcopatum com omni Diocesi accepit qui simul cum consule predicto pueros nutrivit et eos docuit in Sede Episcopali Sancte Marie predicte civitatis atque ad ordines Presbiterii aplicavit et ordinavit eos communiter habitare secundum regulam Sancti Augustini. Deinceps placuit predicto consuli nec non et Pontifici studium eorum quod habebant in ordinibus tenendis et domibus edificandis secundum possibilitatem eorum. Fecerunt eis testamenti cartam ut habitarent in supradicto loco et possiderent eum et ut non preponatur eis alius dominator, sed ex eis eligatur semper Prepositus sub regimine illius Episcopi secundum quod rectum est. Quamobrem ego suprafatus consul Sisenandus una cum Pontifice Domno Paterno sub gratia Dei et Domini nostri regis Adefonsi Imperatoris totius Spanie placuit nobis ut faceremus Martino Simionis filio Presbitero et Ero Pelaiz Presbitero qui et Zalama et Jhoanni Presbitero et Salomoni Presbitero et Petro Levite, et cuicunque vobis placuerit qui in societate vestra permanere voluerit secundum regulam canonice Sancti Augustini sicut et fecimus textum scripture firmitatis canonice predicte Sancte Marie Colimbrie urbis ut habeatis et possideatis eam omnibus diebus vite nostre (1). Igitur et placuit tam nobis ambobus quam omnibus vestris supranominatis preponere caput et prepositum Martinum Presbiterum supradictum ut omnia que sunt in predicta Ecclesia et canonice sint in manu sua tam de vestimentis quam de ornamentis Ecclesie atque hereditatibus sive et

(1) Parece dever-se lêr *vestre*.

omne prestamen ipsius canonice intus et foris. Nam et ipsi clerici prenominati stent per suum arbitrium ut liber regule beati Augustini docet. Et doctrinam ipsius libri secundum vestram possibilitatem adimplere studeatis et assidue nostrorum habeatis memoriam tam vos prenominati quam subsequentissimi vestri per secula seculorum. Amen. Igitur et ipse predictus Martinus nichil sine consensu fatum illius et Episcopi audeat agere. Sciendum quippe est ut si aliquis cujuslibet ordinis sive sexus disrumpere voluerit quid de quo supra ego sisnandus et Paternus Episcopus diximus atque scripsimus ut sit excomunicatus et a corpore et sanguine Christi sit separatus et cum Juda traditore habeat porcionem insuper et ipsam canonicam pareat duplatam secundum preceptum libri judicii. Facta testamenti carta Idus Aprilis era M.ª C.ª XX.ª IIII.ª Sisnandus predictus consul manu mea scripsi et roboravi = Ego prefatus Paternus Episcopus manu mea subscripsi et confirmavi = Ego Petrus Abbas manu mea confirmavi = (col. 1.ª) Menendus prolis Baldimiri Proconsul testis = Gunsalvus Venegas testis = Jhonnes Gondesendiz testis = Pinniolus Garsia testis = Bellitus Justis testis = (col. 2.ª) Odoarius Tellis testis = Alvarus Tellis testis = Gundisalvus cidri testis = Jhoanes Justiz testis = Martinus supradictus Presbiter scripsit = Placuit predictis canonicis deinceps scribere hos clericos volentes et promitentes se subicere eis eo quod maiores nata erant ut regula docet. hec sunt nomina Dominicus Presbiter—Petrus Deaconus — Dominicus Subdeaconus — Zuleimen Presbiter (1)

N.° 3.

In nomine domini nostri jesu xpi. Cum dominus omnipotens sua inmensa clemencia domnum frenandum Regem xpianorum elegisset. et super yspania imperatorum contituisset nonullas civitates municiones villas diu a paganis possessas in manu sua tradidit qui illas a potestate gentilium liberavit et populo xpianorum inhabitare fecit. Non post multum vero temporis suo cum exercitu ad colimbriam venit et domno Sesnando consule presenti cujus consilio satispolente jam dictus rex multa agebat et honorifice illum secum habebat civitatem obsedit. Et tandem su-

---

(1) Liv. preto fl. 8 v.

perna virtute illam invasit. et arbitrio sesnandi consulis totam comisit tribuens sibi potestatem et concedens dandi sive auferendi judicandi et omnia secundum suam voluntatem ordinandi. Sed cum hic catholicus rex a mole carnis solutus esset. et terminum presentis vite jam peregisset. rex adefonsus qui in sede et regno patris sui successit predictum consulem multum dilexit. et quidquid pater suus sibi dederat valde laudavit. atque confirmavit et insuper multa ei addit. Igitur ego sesnandus consul prefatam civitatem suis cum confinibus et necessariis omnibus restauravi: et tutissimis presidiis firmiter adornavi necne ex diversis partibus populo xpianorum inhabitare curam duxi. Et postquam queque loca ecclesiis catholice fidei pulcre recuperavi et domnus paternus episcopus ibi clericos ordinavit placuit mihi post mortem ipsius episcopi domno martino simeonis filio qui tunc temporis sedem sancte marie cum omni diocesi sua vice episcopi regebat. laudante et consentiente et universo suo clero concedente dare scilicet et condonare eclesiam de cantonied laurencio subdiacono quem cum suis parentibus ex provincia paganorum cum magno honore aducere curavi et illis hereditates et villas satis dedi. Dono et concedo tibi laurencio jam dictam ecclesiam domno martino supranominato annuente ut illam in cunctis diebus vite tue habeas et possideas. et tuam voluntatem inde facias. Tali tansen tenore textum scripture firmitudinis ipsius ecclesie tibi facio quatenus illam augmentandi et honorandi curam agere studeas. et sedi sancte marie illos reditus qui ad ponteficalem sedem pertinent fideliter prebeas. et obediens semper existas. Si forte quislibet temerarius potens vel impotens cujuscunque ordinis sive sexus sit qui hanc firmitatis kartulam in aliquo disturbare voluerit. a liminibus sancte ecclesie sit separatus et cum juda traditore in ima tartari demersus. insuper et ecclesiam tibi duplatum secundum preceptum libri judicum componat. Data et confirmata donacionis serie mense maio E. M.C. XX. V.

Ego predictus sesnandus consul propriâ manu confirmo ✠

Ego martinus sedis sancte marie prior confirmo ✠

Ego abas eusebius cf = Ego petrus abbas cf = Ego Truictesendus montemaioris prior cf. = Erus presbiter cf = Pelagius presbiter odoriz cf = Petrus presbiter Zalama cf = Salomon presbiter cf

Ego Cresconius episcopus qui postea cathedram sedis sancte marie gubernavi confirmo

Ego mauricius successor episcopi domni Cresconii confirmo.

Ego gunsalvus episcopus domni mauricii successor existens cf

Pelagius presbiter odoriz cf = Erus presbiter cf = Petrus diaco-

nus cf. = Petrus presbiter Zalama cf. = Dominicus subdiaconus cf = Ciprianus testis = Bellitus justiz ts = Petrus xpoforus ts = Nodarius apoforus ts = Pelagius Vermuiz ts = Erus ts = Xpoforus ts = abielfadal ts = Johanes ts = Petrus ts = Omar ts = Pelagius notarius scripsit (1)

N.º 4.

Ego sesnandus colimbriensis consul. elegi te paternum episcopum. quando eram in cesaraugustam civitatem missus a rege adefonso. glorificet eum deus. ut ad me venires sicut prius cum rege domno fredenando cui sit beata requies locutus fueras. sicut et fecisti. que de causa gavisus fui. et tu jam residens in sede securus et gaudens. dedi tibi duas terras heremas. ut in eis plantasses ortos et veneas sicut et fecisti. et est una terra. Ex his ultra mondecum flumen que prius tempore maurorum ortus de iben arrapollo vocabatur cum suis molinis et aquis et fontibus. Est ei in oriente publica via que ducit ad sanctaren. Et in occidente. quidam mons super quem fundata est ecclesia sancte eufemie nuncupata. Et in septentrioni vinee sunt plurimorum hominum. Et in meridie vinea sante marie sedis civitatis predicte. Et est ipsa alia terra in loco qui dicetur villa mendica. In oriente est ei vinea de farachis et alia de Zoleimen almalaki. In occidente et in meridie via. Et in septentrione vinea johanis justiz et vinee plurimorum hominum. Et tu predictus episcopus has terras vineis et ortis plantasti. et vallasti cum tuo proprio habere. Et hoc totum quod supra scripsi cum bona voluntate rege adefonso auctorizante. ut omne habeas. sive ad canonicam. sive eclesiis. heredibus. pauperibus. cui volueris. ita predictas terras dedi tibi et confir-

(1) Original no cartorio do Cabido de Coimbra, gav. do Padroado de Cantanhede, maço dos doc. do seculo XI, n.º 9, — copia no liv. preto fl. 223. Este documento é datado de 1037, tempo em que vivia o Bispo D. Paterno, mas expressando *post mortem ipsius episcopi*, nos adverte, que fôra feito posteriormente, referindo um facto anterior, isto é, que o Conde D. Sesnado apresentou a Igreja de Cantanhede no Subdeacono Lourenço, quando era vivo o dito Prelado, e fazia *suas vezes* o Prior da Sé D Martinho. É isto o que se póde dizer, em presença do original, em que se notão todos os caracteres de legitimidade. As confirmações dos Bispos posteriores não inculcão defeito, porque era costume pôrem sua assignatura os, que posteriormente vinhão; e as assignaturas, que estão depois d'estas, parece, que seguírão a do primeiro d'esses, porque são de pessoas então vivas, e algumas das quaes já ficão assignadas.

mavi. Igitur dedi tibi cortem in illa civitate super illam portam de civitate in qua ego prius habitabam. et in qua tu tua multa edificia edificasti ut eam possideas omnibus diebus vite tue. et post obitum tuum. revertatur ad realengum. Igitur et concedo tibi ire ad medicandum te sive in terra xpianorum. sive maurorum. ubi senseris tui doloris profectum prestasse. et ut omne quod supra scriptum est tuo fideli quem elegis dimitas quousque revertaris in pace. Hoc scriptum ego sesnandus predictus confirmavi. et idoneos testes quorum nomina infra scripta sunt ad eum raborandum tradidi et cum manu propria has scripsi. Ego sesnandus manu mea scripsi et roboravi. Facta testamenti carta kal. marcias Era M. C. XX. VI

Menendus baldemiri proles ts. ═
Pelagius cartimiriz judex... ts ═
Didacus feddariz.......... ts ═
Pelagius eriz............. ts ═
Meferrichi iben azachi.... ts ═
Johanes dominiguez....... ts ═
Pelagius gunsalviz........ ts ═
Munio gundesindiz........ ts ═
Belletus justiz............ ts ═
Marvam menendiz........ ts ═
Johanes gundesindiz....... ts ═
Martinus iben gundesendiz. ts ═
Truitesindus Trutesindiz... ts ═
Martinus Simeonis notavit (1)

N.º 5.

In nomine sancte et individue trinitatis in quo condita et restaurata sunt que sunt in celo et in terra. et in quo cuncta consistunt cujusque consilio certa tempora lege disponuntur. sine quo etiam nichil intra sine causa fit ejus plane consilio. ejus que auxilio sua que disposicione freti. amuniti. atque adjuti. nos colimbriorum clerus et populus una cum consensu ordinis. presidente domino nostro archiepiscopo toletano bernardo concilio generali comprovencialum episcoporum apud sanctam mariam de fusellis celebrato coram etiam adstante serenissimo rege nostro adefonso elegimus nobis in episcopum. abatem de titulo sancti bartholomei tudensis nomine Cresconium. favente prenominato archiepiscopo et omnibus episcopis simul cum Abatibus nullo interveniente vel certe promisso simoniace heresis precio sed jure juxta canonum statuta et sanctorum decretalia patrum facta est. conclamacione

(1) Liv. preto fl. 12.

ac laudacione in deum omni precio (1) idus aprilis luna XX.ª VIIII.ª anno incarnacionis domini millesimo nonagessimo secundo consule civitatis prephate Martino moniz. Ordinatus est autem in episcopum predictus cresconius a jam dicto archiepiscopo tolethano et a domino episcopo ederico tudensi et domino petro oriensi dominica in octavis pentecosten in ecclesia beate marie colimbrie adstante clero et populo. (2)

N.º 6.

In nomine dei patris et filii et spiritus sancti. Ego Arias didaz. et pelagius didaz et Vermudus iben ildras et froiula johanis cum ceteris nostris sociis. Placuit nobis a recto animo. et mente sana. nullamque artem tenendo. sed directo corde. ut venissemus ad episcopum domnum cresconium. petere monasterium quod dicitur trazoi quia est testamentum sancti vincencii vocabulo vaccarice sub monte buzacco ut ibi populassemus. et edificassemus ad partes monasterii. Ille autem jussit nobis ire et consilium petere ad priorem domnum salomonem. qui sub sua manu tunc illud monasterium regebat. sicut et venimus et accepimus illud de sua manu pro edificare. et populare. sive et plantare. per ubi suum terminum inveniremus. Et de omnibus que ibi adquirere potuerimus reddamus VIII.ªm partem ad ipsum monasterium de vaccariza pro censu. insuper decimas et primicias de quanto fructo in ipso loco laboravimus. sive in nostris hereditatibus habuimus. Et non recipiemus super nos alium seniorem. nisi qui illum monasterium tenuit sine arte. et sine ulla fraude. Et non sit nobis licencia donandi. neque vendendi in aliam partem. sed ad ipsum monasterium sicut est aliorum testamentorum. Deinde nos supradicti arias didaz et pelagius didaz. vermudo ildraz et froiula johanis tibi salomoni qui jubente episcopo domno cresconio. de tua manu ipsum monasterium accepimus. si quod supra dictum est minime impleverimus. et inde aliter fecerimus. aut vestram hereditatem dimitere aut in alia parte extraniare voluerimus pariemus ad vestram partem vel qui ipsum monasterium tenuerit c. soldos pro sola presumpcione. Et ad seniorem patrie aliud tantum. Facta carta placiti XVI. Kal. januarii. Sub Era M. C XXX. VI. Nos autem arias et pelagius. sive

(1) Quererá dizer *Omnip. tertio?*
(2) Liv. preto fl. 234.

vermudus et froiola tibi priori predicto manus nostras in hac carta reboravimus

Didacus presbiter cf =
Johanes godinus cf =
Olid frater cf =
Menendus scapis ts =

Alvitus ts =
Menendus ts =
Gunsalvus ts =
Fagildo ts. (1).

N.º 7.

In nomine genitoris simul que ambobus precedens spiritus sanctus qui est trinus in unitate et unus in divinitate atque universa colligitur creatura cui famulantur universa celestia deserviunt. et etiam terrestria ad cujus imperium veniunt mari. ut quod creatura (2) sunt omnia qui ante mundi constitutionem deposita hominem ex limo plasmavit. et in finem seculorum formam servi assumpsit. et postea in gloria resurrexit. Misit sanctos apostolos suos predicare evangelium in universum mundum. et fidem catholicam confirmavit. ut credentes in eum non derelinquit ex quibus zebedei filius expania sortivit. unde tuis reddas fructum in diem judicii domini nostri I. xpi. Ideo ego famulus dei ermieiru et Johone franco et johone presbiter. audiens scriptura divina oraculo ad implendum aliquantulum cupiens tibi omnipotenti deo eterno et puris mentibus decognovit ad tribus redderem venit et pro spiraculum cordis nostri. et pro remedio anime mea. sub tuo sancto nomine eximie trinitatis facimus testamentum in honore sancte marie virginis. lignum sante crucis omnem corum apostolorum quorum reliquie constricta sunt. in loco sancte marie sedis colimbriense. Damus et testamus ad illam canonicam. nostram hereditatem cum sua eclesia vocabulo sancti pelagii martiris et sancti juliani presbiteri. damus et testamus illam cum omni sua prestantia. cum quantum sua per quantum que in se obtinet. et ad prestitum hominis est. et cum suo couto. cum exitu vel regressu. leva se de illo monte de lamasma. et figet se in tavaredi. et de alia parte leva se de cabanas et fer in alamedi cum vineas et pomares et cum tres libros adpendentes signos ex metallis. et calicem et vestimenta de continentia ipsius ecclesie. et unum molinum et XL

(1) Liv. preto fl. 37.
(2) Em outra edição está = *ad quod creata sunt* =

capras. matrices. et $\overline{X}$ minores et IIII.ᵒʳ cabrones. et cubus. et cubas. et totas voluntates que casam continent. apes cum apibus. et habet jucentiam in loco predicto ubi dicent castrum de laurelle. subtus mons de quiaios discurrente rivulo licena prope litus maris. territorio Colimbrie predicto loco jam supra dicto. Damus et testamus ad episcopum vel abatem qui in illa sede habitaverit pro remedio anime nostre et pro tolerantia fratrum vel monachorum qui ibidem habitantes fuerint ut habeant nos in mente. Et non sint licitos vendere nec testare nec cambiare ad nullum secularem hominem nisi sic teneant illam sanam et intemeratam. post parte ipsius sancte marie. et sit unus ex nobis tam de progenie nostra. qui hunc factum nostrum infringere voluerit. in primis fiat excommunicatus. et corporis domini sit separatus. et cum juda traditore habeat partem in eternam dampnationem. Et propter dampna secularia pariat post partem ipsius sedis illam hereditatem duplatam. vel quantum a vobis fuerit meliorata. et judicatum. et vos perpetim habituri. Factum est hunc series testamenti Era M. C. XXX.ª VII.ª et codum XIIII kal. aprilis. ego johones in mea voce et de omnes fratres et episcopus mauricius manu mea roboro. pro testes. Annaia vestrariz quos vidi. Ero paaiz quos vidi. Mauricius episcopus manu mea confirmo. Froila testis. alius froila testis adaulfu testis. Gafildo testis. Gundesindus presbiter. notuit. (1)

N.º 8.

Pascalis episcopus servus servorum dei. Venerabili fratri mauricio colimbriensi episcopo ejusque successoribus canonice promovendis in perpetuum. Apostolice sedis cui auctore domino deservimus auctoritas nos debitumque compellit et desolatis ecclesiis providere et non desolatis paterna solicitudine confovere. Eas maxime que barbarorum feritate vicine sunt. et habitationibus circumsepse. Eapropter petionibus tuis karissime frater maurici paterna caritatis affecione inclinamus auditum et colimbriensem ecclesiam cui deo disponente presentis decreti pagina communimus. Statuimus enim ut quecunque bona quemcunque diocesi impresenciarum eadem ecclesia juste possidet vel in futurum juste atque canonice poterit adpisci firma tibi tuisque successoribus et illibata

(1) Liv. preto fl. 23 v.

permaneant. Ut si quid de antiquis parrochie terminis quos hodie mauri et moabite possident auxiliante deo in futurum reparari potuerint eidem redintegretur ecclesie. Interim a colimbria usque ad castrum antiquum sicut teodemiri regis temporibus ab episcopis divisio facta est eclesia colimbriensis possessio perseveret. Duas preterea episcopalium condam katedrarum ecclesias lameeum et viseum tue tuorunque successorum provisioni cureque commimus. donec disponente domino aut colimbrie diocesis sua restituatur aut ille parrochiis propriis destitute cardinales episcopus habere nequiverent. Villam quoque vacareciam cum ecclesiis et colonis ac prediis suis sub jure proprio episcoporum colimbriensium confirmamus sicut ab egregio comite raimundo colimbriensi ecclesie donata et scriptorum testimoniis oblata est. Ad hoc decernimus ut nulli omnino hominum liceat eandem ecclesiam temere perturbare aut ejus possessiones auferre. vel ablatas retinere minuere vel temerariis vexationibus fatigare sed omnia integre conserventur tam vestris quam clericorum et pauperum usibus profectura. Si qua igitur eclesiastica secularis ve persona hanc nostre constitutionis paginam sciens contra eam temere venire temptaverit secundo tercio ve comonita sine satisfacione congrua emendaverit. potestatis honoris que sui dignitate careat. ream que se divino judicio existere de perpetua dgnitate cognoscat et a santissimo corpore ac sanguine dei et domini redemptoris nostri jesu christi aliena fiat ac in extremo examine districte ultioni subjaceat. Cunctis autem eidem loco justa servantibus sit pax domni nostri jesu xpi quatenus et hic frutum bone actionis percipiant et apud districtum judicem premia eterne pacis inveniant. amen. amen. Scriptum per manum petri notarii regionarii et scrinarii sacri palacii Ego pascalis catholice eclesie episcopus. Datum Lateranis per manum johanis sancte romane eclesie diaconi cardinali IX kal. april. Indict. 9. Dominice incarnationis M. C. I. anno. Pontificatus autem domini pascalis secundi pape secundo (1)

N.º 9.

Placuit inspirante divina clemencia comiti henrico et uxori sue domine Tarasie regis ildefonsi filie facere testamentum de cenobio

(1) Liv. preto fl. 238.

laorbanensi quod dedicatum est in honore beati mametis. sedi colimbriensis civitatis dedicate in honore beati marie. et episcopo domno gunsalvo. et successoribus ejus. et clericis ibidem commorantibus in perpetuum. cum omnibus testamentis et adjectionibus suis. ut habentur scripta in ejusdem cenobii testamentis eo quod erat sub regali. temporalique potestate traditum. Voluerunt pro redemptione eorum facinorum illud deliberare. et sedi jam dicte in dei honore adtestare. Quod testamentum a nobilioribus eorum palacii et ab archiepiscopo toletano legato sancte romane ecclesie domno bernaldo. immo et a domino papa paschali confirmatum est. Transacto VII.^me^ annorum tempore. predictus episcopus considerata predicti cenobii restauratione. eusebium priorem in abatem elegit. ut cum monachis ibidem consistentibus. regulariter vitam ducant. et protectione sui eorumque de testamento supra taxato placuit sibi tantum illis concedere. In primis scilicet omne quod habetur in circuitu predicti cenobii cum istis adjectionibus inferius nominatis. In villa cova illas uineas et terras que in testamentis ipsius cenobii sunt. et illa acenia. et gondelin. et nostram partem de mortalago. Et in territorio visiense. villam de traxedo. cum sua ecclesia. et enegosela. et illam ecclesiam de ulivaria de currellos. et villam de sauugosa. cum sua ecclesia. et monasterium de sperandei. cum suis ecclesiis sancti martini. et sanctam eolaliam cum suis terris. Et in vicino civitatis colimbrie ab illa barrosa. villela et salas. boton cum sua ecclesia. Et infra civitatem predictam ecclesiam beati Petri cum omnibus suis vineis et ortis. Et in suburbio ejusdem ecclesiam beati bartholomei. cum omnibus suis vineis. et sanctum martinum de freiseneda. et sanctum martinum de seniobria. et ecclesiam beati cucufati. excepta parte episcopali harum supradictarum V. ecclesiarum. Et in arazede. terras de sendino gundereiz et in antonial. terras de spanosendo. Et in azamar terras de alimia. et vineam de valle de heiarelas. et medietatem de illa pischalia de mondeco. et illos molendinos de forma. et alium molendinum qui est super illo de martino. et alium in anzana et unam marinam in foce de mondeco. et unum chanal in mondeco. et villam de cendelgas et testamentum quod est in rivulo frigido. et villam de palos. et belli. et medietatem de Kacia. et unum hominem in isgueira. Et quidquid deinceps augmentare vel adquirere potuerint. licentiam habeat possidendi. et ut ipse abas cum omni suo conventu sit subditus episcopo et canonicis prefate sedis. et sine eorum consilio isto defuncto nullatenus alter eligatur. Terminationes vero supranominatas ad tuitionem monacho-

rum ita possideant. ut nemo successorum meorum aliquid ex eis minuat vel deuiat. sed ad integrum ut jam diximus possideant in perpetuum. De testamentis vero ejusdem cenobii que in heremo seu in potestate paganorum habentur deo faciente si christianitati restitute fuerint quantum inde potuerint sibi restaurent. Et episcopus cum clericis jam nominatis simuliter faciant. Per singulos annos prandium in cenobio supradicto episcopo detur. uti mos est episcoporum. Si autem aliquis successorum seu canonicorum aut cujuscumque persone laicorum sit. hoc nostrum factum in aliquo infringere templaverit non sit ei licitum per ullam assertionem cujuscumque ingeniose caleditatis. sed pro sola temeritate de suis propriis facultatibus restituet in quadruplum supradicto cenobio. omnia que auferre temptaverit. et quandiu in hac pertinacia manserit sit excommunicatus a societate fidelium christianorum. qui si in hac audatia ab hoc seculo obierit. sit illi perpetua cum diabolo mansio in eterna dapnatione. et hoc nostrum factum perpetuum obtineat vigorem. Sciendum est egitur quod si ille abas qualicumque ingeniose caliditatis hoc quod supra taxatum est alienare seu avertere a judicio et a tempestate colimbriensis pontificiis. et canonicorum ejusdem presumpserit et hoc probatum vero judicio fuerit. tam ille abbas quicumque fuerit et monachi ejus careant omnibus que supra scripta sunt. et honore et licentia sic prenominato pontifici. et ejus canonicis cuncta disponere ut statuerint. Facta donationis et confirmationis carta et manu propria roborata ✠ coram presentibus quorum nomina scripta infra sunt. XIIII. kal. Aprilium Era M. C. LIIII. Qui presentes fuerunt

Martinus Prior

Telus archidiaconus	Petrus subdiaconus
Johanes archidiaconus	Martinus subdiaconus
Sesnandus armarius	Martinus subdiaconus
Martinus capellanus	Petrus gunsalviz
Laurentius archidionus	Gunsalvus gunsalviz
Petrus presbiter	Gunsalus guterris
Pelagius pbr.	Anaia vestrariz
Petrus pbr.	Menendus gunsalviz
Dominicus pbr.	Gutierre suariz
Petrus pbr.	Egas paaiz
Johones diaconus	Paai diaz
Petrus diaconus	Fernandus Zoleiman
Julianus diaconus	Randulfus Zoleiman

Nunus diaconus
Pelagius diaconus
Menendus Nuniz
Daniel indignus presbiter notavit (1)

N.° 10.

P. episcopus servus servorum dei. Venerabili fratri G. colimbriensi episcopo. Salutem et apostolicam benedictionem. fraternitatem tuam ad episcopatus regimen pervectam gaudemus quia de te famam bonam accepimus. Rogamus autem et monemus te ut pro eclesia dei solicite vigiles que temporibus nostris in Hispanie maxime conturbatur. Studeas etiam henrico comiti attentius adesse. et eum juxta datam tibi sapientiam in ecclesie defensione studiosius adjuvare. De colimbriensis ecclesie causa cum te omnipotens deus ad nos venire permiserit tibi ex affectu caritatis debito respondebimus. Nos N. nichil de domini pape urbani constitutione mutabimus (2).

N.° 11.

Sancti patres catholice fidei colupne marmoree eclesiam dei predicatione. miraculis. complures etiam passione. in robur sublime perfectionis perduxerunt. ac deinde diuiciis et dignitatibus sumo fauore dictaverunt. apostolicis namque minis perterriti. qui ait. Qui parce seminat parce et metet. Dominicis vero blandimentis iniantes ubi dicit. Vos amici mei estis si feceritis que ego precipio vobis. Serie suorum actuum ac verborum divinitus acta. oves sibi creditas ut boni pastoris verbo et exemplo nutrientes. corolarium sui certaminis cum xpo regnando inextimabile adepti sunt. Quorum vestigia quamvis eminus nos consequentes. practice quidem vite resistendo. te honorice vero sanctioni inerendo patribus nostris in partem sui regni associari merebitur. Ego igitur gundisalvus colimbriensis episcopus. dignitatem sedis sancte marie colimbrie antiquitus honorifice fundatum. meis vero temporibus moabitarum crudeli opressione irruente minus potentem annuente dei misericordia

(1) Liv. preto fl. 31.
(2) Liv. preto fl. 210.

reformare cupiens. canonicorum supra nominate sedis numerum. et honorem. consentiente capitulo. atque tam principum xpianorum ispanie quam prescripte diocesis totius plebis favente decreto in hunc modum restauro. Trinitatis perfecte notato argumento canonicos XXX in colimbriensis sedis episcopatu constituo. Ternarius enim numerus in quo trinitas designatur cum denario qui perfectus est numerus multiplicatus. supradictum numerum efficit ternam que decem XXX. complet. Conscripti autem canonici suo episcopo atque sue ecclesie canonice obedientes. beneficium supradicte ecclesie non perdant. nisi canonice de culpis pro quibus canones canonicos ab ordine deponi mandant accusati. atque judicie eclesiastico convicti fuerint. Prior vero illorum qui et decanus nominatur. eorum capitulum. refectorium. dormitorium. celarium. coquinam. consilio sui episcopi atque capituli sincere ordinans a dignitate. ab officio non deponatur. nisi supradicto judicio atque deliberatione. et arbitrio episcopi et cleri. Supradicte congregationi terciam partem totius episcopatus decimarum hereditatum. atque omnium que ad me pertinent caritate ac benigno favore concedo. Villas quoque que ab antecessore meo domno mauricio fuerunt hereditario jure episcopatui nostro concesse. sic jubeo permanere. Quam portionem meus successor consilio sui cleri ordinabit. Istam autem confirmationem privilegii ob remedium meorum delictorum. atque in memoriam et honorem mei nominis autorizo. et mea propria manu roboro. Quam qui fregerit. aut mutare in pejus voluerit. et auctoritate dei et beate marie. et beati petri apostoli et omnium sanctorum et nostra sit excommunicatus et dampnatas donec resipuerit. et ad dignam emendationem venerit. ✠ (1)

N.º 12.

Paschalis episcopus servus servorum dei. Delectis fratribus et coepiscopis B. (2) toletano primati M. (3) bracharensi al. (4) tudensi

---

(1) Liv. preto fl. 240.
(2) D. Bernardo.
(3) D. Mauricio.
(4) D. Affonso.

Io. (1) Salomonatico. Regine et baronibus ejus P. (2) gùnsalviz. E. (3) muniz. E. (4) gundesindiz Salutem et apostolicam benedictionem. fratrum nostrorum oportunitatibus nos quidem subvenire obtamus. unde et eorum petitionibus benigne acquiescimus. ceterum ipsi per nostre benignitatis occasionem dessencionem inter se videntur semina seminare. ueniens siquidem ad nos frater noster Hu. portugalensis episcopus lamecensis eclesie parrochiam sibi suis que successoribus comiti expostulavit pro restitutione videlicet portugalensis ecclesie. Dicebat enim colimbriensem ecclesiam cujus lamecum usque ad restaurationem comisseramus et parrochie finibus auctam et cleri ac populi multitudinem consecutam. Ita nos ejus petitionis assensum indulsimus. Ceterum post discessum ejus veniens ad nos frater noster Gon. Colimbriensis episcopus multum nobis surreptum esse conquestus est. qum colimbriensis ecclesia non solum parrochie finibus aucta non sit sed etiam post al. regis mortem multa perdiderit. Super his sugestionum diversitatibus prudentie vestre volumus testimoniis informari. Sic enim disponimus destituta restitui. ut que restituta sunt nequaquam destituantur. iniquum est ergo ut colimbriensis ecclesia ante veritatis hujus certificationem que tenebat amitat. sed interim quodquid tenuit teneat. Data paliani XIIII. kal. Julii (5).

N.° 13.

In nomine sancte et individue trinitatis pater et filius et spiritus sancti amen. Ego comes Fernandus sano animo atque propria voluntate de hereditate mea propria quam mihi dedit regina domna Tarasia adefonsis regis filia scilicet alafoendo atque concedo quandum particulam que est juxta sanctum petrum de sur sicut illam dederat colimbriensi sedi et superscriptum terminaverat infans domnus adefonsus filius supradicte regine. de tota illa hereditate testamentum facio jam dicte sedi colimbriensi et clericis ibidem commorantibus episcopo que domno bernaldo ejusque successoribus in perpetuum pro anime regine jam dicte domne tarasie quando minus eorum

(1) D. João.
(2) D. Paio.
(3) D. Egas.
(4) D. Egas.
(5) Liv. preto fl. 241.

orationibus aliorumque bonorum omnium sanctis suis faciat sociari. De hodie die totum illud testamentum sicut supra diximus infans inde pro suis locis terminatum fecerat scriptum auctorizo et confirmo. Si vero aliquis quod fieri non credo ad conturbandum vel irrumpendum hoc meum testamentum restituat et regine potestati aliud tantum. Qui si tante potencie vel crudelitatis fuerit ut in ista pertinacia hujus vite finem faciat cum datan et abiron quos vivos deglutivit terra et cum illis quibus dicet dominus in die iudicii. Ite maledicti ignem eternum qui preparatus diabolo et angelis ejus. partem habeat Facta carta testamenti XI. klas. augusti E. M. CLX. VIIII. Ego comes fernandus qui hoc scriptura facere jussi. coram domino pelagio bracarensi archiepiscopo et aliorum bonorum hominum presencia quorum nomina inferius sunt scripta propria manu mea roboravi. ✠

Comes adefonsus ts=
Pelagius uelasquise ts=
Sarracio Osoriz ts=

Garsea Suaris ts=
Gomes barvudo ts=
Sueiro provizo ts=

Tellus archidiaconus
Johanes archidiaconus cf.
Monio midi archidiaconus cf=
Petrus archidiaconus cf=
Monio notavit (1)

N.º 14.

I

Domno suo Sanctissimo Pape Innocencio Fratres qui morantur in Monasterio Sancti Johanis de Tarouca Fratres qui morantur in Monasterio Sancti Petri de Aquilis Fratres qui morantur in Monasterio Sancti Nicholai de Bagausto Fratres qui morantur in Monasterio Sancte Marie de Carcari Fratres qui morantur in Monasterio Sancti Michaelis de Pavia Fratres qui morantur in Monasterio Sancti Petri de Tonda Fratres qui morantur in Monasterio Sancti Jacobi de Severo Fratres qui morantur in Monasterio Sancte Marie de Figueiredo Frater qui morantur in Monasterio Sancti Mametis de Lourvano fideles orationes. Odor Sanctitatis vestre ad aures nostras pervenit et nos spiritali refectione proculdubio replevit. unde Deo laudes et gratias referimus qui vos qui ca-

(1) Liv. preto fl. 126.

put nostrum estis incolumen et in religione fortem custodit pro vobis nimirum ex precepto Colinbriensis Episcopi (1) Patris nostri in cujus Diocesi sumus Deum assidue rogamus ut vos a malo custodiat et ad vitam eternam perducat. Inter cetera vero supradictum Episcopum vobis attencius commendamus ut in tutela in qua eum suscepistis liberum et salvum vestri gratia conservetis et mendacia emulorum suorum super eum non credatis quia salarium Beati Petri est et vestrum est homo qui bene et religiose vivit Ille etenim nobis Ecclesias domos claustra officinas nobis construxit vineas pomaria et cetera ad servicium Dei et nostrum necessaria edificavit et circa nos quasi circa oves suas inuigilare non desistit. Quapropter debetis eum valde deligere et eum defendere contra insolentiam Archiepiscopi Bracarensis (2) qui eum ualde persequitur. Ille nimirum ivit ad civitatem suam colimbriam et quasi furore arreptus violavit Ecclesiam Sanctis Johanis Evangeliste, ubi moratur hoc modo Episcopus, Altare expoliavit et pannos Altaris disrupit et per pavimentum Ecclesie sparsit cruces et candelabra fregit, Aram et corpus Domini quod erat super Altare in terram projecit quod scilicet corpus nunquam ulterius potuit inveniri. preterea cellarium Episcopi sepins devastavit in una stacione C^m^ et XXX^a^ modios colinbriensis mensure expendit. quod videlicet factum ad crudelitatem et ad superbiam videtur pertinere. In rei autem veritate reverende Pater sciatis qùia ita fuit factum in re. pro Dei amore et pro sanctitate vestra facite inde justiciam quia nullus homo apud nos est qui tantum scelus audeat judicare. ualete (3)

II

Sanctissime et misericordíosissime pater querimoniam facimus deo et vobis super Archiepiscopo bracarensi (4) qui arrogancie stimulis incitatus domum colimbriensis episcopi (5) invasit et in una tantum statione centum XXX modios tritici consumpsit exceptis carnibus vino et annona et ceteris stipendiis. Abatem et quendam

(1) D. Bernardo.
(2) D. João Pecular.
(3) Liv. preto fl. 246.
(4) D. João Peculiar.
(5) D. Bernardo.

intra parrochiam ipsius eo nolente consecravit. ordines et clericorum et alia que ad jura pontificalia pertinebant episcopo contradicente in civitate colimbria celebravit. Aliud etiam stupendum et orrendum facinus cui crimini nomen inponere nescimus palam et aperte coram multiludine laicorum et clericorum nefarie perpetravit. Nam quia prodigalitati ipsius jam sufficire non valebat. furibundus ecclesiam agrediens altare subvertit. sacra linteamina altaris manibus disrupit. crucem domini fregit. capsulam cum dominico corpore ad terram prostravit. Dominicum corpus cujus pedibus conculcatum inveniri non potuit. Super his omnibus justiciam vestram spectamus sanctissime pater cum propter tam flagitiosa ante responsum vestrum vix xpianum nedum archiepiscopum eum ullo modo credat fuisse. Conquerimus etiam benignissime pater quia cum eo literas vestras bullatas pro regula beati benedicti in partibus suis firmanda et tenenda ex parte vestra presentaremus non solum literas et sigilum vestrum contempsit. sed etiam in terra sua se ipsum tantummodo papam esse jactavit (1).

III.

Innocencius episcopus servus servorum dei. Venerabili fratri. I. bracarensi archiepiscopo salutem et Apostolicam benedictionem. Gravamen et molestias quas sibi aliquis irrogari noluerit. aliis inferre non debet. Ceterum sicut venerabili fratri nostro B. (2) colimbriensi episcopo conquerente accepimus quendam fratrem quod utique ad eum spectabat in abbatem sancti xpofori eo invicto benedixisti. ordinationes et alia que ad jus episcopale pertinent infra ipsius exercere parrochiam non formidas. Cum igitur suuis terminis quisque debeat esse contentus fraternitati tue mandamus atque percipimus quatenus de his omnibus inconsulto et invicto predicto fratre nostro B. episcopo in colimbriense parrochia te nullatenus intromitas. Datum Laterani VI id. februarii (3)

(1) Original no Cartorio do Cabido gav. 12, R. 2, m. 1 — Liv. preto fl. 246.
(2) D. Bernardo.
(3) Liv. preto fl. 234 v.

IV

Innocentius Episcopus servus servorum Dei. Venerabili fratri B. (1) Colimbriensi Episcopo salutem et benedictionem Apostolicam. In sedis Apostolice specula disponente Domino constituto ex injuncto nobis offitio ecclesiarum omnium quieti et utilitati consulere et ut in sue libertatis excellentia permaneant volumus studio providere. proinde venerabilis frater B. Colimbriensis Episcope tam persone tue quam commisse a Deo tibi Ecclesie quieti et utilitati paterna sollicitudine providere ualentes sanctorum quoque patrum, vestigiis inherentes statuimus et Apostolica auctoritate interdicimus, ut nullus Archiepiscopus vel Episcopus parrochianos tuos judicare aut excommunicare seu aliud infra parrochiam tuam absque tuo assensu et voluntate disponere vel ordinare presumat. illud nimirum ad memoriam reuocantes quod personam tuam et colimbriensem Ecclesiam sub Beati Petri tutelam nostram que protectionem suscipimus. Siquis igitur pagine hujus tenore cognito temere quod absit contraire temptaverit indignationem Apostolorum Petri et Pauli ac nostram se noverit incursurum nisi presumptionem suam digna saptisfatione correxerit. Datum laterani VI° idus februarii (2)

V

Johanes bracarensis archiepiscopus quem eclesia colimbriensis cum nichil esset in filium adoptavit. Quem ego Johanes colimbriensis episcopus tempore mei prioratus canonicum constitui et melioribus se prefeci. ex quo archiepiscopatum concensdens monacalem habitum quo diu sub abbate Johanne cirita usus fuerat deposuit ex quo carnium esu a quibus se perpetuo abstinere voverat frequentare cepit. velud obstinatus privegnus primitivam matrem suam sedem colimbriensem diminuere. persequi. et omnibus modis oprimere non cessavit. Inprimiis itaque tempore bernardi

(1) D. Bernardo.
(2) Liv. preto fl. 246 v.

episcopi predecessoris nostri. cum de cellario ipsius pontificis una statione centum modios consumsiset. arreptus furore iniquitatis sue altare sancti jõannis funditus dejecit. cruces fregit. corpus domini ad viaticum infirmorum propriis pedibus conculcavit et in pulvere cominuit. In eclesia sancte crucis in suburbio colimbrie. contra preceptum et privilegium domini pape innocencii et absque consensu episcopi non solum regulares. sed etiam seculares ordinavit. In tempore vero nostro absque nostro consensu magnum altare sancte crucis consecrare presumpsit. archidiaconum nostrum de calambria cum omni substancia sua me nesciente. abduxit. filiam pelagii muslion a viro suo absque ratione et nostro consensu separavit. et alteri viro copulaxe permisit. excommunicatos nostros contra voluntatem nostram absolvit. scilicet quendam de penela qui clericum manu amputata castraverat. et proprie uxori nares absciderat. quem cum causa penitentie romanum pontificem adire percepissem. obvius ei archiepiscopus accepta quam secum ferebat expensa. domum redire percepit. et alteram ducere uxorem me nolente concessit. gundissalvum petri quem excommunicationis vinculo innodaveram. quem hemitalem vitam in qua per tres annos vel eo amplius sub regula claresvallensi conversatus fuerat turpiter ad secularia rediens. reliquerat. me inconsulto absolvit et divinum officium in secularibus in quo et usque in in hanc diem perseverat. celebrare concessit. me ipsum cum semel colimbriam visitasset. et clericis ipsius ville de injuriis suis conquerentibus illatis. satisfacere falso promissiset convocato parve auctoritate clericorum conventu. me absente. absque ratione. et non advocatum ab episcopali oficio suspendit. sedem nostram non advocatus. absque omni necessitate. causa depressionis nostre in anno quinquies aut sepiusvisitare. et tociens per octo vel per XV. dies magno comitatus agmine advocatorum tam monacorum quam canonicorum ceterorumque. quos causa difficultatis convocare poterit. cellaria nostra consumendo in domo nostra stare. omnia episcopalia tractare. priorem manu sua sedi nostre proponere minari. omnia ante discessum suum turbare. et sic seminata discordia omnibusque consumptis absque voluntate nostra. a civitate deridendo recedere consuevit (1)

(1) Liv. preto fl. 247.

N.º 15.

Martinus salvatoris diaconus juratus testis. se vidisse episcopum colimbriensem michaelem excommunicare in causis..... in eclesia sancte marie majoris XX anni sunt et plus habitatores trium villarum scilicet de palumbario de ega et de redinia eo quod subjecte erant templariis et ipsi episcopo tanquam suo domino nolebant obedire nec decimas et primicias dare. Item dicit se fuisse in palacio regis aldefonsi de colimbria circa XX an..... ubi predictus episcopus conquestus fuit ipsi regi de galdino magistro templi de eclesiis predictorum trium locorum et tunc audivit ipsum galdinum respondere episcopo se non debere aliquid pro ipsis locis quia villas illas populaverat. postea vero alia vice dicit se fuisse in eodem palacio ubi episcopus vermudus successor predicti episcopi eandem querimoniam coram eodem rege deposuit de magistro templi Raimundo et tunc ipse Raimundus peciit dilationem in qua haberet consilium respondendi super his et episcopus tunc dedit ei dilationem XX. dierum et tunc dixit se audisse regem dicere versus eundem Raimundum quod non dederat templariis jura sancte marie neque aliquid nisi illud quod suum erat, et tunc in delatione quasita tali modo dicit episcopum et magistrum convenisse quod statuto termino adessent et nullum aliud jus ind..... nisi id quod tum monstraverant et dicit quod magister templi ibi nullum monstravit privilegium et ipso..... mino debebant adire archiepiscopum bracare et episcopum portugalensem quibus dominus papa causam illam commiserat per literas concussionis tunc ipse episcopus ibi ostendebat et dicit illas tres villas esse de episcopatu colimbriensi. ✠ Petrus Omariz presbiter juratus testis se vidisse multocies domnum michaelem episcopum excommunicare templarios eo quod non demitebant ei ecclesias predictorum locorum. de ditatione data idem dicit quod martinus salvatoris et adidit quod episcopus vermudus et magister raimundus convenerunt quod non aliquid novi adquirerent a romana curia. et circa XX. anni sunt quod hoc fuit et excepto quod dicit regem petisse illam dilationem s. recordatur per quod dies dedisset dilationem. de eo quod rex dixit quod non dederat eis nisi quod suum erat idem dicit quod martinus. Item dicit quod tempore quo populati fuerunt predicti tres loci quod tunc jam ul-

lixbona et sancta arena ad manus xpianorum pervenerant que sunt versus saracenos per dictam unam et eo amplius et dicit illa tria loca esse de episcopatu colimbrie. ✠ Senior presbiter juratus testis se recordari quod ville de quibus agitur fuerunt populate. et tunc jam sancta arena et ulixbona ad christianos pervenerant que sunt versus saracenos per dictam unam et eo amplius. et eo tempore dicit quod colimbriensis archidiaconus dominicus johanis dictus convenit cum magistro galdino de reditibus pertinentibus colimbriensi ecclesie scilicet pro tertia decimarum et dedit ei pro uno anno quinque aureos et dicit quod archidiaconus tunc gerebat vicem ecclesie colimbrie quia non habebat episcopum. postea vero dicit quod dominus michael qui tunc erat prior effectus est episcopus qui multociens ipsos templarios excomunicavit eo quod nolebant solvere reditus predictorum trium locorum. Item dicit se fuisse cum episcopo eodem apud bracaram ubi ipse episcopus conquestus fuit domno Jacinto de templariis per eandem causam ✠ pellagius cantor juratus testis se vidisse et audisse contencionem inter domnum michaelem episcopum colimbriensis ecclesie et donum galdinum magistrum templi de quibusdam reditibus quos dederat dominico archidiacono predicte ecclesie pro decimarum illorum trium locorum quod ipse prior dicebat se non recepturum..... de eo quod ipse michael postea episcopus factus multociens templarios excomunicavisse..... ecclesie sunt de episcopatu colimbriense. idem dicit quod petrus omariz. item dicit idem de rege..... quod non eis dederat nisi quod suum erat. item dicit quod ex comissione domini pp. dominus archiepiscopus..... portugalensis vocaverunt magistrum templi Raimundum ut veniret coram illis duobus colimbriam fa..... predictis causis domno vermuto colimbriensi episcopo et iste fuit nuncius eorum cum petro johanis..... convenerunt apud colimbriam jam dicti judices et ipse Raimundus et tunc coram ipsis judicibus..... conquestus fuit episcopus vermutus de jam dicto Raimundo....
Item dicit quod ante hoc tempus fuit ibi ubi michael episcopus conquestus fecit petro..... romane sedis et is petrus statuit eis diem et locum apud tudam ut ante eum convenirent..... ubi eadem querimonia facta fuit apud bracaram coram domino jacinto..... missam a domino lucio pp. archiepiscopo bracarensi et episcopo portugalensi tempore hujus martini qui nunc sedet. qui judices citaverunt Ricardum magistrum templi ut coram eis veniret et ipse venit apud portugalim et decanus et magister scholarum et is testis ibi afuerunt pro colimbriensi ecclesia et sepe dictam querimoniam fecerunt. et

Ricardus predictus noluit stare in judicio s. recessit et ipsi judices denuo citaverunt eum. et is testis cum aliis ib. clericis detulerunt ei literas eorum judicium sed omnino renuit venire ideo secundum tenorem literarum domini pp. excommunicaverunt predictos templarios. ✠ martinus petri subdiaconus juratus testis idem de excõmmunicatione dicit quod petrus omariz. Item dicit se fuisse apud bracaram ubi magister martinus canonicus colimbriensis conquestus fecit coram domino jacinto pro jam dicta causa ✠ Suarius presbiter juratus testis se fuisse ibi ubi episcopus michael una vice et episcopus vermutus alia ex inde conquesti sunt coram rege et coram archiepiscopo Johane de bracara vidit eandem querimoniam. et XXX. annos et plus esse dicit quod vidit inde queremoniam fieri ab episcopo colimbriensi. Item dicit se fuisse ibi ubi archidiaconus dominicus voluit dare terciam domno michaeli priori quod tunc ille archidiaconus tenebat episcopatum̄ dejecto domino johane episcopo de sede. scilicet morabitinis quos acceperat a magistro galdino templario pro reditibus ecclesiarum predictorum trium locorum scilicet VI. vel VII. aureos. et ipse prior nullo modo noluit recipere quod terciam decimarum non dederat ut debebat ✠ Presbiter Ciprianus juratus testis se ex mandato domni michael episcopi ivisse egam cum quodam alio sacerdote qui vocabatur laurencius ut excommunicaret ecclesiam illam eo quod non dabant terciam decimarum ipsi episcopo et ut ei preceperat excommunicavit ecclesiam et villam et XV. anni sunt et plus quod hoc fuit et dicit quod vidit eundem episcopum multociens excomunicare templarios per eandem causam. Item dicit quod vidit eundem michaelem petentem a magistro galdino illos reditus in capitulo sancte marie. et tunc erat prior et nondum episcopus et galdinus dicebat quod dominus apostolicus sibi concesserat. Item dïcit quod recordatur de populatione illorum trium locorum et tunc jam omnia per octo annos ad manus xpianorum pervenerãt sancta arena et ulixbona que sunt antequam dictas villas versus sarracenos et nunquam a mauris terra in qua ville ille sunt constitute exempta fuit per templarios. . . . . . . rex aldefonsus dedit eam illis et dicit quod cum ipsas terras aquisiverant templarii jam quarta pars terre de ega culta erat. terra vero aliorum locorum erat inculta sed tamen et in confinibus earum laborabant quasdam pecias terre homines de soria (1) et dicit ipsas terras esse de epis-

(1) Soure.

copatu colimbrie. ✠ Fernandus martini. . . juratus testis de excommunicacione facta ab episcopo michaele in templarios idem quod petrus omariz et addidit quod excomunicabat universos habitatores illorum locorum. Item dicit quod vidit contencionem pro ipsis aureis quos dominicus archidiaconus receperat a templariis cum gereret vicem episcopatus quod eclesia colimbriensis tunc non habebat episcopum et dicit quod audivit eundem archidiaconum dicentem quod accepiret illos aureas a templariis sed nescit quanti. sed prior michael dicebat quod non reciperet. Item dicit quod postea audivit petrum. . . . . qui prior eflectus erat dicere eo quod tunc remisso prioratico a michaeli canonicam regularem sancte crucis intraverat. . . . . fieri et episcopum haberet qui poterat pacisci cum templariis. et quod ipsi templarii nolebant dare certum quid pro reditibus illis sed non recordatur de quantitate et hoc dicit eum dixisse in capitulo coram fratribus. Item dicit se fuisse multocies ibi ubi episcopus michael conquestus fuit coram rege de templariis pro causa predicta presente magistro Galdino. de literis missis ab Bracarensi archiepiscopo et portugalensi episcopo Ricardo magistro idem dicit quod pelagius cantor. sed non affuit is testis apud Bracaram. ✠ Sesnandus presbiter juratus testis se vidisse episcopum michaelem multocies excommunicare templarius pro eo quod non permitebant eum habere jura eclesiarum de palumbaria de redina et de ega et dicit quod tempore quo populate fuerunt ega quod jam quarta pari illius terre erat culta. Item dicit quod ivit quadam vice cum ipso episcopo et quodam legato romano apud Sorum (1) et tunc audivit quod ipse episcopus turpia verba habuit cum domno Galdino magistro eo quod conquestus fuerat de predictis causis ✠ Johanes petri presbiter testis. Se fuisse ibi ubi dominicus archidiaconus colimbriensis qui vices episcopatus gerebat eo quod episcopus Johanes esset de sede adjectus detulit VII. aureos quos magister templi Galdinus ei dederat pro reditibus ecclesiarum predictorum locorum ut dicebat et quos ibi in canonica sancte marie sede presentavit volens terciam partem dare preposito michaele. sed ipse nolui recipere quod nobelat nisi terciam decimarum inde recipi postea dicit quod vidit eundem michaelem episcopum factum colimbriensem multocies excomunicare templarios ideo quod non permitebant eum possidere jura episcopatus de ecclesiis predictorum locorum ✠ Petrus lucius jura-

(1) Soure.

tus testis dicit quod episcopus vermutus hoc idem fecit quod episcopus michael ✠ Johanes presbiter juratus testis ecclesias de quibus agitur esse inter limites colimbriensis episcopatus. et dicit ulixbonam et sanctam arenam prius pervenisse ad manus xpianorum quam ille ville fuissent populate. de septem aureis receptis a dominico archidiacono idem quod Johanes petri. Item decit quod dominus michael episcopus conquestus fuit regi. domino Johani archiepiscopo Bracarensi et etiam episcopis de templariis quod nolebant solvere jura ecclesiarum de quibus agitur et deposuit eandem querimoniam coram domino tendino legato romane ecclesie et postea similiter inde conquestus fuit petro de sancto germam legato romano. et omnibus his querimoniis dicit se inter fuisse. quem petrum dicit ipsum episcopum conduxisse apud saurium. et ibi templarii convicia multa in reditu episcopi in eum contulere et etiam lapides et stercora post eum et qui cum illo erant ejecerunt. et hoc fecerunt propter querimoniam que versus eos intenptaverat. Item decit domnum michaelem episcopum deposuisse eandem querimoniam coram domino jacinto apud Bracaram sed tunc non affuit ibi is testis et audivit ibi contestatam fuisse litem. Item dicit dominum vermutum successorem suum conquestum inde fuisse domino pape per quendam nuncium suum et ipse apostolicus comisit causam illam archiepiscopo Bracarensi et episcopo portugalensi F. scribendo eis ut citarent milites templi et de causa illa cognoscerent et eam determinarent. qui delegati citaverunt templarios ut ad certum diem venirent et is testis et didacus et pelagius cantor. . . . . citaverunt templarios et dixerunt Raimundo Wilhelmi qui tunc erat magister templariorum ut ad certum diem et locum. . . . . et interim magister raimundus tolosanus venit colimbriam et tunc coram domino rege et episcopo portugalensi don. . . predictam querimoniam deposuit presenti Raimundo Wilhelmi predicto magistro templi qui cum fratribus suis venerat. . . . . et ille magister templi pecit indicias dicendo quod magister templi qui erat et major aliorum veniebat de jerosolimitanis partibus et in ejus adventu sufficienter responderet. et mediante rege aldefonso episeopus ei dedit terminum tali condicione quod si templarii de novo aliquid scriptum ab apostolico acquirerent quod innutile esset et alteri parti non noceret et regem dixisse versus templarios ego non dedi vobis nisi quod meum erat nec dedi vobis jura beate marie. . . . . . . lateranense concilium fuisset celebratum sub domino alexandro pp. mortuo vero vermuto commissa est causa illa. . . portugalensi denuo a sumo pontifice martino episcopo jam existen-

te colimbrie qui fecere atari.... certo dic et loco et hic testis et fernandus archidiaconus et cantor fuere nuncii ✠ Magister Johanis &c. vidit eandem querimoniam deponi ab ipso episcopo coram quidam legato romane sedis scilicet vel coram tendino. vel coram petro. Item dicit idem de causa comissa domino Bracarensi et dnõ F. portugalensi a domino apostolico quod petrus Johanis. et dicit quod nondum erat celdratum lateranense concilium. et dicit se fuisse pro colimbriensi ecclesia cum decano pelagio et cantore pelagio statuto termino apud portugalim coram illis judicibus et tunc Ricardus magister templi venit ibi et ostendit judicibus quodam instrumentum factum in illa. et predicti qui erant pro colimbriensi ecclesia postulaverunt sibi copiam fieri illius instrumenti sed magister noluit exibere. immo relicto judicio recessit et ipsi judices anathemati subjacere pronunciaverunt donec episcopo decimas et alia jura tanquam proprio episcopo persolverent (1)

---

(1) Cartorio do Cabido gav. 7, R. 1, m. 2. Este documento está muito estragado, principalmente na ultima lacuna, onde é muito grande a mutilação por causa da humidade. Vê-se d'este acto testemunhavel, que havendo ElRei D. Affonso Henriques dado aos Templarios os logares de Pombal, Ega e Redinha, e tendo-os elles povoado depois da tomada de Lisboa e Santarem em 1147, recusárão os moradores reconhecer o Bispo de Coimbra como seu Prelado Ordinario, do que se seguírão questões, que na ausencia de D. João Anaia o Arcedeago Domingos, então Governador da Diocese, quiz evitar fazendo concordata com o Mestre Provincial da Ordem do Templo D. Gualdim Paes, pela qual este se obrigou a dar as terças. Recebendo depois aquelle Arcedeago d'este Mestre uma somma de dinheiro, a entregou ao Prior da Sé que então era Miguel Salomão, porêm este não quiz recebel-a; e posteriormente sendo Bispo insistiu pelos seus direitos, bem como seu successor D. Bermudo, queixando-se ambos ao Soberano, que respondia sempre *não ter dado aos Templarios mais do que aquillo que era seu*, isto é, a jurisdição temporal, e o direito do Padroado; e porque os Templarios não cuidavão mais, que de illudir a questão, ambos aquelles Prelados depois de se queixarem tambem ao Metropolitano Bracarense, e Consufraganeos, apresentárão a questão a tres legados Apostolicos e á Santa Sé; não lhes valêrão esses recursos, nem os raios da Igreja, que elles proprios despedírão contra os Cavalleiros do Templo; até que mais tarde, em 1206, como se vê d'outros documentos, terminou a demanda compondo-se o Bispo com o Mestre Provincial D. Fernando Dias.

Figurão neste documento expressamente nomeados os Bispos de Coimbra D. João Anaia, D. Miguel, D. Bermudo, e D. Martinho I. — Tres Legados da Santa Sé para quem apellou o segundo d'esses Prelados, Tendino, que decidiu a questão em Tuy, mas sem effeito; Pedro de S. Germano, que, querendo congrassar os dissidentes, e passando a Soure com o Prelado queixoso a ver-se com o Mestre Provincial D. Gualdim Paes, nada conseguiu, porque os contendores se travárão de razões, e o Prelado na saída foi escandalosamente insultado; e Jacinto Bobo Cardeal Deacono de Santa Maria *in Comedin*, que mais tarde com o nome de Celestino III subiu á Cadeira de S. Pedro em 1191 — Os Papas Alexandre III, a quem recorreu o Bispo D. Bermudo, e que mandou conhecer da causa pelo Arcebispo de Braga e pelo Bispo do Porto, e Lucio III, que novamente fez juizes da querella estes dous Prelados — Os Metropolitanos Bracarenses D. João Peculiar, a quem o Bispo D. Miguel se queixou, e seu successor o

N.° 16.

In nomine sancte et individue trinitatis patris et filii et spiritus sancti amen. Ego Alfonsus ex divina providentia portugalensis rex. totius ispanie illustris alfonsi nepos. consulis domni henrici et regine domne tarasie filius. nulla necessitate compulsus. sed prompta ac benevola voluntate et divino amore commotus vobis domno Michaeli colimbriensi episcopo successoribus que vestris. atque canonicis sancte marie colimbriensis sedis. facio cautum de medietate ville midonis que medietas est de jure et potestatis predicte

---

Beato Godinho Juiz Apostolico nesta questão por duas vezes; e o Bispo do Porto D. Fernando Martins, igualmente Juiz Apostolico duas vezes na questão — ElRei D. Affonso Henriques, a quem recorrêrão os Bispos D. Miguel e D. Bermudo — O Mestre Provincial da Ordem do Templo em Portugal D. Gualdim Paes — O Commendador de Pombal, Ega, e Redinha D. Raymundo Guilherme, que se oppoz ao Bispo D. Bermudo, e foi chamado pelos Juizes Apostolicos na primeira vez que tomárão conhecimento da demanda; e seu successor D. Ricardo, que foi por elles da segunda vez chamado, e que não se aquietou com sua decisão — Uma outra personagem entra nesta scena o Mestre *Raymundo Tolosano*, que chegou a Coimbra de volta da Terra Santa, quando o Bispo D. Bermudo contendia com o Mestre Raymundo Guilherme ante ElRei D. Affonso Henriques, e a respeito do qual disse este, que elle era Mestre do Templo e *maior do que os outros*, tomando d'ahi pretexto para uma nova dilação: d'isto concluo, que elle era Mestre Geral *citra mare*.

Resta dizer sobre a chronologia: a época certa d'esta inquerição, é, como nella se diz, o tempo do Bispo D. Martinho I, que governou esta Igreja de 1183 a 1191; e sem duvida depois que o Mestre Ricardo recusou estar pela decisão dos Juizes Apostolicos, o mais tarde, um anno: ora um d'estes Juizes o Bispo D. Fernando Martins morreu em 1185; d'onde se segue, que teve logar neste anno ou no antecedente 1184. As letras Apostolicas que nomeárão segunda vez os Juizes são do Papa Lucio, e posteriores ao Concilio de Latrão convocado por Alexandre III, por isso expedidas depois de 1181, em que morreu este Papa, e lhe succedeu aquelle, que foi tambem o terceiro de nome. As letras Apostolicas, que nomeárão da primeira vez os Juizes forão anteriores ao dito Concilio Lateranense (que teve logar em 1179) a supplica do Bispo Bermudo, que governou esta Igreja desde 1171 a 1182, pelo que forão mandadas expedir por Alexandre III. A vinda do Mestre Geral *Raymundo Tolosano* a Coimbra foi no Pontificado de D. Bermudo, por isso no intervallo que decorre de 1177 a 1182. As questões do Bispo D. Miguel com o Mestre Provincial D. Gualdim Paes devião ter logar de 1162 a 1176, em que exerceu o Pontificado; e se attendermos aos vinte annos marcados por uma das testemunhas desde o tempo da inquerição ao d'essas questões teremos o anno 1162 ou 1163; e a repulsa d'este Prelado em receber o dinheiro, que o Mestre D. Gualdim Paes dera, sendo elle Prior, deu-se, conforme diz uma das testemunhas por trinta annos antes do depoimento, deveria por isso acontecer em 1155 ou pouco adiante no governo do Bispo D. João Anaia, mas quando estava em Leão, e fazia *suas vezes* o Arcedeago Domingos.

sedis. Nam alteram medietatem jam olim per terminos suos laorbanensi monasterio pro remedio anime mee cautaveram. Termini vero istius medietatis sedis sancte marie isti sunt. et sic jussimus illos terminari. Videlicet a parte aquilonis in portu fluminis mondeci quem vocitant portum de midones subtus dirutum pontem lapideum ubi finitur terminus medietatis laorbanensis monasterii. et ibi videlicet in predicto portu inchoatur terminus medietatis sedis sancte marie quomodo spartit per mediam fluminis cum ulveira de conde. a parte et aquilonis. veniendo in directum versus africum. ad illos ambos cautos sedis et monasterii. qui simul ab ipso portu incipiunt. deinde quomodo vadit per ipsum infestum ad alios ambos cautos qui sunt fixi in illo colle qui vocatur pausatorium eo quod viri et mulieres ex infecto lassi pausant ibi. inde quomodo ascenditur in directum per plana usque ad alios ambos cautos sunt fixi insimul in illa varzena de forno tegularum et vadit in directum justa illam stratam. et ferit in illos alios duos cautos qui sunt insimul fixi juxta stratam. Quorum unus lapis incompositus videtur. alter vero similitudine hominis habere videtur in modum idoli. Inde vero quomodo vadit ad illos ambos cautos qui dividunt inter ambas medietates sedis et monasterii. inde vero quo modo vadit in directum dividendo illas medietates per amplum usque pervenit ad illam magnam petram nativam que est juxta portum cavalar. et ibi juxta in directum ferit in alium cautum sedis qui est in ripa fluvii de cavalos. deinde per mediam venam in eodem portu cavalar quomodo spartit cum tuiriz et villa plana et covas. Inde vero quomodo vergit ob oriente in occidentem per mediam venam discurrente rivulo de cavalos. usque in illum portum ubi intrat rivulus de covas in cavallos. et quomodo spartit cum candanosa per mediam venam et inde ferit in illum cautum qui est in medio rivulo in loco ubi ad africum est illa petra quam vocitant de aquillas versus illum montem qui vocatur mons acutus. et ab eodem predicto cauto quomodo discurrit ipse rivulos de cavalos ad occidentem. usque ad alium cautum qui est terminus inter tabulam et midones quomodo dividit rivulus inter utranque varzenam usque ad cautum qui est desuper foce varzenela ubi intrat varzenela in cavalos. et inde quomodo ferit rivulus de cavalos in alio cauto qui est in media vena illius porti quem portum vacitant das paredes. inde ad alium portum de illa strada que venit de tabula ad ulveiram de currelas. et quomodo ab eodem portu discurrit aqua in directum quousque pervenit ad illam lagenam nadivam que stat in medio

rivulo de cavalos et est super illa pressa de molino qui est ibi inferius. Inde vero ab illa lagena supra dicta quomodo vergit ad aquilonem in directum per illam costam montis ascendendo ad illos penedos de costa montis. et ascendit ad cacumen de lomba illius montis qui iminet mondeco. et iminet inter mondecum et cavallos ubi est fixus ille cautus qui utrique parti iminet. et inde descendit intra mondecum ad aquilonem que est in costa montis. et descendit ad illum cautum qui est in ripa mondeci per ubi illa sirca correga de valle de martino intrat in mondecum. usque ad mediam venam fluminis mondeci. Inde vero quomodo ascendit ab occidente in orientem per mediam venam mondeci in directum. et per illam varzenam includendo eam quousque pervenit ad primos superiores cautos sedis et monasterii qui sunt in supradicto portu de midones. et usque ad venam fluminis que dividit inter ulveiram de conde a parte aquilonis. et inter midones a parte australi. Hoc autem cautum medietatis predicte ville midonis ad honorem dei et sancte marie virginis facio et confirmo bona voluntate. sana mente. et integro animo. cum introitibus. et egressibus suis. cum adjacentiis. et pertinentiis aquis. fontibus. montibus. pascuis. et pratis. vallibus. nemoribus. locis ruptis. et inruptis. et cum omnibus que ibi ad prestitum hominis sunt. sicut concluditur his supra scriptis terminis. ut scilicet quidquid ibi nostri juris erat. vel si quid ad regiam potestatem pertinebat ab hac die in antea de nostro jure et de omni regia potestate omnino et semper auferatur. et in vestro dominio sit traditum atque confirmatum ex nunc et in perpetuum. Sciendum vero quod hoc facio pro remedio anime mee. et parentum meorum. et pro bono servicio quod mihi semper fecistis. maxime vero ut nostri memoria jugiter vestris orationibus comendetur. Si quis itaque quod fieri nullo modo permitimus nec credimus venerit tam propinquis quam extraneis cujuscunque dignitatis vel persone. quisquis fuerit qui predicti cauti terminos irrumpere seu violenter intrare presumpserit. sex mille solidos probate monete vobis et sedi redere regia potestate cogatur. et quantum dapnum fecerit. quadrupliciter componat. Insuper a sancte matris eclesie sinu. et a consortio fidelium separetur anathematis gladio feriendus. et infinita incendia gehennali patiatur. cum diabolo et angelis ejus sine fine puniendus. Facta est hujus cauti firmitudo et confirmata apud alafoen idus novembris era M. CC. VII. Ego alfonsus portugalensium rex cum consenso filiorum meorum videlicet regis sancii. et regine orrace atque tarasie. in presentia testium idoneorum hoc firmamentum ma-

nu mea propria roboro atque confirmo ✠ Ego quoque rex sancius hanc cartam quam pater meus fieri jussit roboro atque confirmo ✠. Ego quoque tarasia regina hanc cartam quam pater meus fieri jussit roboro atque confirmo ✠.

Qui presentes fuerunt

Comes Velascus regis alfonsi curie maiordomus cf.
Fernandus alfonsi ejusdem regis alfonsi signifer cf.
Petrus muniz cognomento velio cf.
Menendus Gunsalvi cf
Velascus fernandi cf
Suerius venegas cf
Alfonsus ermigiz cf
Ermigius menendiz cf.
Suerius arias cf.
Pelagius barregam cf
Cerveira colimbrie pretor. cf.
Petrus salvadoriz cf
Martinus anaia cf
Alfonsus petri cf
Petrus petri cf.
Uzbertus cf.
Fernandus fernandi cf
Jhones bracarensis metrop. cf.
Petrus portugalensis episcopus cf
Jhones tudensis episcopus cf
Menendus lamecensis episcopus cf
Alvarus ulixbonensis episcopus cf
Gunsalvus viscensis episcopus cf
Suerius elborensis episcopus cf
Jhones prior sancte crucis cf.
Petrus feigion regis notarius. not.
Magister albertus cf.
Magister midus cf.
Magister raimundus cf.
Jhones laurbanensis abas. cf.

Petrus fernandi regis sancii maiordomus cf.
Nunus fernandi ejusdem regis signifer cf
Suerius menendi extremature de sena sub rege Alfonso presidens cf.
Petrus Nunio. . . . cf.
Egas Vermuiz de sena cf. (1)

(1) Liv. preto fl. 29.

N.º 17.

In nomine sancte et individue trinitatis patris et filii et spiritus sancti amen. Placuit michi alfonso dei gratia portugalensium regi illustrissimi comitis henrici et regine tarasie filio. atque magni imperatoris totius ispanie alfonsi nepoti. una cum consensu filiorum meorum regis videlicet sancii. et regine tarasie. Hanc cartam testamenti sive donacionis et firmitudinis facere sedi sancte marie colimbriensi et altario ejusdem tibi que episcopo michaeli sive successoribus tuis atque canonicis ibidem in perpetuum. conversantibus et deo et sancte marie servientibus. de quibusdam domibus que regii mei juris erant. et menendus alfonsi ad tempus tenuit eas cum quadam parte domorum quos rex domnus eidem sedi in testamentum contulerat fernandus proavus meus. Qua causa mihi cognita. has et illas sine ulla contradictione michi uindicavi. et sub jure meo redegi. et integras eidem sedi obtuli. et sunt infra muros civitatis colimbrie in collatione sancte marie. sedi contigue ad occidentalem portam ejus. Quarum termini isti sunt ab oriente quomodo terminantur per viam publicam que discurrit ab africo ad aquilonem inter portam ecclesie occidentalem et earundem domorum parietes. ab occidente quomodo dividunt cum domibus salvatoris adael. ubi privatas domos suas sive latrinas habent. In africa parte. quomodo dividunt per parietes aliarum domorum que sunt sedis et olim in eis domna bona domni apriani uxor habitavit. Quorum parietibus quedam edificia domorum illorum annexe sunt. In aquilone etiam determinatur per viam publicam que inter ipsas domos et domos pelagii midiz. et martini salvatoriz. et plagii trocicostas ab occidente in orientem ad portam eclesie occidentalem per medium discurrit. Has igitur domos sic determinatas ad integrum cum omnibus edificiis suis que intra se et extra continent et cum parietibus suis per circuitum offero. do. et concedo deo omnipotenti et beatissime virgini matri ejus marie. ac sacratissimo altari ejus. jure perheni. pro remedio anime mee ac posteritatis mee. et remissione peccatorum nostrorum. Tali videlicet pacto ut canonici ejusdem sedis et successores eorum illas semper inhabitent et ibi simul more canonico comedant et dormiant. et deo beate marie serviant. memoriam nostri faciendo in omnibus divinis officiis et orationibus tam diurnis quam noctur-

nis per successiones generacionum et temporum in secula seculorum. Nulli que episcoporum vel aliorum prelatorum unquam licitum sit per aliquam assertionem domos illas a sede alienare sive auferre vendere. aut comutare. Igitur ab hac die et deinceps sint a jure nostro et potestate abrase. et juri sedis remota omni contradictione subjecte in perpetuum. Quod si forsitan quod non credimus aliquis homo vir aut mulier cujuscunque dignitatis cujuscunque dignitatis vel persone in nostra voce aut in aliena hoc nostrum factum disturbare aut irrumpere temerario acessu tentaverit. non sit ei licitum per ullam assertionem. Sed pro sola temptacione quantum inde auferre vel alienare voluerit. tantum in duplum sedi componat. et insuper regie potestati d. solidos bone monete exolvat. et super hoc sit infamis et excomunicatus a deo omnipotente et beata maria semper virgine. et ab omnibus sanctis dei. et cum juda in ima inferni perpetuo comdepnatus. nisi resipuerit et ad satisfactionem venerit. et hec carta suum semper obtineat vigorem. Facta testamenti carta mense augusti XI. kal. septembris in octavis assumptionis beate marie. Era M. CC. X.

Ego alfonsus dei gratia portugalensium rex confirmo. et hoc sig ✠ num facio.

Ego rex sanccius filius ejus confirmo. et hoc sig ✠ num facio

Ego regina tarasia filia ejus similiter confirmo et hoc sig ✠ num facio

Qui presentes fuerunt.

Fernandus alfonsus signifer cf
Suarius menendi cf
Petrus pelagii cf
Suarius arias cf
Alfonsus ermigiz cf
Ermigius menendi cf
Petrus odoriz cf
Suarius diaz cf
Comes rodericus cf
Comes fernandus cf
Velascus fernandi cf
Menendus gunsalvi cf
Suarius venegas cf
Fernandus gunsalvi cf
Gunsalvus venegas cf
Garcias garciiz cf
Petrus fernandi maiordomus curie regis sancii cf

Jhones bracarensis archiepiscopus vidit
Petrus portugalensis episcopus vidit
Suarius elborensis episcopus vidit
Petrus amarelo cancelarius regis sancii vidit
Petrus feigion capellanus ejus vidit
Magister albertus vidit
Magister remondus vidit
Dominicus diaconus. notavit (1)

(1) Liv. preto fl. 227 v.

N.° 18.

Venerabili patri ac domino suo M. Dei gratia colimbriensi episcopo I. ecclesie salmaticensis diaconus nec non et totus ejusdem ecclesie conventus salutem in eo qui salutis est auctor. litteras sanctitatis vestre gratanter accepimus quibus parvitate nostre significare voluistis ut consuetudines nostras et ut ita dicamus forum scripto vobis declarare studeamus. nos autem prout decebat consilio maiorum ecclesie ac totius civitatis adhibito sepe cum maxima diligentia super hoc sollicite pertractavimus. quid itaque super hac re studiosius disputantes cognoscere potuimus sigillo capituli nostri litteris communitis vobis insinuare decrevimus. noverit itaque vestra discretio quod parochialium ecclesiarum decimas et primicias ecclesiis reddere debent de omni agricultura de omnibus etiam animalibus qui nutriri possunt quarum decimarum terciam partem domino episcopo secundam clericis ecclesie servientibus reliquam ad operam ecclesie vel vestimenta vel libros vel campanas vel ad alias principales ipsius ecclesie utilitates emendas opportet oservari. prius tamen ecclesiarum parochiani debent cogi per archipresbiterum ut aliquem ex se ipsis eligant terciarum qui sacrosanctis tactis evangeliis in manu episcopi vel sui uicarii vel archipresbiteri jurare tenetur ut decimas ad ecclesiam delatas fideliter ut memoravimus dividat et parochianum decimas retinente omnino manifestet. si autem domnus episcopus vel ejus uicarius diaconum terciarum suspectum habuit se duobus vicinis ejusdem ecclesie purgabit. si autem parochianum decimas retinentem suspectum habuit se uno vicino purgabit inter salamanticensem episcopum et ejus clericos qualis à principio exteterit consuetudo sic a maioribus suscepimus. clerici autem tunc ipsis unusquisque pro modulo suo se cum Episcopo oponebat. tunc et n. clericus sicut laicus exercitum sequebatur et in regalia jura laicali III.° simbolum ponere cogebantur usque ad consecrationem domni berengarii bone memorie quondam salamanticensis episcopi, qui sic ut erat vir bonus peritus morum etiam honestate preclarus a miseria et servitute predicta memoratos clericos liberare studiosius laboravit propter quod igitur factum tam preclarum et omni memorie dignissimum ab omnibus Clericis totius sui episcopatus benigne postularunt auxilium a singulis cle-

ricis singulos moribitinos est adeptus. quos vero morabitinos in vita sua quoque modo possidens usu tantum non consuetudinem vel institutionem aliquam suis postmodum persolvendos transmisit successoribus domno scilicet navarroni et domno ordonio et domno p. compostellane ecclesie archiepiscopo et domno u. qui ad presens ecclesie salamanticensis tenet episcopatum clerici vero totius episcopatus salamanticensis nuper hec audientes ac qualiter res se habuit intelligentes romam petierunt et litteras á domino papa super hoc impetrarunt ut dominus salamanticensis jam dictos morabitinos ab eis non exigeret. ille tamen precepit ut II^os solidos scilicet ejus cathedraticum de purissimo argento secundum statuta canonica ei singulis annis persolverent. super quo consilium clerici capientes morabitinos reddere maluerunt quam statuta canonica persolvere. Preterea in die palmarum clerici civitatis cum superpelliciis et crucibus argenteis debent convenire et ubi debeant ire domini episcopi arbitrium expectare. in die autem cene domini amonitione archidiaconi XII.cim presbiteros ad benedicendum crisma et oleum cum omnibus suis ornamentis paratos capitulum civitatis oportet transmittere. in letania vero maiori et in aliis tribus ante ascensionem Domini similiter cum superpelliciis et crucibus argenteis ad sedem habent concurrere et ubi debeant processionem facere et missas celebrare in mandato canonicorum oportet consistere in ultimo tamen die per claustrum honorifice debet fieri processio et in coro ab omnibus misse celebratis preter hoc autem cum dominus cardinalis noviter a romana sede vel dominus rex a victoria regrediens vel Salamanticensis Episcopus cum ad salamanticensem sedem consecratus accesserit omnes clerici civitatis ad sedem tenentur concurrere et in maxima sollemnitate cum canonicis honorifice illos recipere. ad sinodos autem clerici totius episcopatus ad sedem debent convenire et per III^es dies ibidem moram facere (1)

N.º 19.

Minutatio testamentorum siue hereditatum sedis sancte marie colimbriensis qui distracte fuerunt et delapidate et uendite et a sede alienate per quosdam antecessores presumptores eiusdem sedis

(1) Liv. preto fl. 251.

episcopos. sed a michaele postea ipsius sedis episcopo eidem sedi magno labore et sudore multis aduersantibus eum et sibi inimicantibus per multas tribulationes et oprobria ei falso obicientibus deo et sancta maria et rege alfonso adiuuantibus restitute et tradite sunt. uidelicet quas unusquisque quorum nomina scripta inferius denotantur per incuriam et negligentiam predecessorum sibi quoque modo potuerat presuptuose et uiolenter diripuerat et iniuste obtinuerat et retinebat et hec sunt nomina illorum qui predictas hereditates contra ius et contra rectum sibi detinebant et sedem episcopalem suis bonis male exspoliauerant ad perdicionem animarum suarum. in sancto martino ultra flumen mondecum quicquid ibi retinebat jhoasinus arias cendoniz johanes petriz aluitus cabeza petrus filiz truitesendus balistarius pelagius lauzanus petrus dominiguiz ramirus piscator dominicus quintiaz rodericus moniz ariaz meendiz gunsaluus emaz emia emaz menendus petriz osoreus ramiris menendus ramiris sancia ramizis justa ramaris maria osoreiz. deinde postea didacus derreeidu arias runkeira egas cidiz petrus venegas filius eius quidam etiam iudei arias gatto randulfus alcaide rodericus mater de martino goestiz micahel clementiz pelagius petriz badalinus Petrus gauuinas martinus anaia in portu de marrondos pelagius midiz in portu de arenis et in fonte auria que fuit de iohane gunsendiz et in antoriol ultra flumen etiam in ualle quam uocant uallem das mauriscas martinus mohabe zoleima alcarmede martinus almaten stefanus arraiz Johanes acutus postea Martinus daauiz et alis quam plures.

item in campo fluminis ultra mondecum duas pecias de hereditate que fuerunt de petro almogauiz. in avellanal in portu dariefo uuos molendinos et unam bonam uarzenam in ripa fluminis mondeçi ab utraque parte fluminis quomodo uertit aqua a uertice montium usque ad flumen mondecum decurrens quomodo incipit a foce riuuli seire usque ad illa brachia de miserere et ad uallem bonam in directo vadens usque in directum de saxo albo per illum arrogium de ualle bona que dividit inter montana de laurbano et illa alia montana que sunt citra arrogium aque quam hereditatem canonici sancti georgij iam emerant a quibusdam rusticis presumptuosis et episcopus ille restituit eam sedi cujus fuerat.

item terciam decimarum eclesie sancte iuste quam monachi de caritati ui contra ius retinebant. hereditatem etiam que fuit martini almaten iuxta sanctam iustam pro decem octo morabitinos emit et in ea emit aliam portiunculam pro uno morabitino. in illa

corredoira iuxta ripam mondeci ultra pontem de coselias unam peciam hereditatis.

item in alkarrakef. in alualadi. in carualial. in sausellas. in sancto martino de paliales. in illa anta. in portunias et in penna. ibi etiam alia est quam comparauit de garcia pelaiz et uxore eius maria petriz pro septem morabitinos. ibi etiam aliam porciunculam. quam apreciatam in septem morabitinos ganavit de petro petriz qui est frater in alcubatia. in anzana aliam in qua canonici sancte crucis fecerunt per obtimum molendinum et per violentjam abstulerunt eam sedi. in campo de mondeco in traisedo aliam. in monte maiore eclesiam sancte marie de foris murum. Illas casas etiam quas tenet petrus botelia que fuerunt de musbono. in quiniandos. in illa aniada in arazede de cedruniana. in sancto iuliano. in sancto uerissimo. in sancto pelagio. in tauaredo quam gunsaluus gunsaluiz et herus menendiz gener eius ui abstulerant sedi. in alio aruzede mirtetum quem iohannes episcopus antecessor eius vendiderat sine consensu canonicorum sedis. in uentosa casales quos rubertus pro quadraginta morabitinos ruderico alcaide uendiderat. item in petrulia. preuedes. in uiminaria. in sangalios unum casal. in uauga tres casales. in figairedo hereditas que fuit de arias manueliz. in palmaz et in uicinia eius. in uilla noua. lusum lauredo sancta christina. in uaccariza. in arinios quam emerant canonici sancte crucis et aiantes. in monte maiore. sancta eufemia cum suis adiacentjis quam goianus retinebat sibi. in mortalago quosdam casales et unam particulam de hereditate. in sancta columba. sanctum ihoanium et uillam paucam et uinineirum et rageoi. in midones quantum inde tenebat per uim fernandus fernandiz et eius assentatores. rogatu etiam episcopi micaelis rex alfonsus cautauit eam uillam. laurosam ad integrum deuindicauit sedi cum iam multi diuiserant eam inter se. uillam paucam quam etiam emit sibi de pelagio de sindi pro centum morabitinis marroquis. fauillam etiam sedi uendicavit. in cogia similiter.

in caambria castellenos. in iliauo heremitam sancti christofori quam petrus govinas retinebat. in cadinia tres casales.

in ciuitate colimbria illas casas quas menendus alfonsi tenebat sedi acquisiuit per eximium regem domnum alfonsum. alias etiam que fuerunt sedis et tenuerat eas domna bona uxor domni cipriani. sed postea per saluadorium gunsalviz ablate fuerunt sedi et adhuc sub iudicio manent. has omnes supradictas hereditates et alias tam intus ciuitatem quam extra civitatem in campo et in uillas micael episcopus cum dei adiutorio et beate marie et domni alfonsi regis per magnam difficul-

tatem sumo studio et diligentia ac sollicitudine et uigilantia predicte sedi et canonicis in quantum potuit fecit restítui et de rebus amissis eamdem sedem non cessauit secundum suum posse reuestire.

quando etiam episcopus micael adhuc prior sedis pro infirmitate qua agrauatus fuit sanctam crucem et canonicos ejus aditt et reliquit tunc in sede sancte quingentos modios tritici et centum quinquaginta ordei et centum quinquaginta milij et tres canalias (1) plenas oleo et septingentas restes de alliis et quingentas de cepis et sex quartarios de eruannos (2) et tres de leguminibus. et de uino centum quinales intre dentro et foras. excepta adhuc tercia de monte maiore et de terra de sena. et centum sexaginta uaccas et centum oues et tota perfia de casa et duas equas et duos assinos.

in episcopatu iam ipse isdem episcopus dedit in opere sedis ex sua facultate quingentos morabitinos ad honorem dei et beatissime marie matris eius ut ipsa subveniat ei in die iudicii coram filio suo saluatore nostro. et canonicis eiusdem sedis quinquaginta morabitinos unum etiam iugum boum obtimorum in opere missum ualens tunc duodecim morabitinos. in augmentando tabulam altaris argenteam septem marcas argenti et dimidium pro sexaginta et octo morabitinos. in duos cantarinos ad infundendum uinum et aquam in calicem novem morabitinos, unam marcam argenti cum sua opera. in alia tabula de ante altare deaurata quam fecit magister ptolomeus per unum annum centum quinquaginta morabitinos. in alia tabula de super altare deaurata historia annuntiationis sancte marie depicta decem morabitinos magistro bernardo qui in opere ecclesie magister fuit per decem annos centum et uiginti quatuor morabitinos. excepta annona quam ei dabat episcopus ad suam mensam et vestimento uno corporis sui in unoquoque anno ualente tres morabitinos. magistro ruberto de lisbona qui uenit ibi per quatuor vices ut melioraret in opere et in portali eclesie per unamquamque uicem septem morabitinos dedit et in expensa panis et uini et carnis cum suis quatuor iumentis et quatuor mancipiis per illas uices quibus ibi stetit in illo opere decem morabitinos et mille quingentos de episcopatu in opere etiam sedis per manum de martino seniore. unum etiam iugum boum optimorum in opere missum preciatum in duodecim mo-

(1) Por entre linhas está *langunculas.*
(2) vel *cicera.*

rabitinis in opere eclesie dadit. suerio quoque magistro post mortem bernaldi magistri semper dat unum uestimentum et unum quintale de vino et unum panis modium. in aqua manile et bacia ad seruiendum altari quas felix aurifex operatus est septem morabitinos dedit. in zoccos duos morabitinos ad opus misse pro sandaliis. unum calicem auri purissimi de censu episcopatus fecit ibi fieri quatuor marcas appendentem iussu regis domni alfonsi.

in compositione et expolitjone are et columpnarum altaris beatissime dei genitricis domne nostre et in pavimento absidarum quadratis lapidibus constructo quadraginta morabitinos.

in cruce etiam illa aurea purissimi auri septingentos morabitinos et eo amplius novem marcas auri et unam unciam et medium auri appendente ad honorem sancte trinitatis et beatissime virginis marie ut ibi scilicet in sacratissimo altari eiusdem uirginis in perpetuum delegata permaneat dedit. in opere cuius sancte crucis ex propria facultate sua idem micael episcopus septingentos morabitinos novem illas marcas supradictas et dimidium dedit pro remedio anime sue et remissione suorum delictorum et ut deus misereatur anime sue hic et in futuro amen. sunt etiam affixe in metallo auri crucis eiusdem de sepulcro domini pars una maior et alie particule minores. de lapide vero de monte caluarie due particule. in una quarum in medio crucis est imago crucifixi domini sculpta diligenter in lapide et ad pedes eius particula ligni preciosi sanctissime crucis domini inmissa et ex una parte imago sanctissime virginis iuxta crucem astans. in altera autem parte sancti iohanis imago. ad pedem uero crucis auree in fundo est alia pars de lapide loci caluarie auro infixa. in qua per longum et per transversum notatur pars preciosi ligni in modum crucis sepulcri domini desuper in lapide intromissa ita quod lignum domini aperte exterius omnibus apparet.

postquam dimisit episcopatum dedit sedi quatuor purpuras in centum morabitinos emptas. et in opere eclesie septingentos morabitinos per manum nuni gutieriz et alia uice alios quingentos morabitinos per manum nuni gutieriz in presentia domni uermudi episcopi et unam casulam de modebage uermelio que fuit empta in vigenti quinque morabitinos. et fuerant iam missi de episcopatu in opere sedis mille quingenti morabitini per manum suam et martini senioris et bracales in quingentos morabitinos preciatos et funt insimul duo millia morabitini. postea dedit alios mille morabitinos in opere sedis de suo proprio per manum episcopi domni uermudi et nuni gutieriz.

in sancto iohane misit quadringentos morabitinos in constructjone

domorum. ibi etiam fecit dari unam crucem argenteam octo marcas appendentem pro anima illustrissime regine domne mahalde. requiescat in pace. (1)

N.° 20.

Notum sit omnibus tam presentibus quam futuris quod ego uermudus dei gratia colimbriensis episcopus una cum consensu canonicorum ejusdem sedi facimus kartam conuentionis et firmitudinis uobis domne bilide et filiis vestri gonsalvo fernandi et bartholomeo de illa ecclesia de carvalio facimus scilicet tale conuentionis pactum ut quandiu uos seu aliquis de filiis uel nepotibus uestris sive de parentela uestra uillam illam de carvalio possederit pro tercia quam nobis debetis de ipsa ecclesia sicut consuetudo est aliarum ecclesiarum duos morabitinos in uno quoque anno pro festo scilicet sancti micahelis persolvatis. si autem alico casu interveniente predictam uillam de carvalio vendideritis uos vel aliquis de progenie uestra hereditario jure vobis succedentibus cuicumque alii persone que non sit de parentela uestra vel forsitan alicui ecclesie siue monasterio testari voluerit excepto eidem sedi colimbriensi tunc licitum sit episcopo seu canonicis absque ulla contradictione ab eadem ecclesia terciam partem sicuti de aliis Ecclesiis exigere. hoc autem facimus pro amore patris uestri qui in ecclesia nostra sepultus jacet et simul pro amore uestro et ut semper in uita et morte uestra in eadem sede consilio et auxilio pro posse vestra semper adjutores et benefactores sitis. facta conuentionis et firmitudinis karta mense aprilis era milessima ducentessima decima sexta. qui presentes fuerunt = Petrus Presbiter Prior confirmo = Pelagius Presbiter Cantor confirmo = Ciprianus Presbiter confirmo = Johanes Presbiter confirmo = Suarius Presbiter confirmo = Sesnandus Presbiter confirmo = Martinus Diaconus confirmo = Johanes Diaconus confirmo = Petrus Diaconus confirmo. (2)

(1) Livro Preto fl. 2 v.
(2) Livro Preto fl. 116.

N.º 21.

In Dei nomine. hec est karta uendicionis et firmitudinis quam jussimus facere ego pelagius martiniz et uxor mea maria pelaiz una cum filiis meis dominico soariz et uxore ejus susanna pelaiz et petro uiuas uobis petro johanis prioris sedis colimbriensis sancte marie et canonicis ibidem per successionem temporum commorantibus et perpetuo servientibus de illa mea hereditate que est in cadima quam habui ex parte aui mei johane aluitiz in qua ego habito et est quinta pars tocius hereditatis quam habuit ibi auus meus. uendimus atque concedimus vobis predictam hereditatem cum suis domibus vineis et almuniis cum terris ruptis et non ruptis fontibus pascuis et cum omnibus rebus que ad prestitum hominis sunt per ubi potueritis invenire sicut auus meus predictus melius habuit pro precio quod a vobis accepimus videlice XXXIIII morabitinis puri auri quos episcopus domnus uermudus precepit dare in memoria sui anniversarii tantum nobis et uobis bene complacuit et de precio apud vos nichil indebitum remansit. tali uidelicet pacto ut quandiu ego uixero et uoluero ibi habitare semper ibi habitem et non mutetis me pro alio homine. et similiter si filii mei petrus et susana uoluerint facere casales suos faciant et morentur ibi et faciant forum sicut ego uel alii homines de sancta cruce usque ad mortem meam uel suam. igitur ab hac die in antea habeatis uos et omnes successores uestri post vos licenciam et potestatem faciendi de illa hereditate quicquid uobis placuerit in perpetuum. si autem aliquis homo uenerit de nostris propinquis vel de extraneis qui hoc nostrum factum irrumpere uoluerit non sit ei licitum ullomodo sed pro sola temptacione quantum inquisierit tantum in dupplum componat et domino terre aluid tantum et quantum fuerit melioratum. facta karta mense octobrio era m.ª cc.ª xx.ª nos uero supra nominati qui hanc kartam fieri jussimus coram bonis hominibus illam roboramus et hec signa imponimus. qui presentes fuerunt = (col. 1.ª) Ciprianus Clementiz adfuit = Gomez Presbiter adfuit = Petrus Presbiter Salvatoris adfuit = Suerius Peaiz testis = Petrus Gunsaluiz testis = Petrus Martiniz testis = Perrote testis = Pelagius frater testis = (col. 2.ª) Ramirus Paiz testis = Dominicus Oseuiz testis = Martinus Pelaiz testis = Petrus Martiniz testis = Pelagius Menendiz testis

= Pelagius Alvitiz testis = Johanes Presbiter = Pelagii adfuit = Petrus Gunsalviz testis. = Petrus Caluo notuit. (1)

N.° 22.

In nomine patris et filii et spiritus sancti amen. notum sit uniuersis quod cum controversia uerteretur inter compostellam et colimbriensem ecclesias super ecclesia sancti jacobi de colimbria in qua utraque ecclesia jus patronatus et diocesanum defendere nitebatur adueniens colimbriam domnus petrus compostellanus archiepiscopus tertius cum domno martini colimbriensi antistite de assensu eorum quam de utraque ecclesia aderant clericorum coram inclito portugalensium rege a. cognita et auditis consuetudinibus antiquis talem iniit compositionem uidelicet ut cathedralis prescripta colimbriensis ecclesia tertiam decimarum et ius diocesanum in prenotata ecclesia sancti jacobi de colimbrie cum omnibus pertinentiis suis preter ius diocesanum iure fundi et patronatus seu proprietatis sine aliqua inquietatione perpetuo habeat et possideat predictus etiam compostellanus archiepiscopus pro se et suis successoribus firmiter constituit et stabiliuit quod de cetero compostellana ecclesia aduersus colimbriensem nulla ratione nulliusque obtemptu impetrati uel impetrandi priuilegij super hoc aliquam moueat questionem dominus quoque colimbriensis episcopus pro se et successoribus suis similiter constituit firmiter et stabiliuit quod nulla ratione nulliusque obtentu impetrati uel impetrandi priuilegij aliquam super hoc aduersus compostellanam ecclesiam colimbriensis ecclesia unquam moueat questionem quinetiam ipsam. secundum sue iurisdjtionis officium ecclesie compostellano perpetuo pro posse suo defendat et conseruet. ut que obscriptum perpetue firmitatis robur obtineat ipsum de comini assensu confectum proprijs subscrjptionibus et sigilljs roborauerunt. facta karta colimbrie decimo quarto kalendas aprilis era milessima ducentessima vigessima prima.

COL. I.

Ego petrus compostellanus archiepiscopus

COL. II.

Ego martinus colimbriensis episcopus

(1) Livro Preto fl. 252.

Ego P. uet. compostellanus archidiaconus
Ego martinus compostellanus ecclesie magister scolarum
Ego magister martinus index compostellanus
Ego monio petri prior saris
Ego petrus caluus rogatus scripsi et confirmaui
Ego martinus diaçonus colimbriensis ecclesie canonicus subscripsi
Ego pelagius colimbriensis ecclesie cantor
Ego petrus iohanes canonicus
Ego iohanes colimbriensis ecclesie magister scolarum
Ego iohanes saluatoris thesaurarius colimbriensis ecclesie
Ego fernandus archidiaconus colimbriensis
Fernandus osoriz testis
Petrus saluatoris testis
Uelascus pelaiz testis
Gonsalvus fernandiz testis
Petrus pelaiz (1)

N.º 23.

In dei nomine. quoniam morum assiduitate et legis sanccione didicimus quod acta bonorum uirorum scripto comendari debeant ut comendata ab hominum memoria non decidant et omnibus preterita presentialiter consistant idcirco ego S. (2) dei gratia portugalensium rex una cum uxore mea regina domna D. (3) et filijs meis uidelicet rege A. (4) et regina domna S. (5) facio cartam donationis et perpetue firmitudinis sedi beate virginis marie de colimbria et uobis domno M. (6) colimbriensis episcopo de ecclesijs omnibus que sunt et que erunt edificate in uilla de couilliana et omnibus terminis suis. damus itaque uobis atque concedimus prefatas ecclesias duplicis confederationis intuitu tum pro amore beate marie tum etiam pro conlato in predicta uilla et in alijs mihi a uobis obsequio ut in eis tam nos quam omnes successores uestri ius episcopale sicut in alijs ecclesiis quas in episcopatu uestro liberius possidetis perpetuo habeatis. quicumque vero hoc nostrum factum roborauerit et roboratum obseruauerit benedictionibus *releatur* amen. facta carta mense maio apud Tomar. sub era mille-

(1) Livro Preto fl. 5 v.
(2) ElRei D. Sancho I.
(3) Rainha D. Dulce.
(4) D. Affonso, depois segundo do nome.
(5) Santa Sancha.
(6) Bispo de Coimbra D. Martinho.

sima ducentesima vigesima quarta Nos uero supranominati reges qui hanc fieri iussimus coram testibus reboramus

COL. I.

Domnus Valascus maior domus curie conf.
Petrus alfonsi signifer regis conf.
Menendus gonsalui conf.
A. hermigij conf.
P. Fernandi conf.
Magister gualdinus conf.
Egas paaiz conf.
Alfonsus soariz conf.

COL. II.

Godinus bracarensis archiepiscopus
M. portugalensis episcopus
J. uisiensis episcopus
Godinus lamacensis episcopus
S. ulixbonensis electus
Pelagius elborensis electus
Reimondus menendi testis
Jolianus notarjus curie scripsit (1)

---

(1) Livro Preto fl. 5 v.

ACRESCENTAMENTO Á NOTA 1.ª DA PAGINA 32.

NOTICIA DOS PRIORES DA CATHEDRAL DE COIMBRA, QUE PRESIDIRÃO AO CABIDO NOS SECULOS XI E XII.

---

1 *D. Martinho Simões*.................... desde 1082 até 1126
2 *D. João Anaia* (que subiu ao Episcopado)............. até 1148
3 *D. Pedro Joannes* (1)........................... em 1150
4 *D. Fernando Rodrigues* (2)...................... em 1155
5 *D. Miguel Salomão* (que subiu ao Episcopado)......... até 1158
6 *D. Pedro Rodrigues* (3)......................... em 1160
7 *D. Pedro Silva* (4)............................ em 1165
8 *D. Pedro Sanches* (5)........................... em 1178
9 *D. Pedro Joanes* (6)............................ em 1182
10 *D. Paio Gomes* (7)............................ em 1187
11 *D. Pedro Soares* (8)........................... em 1190

---

(1) Livro Preto fl. 139 v.
(2) Livro Preto fl. 45 v., e 152 v.
(3) Livro Preto fl. 160.
(4) Livro Preto fl. 133 v. O appellido offerece difficuldades, em razão do constante uso do patronimico, mas isolado, como se mostra, e existindo já em uma das familias do reino, póde admittir-se, porque não é uma novidade: em todo o caso, não póde similhante nome confundir-se com o do successor, que ainda em 1169 era Arcedeago, como está n'outro documento do mesmo Livro fl. 36 v.
(5) Livro Preto fl. 33, 116, 248, 248 v., 249, 249 v., e 250.
(6) Livro Preto fl. 108 v., 228 v., 251 v., 252, e 252 v.
(7) Livro Preto fl. 5, 225 v., e 253 v.
(8) Livro Preto fl. 6 v., e 116.

ACRESCENTAMENTO AO §. 3.º DO CAPITULO II.

SUB⁝ HONORE⁝ SANCTI⁝ LAU
RENTII⁝ PELAGIOLUS⁝ PRESBITER⁝ HANC⁝ EDIFICAVIT
ECCLESIAM⁝ QUAM⁝ SERO⁝ PERFECTAM⁝ VERMUDUS
CONIMBRIANE⁝ ECCLESIE⁝ RELIGIOSUS⁝ DE
DICAVIT⁝ EPISCOPUS⁝ V°III⁝ KAL⁝ NOVEMBER⁝ E⁝ M⁝ CC⁝ XIX⁝ (1)

---

(1) Mais um documento para a historia do Bispo D. Bermudo, e que verifica seu Pontificado no anno de Christo 1180; porque neste anno consagrou a Igreja de S. Lourenço do Bairro, que edificára o Presbytero Pelagio. É cópia da inscripção, que se conserva nessa Igreja, e a devemos ao Sr. Antonio Luiz de Seabra. Apresenta o caracter romano rustico com mistura de oncial; e quasi toda se compõe de letras conjunctas e inclusas.

MEMORIAS

DE

ASSÒCIADOS PROVINCIAES.

MEMORIA

SOBRE ALGUNS REPAROS QUE SE PODEM FAZER Á BIOGRAPHIA, E AOS MERITOS DE JACINTO FREIRE DE ANDRADE.

POR

JOSE' DE OLIVEIRA BERARDO.

A CELEBRIDADE de que tem gozado Jacinto Freire de Andrade, escriptor entre nós alcunhado de *Tacito* Portuguez, de classico distincto por sua primorosa elocução; e no sentir d'alguns estrangeiros elevado á cathegoria desses historiadores raros, a quem a natureza dera energia e nobreza, que sabem conceber e pintar, e que d'um lanço d'olhos comprehendendo os acontecimentos sómente delineão os promenores para realçar o todo; esta celebridade, digo, me estimulou a indagar quanto possivel fosse da sua biographia, e da attenção que devemos aos seus escriptos.

Entretanto sendo a verdade o essencial da historia, e a elocução e ornato os seus accessorios, cumpre primeiro que tudo pesar o merito d'um escriptor pelos gráos da sua intelligencia e qualidades moraes: tarefa verdadeiramente ardua, e muito mais difficil do que o conhecimento dos seus dotes litterarios; porque estes se patenteão, em todo o tempo, pelos escriptos existentes, porém aquelles, quasi sempre obscuros, só nos podem vir pelos reflexos irregulares do entendimento humano. A vida dos escriptores nos é transmittida por outros, que por identica razão sugeitamos ás mesmas regras de her-

meneutica historica; mas tornando-se o problema desta sorte mais complicado, a sua resolução só deixa lugar a certos e determinados gráos de probabilidade.

A biographia de Jacinto Freire de Andrade encontra-se na Bibliotheca Lusitania, escripta por Diogo Barbosa Machado Abbade de Sever e autor d'outras composições historicas: homem por certo erudito e muito laborioso, porém d'uma critica pouco ou nada severa, e d'um estylo empolado; o que caracterisa geralmente a Sociedade da Academia da Historia Portugueza, a que elle pertencia, e que felizmente pouca impressão veio fazer depois na litteratura patria. Nestes ultimos annos (em 1848) se imprimio tambem uma noticia biographica mui resumida sobre o mesmo assumpto, a qual, assevera o seu autor, ser havida dos parentes de Jacinto Freire; mas que parecendo em quasi tudo copiada da Bibliotheca Lusitana, pouco ou quasi nada nos póde esclarecer. Não deixaremos com tudo de ponderar, que o autor desta noticia fôra pouco advertido, ou antes remisso, por não ter compulsado, como devia, o archivo da camara ecclesiastica de Viseu, cuja diocese governou por alguns annos. Se tivesse procedido assim não repetiria as mesmas inexactas informações, que teve o Abbade Barbosa.

Como quer que seja, estes dois biographos não fixão ao certo o anno, em que nascêra Jacinto Freire de Andrade. Depois de terem asseverado, que tomára o gráo de bacharel na faculdade de canones, e que seguira o estado ecclesiastico; um delles não se poupa a elogios pelo seu remontado engenho, o qual, como diz Barbosa, causára inveja aos condiscipulos e mestres. Passemos aqui a transcrever as erradas informações, que teve este biographo, e depois examinaremos a sua pouca advertencia e falta de critica. « Passando à côrte de Ma-« drid mereceo (diz elle) distintas estimaçoens das principaes Pessoas « da Jerarchia Ecclesiastica, e Secular que sendo devidas à nobreza do « seu nacimento se fazia dellas mayor acredor pela sublimidade do « talento. Naõ contava muitos dias de assistencia naquella Corte « quando foy provido na Abbadia de Nossa Senhora da Assumpçaõ « de Saõbade em o termo da Villa da Alfandega da Fé em a Provincia « Transmontana, que era do Padroado Real, e posto que era muito « rendosa passou por nova nomeaçaõ para a Abbadia de Santa Maria das « Chaãs do mesmo Padroado situada em o Conselho de Tavares do « Bispado de Viseu hum dos mais opulentos Beneficios deste Reyno. « Conhecendo o primeiro Ministro de Castella a profundidade do seu « juizo lhe participou alguns negocios graves, que felismente se con-« cluíraõ pela madura direção da sua prudencia. Ao tempo, que ima-

« ginava ser generosamente premiado pelos serviços que fizera em
« obsequio da Coroa Castelhana experimentou huma fatal tormenta
« ocasionada da fiel liberdade com que vocalmente, e por escrito de-
« fendeo o direito da Serenissima Caza de Bragança ao Trono de Por-
« tugal violentamente usurpado pela ambiçaõ de Filippe Prudente.
« Para evadir a prizaõ a que estava condenado sahio ocultamente
« de Madrid, e vencidos varios perigos buscou para azilo da adversi-
« dade, que o ameaçava a sua Igreja das Chañs onde assistio largo
« tempo, e posto que a lembrança da Corte lhe fazia mais intoleraveis
« a aspereza do Clima, e o horror da Solidão temperava estas moles-
« tias com a liçaõ dos livros em que consumia a mayor parte do
« tempo. Aclamado no anno de 1640. legitimo Sucessor da Coroa
« Portugueza o Serenissimo Rey D. João o IV. passou a Lisboa onde foi
« recebido deste Monarcha com agrado, da Nobreza com affecto, e do
« povo com veneraçaõ. »

Examinando esta narração facilmente vimos no conhecimento, de que Jacinto Freire partindo para Madrid em busca dos bens da fortuna, de que carecia, a côrte de Hespanha lhe liberalisára sufficientes graças, conferindo-lhe os melhores beneficios ecclesiasticos de Portugal. Alem disto o biographo nos pertende inculcar a profundidade do juizo de Jacinto Freire e a confiança, que nelle pozera o ministro de Castella communicando-lhe negocios graves; e que no tempo, em que por isto aguardava ser premiado, experimentou uma perseguição terrivel em razão daquella fortaleza, com que affirmára o direito da casa de Bragança ao throno Portuguez.

Na verdade que custa a conceber tanta leviandade, ou antes ingratidão, na pessoa de Jacinto Freire, se dermos credito ao que escreve o seu panegyrista. Elle quer exalta-lo, quer animadvertir contra Castella, quer ainda apurar o seu heroe por uma especie de martyrio; mas é evidente, que não atina, como se deva elevar um varão de espirito e cordura. Receber um homem graças de qualquer governo, aconselha-lo em graves emprezas; ter tanto cabedal, que possa faze-las bem succedidas; e quando isto se passa começar desacreditando esse mesmo governo, e com palavras e escriptos transferir para outrem aquella autoridade soberana, que praticamente reconhece já pelas mercês aceitas, e já pelos seus conselhos efficazes, é um despropósito intoleravel, uma leviandade incrivel; mas digamos antes, é uma contradicção grosseira no que assim escreve sem critica, e ainda sem advertencia mediocre. Quererão dizer, que Barbosa é desculpavel por lhe terem sido communicadas informações inexactas, e talvez de pessoas respeitaveis; mas a isso replicamos, que as deveria

eliminar como absurdas e contradictorias, e assim nos justificamos da justa censura, que acima apontamos, de passar por escriptor d'uma critica pouco ou nada severa.

Continúa o nosso biographo com a sua costumada simpleza asseverando-nos, que Jacinto Freire para se evadir á prisão a que estava condemnado, sahira occultamente de Madrid, e pelo meio de perigos viera homisiar-se na sua Igreja das Chans; onde temperava o dissabor da solidão e saudade do boliço da côrte com a leitura dos livros. Que nestas circunstancias o achára o anno de 1640, quando o Senhor D. João IV fôra exaltado ao throno; e que passando então para Lisboa, alli fôra recebido com agrado por este Monarcha, e com o applauso de todos.

Cumpre advertir, que, se Jacinto Freire pôde ser tão feliz evadindo-se aos perigos da perseguição, não o seria com toda a probabilidade vindo demorar-se na Igreja onde era parocho. Se isto se passava, como quer Barbosa, antes da restauração de 1640 dominando ainda o governo intruso dos Filippes, como poderia elle subtrahir-se á vigilancia e resentimento daquelles, que acabava de offender nos pontos mais graves, que vulnerão uma monarchia?.. Eis-aqui como uma critica mesquinha certifica de positivo o, que sómente devêra deixar em conjecturas; porque mais do que estas não é permittido, quando os testemunhos contradictorios nos escondem a verdade.

Mas a todo este aggregado de falsidades historicas, e de asserções levianas, temos a oppôr documentos publicos e autorisados, que se conservão no cartorio da camara ecclesiastica do bispado de Viseu, onde existe uma carta d'ElRei D. João IV ao cabido, que por então governava o mesmo bispado em sé vacante, enviando um alvará do desembargo do paço com data de 24 d'Agosto de 1646, na qual se diz, que attendendo ás qualidades, letras e talento de Jacinto Freire de Andrade, o apresentava na abbadia da villa de Carapito etc. (Esta igreja dista de Viseu sete legoas ao nascente). Tambem se faz notavel na mesma carta uma declaração d'ElRei, na qual diz ter já prevenido o bispo capellão mór, que lhe desse conta quando vagasse algum beneficio (mais pingue) para com elle brindar a Jacinto Freire.

No processo da collação deste beneficio encontra-se uma certidão do conego Francisco Paes secretario do cabido, em que declara a deliberação tomada por esta corporação, para que o novo abbade fizesse o exame antes das diligencias, que não trazia feitas, e lhe assignão para as completar o prazo de trinta dias. Motivárão esta dispensa em que Jacinto Freire, promovido na igreja de Carapito, vinha muito recommendado na carta de Sua Magestade; e tambem por haver mui-

tas pessoas autorisadas, que conhecião e abonavão suas partes. É datada no lugar do Casal do Chapeo em 10 de Setembro de 1646.

Examinando-se os livros das collações dos beneficios da mencionada camara ecclesiastica, acha-se que a abbadia de Carapito passára ao padroado dos marquezes de Ferreira, segundo os titulos e privilegios, que depois apresentárão confirmados por D. João IV; e assim se verificou na proxima nomeação do successor de Jacinto Freire de Andrade.

Com effeito a indicada promessa de brindar a Jacinto Freire com outro beneficio de maior rendimento teve lugar no anno seguinte. Encontra-se um processo no archivo da mesma camara, onde se lê um alvará com data de 5 de Abril de 1647, no qual ElRei D. João IV, pelo obito de Sebastião Leitão de Avreu, apresenta na igreja de Santa Maria das Chans a Jacinto Freire de Andrade, tendo respeito (como elle se espressa) ás qualidades, letras e talentos, do sobredito fidalgo, meu capellão, e abbade de Carapito. A provisão do desembargo do paço, onde este alvará vem inscripto, é assignada pelos celebres magistrados Thomé Pinheiro da Veiga e João Pinto Ribeiro. Finalmente o termo da collação foi feito em 5 de Junho do mesmo anno.

Em vista destes apontamentos extrahidos de documentos publicos autenticos, é nosso parecer que uma parte da biographia de Jacinto Freire se poderá corrigir ao certo, ficando outra parte fundada em rasoaveis conjecturas. Será pois muito provavel, que elle nascêra em Beja do Alemtejo, pouco mais ou menos, pelos annos de 1597. Como filho terceiro de Bernardim Freire de Almeida, e de sua mulher D. Luiza de Faria, foi logo destinado aos estudos e ao estado ecclesiastico; porque as casas nobres de Portugal, que não possuião sufficiente patrimonio para os filhos, achavão este meio de os dotarem, ao que algumas vezes presidia o patrocinio e valimento. Sendo ordenado e tomando o grão de bacharel, uns dizem a 13, outros a 18 de Maio de 1618, partio o nosso candidato para Madrid em busca d'um estado, ou d'uma fortuna. Ignora-se porém o anno desta partida, que com tudo deveria ser antes do anno de 1640. As suas qualidades e talentos, a sua nobreza, e muito provavelmente o patrocinio e favor, lhe derão cabimento naquella côrte; e então é muito de crer, que o ministro de Hespanha o tratasse com distincção, e quizesse ouvir o seu voto em negocios d'alguma ponderação. O que elle passou alli não se poderá hoje conhecer ao certo, e assim entre muitas presumpções conjecturamos, com probabilidade, que a côrte de Hespanha lhe conferira a abbadia de Nossa Senhora da Assumpção de S. Bade no

termo de Alfandega da Fé em Traz-os-Montes, de que elle por ventura não chegária a tomar posse: quem sabe se por lhe parecer premio desproporcionado aos seus meritos?... Entretanto os archivos ecclesiasticos do arcebispado de Braga poderão decidir neste ponto, se com effeito não tiverem perecido, no todo ou em parte, pelas vicissitudes do tempo.

Já deixamos plenamente provado, que a abbadia de Santa Maria das Chans não lhe fora conferida pelo governo de Madrid, e tambem a pouca ou nenhuma probabilidade de que elle viera alli homisiar-se, quando se deslisava ás iras dos seus inimigos. Mas que feito é de Jacinto Freire até 1646, tempo em que D. João IV lhe conferio a abbadia de Carapito? Teria elle ficado em Madrid depois do 1.° de Dezembro de 1640, encarregado de alguma missão secreta por parte deste Monarcha? Seria o seu genio vivo e ardente, que não sabia dissimular, ou as suspeitas e receios do governo castelhano, que o reconduzírão a Portugal?... Seja o que for, estamos persuadidos, que algum serviço importante o fez recommendavel perante a côrte de Lisboa, como bem se deprehende dos documentos, que deixámos apontados.

Entretanto é possivel, como referem os biographos, que Jacinto Freire em Lisboa recusasse ser mestre do Principe D. Affonso; que D. João IV se lembrasse de o empregar n'alguma côrte estrangeira; ou que ainda lhe mandasse offerecer o bispado de Viseu, de que resultou a inconsiderada resposta: «*que não queria gosar em leite dignidade, que não podia gostar em carne.*» Era isto uma allusão ás difficuldades, que a côrte de Roma, por condescendencia á de Castella, oppunha á confirmação dos bispos de Portugal. E' tambem possivel, que uma propensão para a satyra, um genio ardente e sacudido, e talvez a comparação dos meritos proprios com os daquelles, que frequentavão a côrte, lhe preparassem as tibiezas e desfavores, que ao depois veio a esperimentar da parte do Rei. Nesta conjunctura dizem voltára para a abbadia das Chans, onde se deo de todo ao cumprimento de suas obrigações, e ao estudo dos livros. Que elle de todo se entregasse aos estudos, seguindo seus habitos e profissão, é muito de presumir; mas do cumprimento das suas obrigações parochiaes podemos duvidar com bons fundamentos. Compulsando os livros do registro dos obitos, baptismos, e casamentos das freguezias de Carapito e Chans, que se conservão no archivo da camara ecclesiastica de Viseu pelos annos de 1646 a 1657, tempo em que fixão o seu falecimento, não encontrámos um unico escripto assignado por Jacinto Freire de Andrade. Existem porém os assentos dos coadjuctores, que cumprião estas obrigações.

Finalmente os biographos assentão, que pelo falecimento de seu pae, e pela especie de solidão, em que ficára sua irmã D. Maria Coutinho, teve de regressar a Lisboa para allivio de suas magoas; e que morando junto ás Portas de Santo Antão, na freguezia de Santa Justa, applicando-se de todo ás letras, tivera o pungente desastre de ver a sua bibliotheca perecer n'um incendio, que devorou as proprias casas, onde morava. O abbade Barbosa diz positivamente, que não contava ainda 60 annos de idade, quando falleceo a 13 de Maio de 1657, e que fora sepultado na igreja da sua parochia.

Para ajuizarmos do caracter de qualquer homem celebre seria preciso, que tivessemos vivido, ou tratado com elle muito de perto. Na falta disto poderião servir os escriptos, em que elle tivesse, por assim dizer, retratado a sua indole moral; ou pelo menos uma historia dos seus actos bem averiguados. Nada disto possuimos respectivamente a Jacinto Freire, e por isso é muito mais prudente confessarmos a nossa impossibilidade a este respeito, do que acreditarmos no retrato, por ventura infiel, que delle faz Barbosa, ou admittirmos as conjecturas do autor da *Noticia Biographica*, que não vão alem do que simplesmente soão. O que ninguem hoje poderá desconhecer é que elle, no seu tempo, passára por homem de muitas letras e intelligencia, assim no conceito da côrte, como entre as pessoas as mais competentes.

Pelo que respeita ás suas obras, umas forão producções de mero gosto, ou recreios poeticos; e outras são, como dizem, composições a que se vio obrigado em attenção a respeitos particulares. Verteo em portuguez um livro do capellão mór D. Manoel da Cunha intitulado, *Lusitania Vindicata*, ou *Liberata* segundo Barbosa, que o autor da *Noticia Biographica* diz, talvez por equivocação, te-lo traduzido em castelhano; como tambem suspeita, que os respeitos á Rainha D. Luiza, a quem elle o dedicára, fizerão força para esta publicação. Escreveo em castelhano *Origen y Progreso de la Caza, y Familia de Castro* etc., em obsequio ao bispo inquisidor geral D. Francisco de Castro, e, a instancias deste mesmo, compoz a sua admirada producção: *Vida de D. João de Castro quarto Viso-rei da India.*

E', respeito a esta obra que andão divididos os conhecedores da litteratura portugueza. Alguns reputão o autor como um talento elevado, e o melhor prosador da nação, mas outros avalião-no em pouca cousa. Mr. Denis, autor do Resumo Historico da Litteratura Portugueza, não duvida assegurar: «que Jacinto Freire de Andrade é um «daquelles historiadores raros, a quem a natureza dera energia e no«breza; que sabem ver e pintar, e que d'um emprego d'olhos com-

« prehendendo os acontecimentos, não applicão as miudezas senão para « o bom desempenho do todo. Escolheo, diz elle, um bello assumpto « e o tratou com uma superioridade tal, que incessantemente tem per« manecido como modelo proposto á Litteratura Portugueza. » Alem d'outros elogios continúa: « Andrade conhece perfeitamente a arte de « escrever a originalidade energica destes caracteres ardentes, cuja in« fluencia se topa a cada passo nas guerras do seculo dezeseis. E' desta « arte, que nos dá conhecimento deste Coge Çofar por muito tempo « temivel nos mares da Asia, onde os muitos combates attestárão a « sua astucia crescida e o seu valor. E' tambem formosa a pintura, « que nos faz conhecer as facções deste prodigioso Barba-roxa, esti« mado dos seus soldados e temido pelos monarchas. Talvez que hoje « em vão se procuraria o modelo d'um caracter como este: elle de« pendia da força das circunstancias e do genio. »

Escutemos agora um Litterato Portuguez na censura, que faz á *Vida de D. João de Castro,* comparando este escripto com os de Fr. Luiz de Sousa. « Logo na primeira e segunda linha, diz elle, perde « Jacinto Freire o conceito de moderado, emprega uma agudeza e « uma agudeza, que não é muito facil de entender. No Arcebispo (de « Braga) conhecemos, vemos e tratamos o Prelado e o homem; em « D. João de Castro não vemos senão o soldado, e se vemos o homem « é nas suas cartas, de que Freire nos offerece a copia. Um estylo « tão discreto, tão agudo, tão affectado não diz com heroe tão grave « etc. Quer ser éloquente o Autor, e não é senão inchado. A larga « oração de Coge Çofar, nem tem verosimilhança, nem tem em varios « rasgos senso commum etc. Até o numero e cadencia das palavras em « todo o livro são pouco entendidas, porque fogem do que é dado á « prosa, e vão entrar no que pertence á poesia. A cada paragrafo, e « quasi a cada oração, topamos com versos. Não nego, que em tantos « e taes defeitos de sustancia e fórma tem tido estimação muito sus« tentada, o que é prova de merecimento; que se lê uma e mais ve« zes com prazer, e se imprimem facilmente na memoria do leitor e « se conservão os seus fragmentos, o que tambem argue muita valia; « mas a nobre generosidade do assumpto, algumas sentenças justas, « certas expressões bem achadas, grande concisão, e esse mesmo ar e « tom poetico, são as causas daquelles effeitos. As faltas de Freire de « Andrade convem com as de Seneca em serem agradaveis; e o meu « compatriota, a par de Fr. Luiz de Sousa, traz á memoria, guarda« das as proporções, L. Floro confrontado com T. Livio; muito abaixo « delle na verdade, sem ser de todo despresivel. »

Se comparamos os pareceres, que nos dão estes autores ácerca

de Jacinto Freire, vê-los-hemos quasi tocar no genio contrario, isto é, dizendo por ventura mais do que cumpre para acertar; e como estas opposições admittem um medio, poderião ser ambas inexactas. Todavia, como isto é objecto de sentimentos, exporemos aqui o que nos parece ácerca do que disserão. O primeiro ajuiza do intuito e comprehensão da obra, do talento e capacidade do seu Autor, e parece ter acertado. Não vinga a objecção de ser um estrangeiro, e desconhecedor dos segredos e pureza da linguagem; porque não é d'isto, que elle disputa, mas do engenho e conceito, que delineou a obra; para o que é bastante uma simples interpretação do original. O segundo desce a certas miudezas, parece querer disputar da linguagem e estylo, e faz comparações odiosas, que não prova e pouco attinge.

Diz, que Jacinto Freire perde o conceito de moderado, empregando logo na primeira e segunda linha uma agudeza difficultosa de entender. Entretanto esta agudeza, que nomeia a D. João de Castro *varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias*, parece não conter difficuldades, sendo obvia a interpretação de que fôra um homem ainda superior ao que a fama d'elle conta, e mesmo maior do que podemos ajuizar pelas suas victorias. Não haverá leitor, por mediocre que seja, que hesite nesta supposta difficuldade; e, se existe alguma exageração, é muito para desculpar n'um escritor, que possuido do enthusiasmo começa pintando um heroe, um cavalheiro tal como Castro. O historiador comprehende toda a dignidade da sua empreza; e tal como é, no conceito de Mr. Denis, fôra uma felicidade para D. João de Castro o possui-lo.

Diz mais que no Arcebispo concebemos o Prelado e o homem, em D. João de Castro só vemos o soldado; e se vemos o homem, é na copia das suas cartas. Argue o estylo de affectado, de improprio da gravidade do heroe, e lá no seu conceito Jacinto Freire, querendo ser eloquente, foi inchado. Escusado é aguardar do nosso censor as provas d'estas asserções: elle manifesta os seus sentimentos, e os outros terão tambem o direito de exprimir os seus. Quem poderá duvidar, que a pintura d'um soldado se distingue do porte d'um Arcebispo?... E quem dirá melhor d'um homem, do que este mesmo, quando sinceramente se retrata no que escreve?.... Jacinto Freire conheceu isto muito bem, e a censura affirma involuntariamente o bom juizo do historiador. Parece, que o censor se esquecêra das impropriedades de Luiz de Sousa, quando pintou a Bartholomeu dos Martyres, o grande oraculo de Trento, como *Frade rasteiro* (são as suas proprias frases) *comendo as couves grosseiras em tisnada escudella nas choupanas de Barroso!!!*

Quem haverá isento de defeitos? e quem não os reconhecerá em Jacinto Freire?... Entretanto a tacha de escritor inchado nos parece absolutamente impropria, e a classificaremos como conceito de panegyrista extatico, que sómente fita os olhos no objecto do seu encantamento. Não lhe deparou a Dedicatoria da Chronica de S. Domingos o seguinte periodo gongorico, álem d'outros similhantes, que de balde se procurarão em Freire: *terras...., tão ricas que os rios correm por oiro, as entranhas dos montes são prata, as serras esmeraldas, as praias do mar perolas?...*

Diz mais, que a larga oração de Coge Çofar é inverosimil, e muitas vezes destituida de senso commum, etc. Não sabemos, onde estão essas aberrações do senso commum, nem o censor se dignou aponta-las. Em quanto á inverosimilhança, estamos persuadidos, que Jacinto Freire usára dos mesmos stenographos, de que se servírão T. Livio, Tacito, Salustio etc. Cumpre porém advertir, que elle quiz revestir-se daquelle ornamento, de que usárão os historiadores antigos, e que os modernos tem posto de parte. Consistia elle em pôr na boca das personagens celebres discursos imaginados segundo o assumpto, tempo e circunstancias do objecto, que se passava; e que servindo de variar admiravelmente a historia, erão uma especie de thesouro de instrucção moral e politica. Thucydides foi o primeiro que indicou esta pratica, e as orações, de que abunda a sua historia, são reliquias preciosas da antiguidade. Todavia podemos duvidar, se aquelle ornato, que mistura a ficção com a verdade, deva ser permittido a um historiador. Seja como fôr, os modernos poderão considerar-se mais correctos, quando por sua conta nos explicão os sentimentos e raciocinios das facções oppostas, que se disputão; mas apesar d'isso as suas reflexões nunca poderão passar de meras conjecturas. Jacinto Freire quiz, talvez com bastante propriedade, seguir os antigos, e o mesmo theor foi imitado algumas vezes por Luiz de Sousa na Vida do Arcebispo.

O censor continua affirmando, que o numero e cadencia das palavras em todo o livro são pouco entendidas, e que quasi por toda a parte se topa com versos. Confessamos, que não podemos entender qual seja esta cadencia, a que o Autor se refere, nem tão pouco o rhythmo dos versos, a que allude: ficamos com tudo persuadidos, que objecções de similhante natureza não são dignas de resposta.

Com effeito apertado dos applausos aturados, que Jacinto Freire tem merecido, não nega, que apesar dos seus muitos defeitos de substancia e fórma, tem sido estimado; o que é prova, diz elle, de merecimento. Sim, é prova de muito merito; porque aquillo, que é bello,

não é negocio de pura convenção, e tem os seus principios immoveis e fixos em a natureza. É impossivel, que uma cousa boa deixe de o parecer áquella parte do genero humano, que tiver as faculdades intellectuaes e moraes bem desenvolvidas. Não é pois pelos defeitos, que Jacinto Freire se faz recommendavel; porque se elles sobrepujassem, de ha muito que os homens de letras lhe terião retirado o assenso e approvação. Quantas incorrecções se não deparão em Luiz de Sousa? ... Seria mui raro voltar uma pagina dos seus escriptos, em que não tivessemos que fazer reparos, e entretanto é um escriptor de bastante merito. São bem conhecidos os defeitos de Luiz de Camões: mas as suas bellezas abundão, e o censor Macedo fica oppresso sob os innumeraveis applausos de nacionaes e estrangeiros, que tem sido liberalisados áquelle verdadeiro poeta.

Por ultimo o nosso censor quer fazer lembrar o, que Quintiliano dissera de Seneca, e fazendo o parallelo de L. Floro com T. Livio, deduz a proporção por um calculo da sua invenção, que outros pertenderião achar na razão inversa. Estamos longe de aprovar tão oppostas demasias, que evidentemente são a linguagem das paixões. O melhor methodo de acertar em materias de gosto é numerar os votos das pessoas cultas e polidas, que são os juizes legitimos em similhantes assumptos: gozem embora os dissidentes de suas opiniões singulares, que por certo estas excepções de nenhum modo derogão (tornamos a repetì-lo) os principios immoveis e fixos da natureza.

Com tudo não pretendemos dissimular ainda os minimos defeitos de Jacinto Freire de Andrade, e para desengano e prova transcreveremos aqui um documento, donde cada um poderá tirar as illações, que bem lhe parecer. Vai copiado com toda a fidelidade do proprio chirographo existente no archivo da Camara ecclesiastica de Viseu.

« Por esta por mim feita e asinada digo eu Jacinto Freire de « Andrada fidalgo da Casa de sua magd.ᵉ que eu faço meu procura- « dor ao Rdº Abbdᵉ de bodioza o bel João rabello do Campo pª que « elle em meu nome possa Asinar por mim A Carta de Colação que « o Rdº Cabido me fez da igrª. de Carapito de que sou Abbdᵉ. e Asi « mais podera Asinar em meu nome todos os termos que forem nese- « sarios no livro da Camara e em outro qualquer porque para tudo lhe « dou os poderes em direito e necessarios e por verdade fis esta na « quinta de Crestello aos 13 dias do mez de Setembro de 646 Annos

« Jacinto freire de Andrada »

Finalmente cumpre confessar que os defeitos de Jacinto Freire, como grammatico, lhe são communs com todos os outros classicos Portuguezes; e não será presumpção ou temeridade affirmar, que não existem excepções a este respeito. Os principios philosophicos da linguagem erão geralmente ignorados no seu tempo, o que os fazia cahir em muitos erros contrarios á boa ligação das ideias, como se acha demonstrado plenamente nos escriptos dos doutos modernos. Alem disto pertendião imitar servilmente a construcção latina, persuadidos que a lingua Portugueza se deriva do latim classico. E' derivada do latim, mas do latim barbaro, que provavelmente se fallava nestes paizes sugeitos ao dominio Romano. Foi mui natural o perder-se o uso da lingua materna, e então succedera a lingua denominada *Roman*, donde nascêrão o castelhano, o francez, o italiano e portuguez etc.

São bem conhecidas as notas e observações, que um distincto litterato Portuguez fizera á *Vida de D. João de Castro*, onde verifica as faltas de Jacinto Freire respeito aos requisitos essenciaes da imparcialidade e exactidão historica. Com effeito teve bastantes descuidos na determinação das datas; mostrou um decidido empenho exagerando a independencia e desinteresse de D. João de Castro; e, desviando-se muitas vezes do caminho de historiador, seguio o trilho de exaltado panegyrista. Mas que diremos em comparação dos outros nossos bons escriptores, e particularmente de Fr. Luiz de Sousa, considerando-o por este mesmo lado?. . . Não nos depara a chronica de S. Domingos puerilidades dignas de compaixão, e diremos despreso, em desdouro do senso commum, e ainda da pureza da Religião?. . . E' verdade, que o seu panegyrista presume desculpa-lo por ter ido pela vereda dos outros chronistas; porque, diz elle, *não foi escolha e arbitrio seu; e o que não é de proprio movimento mal pode ser imputado*. Mas a philosophia moral nos ensina, que os actos repugnantes são imputaveis, e mal se póde Luiz de Sousa eximir de mentira, se escreveo contra sua consciencia, ou da tacha de ignorancia grosseira, se por ventura estava persuadido das muitas puerilidades, que trasladou.

Concluimos de todos estes reparos, que importa muito averiguar a biographia dos escriptores, para avaliarmos as suas qualidades moraes; porque dellas depende em grande parte o gráo de credito, que merecem referindo-nos os factos historicos. Pelo que respeita ás qualidades intellectuaes, ao gosto e litteratura, as suas producções são a verdadeira base, onde póde assentar o nosso juizo critico. A' denominação de escriptor classico anda annexa a noção de

perfeito, em tudo digno de ser imitado; porém é um parallogismo suppôr, que ninguem póde ser sabio n'uma cousa, e ignorante em outras. Os que estudão e lêem pelos classicos podem considerar-se collocados em tres graduações. Na primeira estão os homens estudiosos e instruidos, que sabendo avaliar o que lêm, corrigem para uso dos que lhe ficão inferiores aquillo, que estes não poderião alcançar. Seguem-se depois os leitores ordinarios e communs, que estudando para se instruirem, não estão habilitados para distinguir os defeitos do escriptor, e por ventura se abonarião com a imitação de passagens incorrectas, se não lhes valessem as advertencias e correcções superiores. Ficão por ultimo os principiantes e alumnos, a quem nas escolas se dão a ler as obras dos nossos classicos para lhes servirem de exemplares. Ora para estes é, que muito importa preparar excerptos dos autores, corrigidos expressamente com este intuito.

Eis aqui um trabalho, de que carecemos, e que é tanto mais digno de attenção, quanto a maior parte dos professores não estão habilitados (e presumimos que nunca o estarão) para per si mesmos notarem e corrigirem os defeitos, que são muito vulgares em os nossos classicos.

MEMORIAS

QUE SE CONTEM NA 2.ª PARTE DO TOMO 1.º DA NOVA SERIE, CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS LETTRAS.

MEMORIAS DE SOCIOS.

MEMORIAS DE ASSOCIADOS PROVINCIAES.